R. P. Jean-Louis BOURDOUX

NOÇÕES PRÁTICAS DE RADIESTESIA

SÃO PAULO

CONVENTO DA ORDEM TERCEIRA REGULAR DE SÃO FRANCISCO

1952

Nihil obstat
Sancti Pauli die 2 Julii 1951.
fr. Henricus Maynadier
Censor

Imprimatur
São Paulo, 26 de Julho de 1951.
Paulo, Bispo Auxiliar.

Filho submisso da Santa Igreja, declara submeter este livro e todo o seu conteúdo ao seu julgamento, caso nele se achasse qualquer cousa de repreensível.

Todos os direitos de tradução, reprodução e adaptação reservados para todos os países.

PREFACIO DA EDIÇÃO PORTUGUESA

Em 1935, aparecia a primeira edição de "As Noções Práticas de Radiestesia". Brasileiros, amigos de França e familiares da radiestesia, pediam-me uma edição em língua portuguesa. Posso confiá-la hoje aos cuidados deles e do benévolo leitor.

Peço apenas que agradeçamos juntos aos distintos tradutores. Conheço os trabalhos deles e a conscienciosidade com que os executam, para imaginar quanto uma longa tradução pode tornar-se onerosa, para não dizer fastidiosa. Respeito o anonimato que desejam guardar. Meus agradecimentos são tanto mais sentidos e, estou seguro, que em germe levam também a gratidão do leitor.

Enquanto a pena traça estas linhas, meu pensamento foge para as longínquas paragens do Mato Grosso. Foi lá que despertou minha curiosidade de conhecer as plantas com suas qualidades medicais. Se não tivesse ido ao Mato Grosso, jamais teria percorrido estas vastas campinas e infindas florestas. Se não tivesse visto as curas maravilhosas com umas poucas discaras de tisana -— às vezes com uma única — "As Noções Práticas de Radiestesia" nunca teriam visto o dia.

Honra ao Mato Grosso, que me revelou a riqueza deste grande laboratório que é a natureza. Se os milhares de doentes reencontraram a saúde que a ciência humana não lhes pôde restituir, o reconhecimento deles deve voltar-se ao País, no qual colhi minhas primeiras plantas, ao Mato Grosso, ao Brasil.

Será que o meu Brasil adivinha a riqueza que representariam para ele o conhecimento e a exploração das plantas que homens e animais calcam aos pés? Ele é orgulhoso de seu passado e de seu presente: das minas de ouro e diamantes, das grandes e belas cidades, das plantações de café e algodão, enfim do imenso território nacional. Talvez este livro lhe revele um novo motivo de orgulho — que em tempos idos já lhe apontou um outro franciscano, Frei Veloso — a Flora Brasileira!

Não afirmo, porém, que todas as curas de que tratamos no livro possam ser atribuídas às plantas brasileiras. Seria injusto! Depois de acariciar a planta que com uma só xícara cura uma úlcera, percorri muitos e grandes países, estudando milhares de plantas, folheando um bom número de livros.

No entanto, não é menos certo, que o Mato Grosso deu o impulso para tais estudos. Algumas de suas plantas ainda figuram hoje entre as melhores de minha coleção. Outras, também elas numerosas e excelentes, se uniram ao produto mato-grossense. Na hora atual, ainda elas me chegam de todos os Continentes.

O rio avoluma-se pelos afluentes que recebe. O grande círculo de estudos, modestamente iniciado, alarga-se dia por dia, com a generosa contribuição dos missionários de todos os países. Mas, a largura do rio, em sua desembocadura, não pode ignorar as nascentes.

Assim folgo em saudar hoje com transportes de emoção, o Mato Grosso, fonte de meus estudos e de tantos benefícios. Faço-o em nome de umas quarenta Missões e Institutos Missionários de todas as Ordens, em nome de milhares de doentes, leprosos, cancerosos, tuberculosos e outros.

Honra ao Mato Grosso!

Paris, cm 1 de janeiro de 1952.

Fr. Jean Louis Bourdoux.

PREFACIO

Esta quinta edição se apresenta sob o signo da alegria e da esperança.

Há uns quinze anos decidi-me a escrever este livro, apesar de outras ocupações importantes, e perseverei no estudo do fenômeno radiestésico vistas as grandes vantagens que oferece aos missionários.

Parecia-me estar fazendo uma obra de apostolado e, consequentemente, não estar saindo de minha vocação missionária se conseguisse colocar nas mãos de meus confrades um método que me dava tão bons resultados no cuidado dos doentes — sobretudo se eu pudesse, ao mesmo tempo, fornecer-lhes os remédios que tantas vezes lhes faltam.

A empresa era de vulto, tantos os preconceitos a vencer.

Os encorajamentos, às vezes vindos do alto, não me faltaram; as críticas, sobretudo, também não. Tenho o prazer de notar aqui que, em volta de mim, no meu Instituto, só encontrava simpatias no começo que é sempre a fase mais difícil.

Minha ambição era menor do que acabo de dizer; ter-me-ia satisfeito com emitir e fazer aceitar a ideia dessa forma de apostolado, deixando a outros missionários o realizá-la com seu Instituto, mais poderoso que o meu. Procurei, sem achar, quem quisesse adotá-la. As ideias, como os frutos, têm necessidade de tempo para amadurecer.

Esperei, pois, que a minha ideia amadurecesse e fê-lo mais depressa até do que eu ousara esperar.

Ela não tardou a transpor o oceano. O Rev. Padre Laagel tendo-a adotado por sua conta, levou-a até à África do Sul em 1937 e fê-la conhecer, à roda de si, a vários colegas.

A guerra de 1939 paralisou seu impulso. Ela teve que esperar até 1946 para tomar o caminho da China com o Rev. Padre Peyrat, das Missões Estrangeiras de Paris, de longa data um excelente e convicto radiestesista.

Por toda a parte onde passou, o P. Peyrat fez conhecer seus benefícios, seja no navio que o levava novamente à China, seja em suas diversas residências.

Atualmente a obra ê conhecida na China, no Coréia, na Indochina, nas índias, assim como em diversos pontos da África e da América.

Como poderia eu estar, senão cheio de alegria e esperança?

Ainda não é tudo.

Entre os doentes que mais merecem a nossa compaixão e nossa dedicação os leprosos não são os primeiros?

É principalmente neles que eu pensava quando fazia minhas pesquisas de plantas; é a eles que eu desejava socorrer. Mas como atingi-los e que espécie de socorro levar-lhes?

Após ter achado minhas primeiras fórmulas e tê-las experimentado numa leprosa, eu desejava poder multiplicar as experiências e, para isso, ficar algum tempo num leprosário.

Ainda recentemente fiz diligências nesse sentido, aliás sem resultado. Pois bem! não sinto mais a, necessidade de me fechar num leprosário. Se para tal a ocasião se apresentasse, eu não a repeliria, mas não a procurarei mais.

Existem leprosos que estão sendo tratados, e bem tratados. Não precisam mais dos meus serviços. Haveis de vê-lo no capítulo que se refere á lepra. Seu número é ainda restrito, mas aumenta dia a dia.

Como não estaria eu cheio de alegria e esperança?

A prática da radiestesia médica está penetrando nas Missões; tomou impulso e espero que nada mais a deterá.

O que a retardou foi a suspeita com que era olhada a radiestesia "que não é uma ciência" dizia-se, "que é apenas charlatanismo cujos sucessos eram efeito de puro acaso ou do subconsciente, ou da autossugestão".

Desde que alguns jornalistas se recusaram a ser carneiros de Panurgio e quiseram verificar a realidade, estas grandes palavras, mesmo quando caindo da boca ou da pena de sábios — estas grandes palavras, corno digo, não impressionam mais as pessoas sérias.

A verdade está em marcha; mais vale tarde do que nunca. Em breve a radiestesia será uma ciência ou uma arte, pouco importa; ela será alguma cousa que vai ser preciso considerar.

E também disto me regozijo. Não que eu deseje mal a quem quer que seja, mas porque até os doentes das mais longínquas missões serão beneficiados com a reabilitação da radiestesia.

Alguns jornais europeus levaram muito longe a falsa notícia de que a radiestesia era interdita sem exceção. E viu-se um Superior de Instituto recusar a um dos seus subordinados a permissão para tratar-se com um radiestesista: pior para ele se os médicos não conseguirem curá-lo.

O Rev. P. Peyrat foi impedido de tratar leprosos porque a Superiora do leprosário teve medo do pêndulo, instrumento proibido. E eis cinquenta a duzentos pobres infelizes condenados a sofrer e a morrer justamente quando seu salvador tinha ido graciosamente levar-lhes um pouco, talvez muito alívio.

Longe de mim a ideia de criticar estes Superiores: eles obedeceram à sua consciência: os responsáveis são aqueles que os enganaram — e nem sempre de boa fé. Conheço um destes responsáveis que, positivamente, recusou tomar conhecimento da documentação que eu lhe oferecia.

Tudo o que se escreve em favor da radiestesia me regozija porque a tarefa dos missionários fica com isso facilitada.

Possa este livro, escrito para os missionários, contribuir para esclarecer um pouco mais os benefícios que a radiestesia pode trazer à humanidade sob tantos aspectos, especialmente para; o alívio dos que sofrem.

Foi escrito sem paixão e com a maior objetividade possível; ao menos foi essa a minha vontade.

Terá, mais que nas edições precedentes, uma feição apologética em favor da radiestesia. Nele, acumulo as provas dos serviços que ela pode prestar em todos os domínios, justamente para dissipar os temores dos missionários, ainda impressionados pela hostilidade de sábios, de certos sábios, contra a radiestesia.

Pela leitura, dos fatos que relato, poderão julgar por si mesmos do pouco valor dos argumentos que nos opõem.

E muitos homens de boa fé que desejam ser esclarecidos e tranquilizados farão como os missionários. Se houver alguns que recusem render-se à evidência, talvez sejam levados à reflexão e à prudência se se sentirem excedidos, ultrapassados, vencidos pelos fatos.

Os leitores que conhecem uma ou outra das edições precedentes não encontrarão grandes alterações na minha técnica. Apenas daqui e dacolá algumas precisões ou explicações, porém sem importância. Cousa diversa acontece com certos capítulos, justamente aqueles que tendem a reabilitar a radiestesia, e a conciliar-lhe a simpatia e a adesão de seus adversários...

Um golpe de vista no índice permitir-lhes-á compreender as alterações e fixar sua atenção sobre os novos aspectos encarados...

Espero que não julgarão esta edição mais severamente que as precedentes e antecipadamente lhes agradeço.

Padre B...

AVISO IMPORTANTE
PARA USO DOS MEUS LEITORES

Faço questão de renovar, insistindo ainda, a nota inserida neste lugar na edição precedente, avisando meus leitores que não dou consulta médica sob nenhuma forma nem pretexto algum, mesmo que me prometam a maior discrição.

Acrescento que não posso também dar lições de radiestesia médica, nem de qualquer outra, salvo para missionários prestes a partir para suas missões.

PRIMEIRA PARTE

NOÇÕES PRELIMINARES OU RESPOSTA AS PRINCIPAIS OBJEÇÕES

Por melhor que seja o grão que deseja confiar à terra, o lavrador precisa preparar o seu campo antes de atirar-lhe a preciosa semente, sob pena de comprometer a colheita e perder o seu tempo.

A experiência de muitos médicos e de um maior número de missionários radiestesistas prova, desde a publicação das "Noções práticas de Radiestesia", que o ensinamento que nelas ministro é bom.

Os ataques que a radiestesia sofreu nestes últimos anos impressionaram os espíritos. No momento presente, porém a verdade recupera seus direitos.

Antes de publicar esta nova edição, acho útil preparar os espíritos para o que vou dizer afim de que, dissipado qualquer mal entendido, possam os missionários recorrer à radiestesia na medida de suas aptidões para praticá-la e do tempo que lhes deixa o ministério apostólico.

E' a isto que me vou aplicar nesta primeira parte, respondendo a algumas objeções que se costumam fazer aos radiestesistas.

Capitulo primeiro

A IGREJA PROIBIU A PRATICA DA RADIESTESIA?

E' evidente que cabe à Igreja julgar do caráter natural ou não da radiestesia e de suas diversas aplicações. Se a Igreja julgasse que uma ou outra aplicação da radiestesia foge do domínio natural, sua decisão seria lei para mim. Por enquanto não houve intervenção nenhuma da Igreja nesse sentido. Haverá alguma no futuro? É-nos permitido duvidar; a radiestesia entra, efetivamente, no quadro das ciências naturais, como a química, a física, a matemática. Se alguém abusa da radiestesia, tal abuso é condenável e reprovado pela moral geral.

A Igreja intervirá para condenar este ou aquele abuso? E' possível; mas, porque certos indivíduos fazem mal uso de radiestesia, será proibido à gente servir-se dela no que possui de útil, de agradável ou, simplesmente, de divertido?

Mas ouço logo objetar-me que o § 2, do cânon 139, impede aos clérigos o exercício da medicina e da cirurgia, a menos que tenham obtido da Santa Sé um Indulto que lho permita.

Será esta proibição tão formal que não admita nenhuma exceção?

Por exemplo, suponhamos um doente em perigo de vida. Não há médico. Um padre se acha ao seu lado e possui um remédio suscetível de curá-lo. Atentará contra a proibição da Igreja se ministrar esse medicamento? Deverá, ao contrário, deixar falecer o enfermo e contentar-se em ajudá-lo a morrer piedosamente? O doente não pensaria assim, nem a sua família, nem eu tampouco.

Creio antes, firmemente, que a lei positiva se cala em caso de extrema urgência, diante da lei de caridade e do direito à vida que cada um possui.

O Padre que fosse censurado por haver cuidado desse doente teria apenas que relembrar a parábola do bom Samaritano, na qual Nosso Senhor reprova a conduta do levita e do sacerdote que passaram perto do ferido sem o socorrer.

Descrevi o caso do médico fisicamente ausente.

Não existirá uma ausência moral equivalente à ausência corporal?

O doente recebeu a visita do médico, de vários até, se quiserdes. Seguiu todos os tratamentos indicados... E, no entanto, lá se vai para a eternidade...

Acontece, com efeito, algumas vezes, que os médicos mais competentes e dedicados ficam impotentes. Um padre poderá intervir sem violar a lei da Igreja, ensinando alguma tisana com a qual pensa talvez conseguir salvar o doente? Porque não? A Igreja é muito indulgente nos casos de necessidade e este, citado, lhes é muito semelhante, se bem que num plano inferior.

Que as leis são feitas para os homens e não os homens para as leis, é princípio admitido por todos.

Diante de um moribundo a Igreja dá ao padre que o assiste plenos poderes do ponto de vista espiritual. Não será permitido estabelecer uma semelhança entre o temporal e o espiritual? A menos que os doentes sejam indivíduos "fora da lei".

Nos dois casos precedentes não é possível duvidar da legitimidade da intervenção do padre.

Eis um terceiro caso no qual a prudência é aconselhável, sem que pareça impor-se uma resposta negativa...

Podemos discuti-lo...

O doente não está em perigo de vida iminente. O médico não está ausente; porém a moléstia se prolonga indefinidamente e os sofrimentos também; as despesas tornaram-se consideráveis; em breve não se poderá mais sustenta-las porque os recursos se esgotaram...

Vários médicos foram consultados sem proveito. Quantos? Houve doentes que me escreveram terem consultado a todos; não é verdade, eles não tinham visto todos os médicos do mundo, mas esse "todos" na boca ou sob a pena de um doente tem, assim mesmo, uma significação impressionante; significa que ele viu todos os que podia.

Conheço um que consultou treze médicos, cujo nome podia citar, e que ficou com o seu mal... Um outro vira quarenta e um, nem um de menos, sem proveito durável. Que devia fazer?

Afastei a dificuldade dando aos dois doentes o endereço de um médico radiestesista.

Ficaram ambos satisfeitos.

Se eu não tivesse encontrado esse recurso, que deveria fazer?

Se, em vez de um homem, se tratasse de um cachorro, ninguém me contestaria o direito de socorrê-lo. Merecerá um homem menos consideração do que um animal?

Fazer a pergunta é já dar a resposta.

Mas o declive aqui é escorregadio. Se se apresentassem casos muito numerosos deste gênero, a intervenção dos clérigos tornar-se-ia demasiado frequente e logo tomaria a aparência do exercício da medicina. Façamos votos para que a ciência oficial torne tais casos cada vez mais raros: será o meio mais garantido para evitar abusos.

Mas porque demorar-me a fazer suposições? Não existem autores competentes que já têm dado o seu parecer? Seu modo de ver tem tanto mais valor quanto o podemos achar em livros aprovados por bispos e admitidos como manuais nos Grandes Seminários.

Os padres Vermeersch e Creusen, S.J., autores conhecidos e estimados, ensinam:

Que prescrever remédios cujo conhecimento, preparação e aplicação não suponham a ciência da farmácia, não é cousa proibida nem pelo direito eclesiástico, nem pelo direito civil;

Que também não é exercer a medicina, ensinar o uso dos banhos e loções;

Que não é absolutamente proibido (minimo vetatur) cuidar de seus parentes próximos e pessoas de casa, mesmo segundo a arte da medicina.

Que os religiosos pertencentes a um Instituto que assume o encargo de tratar de doentes, e cujas Constituições sejam aprovadas, podem fazer tudo o que for previsto por suas Constituições, salvo as operações graves pelo ferro e pelo fogo. Nos casos urgentes, no entanto, poderão fazê-lo, se se julgarem prudentemente para isso capacitados.

E os dois autores acrescentam:

"Eles se acham justificados ou mesmo são a isso obrigados pela lei de caridade. "*Ipsa caritatis lege honestantur, vel praceipiuntur*".

Eis uma opinião liberal, razoável e cristã. (Ver livro II, título III, IXª edição, página 174, "in fine", e 175.).

O Snr. Cónego Cance, antigo professor do Grande Seminário de Rodez, por seu lado, diz:

"Admitem no entanto alguns autores que, em caso de urgência e na ausência do médico, um clérigo pode aplicar certos remédios que julgar necessários (remoto scandalo), uma vez que se evite o escândalo. O direito também não o proíbe de dar, prudentemente e gratuitamente, conselhos médicos". (Ver tomo I, Vª edição, página 162).

O escândalo a evitar é, sem dúvida, aquele que daria um padre exercendo a medicina com auscultação, toques e inspeção como fazem os médicos civis: cousas estas desconhecidas em radiestesia.

Eis aí o que se refere à teoria.

Quanto à prática, a cousa é diversa.

Cuidar de doentes é, em suma, cousa bastante fácil, como se verá pela leitura dos exemplos que em seguida citaremos. Isso, justamente, constitue o perigo. O sucesso anima o operador e os doentes. Por mais que se peça e obtenha a promessa do segredo, tal segredo nunca é por muito tempo guardado. De um lado a caridade e a compaixão, de outro as instancias dos que sofrem, desculpam evidentemente a violação; mas os solicitadores tornam-se cada vez mais numerosos e como resistir às lágrimas de uma mãe que nos implora por seu filho, ou de uma mulher reduzida à miséria, com seus filhinhos, por causa da doença do marido?

Começar é prender a mão numa engrenagem; por isso a autoridade eclesiástica tem razão de lembrar, de tempos em tempos, aos padres, o § 2 do cânon 139.

Cabe aqui citar o texto do decreto do Santo Ofício, datado de 26 de março de 1942. Transcrevemo-lo da "Croix de Paris", que o publicou pouco depois:

Texto do decreto:

“Após haver atentamente examinado os inconvenientes, derivando em grande prejuízo para a religião e a verdadeira piedade, das consultas de radiestesia dadas por membros do clero, para a adivinhação de circunstâncias referentes a pessoas e acontecimentos, e considerando os cânones 138 e 139, § 1, do Código de Direito, cânones que proíbem aos clérigos tudo o que possa ficar mal ao seu ministério e à sua dignidade, ou o que prejudique à sua autoridade — a Suprema Congregação do Santo Ofício decreta o que segue, sem que seu decreto, entretanto, pretenda tocar nas questões científicas da radiestesia: — Encarrega, pois, os Ordinários e os Superiores religiosos de interditar a seus clérigos e religiosos de se entregarem a qualquer prática de radiestesia relacionada com as referidas consultas. Compete, pois, aos mesmos Ordinários e Superiores religiosos, se o julgarem necessário ou oportuno, juntar a esta interdição as ameaças de sanções penais. Que se algum clérigo ou religioso, infringindo esta interdição, se tornasse culpado de reincidência ou ocasionasse graves dificuldades ou escândalo, tal caso deveria ser deferido ao Supremo Tribunal do Santo Ofício.”

Para compreendermos-lhe o sentido devemos reportar-nos ao tempo em que foi editado, em 1942.

Havia mais de dois anos que a Europa estava transtornada pela guerra. Milhares de famílias estavam sem notícias do pai e dos filhos ausentes, dos quais muitos eram dados como desaparecidos. Onde estariam? Feridos, mortos ou vivos? Compreende-se que a angústia levasse os parentes a procurar por todos os meios o paradeiro dos entes queridos, em torno dos quais se fizera o silêncio. Poderia a radiestesia trazer-lhes alguma luz? Sem dúvida. Conhecemos vários radiestesistas que se distinguiram neste gênero de pesquisas, mas seria conveniente que padres se entregassem a esse trabalho onde a infalibilidade está longe de ser assegurada? Não me parece. Em todo o caso, solicitado por esse lado, recusei-me sempre. Nem todos assim fizeram e a boa vontade de vários padres não os impediu de cometer graves erros, prometendo regressos nunca realizados ou anunciando a morte de soldados bem vivos. Compreende-se quanto semelhantes enganos foram prejudiciais, primeiramente a seus autores e, em consequência, ao clero.

A curiosidade levava os espíritos mais audaciosos a pesquisas mais imprudentes: não se poderia saber, com o auxílio do pêndulo, quando e como acabaria a guerra? Quando e como desapareceriam aqueles que haviam desencadeado a catástrofe? Tentou-se adivinhá-lo padres e religiosos preocuparam-se com isso; prognósticos foram emitidos, mesmo em público, anunciando a paz para tal ano, tal mês, tal dia, e, naturalmente, nada do que se esperava aconteceu.

Grande prejuízo para o ministério desses padres e religiosos, tanto maior quanto mais numerosos foram os que se entregaram a pesquisas desse gênero. O decreto do Santo Ofício veio a tempo para acabar com isso.

Visa ele o exercício da medicina? Não nos parece. Se o Santo Ofício tivesse tido em vista o exercício da medicina, ter-lhe-ia sido fácil dizê-lo; nada mais tinha que fazer senão relembrar o § 2 do mesmo cânon 139.

Terminemos este capítulo com este esclarecimento que achamos num boletim: "L'apôtre du foyer", publicado em Saint-Etienne, com aprovação do Ordinário:

"CASO DE CONSCIÊNCIA

"P. — Escreveram-nos: "Os acontecimentos da última guerra levaram muitas pessoas a interrogar rabdomantes, pendulistas, sobre fatos ocultos, como a sorte "de certos prisioneiros, deportados, desaparecidos, etc... Muitas respostas obtidas pelo pêndulo foram confirmadas pela realidade. Se a ciência dá sobre o assunto uma explicação suficiente, há razão para a autoridade eclesiástica interditar essas práticas?"

"R. — O pêndulo, aliás como qualquer novidade, tem detratores encarniçados e fervorosos admiradores. Entre os primeiros, há os que consideram a radiestesia como uma vasta mistificação, outros dizem-na oposta à moral católica e condenada pela autoridade eclesiástica. Quanto aos segundos, cobrem-na de flores; alguns concedem-lhe um poder por assim dizer mágico, em todos os casos, bem superior à realidade. Tratemos de reduzir as cousas ao ponto exato, baseando-nos em dados adquiridos seja pelo estudo, seja pela experiência pessoal. Nenhum espírito imparcial, por pouco que haja estudado a questão contestará que a radiestesia seja alguma cousa de sério e não uma mistificação.

"E' uma verdadeira ciência, regida por princípios incontestáveis. Estes princípios foram estabelecidos sobre um conjunto considerável de experiências e de fatos plenamente concordantes e devidamente controlados. Quando esta ciência, apenas ainda em seus primórdios, tiver atingido seu apogeu, prestará à humanidade serviços bem mais numerosos, maiores e mais substanciais que os já prestados até agora. Não é ao pêndulo

que se deve a descoberta de um grande número de fontes, correntes, lençóis d'água, assim como a de certas jazidas de metal, de carvão, de petróleo? O pêndulo não contribui eficazmente para estabelecer diagnósticos médicos completos e definitivos? Durante esta última guerra não informou a mais de uma família sobre a sorte de prisioneiros, de desaparecidos, de deportados, dos quais não se tinha mais notícias? E' que o verdadeiro pendulista opera á distância, com auxilio de plantas, cartas, fotografias, obtendo bastantes resultados que surpreendem. Evidentemente, há fracassos que provêm ou de um erro na maneira de proceder, ou da intervenção de outras forças naturais que adulteram os cálculos do operador, ou de causas ainda desconhecidas, ou enfim do fato de se perguntar ao pêndulo o que não é do seu domínio, domínio este aliás ainda mal definido. Acrescentemos ainda que muita gente exagera as disposições que tem para o pêndulo, faz autossugestão e apresenta ao público os resultados dessa autossugestão como outros tantos fatos inegáveis. Seus insucessos são inumeráveis e, portanto, desacreditam o pêndulo. O radiestesista criterioso, prudente, consciencioso, raramente experimenta fracassos.

"Pode-se concluir, pelo que acabamos de dizer, que a radiestesia seja reprovada pela moral católica? Absolutamente não. Aliás, a Igreja nunca a condenou. E' pois permitido entregar-se a ela sem ferir a consciência. O que a autoridade eclesiástica quer evitar, por razões fáceis de imaginar, é que membros do clero façam dela aquilo que costumamos chamar de um "ofício".

"Velho Moralista."

Pelo fato da imprensa ímpia, blasfematória, pornográfica, fazer muito mal, a Igreja proíbe servir-se das tipografias para pregar a verdade, para exortar ao bem? Pelo contrário. Quanto maior for o mal produzido pela má imprensa, tanto mais deveremos favorecer a boa, mais deveremos possuir livros, revistas, jornais para espalhar e defender a verdade e o bem.

O mesmo se dará com a radiestesia.

Nenhuma interdição tendo havido até agora, somos livres de pedir à radiestesia os serviços que possa nos prestar, nos diversos ramos de sua alçada.

Pelo que me diz pessoalmente respeito, nunca escondi meus trabalhos radiestésicos à autoridade eclesiástica. Ela teve deles conhecimento mesmo antes do público. Respeitando as leis da Igreja e zeloso em não me afastar de seu ensino e de sua disciplina, eu nunca teria praticado a radiestesia ou cessaria imediatamente de o fazer, se julgasse não ter esse direito.

Não somente nunca me convidaram a abster-me da radiestesia, mas encontrei encorajamento por parte de pessoas de destaque: sacerdotes eminentes, provinciais de ordens religiosas, prelados e alguns destes de grande projeção.

Em Roma, reconheço-o, não obtive aprovação, mas nem tampouco desaprovação. O que lá ouvi pode-se resumir nestas palavras de uma alta personalidade: "Não comprometa a Igreja neste negócio. Trabalhe sob sua inteira responsabilidade. Se tiver bons resultados, será um benfeitor da humanidade."

Tais palavras não são antes um incentivo para perseverar em meus esforços a fim de introduzir nas missões a prática da radiestesia médica?

Mas ouço logo objetarem-me com a declaração dos Cardeais e Arcebispos da França, feita em março de 1936, acerca da radiestesia.

Tal declaração não me incomoda absolutamente. Acho-a, ao contrário, muito oportuna. Ei-la, textualmente:

"Muitos padres e religiosos entregam-se à prática da radiestesia, servindo-se do "pêndulo" não somente para descobrir fontes e depósitos metálicos, mas ainda para exercer a arte da medicina."

"A Assembleia previne o clero contra os inconvenientes evidentes de uma excessiva confiança na radiestesia, considerando que o valor atual dessa ciência não parece justificá-la."

"Relembra ainda, além disso, que a medicina é formalmente interdita aos clérigos."

Aqueles que lerem esta declaração sem prevenções, verão nela um convite à prudência na prática da radiestesia em geral, mas não uma proibição absoluta, salvo no que se relaciona com o exercício da medicina que é formalmente interdito aos clérigos pelos santos Cânones.

Mas, poderão objetar-me: se a Igreja interdiz aos clérigos o exercício da medicina, porque vos ocupais dela?

O capítulo seguinte responderá a esta questão.

Capítulo II

A MEDICINA NAS MISSÕES

A lei eclesiástica interdiz aos clérigos o exercício da medicina e da cirurgia e é fácil compreender por que; as condições em que devem ser praticadas, auscultação, exame ocular, palpação, não convêm aos ministros de Deus. Há, também, a questão das responsabilidades e a proibição da lei civil.

Pode, entretanto, haver casos urgentes, de força maior, em que o clérigo será dispensado dessa lei, o caso do ferido encontrado numa estrada e perdendo sangue. O padre moderno, como aquele da lei de Moisés, não tem o direito de passar a seu lado sem olhar para ele, seguindo o seu caminho. Ninguém o recriminará se se inclinar sobre ele para tratar de suas feridas, enquanto não se puder chamar o médico.

Este caso será muito raro nos países civilizados, onde os médicos abundam. E' bem diverso nas regiões menos favorecidas, onde os missionários desenvolvem seu zelo apostólico. Nas missões, a exceção torna-se regra: diariamente o missionário vê doentes que ninguém trata, chagas que ninguém desinfeta, ferimentos sobre os quais ninguém derrama no bálsamo curativo, membros quebrados que ninguém encana.

Sempre foi assim no campo do apostolado. Um padre jesuíta, no tempo da evangelização dos índios, no Brasil, perguntou a seu superior se poderia recorrer mesmo ao bisturi, para fazer operações; e seu superior, que era Santo Inácio em pessoa, pôs fim a esses escrúpulos respondendo-lhe que tudo o que entra no exercício da caridade é permitido.

Com efeito, o missionário pode agir de outro modo que seu Mestre e deixar de obedecer ao seu mandamento?

Antes de ensinar às multidões, Jesus começava por curar os doentes. Os textos evangélicos comprovando-o não faltam: "Ele curava todos os enfermos". (Mat., VIII, 16) ; — "Muitos o seguiram e Ele os curou a todos." (Mateus, XII,15.)

Ao exemplo, junta Ele o preceito: "Quando fordes a uma cidade, curai os doentes que encontrardes e dizei-lhes: o reino de Deus está próximo." (Eucas, X, 8-9.)

A tática apostólica, se assim me posso exprimir, está claramente indicada nessas palavras do Mestre: fazer bem ao corpo para atingir a alma. A humanidade não mudou desde os tempos apostólicos e nunca mudará: deixa-se tocar e ganhar pela bondade e pela

dedicação, muito mais que pela eloquência. O padre que chega a países longínquos e desconhecidos precisa muito de abrir os corações a fim de vencer os preconceitos de raça e de religião. Ele necessita muitas vezes fazer-se perdoar sua qualidade de estrangeiro e a austeridade da doutrina que prega.

Se passar entre a multidão, retesado, com o evangelho nas mãos, pregando a justiça e a castidade, seu caminho será bem longo até que consiga ser seguido e escutado.

Se, ao contrário, ele parar, acariciar as crianças, der tisanas aos doentes, velar os moribundos, abrir hospitais e dispensários, não ter receio de sujar as mãos ou contrair o contágio em contato com leprosos ou pestiferados, se se fizer pai e mãe dos abandonados — em breve não será mais um estrangeiro. Poderá falar de justiça e de castidade porque ele mesmo faz mais do que pede; terá feito compreender que só o amor inspira seus ensinamentos.

Sua Santidade o Papa Pio XI, o Papa das missões, a quem não escapou nada do que interessa às almas, em sua encíclica "Rerum ecelesiae", de 28 de fevereiro de 1926, sublinha explicitamente a importância da medicina no serviço das missões.

O grande Cardeal Lavigerie compreendeu-a também e fundou uma escola de medicina em Malta para nela formar indígenas que cuidassem de seus irmãos africanos. Infelizmente essa escola durou poucos anos, mas a ideia era boa e foi novamente adotada. Várias tentativas foram feitas em diversos lugares, sem grande sucesso. A exposição missionária vaticana de 1925 consagrou-lhe uma seção especial que fez conhecer os diversos trabalhos dos missionários nesse ponto de vista, ao mesmo tempo em que chamou a atenção pública para a necessidade de procurar os meios de prolongar a vida dos operários apostólicos e de fornecer-lhes recursos para preencher sua missão caridosa junto às populações indígenas.

Nos círculos católicos a preocupação, com essa questão é cada vez maior. Certas congregações religiosas, sobretudo de mulheres, fazem diplomar-se em medicina aqueles de seus membros que têm capacidade.

Em diversos lugares instituíram-se cursos de medicina, durante as férias, para os futuros missionários, padres, frades ou irmãs.

Sei que os Padres das Missões estrangeiras de Parma enviam seus estudantes anualmente, durante as férias, para seguirem cursos especiais de medicina, enquanto duram seus estudos teológicos, durante quatro anos em seguida. Mandam até irmãos conversos. Assim faziam há alguns anos e não ouvi dizer que tenham deixado de o fazer.

Não é verdade que, em França e em todos os países civilizados, a disciplina eclesiástica e religiosa referente à prática da medicina evoluiu bastante? Que diriam as freiras de há duzentos ou cem anos atrás? Que diriam os moralistas e os Canonistas dessas épocas longínquas, se vissem religiosas seguir cursos de enfermeiras, fazer puericultura, assistir às operações mais delicadas?

A Caridade está na ordem do dia. O Evangelho está cheio dela e nada recomenda tanto quanto a sua prática.

Gostaríamos de saber quantos dispensários, hospitais, leprosários, são mantidos por Irmãs, Frades ou Padres missionários; quantos doentes lá são tratados e o que adviria ao Evangelho se todos esses asilos do sofrimento se fechassem.

E', pois, necessário cuidar dos doentes. Quanto mais os socorrermos nas missões, tanto maior número de almas salvaremos. Ninguém tem dúvidas sobre isso.

Assim sendo, porque censurariam aos missionários o servirem-se da radiestesia para tratar dos seus doentes, se ela lhes fornece meios de fazê-lo com competência e pouca despesa, contanto que usem da prudência necessária e respeitem as leis da Igreja e do Estado.

Que lei da Igreja estarei contradizendo ao convidar os missionários a fazê-lo?

E' porque tenho consciência: 1º de não estar em contradição com nenhuma lei da Igreja; 2º de estar, ao contrário, dentro do seu espírito no que se refere às Missões; 3º de ser muito útil aos missionários — que me esforço de fazer conhecer a radiestesia, que é um meio fácil e eficaz de praticar a caridade e de abrir os corações à confiança e os espíritos à verdade.

Acredito, eu mesmo, estar fazendo uma obra de apostolado ao escrever este livro e agradeço aos missionários que, tendo lido minha primeira brochura, não se enganaram sobre minhas intenções e me exprimiram seu caloroso reconhecimento.

Capítulo III

EXISTEM, EM RADIESTESIA, FATOS CERTOS E CONTROLÁVEIS?

Ainda hoje se contesta que existam e, quando se é forçado a admiti-lo, a ter de abrir os olhos à evidência prefere-se explicá-lo como efeito do acaso ou da autossugestão ou do subconsciente.

É-nos, difícil deixar de estranhar que personalidades, reputadas pelo seu espírito científico e sua probidade, possam contentar-se com tão pobres argumentos.

Em sua intenção darei mais importância a este capitulo e citarei fatos certos, alguns importantes, todos comprováveis. Porei à disposição dos que desejarem informar-se todas as referências possíveis.

Começarei por esta carta do R.P. de Belinay, S.J., que ele teve a bondade de me enviar com autorização para publicá-la:

"Reverendíssimo Padre,

"Li com o maior interesse vosso livro e sinto-me muito feliz per me achar de pleno acordo convosco. Eis minha experiência de perfuração de poços no Tchad.

"A colônia do Tchad, duas vezes e meia maior do que a França, segundo as latitudes e as estações, tem água em demasia, ou nenhuma. No norte, golfo oriental do Sahara, ao norte do 15° grau, em Faya, caem cerca de dois centímetros de água por ano. Ao sul, por exemplo, ao longo do Charí, chove torrencialmente dos fins de junho a fins de setembro e, durante os restantes oito meses não cai uma só gota. Assim a presença ou ausência de água é que condiciona a vida dos animais e dos homens.

"Em 1943, o Snr. Governador Rogué pediu-me que determinasse os pontos de água subterrânea sobre as estradas que ele estava fazendo abrir ou retificar, entre Lainy e Archambault e de Massaguette a Ati. Ele colocou à minha disposição um caminhão e a prospecção se fez de cima do caminhão, rodando em marcha moderada e apesar dos solavancos. Cavaram-se uns trinta poços com sucesso e, talvez, três ou quatro fracassos, devidos sem dúvida a terem os indígenas encontrado pedra ou um leito de laterite dura. Esses poços serviram para alimentar os postos dos cantoneiros a cada vinte e cinco quilômetros e, após sua partida, uma povoação se formou à roda dos poços.

"Antigamente, as vilas se formavam nas proximidades do Charí ou de um alagadiço lodoso, patinhado pelos búfalos; frequentemente as mulheres saiam antes da aurora e voltavam pelas nove horas, levando sobre a cabeça uma ânfora de vinte a trinta litros de água (e ainda um ou dois filhos).

"A água subterrânea apresentava-se sob duas formas: ao sul do Charí, filetes de água correndo a doze ou quinze metros sob a terra; ao norte, em charcos isolados,

formados pelas águas da chuva filtradas através da areia e acumuladas numa bolsa do solo argiloso. Ao norte do lago, as infiltrações do mesmo, espécie de caixa d'água, alimentam as pastagens de camelos de Egueí e, provavelmente, os palmeirais distantes de mil quilômetros de Faya e de Ain-Galaka.

"Desde então, antes de pedir alguma concessão, eu ia sempre verificar a presença de um ponto d'água.

"Padre de Belinay, S.J."

Ao padre de Belinay os meus agradecimentos pela sua amabilidade em comunicar-me suas pesquisas d'água, tão bem sucedidas. Será possível pô-las em dúvida? Quem não quiser acreditar sob palavra terá a possibilidade de verificar a veracidade destas afirmações dirigindo-se ao ministério das Colônias ou, diretamente, ao Snr. Governador geral do Tchad. E' fazer prova de bem pouco zelo na procura da verdade, recusar-se a um inquérito tão fácil e que custará apenas quinze francos (o valor de um selo).

O assunto de que estamos tratando é muito importante. O que vamos dizer, na página seguinte, nos mostrará que se for tratado levianamente poderá privar uma nação de descobertas preciosas e convenientes.

DOLMENS E MENHIRES

A descoberta das regras radiestésicas que presidiram à ereção dos dolmens e dos menhires estaria aqui em lugar adequado. Contento-me apenas de mencioná-la, uma vez que dela falo mais tarde, no capítulo da Pré-história. Meus leitores poderão a ele reportar-se.

Por si só ela deveria bastar para convencer um espírito que não estivesse obnubilado pelo "parti-pris".

Mas tenho algo de mais interessante a escrever e não desejo ser prolixo.

COM O REV. PADRE TRÉMOLET

Antes da última guerra tive várias vezes ocasião de encontrar em Lourdes, para onde se retirara, o Rev. Padre Trémolet, radiestesista eminente e modesto, antigo missionário em Marrocos.

Trabalhava de preferência com a varinha e, às vezes, diretamente com as mãos. Ele realizava demonstrações espantosas.

Assim, se lhe perguntassem quantas pessoas havia em tal casa que lhe designassem de longe? Alguns segundos eram suficientes para obter sua resposta e, se não parecesse exata, poder-se-ia verificar no local, e o Padre Trémolet tinha sempre razão.

Antes de mandar as crianças passear, com tempo duvidoso, ele podia dizer: "Não vai chover antes de X... horas", e a chuva dava-lhe razão.

Aa mãos serviam-lhe de barómetro: batia palmas com as mãos uma contra a outra e, subitamente, parava, sem poder continuar. Tantas batidas das mãos, quantas horas antes de cair a chuva.

Ele prestava-se de boa vontade a esse brinquedo infantil, pois para ele não passava de um brinquedo de crianças em comparação das importantes pesquisas que fazia no

silêncio de seu quarto e das quais só falava a amigos de toda confiança. Tive a sorte de ser um delas, pois fui um dos confidentes de 6eu pensamento.

"Padre Trémolet, pedi-lhe muitas vezes, faça um livrinho onde possa resumir o seu método e os seus trabalhos!"

"Um livrinho", respondeu-me um dia, "não! Um grande, muito grande! Sim, porque posso fazer um assim!" e, com as mãos afastadas, mostrava-me o formato de um "in-fólio".

Infelizmente nem grande, nem pequeno livro foram escritos. Resta-nos dele, entretanto, umas quarenta e quatro páginas, publicadas em 1939, sob o título: "A guerra e o Domínio das Ondas".

Aconselho aos que não acreditam na radiestesia que as leiam. Se, após tal leitura, não se converterem à radiestesia será realmente porque não o querem.

Saiu da tipografia de Bigorre, rue du Maréchal-Foch, 72, Tarbes (Hautes-Pyrénées).

Felizmente tenho um exemplar sob as vistas, mas ignoro se ainda restam muitos.

Se puderdes obter algum, vereis que por duas vezes, a pedido do Governador do Extremo-Sul do Oran, o Padre Trémolet salvou da fome, consequente a uma grande seca, milhares de pessoas e inumeráveis rebanhos, fazendo cavar centenas de poços numa região e mais de quinhentos noutra. Achareis o nome de muitos oficiais que foram testemunhas de suas pesquisas e que testemunham sobre a exatidão de seus dados quanto à profundidade, qualidade e quantidade d'água. Recomendo-vos especialmente, como coroamento de todos esses testemunhos, o de Sua Excelência Sidi Agourai, paxá de Riçani, que agradece ao Padre em termos comovidos.

Terá algum engenheiro hidráulico, civil ou militar, jamais merecido semelhante elogio e prestado tão assinalados serviços?

Essa publicação, fosse apenas pelo que diz sobre a pesquisa da água, merecia ser reimpressa e espalhada por centenas de milhares de exemplares, para confusão dos adversários da radiestesia.

Porém há ainda melhor.

Seria um radar?

O Padre Trémolet tinha fabricado uma caixinha de madeira, bem fechada, cujo dispositivo interno ele não mostrava a ninguém. Era um segredo, um grande segredo, dizia, interessando a defesa nacional.

Evidentemente devem tê-lo tomado, mais de uma vez, por um iluminado. Ele o era, no sentido literal da palavra, isto é, um esclarecido. Via claro, mais claro que seus contemporâneos e enxergava longe.

A superfície e as profundezas da terra e do mar não tinham mais segredos para ele que a imensidão do ar. Dizia-nos que podia assinalar a presença de um submarino mergulhado, imóvel ou em marcha, a mais de mil quilômetros de distância, e igualmente com os aviões.

Para estes, podia especificar a força de seus motores e de que matéria eram construídos.

Ele seguia uns e outros em sua marcha e marcava-lhes as paradas.

Distinguia um vapor mercante de um navio de guerra.

Isto ele o dizia e o provava.

Nossos alunos da escola de Ambialet tendo ido passar as férias nos arredores de Lourdes foram um dia visitá-lo; durante essa visita, a meu pedido, ele mostrou-lhes a

preciosa caixa e, colocando-a na mão ora de um, ora de outro, fez algumas demonstrações sobre o que acabo de mencionar.

Conforme se viravam para um lado ou para outro, as crianças sentiam como que um ligeiro choque ou corrente. Aqui, era um avião que levantava voo a trezentos quilômetros, ali, era um navio sobre o mar que rumava em tal direção.

O Padre Trémolet: servia-se de sua varinha e do cálculo mental para contar as distâncias.

Pela radiestesia é que ele tinha chegado a conceber e a realizar seu aparelho...

Mas, talvez pergunteis, será bem certo que a caixa do Padre Trémolet lhe permitia fazer tudo o que ele dizia e que o Snr. está contando?

Quereis ter provas?

O negócio é demasiado importante para que eu não as forneça, ou melhor, o Padre Trémolet experimentou essa necessidade de dá-las, antes mesmo que lhas solicitássemos.

Pois bem, achá-las-eis no seu livrinho em abundância.

Ele, fez, com efeito, numerosas experiências diante de oficiais em Marrocos e cita seus nomes: comandante Godillot, tenentes Bernard, Bonneval, Bekaye (pp. 10 e 11). Outras experiências são anotadas com os nomes das testemunhas (pp. 18 e 19), entre as quais Sua Excelência o Paxá de Setta Si Driss (p. 20).

Mas o penhor mais precioso para o Padre Trémolet é o interesse que o grande Branly demonstrou pela sua descoberta em 1932 e 1933 (p. 12 e p. 30).

Os verdadeiros sábios não se admiram com o extraordinário e aceitam a verdade, venha de onde vier, mesmo de mais modestos que eles.

Se o Padre Trémolet não é o inventor do radar, o que me abstenho de afirmar, é seu êmulo.

Uma dúvida vem-nos naturalmente ao espírito: porque o Padre Trémolet, que estava convicto da importância da sua descoberta, não a comunicou ao estado-maior?

Só ele mesmo poderia responder, mas não pertence mais a este mundo.

Sei que desejava fazê-lo.

Tê-lo-ia feito, sem que o tivessem tomado a sério? Pode-se acreditá-lo, a julgar pelo tom um tanto vivo com que responde às objeções contra a radiestesia (pp. 30 e seguintes).

Estamos reduzidos às hipóteses.

Esta que vou mencionar será inverossímil? O Padre Trémolet disse-me que tinha levado dez anos para fazer seu aparelho. Sabemos, além disso, que ele o apresentou pela primeira vez a Branly em 1932. Havia pois iniciado suas pesquisas lá por 1920, uma vez que seu aparelho estava pronto antes de 1932. Não o levou certamente ao ilustre sábio logo no primeiro dia em que funcionou. Os que conhecem a história do radar que me digam se a sua origem e anterior às datas que acabamos de dar. Se as datas do Padre Trémolet são posteriores, ele foi um emulo; se forem anteriores, foi um precursor desconhecido — ou desprezado. Neste último caso, o radar teria sido uma invenção francesa e radiestésica.

Porque tenho insistido tanto sobre esta descoberta do Padre Trémolet? Por causa do interesse que tenho pelo radar? Nem por sombras! O radar não me interessa absolutamente. O que me interessa é que com o auxílio de uma varinha o Padre Trémolet tenha chegado a fabricar uma caixa, emula do radar.

O radar teria sido então — e quem nos diz que o não foi noutro lugar, fora da França? — um triunfo e um filho da radiestesia.

Haverá ainda quem ouse dizer que a radiestesia não tem nenhum fundamento científico e que não merece que se lhe preste atenção?

Capítulo IV

SERÁ A RADIESTESIA DEMASIADAMENTE EXTRAORDINARIA PARA SER VERDADEIRA?

Há gente que acredita que, fora do que aprendeu nos seus livros de estudos, nada mais existe. E' uma ilusão que, mais ou menos, todos nós temos após longos anos de estudos e constituo uma inconsciente homenagem prestada a nossos mestres: parece-nos que não há nenhuma sabedoria acima da sua, pelo menos no ramo do seu ensino.

Contaram-me que um professor ilustre tinha o costume de dizer aos seus alunos quando, terminados os exames e obtido o diploma, recebia sua última visita: "Meu senhor, tenho o prazer de felicitá-lo. Estudou bem, passou um exame brilhante, tem o seu diploma, mas lembre-se de que não sabe nada." Era a sua última lição e não a menos útil.

Pode-se dizer, hoje em dia, que alguma cousa é extraordinária demais para poder ser verdadeira? Tantas invenções têm modificado o mundo nestes últimos cinquenta anos que a prudência nos aconselha sermos modestos, como a modéstia nos aconselha a sermos prudentes em nossos julgamentos.

O extraordinário é cousa relativa. Aquilo que o era há alguns séculos ou que ainda o é em certas regiões do globo terrestre, já não o é para nós.

Antes de tornar-se papa, e um grande papa, o monge Gerberto foi acusado de feitiçaria e obrigado a fugir para a Alemanha porque tinha inventado um relógio de rodas.

Quantos escárnios sofreram os médicos que, com Eduardo Jenner, foram os primeiros a praticar a vacinação antivariólica: diatribes, caricaturas, calúnias, nada lhes pouparam. Até alguns teólogos sustentaram que não era permitido, em consciência, fazer-se vacinar porque "non sunt facienda mala ut eveniant bona" (não é lícito fazer o mal para obter o bem). No caso da vacinação, seria preciso traduzir-: "Não é lícito fazer-se o mal (vacinação), para fazer-se o bem (evitar o contágio e talvez a morte)."

Que diriam hoje esses bons teólogos se os introduzíssemos numa dessas clínicas onde se cortam braços e pernas e se abre o corpo de tanta gente para salvar-lhe a vida?

Outros diziam que era rebaixar a dignidade humana o recorrer a um remédio de origem animal.

Tais escrúpulos fazem-nos hoje sorrir. No entanto, nessa época não muito afastada, pois que data apenas de um século e meio, a vacinação não causou menos emoção na opinião publica do que hoje a radiestesia.

Cento e cinquenta anos não terão decorrido sem que se pense a mesma coisa de certas brochuras que denunciam a radiestesia como um perigo para a fé: todos hão de sorrir.

Pasteur, o grande benfeitor da humanidade, quase perdeu a coragem por causa dos ataques apaixonados de que foi vítima.

Na origem de toda ciência nova ou de toda invenção, encontra-se sempre a contradição, a oposição e a calúnia.

A radiestesia tem levantado críticas violentas de um lado e recebe elogios demais de outro lado — deve possuir ao menos uma parcela de verdade. Não se deve ser precipitado, condenando-a englobadamente, Diz-se que é extraordinária, atribuem-lhe casos inverossímeis. Admito-o, mas se rejeitássemos tudo o que, na sua origem, foi extraordinário e inverossímil que restaria das mais belas descobertas dos tempos modernos?

Não temos sido nós testemunhas e beneficiários de descobertas inverossímeis e que ninguém pensa em contestar, quando, há cinquenta anos atrás, teriam sido julgadas absolutamente impossíveis? Aqueles que as tivessem anunciado seriam bem mal recebidos.

Mencionemos o telégrafo e o telefone sem fio, o cinema mudo e, sobretudo, o falante, a televisão, e tantas máquinas que nos ajudam em nossos trabalhos: máquinas de escrever, de calcular, impressoras, etc...

Não, o extraordinário não nos deve assustar.

Não é só a radiestesia que é extraordinária.

Capítulo V

DE ALGUNS FATOS NAO RADIESTESICOS EXTRAORDINÁRIOS

Talvez muitos dos meus leitores já os conheçam; hão de perdoar-me por não lhes contar nenhuma novidade. Achei tais fatos extraordinários, ao saber deles; certamente haverá outras pessoas que tomarão parte no meu espanto.

Citando tais fatos, afastar-me-ei menos do meu assunto fio que possa parecer. Sendo minha finalidade, nesta primeira parte, preparar os espíritos para que não se assombrem em demasia no decorrer desta obra, tudo que contribua para convencer-nos da nossa ignorância concorre para esse fim.

1º Fenômeno de Telegrafia sem fio

Se fordes professor de ciências, fazei a experiência seguinte: numa sala, colocai um posto emissor e, noutra, um posto receptor de ondas. Fazei funcionar o aparelho. Tudo irá muito bem. Durante uma emissão, pedi a vossos alunos que passem, um após outro, diante do aparelho emissor e talvez verifiqueis que a presença de um ou outro intercepta francamente a passagem das ondas. Talvez seja a criança mais fraquinha, enquanto que outra mais corpulenta deixará passar livremente as ondas.

Eis o que diz Don Carlo Maria Aphel, que conheci em Milão, onde ele era subdiretor da obra do Padre Beccaro. Pedi-lhe que tivesse a bondade de escrever-me o que de viva voz me havia contado.

"Instituto do Padre Beccaro

"Via Marcantonio, Colonna 24, Milano.

"Em junho de 1917. o Snr. Carlos Bersani, professor de física no colégio Alberoni, de Piacenza, explicava experimentalmente o funcionamento do telégrafo sem fio, servindo-se de aparelhos modernos de emissão e de recepção, colocados em diversas salas. A experiência deveria ter muito bom êxito. Não sei porque, perguntei ao professor se colocando-me diante do aparelho, meu corpo poderia impedir a transmissão. Ele permitiu-me experimentar: coloquei-me diante do posto em funcionamento, porem, com grande admiração de toda a classe, a campainha do posto receptor parou de tocar. Retirei-me; a campainha soou novamente. Pus-me outra vez diante do posto; não se ouviu mais a campainha. No entanto, com grande surpresa de todos outra tentativa executada por um de meus camaradas muito mais corpulento que eu — que sou bastante magro e então o era ainda mais — não teve êxito. O professor fez-me repetir a experiência, entre risos de

todos e mandou-me de volta ao meu lugar dizendo que eu estava enfeitiçado. Estes fatos são a pura verdade.

"Milão, 20 de outubro de 1937.

"(Assinado): Don Carlo Maria Aphel."

Não será isto suficiente para provar que existem em nós forças desconhecidas?

Os sábios ficarão talvez embaraçados para explicá-lo; as ondas irradiadas por Don Aphel neutralizavam as do aparelho emissor, mas porque?...

2º O som evocador da cor

Um amigo perguntou-me um dia como o enunciado de uma palavra pode dar a quem a ouve a sensação de perceber uma cor.

Não compreendi o sentido da pergunta e pedi a meu amigo que se explicasse.

"Minha mulher, disse ele, julga perceber uma cor quando ouve certos sons. Como pode isso ser?"

Não soube como responder, mas logo que encontrei um de nossos religiosos, professor de filosofia, propus-lhe eu mesmo a questão.

"E' um fenômeno conhecido e bastante generalizado", respondeu ele.

Em breve encontrou nos seus livros a passagem que trata desse assunto. Nela se dizia que 30 % das crianças e 12,5 % dos adultos apresentam tal fenômeno. Essa ordem de fatos está ligada à natureza das ondas.

Será possível comparar, brevemente, nosso cérebro ou nosso sistema nervoso a um belinógrafo? Porque não compará-lo, então, também a um aparelho de T.S.F.?

O estudo da emissão de correntes elétricas, devidas à ação cerebral e ao esforço do pensamento, está bastante adiantado para permitir tal comparação.

3º Letras evocadoras de cores

Eis um fenômeno assaz parecido com o precedente, se bem que mais raro, sem dúvida. Trata-se de uma moça para quem as letras, especialmente as vogais, se apresentam à vista cada qual com uma cor diferente, sejam escritas à mão ou impressas, assim:

a é preto
e é branco
i é vermelho
o é amarelo
u é verde
y é cinza ou neutro.

A vizinhança de outra letra, vogal ou consoante, aumenta ou diminui a vivacidade da cor e da expressão, pois a moça lê pelas cores que, para ela, têm um sentido tanto quanto as palavras.

Trata-se de leitura com os olhos somente, sem nenhuma emissão de som, senão este caso dependeria do precedente.

Ela não somente lê assim pelas cores, mas os nomes escritos em uma língua que ela ignora dão-lhe uma ideia geral e por vezes muito precisa das dimensões, peso e qualidades do objeto ou da pessoa que designam.

Submeti-a à experiência seguinte: pedi-lhe que me traduzisse a seu modo alguns nomes portugueses que escrevi com apenas a indicação: objetos, frutos, animais.

Copo: tradução: pequeno vaso.

Objetos. — Garfo: objeto mais comprido; faca: objeto agudo.

Frutos. — Maçã: fruto doce; ameixa: fruto mais rude, menos doce.

Animais. — Burro: animal feio e grosso; anta: menos grosso: coati: animal engraçadinho, bonito. Este encantou a moça: "Bonito, bonitinho", dizia ela.

E como lhe diziam que a anta e o coati eram selvagens, ela sustentou que era possível acariciá-los; pode- se, realmente, domesticá-los.

A palavra "prata" nada significou para ela pois não correspondia a nenhum objeto concreto.

A palavra latina "lanugo" (penugem) produziu-lhe o gesto de levantar alguma cousa muito leve: "Leve, leve", exclamou, e o termo exato lhe ocorreu: "Penugem, penugem".

Sua tradução, ou antes, sua interpretação dos nomes portugueses é bastante exata, como se pode observar.

Um copo parece-se muito com um pequeno vaso e pode servir como tal.

O que ela disse do coati é surpreendente. Este parece um urso minúsculo, do tamanho de um gato grande, com uma cabeça fina e focinho alongado. Tem atitudes e gestos de urso e por isso excita a curiosidade e a hilaridade dos que olham para ele.

4º Diagnósticos estranhos

1º A título de curiosidade e de experiência, pedi a um médico que praticava o método chinês da acupuntura que fizesse o obséquio de me examinar. Disse-lhe que, em virtude de excesso de trabalho, sentia-me com cansaço cardíaco e mental.

Tomou-me primeiramente o pulso. "Temos, disse ele, doze espécies de pulsações, seis em cada pulso."

Soube depois disso que os médicos chineses conhecem vinte e quatro pulsações, ou seja, doze em cada pulso.

Em seguida, passou, muito de leve, o polegar ao longo de cada uma de minhas mãos, sobre a linha exterior da palma. Chegando à base do dedo mínimo, exerceu uma pressão um tanto forte que me arrancou um suspiro. Sobre uma e outra mão o médico acabava de descobrir um pontinho excessivamente doloroso e do qual cu jamais suspeitara.

Não sei precisar se nesse mesmo ponto ou na base da unha do dedo mínimo, ele espetou duas pequenas agulhas amarelas e deixou-as assim perto de um quarto de hora; após esse tempo caíram de si mesmas: tinham terminado o seu efeito.

Não senti mais nada no coração durante quase dois anos.

Para descongestionar minha cabeça, picou-me com uma agulha branca nos cotovelos; disse-me que poderia também tê-lo feito abaixo dos joelhos.

Encontrei mais tarde um de seus clientes que havia sido acupunturado, com inteiro êxito, nos dois calcanhares a fim de descongestionar os rins. "Pude logo, disse-me ele, comer um belo jantar sem sentir o menor incômodo."

Aprendi, nessa ocasião, que temos, disseminados por todo o corpo, um grande número de pequenos pontos que se não podem picar sem que tal órgão ao qual se acham

ligados seja imediatamente afetado para bem ou para mal. E' uma grande arte o conhecê-los. Um missionário que voltava da China disse-me que os médicos chineses empregam cerca de vinte anos a estudá-los, antes de obter seu diploma.

Que complexidade e que harmonia no organismo humano! Quem nos poderá dizer sua delicadeza, sua sensibilidade e sua potência?

Quem nos poderá explicar porque uma agulha amarela fortifica um órgão, enquanto a branca o enfraquece e descongestiona, pois é preciso evitar de usá-las indistintamente?

Eu desejaria saber quantos médicos franceses conhecem e praticam este método, usado na China há milhares de anos e com tal resultado que os médicos chineses e japoneses, vindos à Europa para seguir os cursos das nossas Faculdades, renunciam às vezes aos nossos métodos, que os desiludem, para voltarem àqueles dos seus antepassados.

Existem talvez uns dez.

Este número foi excedido, pois a acupuntura tornou- se cada vez mais apreciada.

2º E' também muito interessante o diagnóstico pelos olhos. Já ouviram falar nisso?

Não se trata somente de abaixar a pálpebra inferior com a extremidade do indicador a fim de ver se o indivíduo está ou não anêmico: isto é apenas um detalhe insignificante.

A iridologia ensina a descobrir no olho o estado presente e passado de um doente, por vezes permitindo prever e, em consequência, prevenir o mal.

Os detratores da radiestesia acharão, sem dúvida, aqui como no parágrafo precedente uma ocasião para exercer seu cepticismo.

Parece, no entanto, que o olho é como que o espelho do corpo e registra e conserva traços de todos os acidentes sobrevindos à nossa saúde.

Fiel ao meu método, procurei e achei um médico iniciado nesta técnica e pedi-lhe que fizesse o meu diagnóstico.

Revelou-me, a seguir, exatamente os órgãos que mais preciso cuidar e assinalou-me uma moléstia contra a qual eu me deveria acautelar. Ora, havia sete anos que o exame pendular me tinha permitido descobrir esse mal.

A iridologia, quase desconhecida entre nós, é especialmente estudada, segundo me asseguraram, nos países de língua alemã e na América do Norte.

3º O mesmo acontece com o exame das unhas.

O estado de nossa saúde é indicado por sua forma e sua cor.

Não é absolutamente indiferente que sejam longas ou curtas, redondas, quadradas, largas ou estreitas, com ou sem lúnulas, rosadas, amarelas ou violáceas, com ou sem manchas, estriadas ou lisas. Cada um destes sinais dá uma indicação que serve para completar o diagnóstico comum.

4º Não quero dizer nada sobre o que se pode achar, do ponto de vista físico, intelectual e moral, na forma de nossos dedos, nas linhas de nossas mãos e na nossa caligrafia, contanto que se não recorra a charlatães.

Pessoas competentes, médicos ou outras, são muito raras. Tive a sorte de encontrar algumas no meu caminho. Fiquei cismado — a tal ponto conseguiram estabelecer, sobre diversos documentos que lhes apresentei, diagnósticos físicos, morais ou intelectuais, precisos e concordes, entrando por vezes em detalhes de uma minúcia desconcertante, sobretudo em grafologia.

Não conheço pessoalmente nenhuma dessas ciências particulares. E' apenas através da experiência alheia que as posso apreciar. Aquilo que tenho visto não me

permite mais espantar-me com o que quer que seja, exceto com a cegueira daqueles que se espantam com o que ignoram.

Não rejeitemos cousa alguma sem exame, nem a radiestesia, nem o resto. Deus é admirável em tudo o que fez e, no homem, mais que em todo o universo.

CAPÍTULO VI

A RADIESTESIA CHEGOU A COMPLETA EVOLUÇÃO?

Censuram-na por não ter alcançado ainda esse ponto e talvez tenham razão. É preciso antes saber o que se entende por completa evolução.

Se por completamente evoluída se entende uma ciência ou uma arte que tenha alcançado seu pleno desenvolvimento, de maneira a não ter mais como se aperfeiçoar, não permitindo nenhum engano, podemos afirmar bem alto que a radiestesia não chegou lá, e creio que nenhum radiestesista recusará reconhecê-lo.

Somente, esta definição, uma vez admitida, não se deve aplicar apenas a uma ciência ou a uma arte, pois então ter-se-ia dois pesos e duas medidas, cousa que a justiça e o bom senso não podem admitir.

Se partirmos deste principio que ter uma ciência atingido sua plena evolução é ter alcançado completo desenvolvimento, é estar definitivamente fixada, não se prestar a nenhuma alteração, nem permitir erro algum — o que nos restará como ciência? Qual a que não é suscetível de evolução, de progresso?

Sendo minha finalidade animar os missionários a praticar a radiestesia médica nas suas missões, sou levado a considerar, neste momento, até que ponto a medicina oficial corresponde às exigências da definição ha pouco proposta. Não direi cousa alguma que possa ofender a quem quer que seja: não tenho razões para fazê-lo. Limitar-me-ei às ideias gerais.

Pergunto: o ensino oficial da medicina será tão completo que não possa fazer nenhum progresso, nem em sua doutrina, nem em suas aplicações?

Não se pode sustentar tal cousa e ninguém o pretende. O interesse geral exige que se resolvam o mais breve possível certas questões de capital importância que estão sendo ainda discutidas. Por exemplo: 1º A tuberculose é hereditária ou contagiosa?

Em Paris, na Rua Bichard, colocou-se uma placa em memória do Dr. Villemin que descobriu, como nela se lê, a contagiosidade da tuberculose.

Até à época desse médico a tuberculose era tida como hereditária e, em nossos dias, é a tese vigorosamente sustentada por médicos sábios e conscienciosos.

Que opinião vencerá e quando será resolvida esta questão? Já demora para as famílias e sobretudo para os doentes que venha a solução. Podeis realizar a diferença de tratamento que será aplicada aos enfermos segundo a tese que prevalecer?

Se for a da contagiosidade, os doentes continuarão afastados da família, um pouco como os leprosos. Se for a da hereditariedade, não causarão mais tanto temor em torno deles; não serão mais humilhados pelo afastamento, nem preocupados pelo perigo de comunicar o seu mal. A atmosfera em que viverão, mais afetuosa e humana, lhes será um reconforto em vez de ser deprimente como a em que atualmente vivem.

2º Não se poderá também exprimir uma dúvida acerca da eficácia da vacina antituberculosa B.C.G.? Não tenho competência alguma na matéria. Contento-me de constatar: 1º que bom número de médicos a aconselham sem exceção; 2º que outros só a aconselham aos recém-nascidos de pais doentes; 3º que outros enfim duvidam de sua

eficácia e até de sua inocuidade e não a receitam nunca. Três opiniões, quando desejaríamos apenas uma.

3º Igualmente para o tratamento da tuberculose. Certos medicamentos, por via hipodérmica ou endovenosa, que eram indistintamente injetados em todos os doentes como o melhor remédio, não tardaram a tornar-se suspeitos e somente com muita prudência são hoje empregados. Certos médicos rejeitam-nos absolutamente.

4º E eis que se instaura entre médicos outra discussão que interessa a sorte de um grande número de crianças. Longe de mim a ideia de nela tomar parte. Ainda uma vez, contento-me em constatar o desacordo da ciência consigo mesma.

A Câmara dos Deputados e o Senado francês votaram a vacinação antidiftérica obrigatória para todas as crianças. E' que o corpo médico vê nessa medida preventiva grandes vantagens. Porque então existem médicos que protestam energicamente contra essa vacinação coletiva?

Quem tem ração? A saúde e até a vida de milhares de pequeninos estão em jogo nessa experiência.

E' inútil multiplicar os casos em que a ciência oficial está em dificuldades, em que não está completa, em que tem ainda notáveis progressos a lazer.

Pois bem! A radiestesia, se bem que ainda não completamente evolui da, parece-me está-lo tanto, senão mais, quanto a ciência oficial nos diversos casos que acabo de assinalar.

Um médico radiestesista, estou convencido, não hesitará nem dois minutos para dizer-nos se tal terapêutica por via subcutânea convêm a tal criança tuberculosa ou diftérica. Sem ter feito uma só injeção, mas unicamente examinando um grande número de crianças, ele poderia dar a porcentagem daqueles a quem a anatoxina diftérica pode fazer mal e daqueles a quem pode ser aplicada sem inconveniente; poderá concluir, de maneira geral, sobre a eficácia ou a nocividade do tratamento preventivo antidiftérico.

Haverá algum médico radiestesista que contradiga o que acabo de afirmar? Não creio.

Confessemos que, para uma ciência que não chegou a completa evolução, a radiestesia não faz, de todo, má figura.

Que conclusão se pode tirar do que precede? Esta:

A medicina não está completamente evoluída; a radiestesia, tampouco. Não conheço ciência que o esteja. Mesmo em teologia, fora das verdades definidas, há lugar para discussão.

A ciência médica é o quê é; os médicos fazem o que podem. Mas se assim mesmo se recorre à medicina, se a ela recorro eu também, apesar de suas deficiências, porque seremos mais exigentes para a radiestesia? Também ela precisa progredir; mas ela o faz, particularmente em suas aplicações à medicina.

Que razão teríamos nós missionários para não nos servirmos dela, se nos permite fazer o bem e se nos ajuda em nosso ministério? A nós pertence completá-la e aperfeiçoá-la, aplicando-a seriamente em finalidades nobres e santas e não em pesquisas fúteis, de pura curiosidade e frequentemente absurdas, como fazem tantos radiestesistas sem critério.

Quando vejo os resultados que os missionários obtêm, pergunto-me se é a radiestesia que não se acha desenvolvida ou aqueles que a criticam.

CAPÍTULO VII

A RADIESTESIA TEM UM FUNDAMENTO CIENTIFICO?

Para permitir-lhe a existência, desejam que a radiestesia se apresente com uma carta de identidade científica, visada por quem?... Não sei. Talvez pela Academia de Medicina ou pela Academia de Ciências?

Não é com súplicas que se obtém a aprovação das academias. E' preciso apresentar-se com provas irrefutáveis, experiências múltiplas, em suma, com um trabalho acabado; e está muito bem assim.

Mas um trabalho acabado requer anos de estudos, pesquisas longas e difíceis; de quantas experiências felizes e malogradas será ele fruto? Vossas súplicas, vossa tenacidade, vossos êxitos não serão muitas vezes suficientes para fazer aceitar vossos trabalhos.

Um músico, por melhor que possua a sua arte, será sempre suspeito se não tiver saído de algum Conservatório. Que trabalho não terá para emergir do meio de talentos inferiores, porém diplomados?

Pasteur, que era químico e não médico, teria jamais obtido da Faculdade de Medicina a permissão para se ocupar das pesquisas que fizeram sua glória e salvaram tantas vidas humanas?

Exigir assim imediatamente da radiestesia um fundamento, uma explicação científica autenticada é pretensão difícil de realizar.

Que deixem os radiestesistas trabalharem do melhor modo que puderem! A eles é que cabe fixar as leis que regem o fato radiestésico. A isso chegarão por suas pesquisas, seus fracassos, seus êxitos. Muitos deles aplicam-se a seus fins com consciência; sua boa vontade merece respeito e até alguma cousa mais.

Se entre os radiestesistas só houvesse ignorantes, aproveitadores da credulidade pública, charlatães, poder-se-ia fazer deles pouco caso. Em todas as profissões, sem procurar muito, poderíamos achar essas três categorias. A seu lado, existem espíritos sérios que fazem progredir a ciência que os interessa e à qual dedicam sua vida. A radiestesia os tem, tanto quanto qualquer outra.

Entre os que se dedicam a ela ou não lhe recusam sua simpatia, poderíamos citar nomes ilustres por sua situação social e por sua ciência: Membros do Instituto, politécnicos, normalistas, oficiais e generais, engenheiros e acadêmicos, até mesmo chefes de estado.

Contando com tais referências a seu favor, a radiestesia pode esperar sua carta de identidade científica e até passar sem ela.

Mas será bem certo que ela não a merece?

E' preciso primeiro entender-nos bem sobre a definição do fato científico.

Se adotarmos a que um ilustre confrade me deu, por escrito, a fim de provar que o fato radiestésico não é científico e que, consequentemente, não existe — concordo que ele tem razão. Diz, com efeito, que o fato científico é "aquele que pode ser reproduzido por qualquer um e em todo tempo e lugar."

Qualquer um não pode fazer boa radiestesia e os melhores radiestesistas não podem fazê-la nem em todo tempo, nem em todo lugar.

Volto à mesma pergunta: fazem-se leis especiais para os radiestesistas?

Receio encontrar bem poucos, se aplicarmos a definição supra aos fatos científicos em geral. Poderemos todos nós realizar aquilo que fizeram os Branly, os

Marconi e tantos outros, afamados pelo seu saber e suas invenções? E eles mesmos, teriam podido fazer em qualquer tempo e lugar aquilo que realizaram em seu laboratório?

Esta definição é demasiado estreita. Eis aqui uma outra que me parece mais científica:

"O fato científico é aquele que decorre de uma causa agindo em condições determinadas, e que se renova cada vez que essas condições são realizadas."

Se a aplicarmos ao fato radiestésico não estaremos longe de achar-lhe um caráter científico.

Por exemplo, se um experimentador tocando com a mão esquerda uma testemunha-remédio e segurando o pêndulo na mão direita, o vê girar habitualmente no sentido dos mostradores de um relógio, caso o remédio convenha a um doente, e em sentido inverso quando o remédio é prejudicial — e se a experiência mostra a exatidão dessas indicações, porque recusar a nota de científico a este fato radiestésico?

Será porque todo mundo não o pode fazer? — Mas há tantas cousas que todo mundo não pode fazer! Será que a humanidade precisa tomar-nos como paradigma de suas capacidades? Podemos ser ao mesmo tempo químico, físico, matemático, poeta, orador, etc. etc.?

Está claro que é preciso ter aptidões para ser bom radiestesista. Mas poderíeis dizer-me para que ciência não é preciso tê-las?

Lembro-me de um médico que, vendo-me operar sobre testemunha e descobrir imediatamente o mal de que sofria, exclamou: "Mas é o Senhor que é científico! O que está fazendo é inteiramente científico!"

Desejariam alguma cousa mais do que a repetição regular do fato radiestésico: desejariam que déssemos sobre ele explicações, que disséssemos como se produz, que mostrássemos a cor, o comprimento das radiações sobre as quais nos baseamos para nossas pesquisas.

E' uma exigência que desejariam impor unicamente aos radiestesistas. Porque, antes de servir-se da eletricidade, não se procura conhecer sua natureza? Porque, antes de comer o pão, não perguntar ao camponês que semeou o trigo, se conhece as leis de germinação? Por acaso as conheceis vós?

Pois bem! Uma cousa me admira e não a esconderei; é a cegueira de certos homens que ouvem dizer que a radiestesia obtém resultados surpreendentes no cuidado dos doentes, nas pesquisas do subsolo, que pode prestar relevantes serviços em tempo de guerra, que está sendo muito estudada e praticada em certos países — talvez lhes citem casos concretos — e eles não experimentam nenhuma curiosidade para informar-se! Altivos, pedem explicações: "Vejamos, dizem, o que o Senhor faz é científico?"

Eles se mostram tão inteligentes quanto o proprietário que, ao ver sua casa ardendo, pedisse primeiro aos bombeiros que lhe provassem que sua bomba era bem construída, segundo as leis científicas. — Se a bomba emite um jato d'água abundante e forte, se extingue o incêndio rapidamente, não é essa a melhor demonstração de sua perfeita construção?

Outro tanto devemos nós dizer da radiestesia: se permite curar os doentes, descobrir os segredos do subsolo, porque não usá-la? Porque não seria científica? Se fosse provado que ela ajuda a restabelecer os doentes melhor que outro método não radiestésico, não seria ela mais científica que este?

CAPÍTULO VIII

OS ERROS DOS RADIESTESISTAS

Os radiestesistas enganam-se?

São acusados de pretenderem à infalibilidade. Se existem alguns que tenham essa pretensão, são tolos ou ingênuos e, provavelmente, as duas cousas ao mesmo tempo. Todos nós somos falíveis; não fico nada humilhado em reconhecê-lo; sei que estou em boa e numerosa companhia.

Os radiestesistas enganam-se frequentemente? Acontece aqui como em todas as aplicações dos conhecimentos humanos.

E' como se me perguntásseis: os matemáticos enganam-se frequentemente? Se se tratar de uma criança que se prepara para receber o certificado de estudos é provável que se engane bastantes vezes, sobretudo se quiser fazer operações ou problemas acima de sua idade. Um professor assistente de matemática enganar-se-á raramente, mesmo em questões muito difíceis.

Outro tanto digo dos radiestesistas. Os principiantes enganar-se-ão tanto mais facilmente quanto não veem as dificuldades.

Se propusermos um problema um pouco difícil a um grupo de crianças e perguntarmos quem sabe resolvê-lo, podemos estar certos que os menos capazes levantarão primeiro o dedo.

Proponhamos um concurso aos radiestesistas. Acharemos centenas que afluirão, cheios de boa vontade e certos de obter bom êxito. Se os melhores recusam, julgar-se-á que têm medo, que recuam. Se afinal se decidirem a prosseguir, talvez fracassem tão lamentavelmente quanto os estouvados que se adiantaram sem saber aonde iam.

O exercício da radiestesia, sem ser difícil, é delicado. Darei provas disso no decorrer desta obra.

Uma das primeiras condições para praticá-la com êxito é o domínio de si, a calma, o silêncio e, também, um ambiente simpático. Há ainda outras que se desconhecem e que se aprendem á própria custa. Eis um exemplo:

Tendo geralmente ocupações mais sérias, não costumo prestar-me a experiências sem outro fim do que o de divertir as galerias; entretanto, algumas vezes não pude deixar de fazê-lo. Foi o que aconteceu um dia em que me achava em casa de Monsenhor Giovanni Sodini, diretor geral dos orfanatos (Obra do Padre Beccaro), em Milão. Eu acompanhava a Roma Monsenhor Rey, bispo de Guajará-Mirim.

Este último, após a refeição, pediu-me para fazer uma experiência na presença dos convidados de Monsenhor Sodini: procurar um objeto escondido.

Saí da sala de jantar para que pudessem esconder o melhor possível um saleiro de vidro, do tamanho de um polegar.

Voltei quando me chamaram e comecei minhas pesquisas. Não mencionarei aqui como as fiz; será dito mais longe. E' suficiente dizer que o pêndulo indicou primeiramente uma poltrona, num canto da sala.

O saleiro não estava sobre a poltrona, nem debaixo dela.

Partindo dessa poltrona, recomecei minhas pesquisas e, desta vez, o pêndulo indicou outra poltrona no canto, em frente. Não achei o saleiro sobre esta, como não o havia achado na primeira. Olho por baixo, nada!

Todas as minhas investigações levam-me sempre às duas poltronas. Não achando outra saída para o caso, confessei simplesmente meu erro, renunciando a seguir uma

terceira pista que o pêndulo me indicava: na direção de um terceiro canto da sala de jantar.

"O Senhor achou muito melhor do que está supondo, disseram-me, fez mal em abandonar a partida, pois ia chegar ao fim. Quisemos esconder o saleiro sobre a primeira poltrona, depois sobre a segunda, e deixamo-lo um instante sobre uma e outra. Reparamos que não estava bem escondido e, finalmente, o colocamos na caixa de charutos para a qual o pêndulo parecia querer conduzi-lo, se o Senhor tivesse continuado a procurar."

Afinal, eu havia seguido o saleiro com auxílio do pêndulo um pouco como um cão segue a lebre, pela pista.

Isto foi para mim uma revelação. A remanescência, da qual se fala em radiestesia, é então uma realidade e realidade perigosa. Por quanto tempo as pessoas e os objetos deixam traços de sua passagem? Os radiestesistas que se acautelem com isto, antes de lançar-se em concursos de procura de objetos.

Cachorros policiais bem treinados podem seguir durante semanas e meses a pista de malfeitores. E' que, durante semanas e meses, alguma cousa ficou deles onde apenas pousaram os pés.

Se o mesmo acontecer com os objetos — e porque não? — o radiestesista arrisca-se num verdadeiro labirinto se procurar, por exemplo, uma porção de dinheiro que se muda de lugar cada dois ou três dias: deve encontrá-lo regularmente por toda parte onde passou, como se ainda lá estivesse.

Se mo tivessem dito antes da minha experiência de Milão eu teria hesitado cm acreditá-lo. Compreendo muito bem o fracasso do concurso da "Vida Católica"; não podia ler bom êxito, se bem que houvesse boa fé da parte de seus organizadores. Foi preparado nas piores Condições.

A remanescência não é a única dificuldade contra a qual precisamos acautelar-nos. Falei no ambiente simpático e isso, sem dúvida, vai inquietar os sábios anti-radiestesistas e também a gente fácil de se desconcertar.

Apresentarei minhas provas a seu tempo. Contento-me, no momento, em fazer uma aproximação.

Para transmitir as novidades do dia ou uma bela música, um aparelho de T.S.F. não precisa de calma, de silêncio, de uma atmosfera que não contrarie a emissão que estamos ouvindo? As induções não atrapalham?

Os roncos de trovões, um motor em funcionamento, muito menos do que isso: um ferro de passar roupa, uma pequena campainha elétrica, um acendedor elétrico, podem produzir perturbações. Como as ondas são delicadas e nossos ouvidos também!

Pois bem! As radiações de que nos ocupamos, nós radiestesistas, não o são menos, são até ainda mais delicadas.

Da mesma forma, por exemplo, que um posto de rádio mais fraco é encoberto por um posto mais forte que esteja fazendo sua emissão ao mesmo tempo, sobre o mesmo comprimento de onda, assim um radiestesista pode ser incomodado e impedido, encoberto, por assim dizer, por um vizinho que trabalhe a seu lado, sobretudo se o fizer com intenção de incomodar.

Há fatos que o provam.

A má fé dos organizadores de concursos, se não desconfiarmos dela, pode ser uma causa de insucesso.

Existem certamente outras causas que desconhecemos e que, pouco a pouco, como esperamos, serão descobertas à força de pacientes observações. Seria absurdo negar nossos malogros; é mais criterioso procurar tirar partido deles.

Nossa participação em concursos barulhentos não ajuda nada; por isso nunca me viram neles e nunca me verão. Por quê? Porque em razão do que acabo de expor, os que organizam os concursos não dão bastante atenção às condições do nosso trabalho.

Penso que os radiestesistas fariam bem em adotar a mesma linha de conduta. O que fará progredir a radiestesia, há de ser nosso trabalho conscienciosо e não o estardalhaço que possamos fazer.

CAPÍTULO IX

OS RADIESTESISTAS OBTÉM SUCESSOS?

Seria injusto e inábil passar para a segunda parte do meu trabalho tendo apenas mencionado a confissão simples e sincera dos insucessos possíveis e, às vezes, reais e estrondosos dos radiestesistas. Esta confissão dá-me o direito e cria-me o dever de censurar os detratores da radiestesia por sua frequente má fé.

E' absolutamente razoável que um médico, um engenheiro, numa palavra, um homem que nunca ouviu falar em radiestesia, queira, antes de acreditar nela inteirar-se do que é e do que permite fazer. Qual de nós deixa de sentir essa necessidade diante de tudo o que é novo?

Nada mais correto e legítimo do que um homem desejoso de se instruir e que vá procurar um radiestesista, pedindo-lhe algumas demonstrações, fazendo-lho suas objeções, discutindo francamente com ele. Penso que os radiestesistas não desejam nada melhor que fornecer as explicações que possam. Em todos os casos, é um dever ao qual não se devem furtar.

E' diverso quando vão incomodá-los unicamente com a preocupação de apanhá-los em falta, sem considerar seus trabalhos anteriores, nem os documentos que apresentam atestando os felizes resultados obtidos; se, para cada visitante, fosse preciso fazer cinquenta experiências com pleno êxito, como um dia mo pediram, melhor seria responder-lhe imediatamente: "O Senhor é engenheiro? médico? Não lhe peço cinquenta experiências; contento-me com menos. Quer fazer umas dez, sem se enganar? Saindo-se bem, trataremos de cinquenta."

Encontrei das duas espécies. Que diferença entre o homem que procura a verdade e o homem-abafador que só quer sufocá-la. O primeiro é simples, aberto e franco; o segundo é cheio de arrogância e presunção.

Certamente já fizestes a observação de como as pessoas realmente sábias são modestas e acessíveis.

Estou escrevendo para aqueles que se lhes parecem.

Exprobar-nos mutuamente nossos fracassos, pois eles existem em todas as pesquisas, não fará progredir a ciência. Porque não descermos a um terreno realmente prático, o de urna demonstração por comparação?

Nós nos enganamos, vós vos enganais; vejamos pois quem se engana mais ou quem consegue sair-se melhor. A cousa deve ser possível.

Sois engenheiros? Costumais ocupar-vos da prospecção do subsolo? — Há radiestesistas que não são engenheiros e que também se ocupam disso. Posso apresentar-vos alguns. Quando tiverdes uma perfuração a fazer, fazei vossos planos e o radiestesista fará os seus. Ambos direis o que procurais e o que pensais encontrar, a que profundidade e em que quantidade. Estes documentos serão assinados por ambos e guardados em lugar seguro. Terminados os trabalhos, será fácil verificar quem achou melhor.

Para ter certeza de que o acaso não está em causa, multiplicai esta experiência dez ou vinte vezes.

Se nossos detratores estiverem de boa fé não poderão recusar-nos esta experiência.

Oh! Que boas histórias eu poderia contar, tomando-as de amigos, pois não sou pessoalmente dado a esse gênero de pesquisas!

Para chegar à verdade é suficiente ter um pouco de boa vontade e dirigir-se a pessoas competentes.

Os resultados felizes, em radiestesia, não são inferiores aos que »se obtém noutras ciências; ultrapassam muito os insucessos.

Que se releia o capítulo III, enquanto não se chega aos seguintes.

Vamos para a frente francamente, caros confrades missionários, deixemos as disputas para aqueles que têm tempo para perder. Nós temos doentes para tratar e almas para salvar.

A radiestesia médica nos ajudará eficazmente nesse duplo ministério.

SEGUNDA PARTE

TENTATIVA DE EXPLICAÇAO DO FATO RADIESTESICO

Digo tentativa de explicação e não explicação do fato radiestésico. A diferença é fácil de compreender.

Longe de mim a pretensão de dar a explicação definitiva do fato radiestésico.

Direi, com toda a franqueza, o que dele penso, ou melhor, o que os fatos me obrigam a pensar. Posso enganar-me e de boa vontade o reconhecerei se mo provarem. Não sou daqueles que julgam cometer uma covardia confessando que se enganaram e reparando seu erro.

Posso também não me enganar e por isso vou expor minha opinião com toda a liberdade, deixando àqueles que a não partilharem comigo igual liberdade para procurarem outra explicação que mais lhes agrade.

CAT1TULO PRIMEIRO

O QUE E' A RADIESTESIA?

1º Sua antiguidade

Há apenas alguns anos a palavra "radiestesia" era completamente desconhecida. Hoje encontramo-la um pouco em toda a parte, em jornais de todas as opiniões, em revistas literárias, científicas, médicas, militares e religiosas. Sob seu rótulo, reúnem-se congressos de padres, religiosos, engenheiros, médicos, oficiais.

O programa do Congresso de radiestesia que se realizou em Liège, a 7 de julho de 1939, foi dos mais interessantes. Demonstrou os progressos da radiestesia em todos os ramos de conhecimentos que sua influência atinge, e isto apesar dos violentos ataques, muitas vezes ofensivos, de que foi objeto.

Fizeram-se inscrever nesse Congresso mais de duzentos e quarenta médicos alemães. Radiestesistas ou simpatizantes de todos os continentes nele tomaram parte. Tratou-se da aplicação da radiestesia à medicina, às pesquisas biológicas, hidráulicas, policiais, veterinárias. Os oradores e relatores foram médicos, engenheiros, oficiais, etc.

Não é isto prova de que o fato radiestésico se impõe à opinião?

Fala-se dele em reuniões, interessa-se gente por ele e faz-se exercícios radiestésicos. A radiestesia está novamente em voga.

Sem dúvida não é a primeira vez que o está, pois seria um grande erro acreditar que a radiestesia é uma novidade. O nome é novo, mas o fato não.

Nossos antepassados conheciam-na bem.

O Senhor Merlo, de Capdenac, descobriu que a posição dos dolmens obedece a certas leis que supõem um conhecimento aprofundado da radiestesia tal como a concebemos em nossos dias. Seu alinhamento é sempre paralelo a zonas de influência subterrânea, sem nunca invadi-las. Uma tal coincidência, constatada mais de cento e cinquenta vezes, só pode ser atribuída a prospecções minuciosas e perfeitamente estabelecidas.

No Oriente, o chineses e japoneses examinam cuidadosamente o subsolo antes de construir uma casa a fim de evitar as influências nocivas que poderiam dali provir. Escolhem com mais cuidado ainda a localização dos dormitórios e das camas.

Merece citar-se aqui uma interessante carta que o Rev. Padre Scoarnec, das Missões Estrangeiras de Paris, me dirigiu a respeito das práticas a que me acabo de referir:

"Após uma permanência de dez anos na Indochina, vários detalhes de vosso livro chamaram-me particularmente a atenção. Assim, é bem exato que os medicastros sino-anamitas empregam comumente a sangria com auxílio de agulhas a fim de descongestionar o cérebro, os rins ou outro órgão doente. Os indígenas confiam nisso piamente, tirando aliás um real benefício, e até mesmo a cura.

"Na página 73, mencionais a medida de precaução que os chineses e os japoneses tomam para examinar a natureza do subsolo antes de construírem sua casa. Isto não é tanto, creio eu, conforme pude observar, a fim de evitar influências nocivas que se pudessem manifestar (em nossa concepção de ocidentais, entenderíamos com isso a natureza do solo calcário, argiloso, pantanoso, etc.), quanto a fim de procurar a veia do dragão que lhes trará felicidade. Assim também para a localização do túmulo (o culto dos antepassados tendo o fundo do animismo, única prática religiosa), os indígenas muito educados e influentes recorrem a especialistas feiticeiros ou adivinhos, digamos a palavra certa, a radiestesistas. Isto dá oportunidade, aliás, a grandes processos, achando-se alguns lesados por não terem mais probabilidades de ventura e atribuindo o caso a uma construção que desviou a veia do Dragão, subtraindo-lhe. O cuidado que têm com a localização do quarto de dormir e do leito é muito minucioso: procuram sempre colocar a cama na linha magnética norte-sul que garante um bom sono e longa vida. Conheço alguns missionários que só se sentem e dormem bem quando sua cama está colocada nessa linha.

"Reitero toda a minha admiração por vosso compêndio para uso dos missionários e vos envio meus sinceros agradecimentos e a certeza de meus mais respeitosos sentimentos em N.-S.

"Marcel Scoarnec.
"Padre das Missões Estrangeiras de Paris,
"Missionário apostólico na Indochina."

Os rabdomantes, ou pesquisadores de fontes, em todos os tempos têm praticado a radiestesia, servindo-se da varinha para procurar água ou minérios. Terão feito dela outros usos? Como poderemos saber?

Trabalhavam isoladamente, quase às escondidas, para não passar por feiticeiros: "sourcellerie, sorcellerie", são duas palavras tão parecidas e o espírito popular é tão inclinado a ver o diabo intervir em tudo aquilo que não compreende! As idas e vindas do operador, varinha em punho, criavam uma atmosfera comprometedora.

Com o desenvolvimento que tomou, as competências que ganhou para sua causa, graças também à maior compreensão que dá uma instrução mais adiantada, a radiestesia rompeu finalmente o mistério e dissipou os receios.

2º Sua definição

O que é então a radiestesia?

E' uma arte ou a ciência que ensina:

1º A captar as radiações dos corpos;

2º A descobrir, por seu intermédio, corpos ocultos, sua natureza e a influência que exercem uns sobre os outros.

O princípio fundamental da radiestesia e da teleradiestesia (não distingo uma da outra) é pois a irradiação dos corpos, qualquer que seja o reino a que pertençam.

Entendamos por irradiação, emanação, qualquer cousa que se desprende do corpo mineral, vegetal, animal e humano e que se espalha pela atmosfera, um pouco como as ondas moduladas pela voz, misturando-se e indo até às extremidades do mundo.

Essas radiações impressionam de maneira inconsciente o organismo humano, em geral insuficientemente sensível para sentir de maneira consciente uma impressão física. Digo intencionalmente "em geral", pois há exceções e mais numerosas do que se supõe.

Com o auxílio de um multiplicador, representando em relação ao tato o mesmo papel que um receptor para o ouvido, o homem pode perceber as radiações e, por um ato da vontade, escolher entre milhares de radiações aquela que prefere captar e unicamente essa.

"E' direis, o que precisa demonstrar."

Poie bem! é o que vou tentar fazer.

CAPÍTULO II

OS CORPOS IRRADIAM

Não se trata mais aqui de hipóteses: o princípio já está adotado. Todos os corpos irradiam e emitem ondas. Todos têm modalidades de irradiação que lhes são próprias, com efeitos e influências múltiplos, em relação com a "espécie, a qualidade, a massa, a forma e a importância das remanescências ou impregnações dos corpos por contato mais ou menos prolongado, perto ou a distância."

Estas últimas linhas são colhidas da obra de um engenheiro, Snr. Chrétien, intitulada: "Le monde invisible et mystérieux des Ondes."

Tal título não conviria a este capítulo, diremos mesmo, a todo o meu livro?

O livro II do Snr. Chrétien contém principalmente tudo o que se refere à transmissão eletromagnética entre os corpos, qualquer que seja sua distância.

No capítulo IV, consagrado à radioatividade, o autor estuda a desagregação da matéria durante os bombardeios corpusculares com seus mecanismos e as influências decorrentes.

Eis a ciência dos físicos vindo em nosso auxílio.

Do mesmo modo, os cosmobiologistas estudam as influências que o sol e as plantas e também a nossa terra irradiam em seus diversos elementos. Ensinam-nos os efeitos, aparentemente inextricáveis, desse mundo de vibrações e de ondas sobre nossos corpos e nossos espíritos, e aqueles, não menos subtis, das radiações do solo e das rochas, particularmente ligados à sua radioatividade (1).

(1) A revista « Cosmobiologie » publicou em seu número de abril de 1939 uma série de estudos sobre esse assunto e sobretudo um do Dr. Delclaux de Péret, intitulado: "Ação biológica e terapêutica da radioatividade das rochas", no qual explica o mecanismo biológico dessa ação e seus efeitos benéficos sobre o organismo humano em numerosas afecções.

Quantos mistérios nesses fatos que os físicos estudam com seus métodos científicos e com seus instrumentos!

Uma vez que nossos corpos se acham submetidos a esses fenômenos, são por eles modificados (2) e perturbados, o que pode haver de extraordinário em o perceberem pelos

meios naturais e, nós outros, podermos utilizar esse conhecimento e provocá-lo à vontade, por meio de métodos nos quais o pêndulo desempenha apenas o papel de sinalizador da passagem de ondas de variada qualidade, emitidas tanto pelos corpos brutos, minerais, quanto pelos corpos humanos.

(2) Esses fatos foram particularmente esclarecidos pelo Dr. P. Regnault, de Toulon, em seu trabalho "Biodinâmica e Radiação". Na sua revista "La Côte d'Azur médicale", Reviste das Radiações, publica cada mês elevados estudos sobre o assunto. No artigo recente de maio de 1939, pode-se 1er, assinado pelo engenheiro Raymond Semma, um estudo muito documentado sobre a influência dos campos magnéticos sobre a vegetação, mostrando que as plantas são tão sensíveis aos efeitos das radiações quanto os animais e os homens.

E' assim que penso explicar os fenómenos seguintes:

1º Numerosos são os radiestesistas que não podem examinar certos doentes, especialmente cancerosos, sem que sua mão e seu braço sofram. Conheço diversos nesse caso.

Não faz muito tempo, a fim de satisfazer o desejo de um jovem médico que queria assistir a um exame radiestésico, levei-o à casa de uma senhora, excelente radiestesista, e pedi-lhe que fizesse o diagnóstico de um doente que só eu conhecia.

A Senhora começou tranquilamente a trabalhar mas logo parou e disse: "Oh! como este exame me cansa!"

Ela quis continuar.

"Tenho receio", não tardou a acrescentar, "o braço doe-me demais."

Estava examinando um canceroso.

Se as radiações não existissem, de onde seria proveniente essa fadiga?

2º Se alguém, dotado de uma maior sensibilidade, ainda desenvolvida por um frequente exercício, chegasse sem auxílio de nenhum instrumento, unicamente ao passar lentamente a mão diante de vós, sem tocar vosso corpo nem vossas vestes — se chegasse, digo, a distinguir vossos órgãos doentes, não estaria provado que de vosso corpo e de cada um de seus órgãos desprendem-se radiações próprias? Sim, não é verdade?

Pois bem! Muitos radiestesistas realizam com êxito esta experiência. Sentem como que um jato de ar frio na palma da mão quando a passam em frente a um órgão doente.

Fui testemunha disso muitíssimas vezes.

Que aqueles que não me dão crédito façam por si mesmos este experiência, passando lentamente a mão diante de um doente, de seu peito, seu coração, seu fígado... Talvez sintam a sensação de frio de que falo.

O fenômeno é assas frequente para que um bom número de médicos possa constatá-lo. Procurem comprovar com a mão aquilo que julgaram ter encontrado, uma vez terminado o exame médico. Talvez no começo julguem estar sendo vítimas da autossugestão. Que continuem a fazer a experiência do fato de ar frio na palma da mão depois do diagnóstico clínico, até, ficarem bem habituados à sua percepção. Em seguida, façam antes o exame do doente e ficarão admirados de achar um guia tão seguro, ao mesmo tempo em que um controle precioso para suas pesquisas profissionais.

Não digo que chegarão, logo no primeiro ensaio, a um resultado tão positivo. Mas, se tiverem paciência e perseverarem, terão boa paga por seus esforços.

O caso de Mademoiselle Andrée Delmas, de Sionnac (Corrèze), merece ser citado aqui. Esta moça, dotada de extraordinária sensibilidade, não precisa de instrumento

algum para suas pesquisas. E' suficiente sua mão esquerda, colocada, como antena, para fazê-la estremecer quando encontra o que procura. Ela nem pode reter a mão direita que, nesse momento, bate violentamente contra o peito enquanto não abaixa a mão esquerda, isto é, não corta a corrente entre sua pessoa e o objeto.

Um amigo da família de Mademoiselle Delmas propôs apresentar-me e aceitei com prazer; fomos, com dois outros radiestesistas, fazer-lhe uma visita. Fizemos várias experiências, mas não posso relatar todas; citarei apenas esta:

Mademoiselle Andrée Delmas não fez nenhum estudo médico e não se ocupa absolutamente de medicina. Entretanto pedi-lhe para procurar os pontos fracos de um doente. Mostrei-lhe como deveria fazer. A experiência foi tanto mais interessante quanto ela nunca havia realizado nada de semelhante e tanto mais concludente quanto eu conhecia perfeitamente os pontos fracos do doente. Ela não falhou nenhum. Cada vez que sua mão esquerda passava diante de um órgão fatigado ou doente, ela tinha um sobressalto, um ligeiro estremecimento e sua mão direita batia no peito golpes redobrados.

Teve o mesmo sucesso com dois médicos que se fizeram examinar por ela e não se enganou uma só vez.

3º Se não somente é possível, com uma mão sensível e exercitada, reconhecer um órgão doente, mas sobretudo se, da mesma maneira, se conseguisse determinar a natureza da moléstia — não seria uma prova peremptória da existência das radiações?

Conheço um indivíduo que o faz:

Tive ocasião de submeter a esse radiestesista uma testemunha de uma leprosa cujo busto tinha melhorado bastante e cujas chagas nas pernas tinham, ao contrário, tendência a abrirem-se mais.

"Sinto-me feliz", disse-me ele, "em examinar um caso de lepra. Não conheço as radiações dessa doença, pois nunca a encontrei na minha vida."

Passou a mão sobre a testemunha; deteve-se um instante como para refletir e relembrar uma impressão já remota.

"Mas creio que já encontrei estas radiações uma vez, "disse"; será que, sem o saber, já tratei de alguma leprosa?”

Tornou a passar a mão sobre a testemunha, mais devagar que a primeira vez. "E' isto mesmo", acrescentou, "estou reconhecendo estas radiações".

Contei-lhe como as chagas das pernas não queriam melhorar.

"Oh! Oh!" disse ele, "as radiações das pernas não se parecem com as do busto. Não é mais lepra."

Ora, eu havia escrito a um Instituto missionário cujas religiosas se ocupam de numerosos leprosários e tinha exposto o caso da leprosa em questão.

Uma antiga enfermeira dos leprosos respondeu-me que aquilo que eu dizia das chagas das pernas não correspondia à lepra — confirmando assim, sem o saber, o diagnóstico do radiestesista.

Poderemos ainda duvidar da realidade das radiações?

Será possível levar mais longe a demonstração? E' não somente possível, mas fácil. Acabamos de dizer como as radiações se manifestam ao sentido do tacto. Se pudéssemos vê-las, não seria uma nova prova de sua existência?

Nem a todos é dado vê-las, no entanto, várias pessoas as percebem. Tive ensejo de certificar-me disso num caso que relato no curso da terceira parte deste volume.

Não somente certas pessoas as veem, mas conseguiu-se fotografá-las. Vê-se feixes de luz escaparem-se das pontas dos dedos e de sob a mão. São as radiações que deixaram sua impressão sobre o papel sensível.

Aí está com que convencer os espíritos mais exigentes.

Há melhor ainda.

Os sábios desejariam que nós fizéssemos reproduzir por instrumentos aquilo que pretendemos fazer. Ficariam então certos de que não há embuste, nem autossugestão. Evidentemente, se um instrumento, colocado diante de um homem ou diante de um corpo qualquer, mudasse, suponhamos, de cor conforme o estado de saúde desse homem ou segundo a natureza desse corpo — eles deveriam confessar que há emissão de uma parte e, da outra, recepção de radiações. A prova da existência destas últimas estaria materialmente feita.

Pois bem! Esse instrumento, registrador de radiações, existe.

Eis o que li no boletim mensal dos Cónegos Regulares da Imaculada Conceição, de fevereiro de 1937. E' o Superior geral desse Instituto que, viajando pelo Canadá, conta os maravilhosos diagnósticos de um dos seus religiosos, um dos melhores radiestesistas que tenho conhecido:

"O Dr. V..., de Montreal, quis ver o Rev. Padre Revenant (1). Mostrou-lhe um aparelho maravilhoso, importado dos Estados Unidos. Não se cansava de contar- lhe suas vantagens. Fê-lo mesmo funcionar diante de nós: os botões da primeira fileira percebem as radiações das moléstias e indicam-lhes a espécie e o nome. Os da segunda fileira assinalam a intensidade e a gravidade, os da terceira dizem, dentre os remédios apresentados, os que são bons e aquele que é o melhor. "Pois bem! Doutor, concluiu o Padre, tudo isso, a minha sensibilidade pode perceber." O médico apresenta-lhe então uma testemunha de doente. O diagnóstico, estabelecido a distância, foi melhor ainda que o do instrumento. E' que a sensibilidade do instrumento é puramente material e cega, a do homem é inteligente e raciocinada. O médico ficou maravilhado. Um outro médico quis controlar por todos os meios da ciência moderna, na mesma sessão, as indicações do radiestesista. Não pôde atingi-las todas; mas, entre as que conseguiu atingir, não encontrou uma que fosse contrária aos dados científicos."

(1) O Rev. Padre Revenant faleceu há poucos anos.

Hesitei em citar aqui por inteiro esse excerto do boletim dos Cônegos Regulares da Imaculada Conceição porque prova mais do que prometi neste capítulo. Retenhamos dele a primeira parte, na qual se diz que um aparelho registra o estado do doente ao ponto que as três fileiras de botões indicam o mal, a gravidade e o remédio. Como poderia ser o aparelho influenciado diversamente pelos doentes, se nada emanasse de seu corpo?

Este aparelho nos dá a prova material da existência das radiações. Fornece-nos também outras informações que recolheremos mais tarde.

CAPÍTULO III

AS RADIAÇÕES BENEFICAS

Creio ter suficientemente demonstrado, no capítulo precedente, que podemos perceber as radiações que emanam dos corpos; não se pode duvidar de sua existência. Esta será ainda mais certa se provarmos que os corpos agem sobre outros corpos sem contato imediato, por simples aproximação ou vizinhança.

Eis um caso sobre o qual me deterei porque reúne todas as garantias de autenticidade que a crítica mais exigente possa desejar.

Quem já não ouviu falar nos curandeiros que curam pela imposição das mãos! Como se explica isto? Não procuro explicá-lo, mas o fato é mais frequente do que se supõe.

Eis um caso real, controlado cientificamente tanto quanto possível.

Trata-se de Mme Barret, falecida em Bordeaux, há alguns anos. Percebeu um dia que, em sua casa, os frutos não apodreciam e que as flores secavam sem perder sua cor e sem destacar-se da haste. Até as carnes não se corrompiam.

O boato dessa descoberta logo se espalhou além do círculo dos amigos da família e chegou aos ouvidos dos médicos. Em vez de fazer cara feia à verdade ou de clamar por fraude, como acontece habitualmente em tais casos, alguns doutores quiseram verificar o fato e pediram a Mme Barret que se submetesse a certas experiências que eles mesmos fiscalizariam. Ela consentiu de boa vontade.

Tenho sob os olhos os relatórios e os artigos escritos pelos doutores Clarac, Llaguet, Cabanès, Gustave Geley, Marcel Soum, bacharel em ciências; H. Pruvost, farmacêutico de 1º classe. Seria necessário citar todo o opúsculo publicado em 1921, em Bordeaux (tipografia Gounouilhou, rue Guiraude, 9-11). Contentar-me-ei em transcrever um trecho da conferência que o Dr. Gustavo Geley fez na Sociedade universal de Estudos psíquicos, sessão de Paris, em 27 de outubro de 1912:

"Observei cuidadosamente, diz ele, com os Drs. Clarac e Llaguet, o processo dos fenômenos produzidos.

"Eis o que se passa (ver páginas 19 e 20 da brochura):

"As plantas parecem muito rapidamente esterilizadas. Dessecam-se pouco a pouco e ficam em seguida mumificadas, sem modificação ulterior apreciável, mesmo após vários anos.

"E' o que se passa, por exemplo, com pequenos peixes, pequenos moluscos ou crustáceos, e até com pequenos pássaros:

"Os animais maiores, tais como pássaros grandes, pequenos mamíferos, etc., conservam-se muito tempo. Quando normalmente deveriam encontrar-se em plena putrefação, apresentam ainda aparência de morte recente e não desprendem cheiro algum. No entanto, pouco a pouco, ao fim de dez, quinze, vinte dias ou mais, conforme a estação ou segundo o volume do animal, a situação muda e aparece uma nova fase. Observa-se um começo de putrefação. Mas esta putrefação é apenas esboçada e manifesta-se unicamente por um odor muito atenuado. Não há dilatação do corpo do animal, nem desprendimento interno de gases pútridos, nenhuma liquefação. Os tecidos cutâneos, isto é aqueles que foram mais de perto submetidos aos eflúvios de Mme X..., não sofrem nenhuma modificação. Então, muito rapidamente, sobrevém a terceira fase, a da dessecação: os tecidos se retraem, o cheiro desaparece, a mumificação começa. Ela está completa geralmente ao cabo de duas, três, quatro ou cinco semanas. Desde então o animal parece poder conservar-se indefinidamente. Os pelos, as penas ficam aderentes; as cores são conservadas; o animal fica tão bem, senão melhor conservado do que um animal empalhado. Quando o animal está "feito", conforme a expressão de Mme X..., ela o deixa de lado e não se ocupa mais dele.

"O que é mais extraordinário ainda é que se um cadáver já em plena putrefação for submetido a Mme X..., essa putrefação cessa completamente em duas ou três sessões, o cheiro desaparece e a dessecação começa.

"Quando o cadáver contém parasitas, tais como larvas de moscas, esses parasitas parecem não poder mais viver no seu meio próprio. Logo às primeiras sessões vê-se larvas abandonar apressadamente sua presa e ficar à volta dela onde morrem rapidamente, enquanto esta última se mumifica."

Interrompo aqui minha citação: não é concludente? Como explicar a conservação de cadáveres de outra maneira senão pelo poder das radiações físicas de Mme Barret? Os médicos que estudaram e expuseram este caso extraordinário não tiram dele nenhuma conclusão. Perguntam-se: qual a natureza do agente esterilizador? Será o que se chama de magnetismo? Tratar-se-á de uma radioatividade humana desconhecida?

"Nada sabemos a respeito, diz o Dr. Geley. Em todo o caso, acrescenta ele (página 28), o que é certo, se os fenômenos de Mme X..., são verdadeiros, é que existe uma exteriorização, uma emissão para fora dela de uma força desconhecida, capaz no entanto de uma ação orgânica poderosa e profunda. Ora, isto constituiria uma descoberta da qual é suficiente dizer, para que se compreenda sua capital importância, que derruba um dos dogmas mais tenazes da psicofisiologia clássica: o que recusa, de "parti-pris", admitir a ação à distância do organismo humano."

Bravo! Estamos de acordo: se os fenômenos supracitados atribuídos a Mme Barret são verdadeiros, um dogma científico é derribado e, com ele, alguns outros preconceitos igualmente tidos por científicos: ora estes fenômenos são verdadeiros!...

AS PROVAS

Estes fenômenos são verídicos porque apresentam uma dupla garantia, a dos padres que conheceram Mme Barret e a dos médicos que fiscalizaram as experiências.

Dois sacerdotes estão de acordo em afirmar que ela era muito modesta e não procurava de forma alguma alcançar notoriedade; ao contrário, fugia disso. Ficava admirada do que fazia e de que todo o inundo não o pudesse também fazer. Não se pode pois suspeitar que tenha querido ludibriar.

Os médicos tiveram a precaução de avisar-nos dos cuidados que tiveram para não se deixarem surpreender em sua boa fé. Pelo fato de terem feito conferências e publicado uma brochura sobre esses fenômenos, ficamos garantidos que não foram enganados.

"Assisti durante duas semanas a essas experiências, escreve o Dr. Geley. Eu ficava perto dela, tomando notas..."

Nenhum fato houve com testemunhas mais precavidas e sérias.

Desejam ainda uma prova tangível?

Um dos padres de Bordeaux que conhecera Mme Barret e que tinha sido um dos primeiros a falar-me nela, prometeu-me alguns objetos mumificados por ela.

Certo dia em que minhas viagens me tinham levado a Bordeaux, lembrei-lhe sua promessa.

"O Senhor vai ser atendido imediatamente, disse-me ele. Tenho no sótão uma quantidade desses objetos, mas não sei em que estado vou encontrá-los."

Subiu ao sótão e trouxe de lá várias caixas de papelão, cobertas com um centímetro de pó. Dentro havia pássaros, frutos, peixes, um gatinho, carne, flores, tudo em perfeito estado.

Com certeza não era o cuidado tomado pelo abade que os tinha conservado!

Levei comigo dois passarinhos, magníficos com sua plumagem muito aderente e luzidia, como se estivessem ainda vivos; dois peixes inteiramente dessecados e não abertos, e um pedaço de carne.

"Tome ainda esta laranja, disse-me o meu confrade. E' o que tenho de mais significativo. Pedi eu mesmo a Mme Barret para esterilizá-la. Estava podre e se a tivesse deixado cair no chão ela se esborracharia como um ovo. Veja como está. Percebe-se ainda o lado que estava apodrecido."

Com efeito, esse lado estava negro. A laranja está seca e muito dura.

Estes diversos objetos e animais datam de mais de quarenta anos. Se alguém quiser vir me ver, terei muito prazer em mostrar-lhes.

Evidentemente não apresentam mais a mesma frescura; as penas dos pássaros caem de vetustez, a carne dessecada torna-se em poeira, mas sem nenhum cheiro desagradável.

Este capítulo permitiu a muitos dos meus leitores descobrirem em si o mesmo poder que admiramos em Mme Barret.

CAPÍTULO IV

AS RADIAÇÕES NOCIVAS

Ninguém pensava nelas até há poucos anos. Sabia-se que certas habitações eram insalubres, que a mesma moléstia ali se reproduzia frequentemente, por exemplo o câncer e o reumatismo. Por quê? Não se procurava saber; aliás como se poderia descobri-lo?

Pertencia à radiestesia nô-lo apontar e se esta ciência nova tivesse unicamente essa descoberta a seu crédito, já seria o suficiente para merecer-lhe nosso reconhecimento.

O que nos ensinou ela?

Ensinou-nos que basta que sob uma casa, um quarto e sobretudo sob uma cama, passe uma falha de terreno ou um filete d'agua, ou um filete de minério, para que seus habitantes sintam uma influência nefasta para sua saúde. Eis alguns exemplos disto:

1º Pediram-me para examinar duas moças, duas irmãs, que dormiam no mesmo quarto.

Ambas eram portadoras de impregnações cancerosas e caminhavam para esta temível moléstia, se bem que sua idade parecesse dever preservá-las dela.

Pedi para fazer o exame da casa que habitavam e, sobre a planta que me forneceram, julguei descobrir uma corrente de ondas nocivas.

Não me sentindo bastante seguro de mim mesmo neste gênero de pesquisas, aconselhei que enviassem a planta a um excelente radiestesista que se mostrou inteiramente de acordo com o meu diagnóstico e fez mudar a posição do leito das jovens.

2º Achando-me na Bélgica, tive o prazer de conhecer o Snr. Discry, muito reputado no seu país pelas suas descobertas sensacionais e inventor das espiras que têm a propriedade de corrigir a nocividade das ondas perigosas.

Um comum amigo contou-me o efeito instantâneo que tinham produzido sobre uma grande doente exijas dores atrozes tinham cessado completamente. Ele me propôs, caso isso me interessasse, levar-me à casa dessa doente a fim de poder pessoalmente constatar o fenômeno. Isso me interessava muitíssimo e aceitei o convite. Fomos pois ver a doente.

O bom efeito das espiras tinha durado apenas oito dias e achei a doente presa de tais dores que várias injeções de morfina não tinham conseguido acalmar. Aplicavam- lhe até dez por dia,

Confirmaram-me que, durante uma semana, após a colocação das espiras, todas as dores haviam repentinamente cessado. Porque teriam reaparecido? Ninguém o sabia.

A doente estava deitada no primeiro andar. Quatro espiras estavam colocadas no rés-do-chão, duas na cozinha, por baixo do quarto da enferma, em cada um dos cantos à direita; e duas fora da cozinha, numa sala contígua, à esquerda.

Perguntaram-me se não seria indicado mudá-las de lugar. Se bem que nunca tivesse feito esta espécie de pesquisa, experimentei o exame e fiz aproximar as duas

espiras da sala contígua à cozinha, colocando-as nos dois cantos desta última, à esquerda, em frente das que já se achavam à direita.

Alguns dias mais tarde escreveram-me que as dores tinham desaparecido novamente, que a doente recomeçava a alimentar-se e que estava em vias de restabelecer-se.

Dois dias após, uma segunda carta anunciava-me que as dores haviam reaparecido subitamente sem que se suspeitasse inicialmente porque, mas que tendo se procedido a um exame das espiras tinham observado que o gato, brincando, havia despendurado uma delas da parede, onde estava mal pregada.

Não se pode alegar aqui a autossugestão, pois que a doente ignorava o acidente quando recomeçou a sofrer.

Recolocada a espira no seu lugar, a doente ficou aliviada. As radiações nocivas partiam de uma antiga fossa de esterco, limpa e entulhada, sobre a qual fora construída a casa.

3º Uma pessoa muito minha conhecida e que morava cm Paris sofria de dores de cabeça desde que mudara de apartamento. Sendo professor num liceu, levantava-se diariamente tão fatigado que precisou renunciar ao preparo dos seus cursos pela manhã. Tomou o hábito de prepará-los à noite, antes de se deitar. Estando em casa, só se sentia bem à noite, isto é depois de haver passado fora todo o dia.

Tendo ouvido falar a respeito de radiações nocivas do subsolo, perguntou-me se seu mal-estar e o de sua esposa não seriam ocasionados pela presença de semelhantes radiações em seu quarto de dormir.

'Ótimo radiestesista, armou-se de um pêndulo e percorreu o apartamento em todos os sentidos. Não havia dúvidas: sob sua cama passava uma péssima corrente.

Possuidor de um estojo-Poconeol, procurou se, entre os produtos nele contidos, não existiria um que combatesse as radiações nocivas. O vermífugo pareceu indicado para fazê-las desaparecer totalmente. Colocou um frasco do medicamento sobre um móvel do dormitório e não sentiu mais mal-estar algum.

A fim de certificar-se da causa das radiações nocivas, ele quis ver a planta do imóvel que habitava: uma canalização de esgotos passava sob o seu quarto de dormir.

Indo, alguns dias depois, visitar uns parentes que moravam também em Paris, contou-lhes o que acabava de lhe acontecer. Ali também sofriam indisposições inexplicáveis. Um exame pendular revelou logo múltiplas radiações nocivas e o estojo-Poconeol indicou o remédio. Desta vez não foi o vermífugo, porém duas outras fórmulas que sanearam o apartamento...

O edifício está construído sobre um terreno antigamente pantanoso.

4º Uma família acabava de alugar uma bela casa, confortável, bem ventilada, muito seca, reunindo pois todas as condições desejáveis de salubridade.

Num grande quarto foi instalado um leito que, de noite, parecia ser sacudido. Seu ocupante não consegue nele dormir: parece-lhe que o sacodem. Seria arte do diabo? Uma alma temerosa poderia acreditá-lo.

Eram simplesmente radiações provindo da adega. Colocaram-se aparelhos, a fim de combatê-las e tudo acabou.

Quem sabe se muitas casas, tidas como assombradas, não o são pelas radiações nocivas?

5º Acabo de receber uma carta na qual um doente me escreve: "Passo muito melhor depois que mudei minha cama de lugar. Com efeito, enviei uma planta de minha casa ao Centro de Radiestesia e sobre ela traçaram uma linha de radiações nocivas que

passa justamente por debaixo da minha cama. Minha recaída data de cinco anos, da época em que minha cama foi posta nesse lugar que acabo de deixar."

6º Para terminar, eis um caso ainda mais extraordinário.

Limoges possui ótimos radiestesistas que me perdoarão por citá-los aqui: o Snr. Pierre Morin e o comandante Treillard, a quem se recorre frequentemente para pesquisas de desaparecidos.

O Snr. Morin contou-me que, solicitado para procurar o corpo de um homem que se afogara no Vienne, conseguiu fazê-lo servindo-se de um mapa do estado-maior. Ora, muito antes de chegar ao ponto provável onde o afogado devia ter-se atirado à água, antes até de haver atingido o Vienne, o pêndulo achou-se fortemente atraído, perto de Solignac, nas margens do Briance.

O afogado não estava certamente ali. O que poderia ter acontecido? Para certificar-se, o Snr. Morin foi ao local.

Achou, com efeito, num prado que margeia o Briance, uma irradiação intensa que lhe provocou um sério mal-estar.

No dia seguinte, recomeçou a experiência com um resultado semelhante, isto é, levou do prado um mal-estar tão grande quanto o da véspera.

Temendo estar se sugestionando a si mesmo, pediu a seu amigo, o comandante Treillard, que o acompanhasse numa pesquisa em certo prado. Evitou cuidadosamente de falar nas suas indisposições.

Ora, o comandante Treillard, antigo colonial, voltou do prado com uma forte crise de paludismo que o obrigou a guardar o leito dois dias, crise provocada num instante pelas radiações que emanavam da linha que o Snr. Morin tinha determinado sobre o mapa.

Chamado dois anos mais tarde a fim de procurar uma criança afogada no Briance, o Snr. Morin parou para falar com um habitante de Solignac e chegou a comunicar- lhe a notícia do mal-estar que experimenta cada vez que passa por esse prado e naquele lugar.

Qual não foi seu espanto ao ouvir o bom homem contar-lhe que ele também se sente mal quando ali passa e que, contando a criança que se estava procurando, era já o quinto afogado que tinha visto atirar-se à água nesse local.

Que conclusão se pode tirar destas coincidências, senão que aqueles que se queriam afogar e margeavam o rio para procurar um lugar propício, eram pobres doentes que, chegando na zona das radiações nocivas, tinham seu mal tão agravado que lhes faltava forças para ir mais adiante ?

Não devemos rir quando se fala em radiações maléficas do subsolo.

Os que desejam construir uma casa ou um estábulo fariam bem em assegurar-se que o terreno escolhido não está infestado de radiações más e perigosas.

E se, numa casa, a mesma moléstia aparece com frequência, porque não a fazer examinar por um bom radiestesista?

Não se deve, em todo o caso, acusar apressadamente uma casa ou um terreno de ser a causa de doenças, por exemplo do câncer. Não constitue dúvida para os radiestesistas especializados no estudo das radiações nocivas que existem casas cujo subsolo insalubre dá origem a radiações que favorecem, precipitam a eclosão ou o desenvolvimento do câncer. Mas que toda a casa onde se acha um canceroso seja uma casa de câncer, é outra cousa. Para que razoavelmente se possa suspeitar que o seja, é preciso: 1º que o doente a habite há longos anos; 2º que tenha havido nessa mesma casa vários casos de câncer.

Até com as pedras preciosas deve-se tomar precauções antes de escolher as que se deseja usar. Tal pedra, inofensiva ou favorável a uma pessoa, pode ser prejudicial a outra.

Eis um fato:

Uma senhora pediu, por curiosidade, a Mademoiselle Andrée Delmas que a examinasse; esta acedeu amavelmente, embora totalmente inexperiente neste gênero de trabalho. Aproximou-se dela, mas apenas colocou a mão esquerda em antena estremeceu e precisou recuar até o canto mais afastado do salão. Cada vez que a experiência foi reiniciada o resultado foi o mesmo. Mademoiselle Andrée Delmas, não podendo suportar o choque, precisava afastar-se.

A testemunha que me contou o caso, homem de toda a confiança, tendo reparado num grande diamante na mão da senhora, teve a ideia que talvez fosse ele a causa da impressão tão forte experimentada pela moça. Pediu à senhora que tirasse um instante o seu brilhante, após o que Mademoiselle Delmas pôde examinar sossegadamente a pessoa em questão que, aliás, gozava de excelente saúde.

Impunha-se outra experiência para se poder ter a certeza de que o diamante era mesmo a causa do choque insuportável. Mademoiselle Andrée Delmas tentou aproximar-se dele, com a mão esquerda em antena e não conseguiu. Foi todas as vezes obrigada a afastar-se. A prova estava feita. O brilhante era para ela perigoso, enquanto que sua proprietária o usava sem nenhum prejuízo para sua saúde.

CAPÍTULO V

AS RADIAÇÕES NA ATMOSFERA

Parece que Aristóteles disse nalgum lugar que o mínimo movimento que fazemos com a extremidade do dedo repercute até ao fim do mundo. Nenhum radiestesista o contradirá, muito ao contrário. Para nós, não é apenas o movimento que fazemos que se repercute, mas todo o nosso ser. As radiações que nosso corpo emite se espalham na atmosfera. A vida não é movimento? Todo ser material, já que se compõe de átomos, e o átomo de um nêutron e de elétrons, é, também ele, um movimento. Porque os bombardeios com que se gratificam os átomos não teriam também seu eco longínquo?

Dissemos que Mme Barret, de Bordeaux, exercia, a uma distância de vinte centímetros mais ou menos, uma influência tão forte sobre os frutos e os animais que os tornava imputrescíveis. Da mesma maneira ela curava certas enfermidades.

Evidentemente vinte centímetros não são o fim do mundo, mas se ela tivesse estendido a sua influência benéfica a cem, a mil quilômetros, ou a uma distância qualquer, não teríamos o direito de concluir que as radiações de suas mãos iam até lá? E que as nossas podem ir tão longe, em uma palavra, que as radiações de nosso corpo enchem o universo?

Mme. Barret não pensou certamente em fazer esta experiência. Há perto de cinquenta anos, exercer uma ação a vinte centímetros de distância era um fato digno de excitar a admiração dos médicos. Esta experiência é feita diariamente. Ouçamos esta história:

Ouvi um dia falar de uma pessoa que curava os doentes a distância e quem me falou nisso ofereceu-se para levar-me à casa desse extraordinário curandeiro. Agradeci.

Curar a distância não me parecia boa cousa...

Passando novamente por essa região, soube que o curandeiro desejava conhecer-me. Informei-me de seu modo de agir. Mandava rezar missas, orações, colher certas plantas a horas fixas, etc.? Outras tantas práticas usuais dos feiticeiros. "Não, asseguraram-me; o Snr. pode ir sem receio. E fui.

Encontrei um homem instruído, muito calmo, perfeitamente senhor de seus nervos. Queria perguntar-me se podia, em consciência, continuar a dedicar-se às suas ocupações "caridosas".

Explicou-me como fazia passar sob seus dedos fotografias de doentes, umas após outras. Não chega a tocar ura minuto em cada uma. E' um desfilar diário de várias centenas de fotografias sob seus dedos. E' verdade que as mesmas voltam frequentemente; ele as retém durante meses, uma vez que o efeito da imposição de suas mãos é, em geral, lento em manifestar-se.

"Tem alguma fórmula secreta que pronuncia ao tocar as fotografias?" perguntei-lhe ainda.

"Nenhuma, disse ele. Mas como sinto que os resultados que obtenho ultrapassam o que eu poderia fazer sozinho, peço a Deus que me ajude a aliviar os doentes que me são recomendados."

"O Snr. prescreve orações aos doentes?"

"Nenhuma."

"Então não vejo em virtude de que princípio o Snr. não poderia continuar. Mas que resultados tem obtido?"

Contou-me casos de melhoras inverossímeis. Fui-me embora pasmado, devo confessar.

Por minha vez, consultei teólogos. Não encontrei nenhum que me censurasse por não ter condenado esse processo.

A fim de informar-me melhor ainda, antes de falar no assunto neste trabalho fui fazer uma visita ao Snr. X..., sem me anunciar.

"O Snr. tem alguns resultados recentes que eu pudesse apresentar?", perguntei-lhe.

Estendeu a mão sobre uma mesa colocada perto da sua escrivaninha e disse: "Olhe esta fotografia de uma coluna vertebral e leia o que o radiologista nela escreveu."

Li: "Duas vértebras fraturadas e duas ou três outras encravadas umas nas outras."

"Repare bem na data", insistiu ele.

Havia-se passado um mês desde que a radiografia tinha sido tirada.

"Agora leia esta carta que acabo de receber." Nessa carta o acidentado em pessoa exprimia-lhe seu reconhecimento, dizendo que não tinha sido engessado, ainda que os médicos lhe tivessem garantido que precisaria ficar assim ao menos seis meses. Tinha não somente evitado o gesso, mas levantava-se e começava a andar sem muletas e sem bengala.

"Leia também esta carta que acabo de abrir."

E a carta dizia, em resumo: "Posso estender meu braço sem poder, no entanto, virar minha mão para cima."

Tratava-se de um braço atrofiado e teso há trinta e cinco anos, em consequência de uma paralisia infantil.

E li outras cartas mais ou menos parecidas, tomadas ao acaso.

"O Snr. cura então todos os doentes?", perguntei.

"Naturalmente que não, respondeu ele, e não compreendo porque alguns ficam curados e outros não. Não há regra para isso. Há doentes gravemente atingidos que se curam, como o Snr. acaba de verificar, enquanto que outros que não têm quase nada não obtêm melhoria alguma."

Eu quis ainda saber onde estavam seus doentes.

"Um pouco em todos os departamentos da França, respondeu-me, na Suíça, na Bélgica, em Marrocos, na América..."

Como vemos, o Snr. X... consegue mais que a senhora de Bordeaux, e sua ação a distância não vem provar que suas radiações não têm limites? As suas como as nossas, as nossas como as de todos os corpos.

Quis eu mesmo fazer essa experiência. Era no domingo de Ramos de 1938.

Eu tinha nesse dia a honra de receber em minha casa o Snr. Dr. M...

Como que de propósito, achei na minha correspondência uma carta de um jovem pai de família, amigo de infância de um dos nossos religiosos, missionário em Mato Grosso. Valendo-se dessa amizade ele me suplicava que o socorresse imediatamente, pois sua filhinha, de dezoito meses, estava em perigo de vida. Estava sofrendo de uma febre que nenhum remédio conseguia fazer baixar.

"O Snr. é a minha única esperança, escrevia ele, não me abandone."

Eu ia talvez desiludi-lo, pois a lei eclesiástica me proíbe de exercer a medicina, aliás como a lei civil. E' verdade que nos casos extremos a lei positiva não obriga: não é permitido, mesmo no dia do sabbat, retirar da fossa o asno ou o boi que nela caíram? Enquanto procurava uma solução para este caso de consciência, pensei: "Mas é simples, pois está hoje em minha casa um médico, e um médico radiestesista."

"De bom grado farei eu mesmo o exame e a receita", respondeu o clínico ao meu pedido.

O pai da criança tinha enfiado no envelope uma boa mecha de cabelos da menina doente. O exame foi fácil e rápido.

Tínhamos o remédio à mão, mas era domingo; o correio estava fechado; ora, o caso era muito urgente.

"Doutor, disse eu, vamos fazer a experiência. Vou enviar o remédio por T.S.F. e ele fará imediatamente efeito."

"Que quer o Snr. dizer?"

"Vai ver já."

Espalhei a mecha de cabelos sobre uma folha de papel; sobre os cabelos coloquei o remédio e, para reforçar o remédio, pus minhas duas mãos, a pouca distância, por cima. Eram mais ou menos onze horas quando comecei. Fiquei assim uns dez minutos. Eu retirava as mãos e as recolocava de tempos a tempos.

Depois do almoço fiz algumas imposições das mãos da mesma maneira e, pelas três horas, telefonei ao pai da doente a fim de pedir-lhe notícias e recomendar-lhe que mandasse buscar o remédio, na mesma noite, em casa do Dr. M..., em Toulouse.

Tive a satisfação de saber que pelas onze horas e meia a doente se tinha sentado e pedido os brinquedos; em seguida, tinha aceitado a mamadeira que há vários dias não tomava e adormecera.

Cometi um lamentável lapso; eu deveria ter recomendado que não dessem nenhum outro remédio à criança. O Dr. M... também não pensou nisso quando entregou, à noite, o medicamento que o pêndulo havia indicado como excelente. A menina seguiu o tratamento dos médicos e o do Dr. M..., cousa que provocou vários acessos novos de febre. No entanto, três dias depois estava salva.

Deve-se notar que durante a noite do domingo para segunda-feira a criança ficou calma: eu tinha colocado sobre seus cabelos um frasco do remédio.

Mais tarde, falando desse caso a um Padre salesiano que voltava de Roma, ele me disse: "E' um fato conhecido! Um de meus confrades que ocupa um posto elevado e que é radiestesista falou-me em ondas "medicate". "Para traduzir esse qualificativo italiano seria necessário empregar um neologismo e dizer: ondas "medicinadas", portadoras de remédios.

Fiquei contente de saber que aquilo que eu tomava por uma novidade era conhecido na Itália e em Roma.

Esses diversos exemplos nos mostram a existência simultânea de dois fenômenos:

1º A extensão das ondas a distâncias impossíveis de medir;

2º A possibilidade de dirigir essas ondas, as próprias ondas e as de um remédio, para uma meta determinada — isto, por um ato da vontade.

Se eu tivesse dado estas duas conclusões como premissas deste capítulo, poderiam dizer que eram hipóteses fantasistas. Poder-se-á dizê-lo, agora que as deduzo de fatos numerosos e certos?

Será mais difícil captá-las?

Encontrei, num livrinho datando de três séculos, uma receita para fazer cessar hemorragias, receita difícil e muito demorada para preparar, mas que se relaciona de modo estranho com as ondas "portadoras de remédio" de que aqui se trata.

Não endosso o que diz o autor do livro, nem tentarei executar a receita; ficarei só com a ideia que mostra que nada de novo existe sob o sol e que as teorias que nos fazem arregalar os olhos de espanto eram conhecidas, quando ainda estávamos longe de nascer, mais ou menos como nós as concebemos hoje.

Trata-se pois de uma receita: suponhamos que a temos nas mãos e que me feri ou que tenho uma hemorragia qualquer. Para fazer cessar o sangue, diz o autor do velho livro, coloque-se algumas gotas de sangue sobre um pano e ponha-se o pano perto do remédio num armário; o ferimento cessará de sangrar, a hemorragia estancará. Pouco imporia que seja perto ou longe do doente. "Onde medicate", como dizem os italianos, ondas portadoras de remédios, ondas medicamentosas.

Haverá relações estreitas entre certos elementos minerais ou vegetais e os humanos? O mundo das ondas e das influências que exercem umas sobre as outras abre à nossa curiosidade perspectivas que excedem e desconcertam nossa imaginação.

CAPÍTULO VI

EXISTEM RADIAÇÕES CEREBRAIS?

Nosso cérebro emite radiações físicas sob a ação do pensamento, radiações estas que permitiriam captar, com o pêndulo, o pensamento em passagem, como que em voo?

O pensamento dos anjos, estritamente espiritual, nunca será presa de um instrumento material, da mesma forma a alma liberada do corpo. Poderá ser de outra maneira, estando a alma ainda ligada ao corpo?

O pensamento do homem está intimamente ligado à matéria, tão intimamente que exerce sobre ela e dela recebe, ao mesmo tempo, uma influência profunda.

Em todos os nossos atos livres é o pensamento que dá o impulso à nossa atividade, mas só o pode fazer se tiver à sua disposição e serviço um órgão sadio, apto a recebê-lo, o cérebro.

O pensamento não aflora apenas o cérebro, como os dedos de um artista o teclado de um piano, sem nele deixar traços nem sinais. Grava-se nele, ali elegendo seu domicílio e respondendo a novos apelos.

Em resumo, o cérebro é como que o aparelho registrador do pensamento; é nele que se imprime e que o encontraremos tanto quanto a doença ou a velhice não tenham ainda vindo trazer-lhe desordem ou amolecimento.

A impressão do pensamento no cérebro é um ato físico, pois que seu efeito é físico e durável.

No momento em que se opera esta impressão, produz-se na matéria cerebral um choque e, em consequência do choque, uma vibração qualquer, por ínfima que seja, que o sistema nervoso recebe e amplifica e que, assim aumentada, repercute no exterior.

A existência desse choque inicial do pensamento sobre o cérebro parece-me difícil de contestar.

Poder-se-ia, quando muito, discutir acerca de sua amplitude, de seu eco no mundo exterior e da possibilidade de o percebermos.

Discutamo-lo.

Existe impedimento absoluto, "a priori", para que esta impressão física do pensamento, recebida pelo cérebro, seja captada por um instrumento? Não o vejo.

Quando muito se poderia dizer, como quando nos encontramos diante do infinitamente pequeno: "Esta impressão é tão oculta, tão tênue! Como poderia ser percebida?"

E' uma objeção que chamarei "ad omnia", um cliché sempre pronto e ao alcance de todos, quando não se sabe o que responder. Interroguemos os fatos e eles nos responderão.

Um passatempo conhecido consiste em dizer a alguém: "Pense numa cor ou pense numa capital em tal continente e eu adivinharei."

Aquele que falou tira o seu pêndulo e, segurando-o na mão, faz um trabalho semelhante. Pensa nas diversas cores ou nas capitais do continente designado. Quando pensar exatamente como seu parceiro poderá dizer-lhe: "Você pensou em tal cor ou em tal cidade." Por pouco hábil que seja, raramente se enganará. Não há aí nem embuste, nem bruxedo. Quando os dois pensamentos se encontram, diríamos, um em face do outro, há um acordo, uma harmonia, uma sintonização entre as radiações que provoca sua inscrição nos dois cérebros. O pêndulo registra por sua vez esse acordo, como acontece em todos os casos radiestésicos análogos.

Este fato não é único. Tenho dois que são pessoais e nos quais, sem querer e sem saber, captei o pensamento alheio. Citarei apenas um do qual tirarei, aliás, outro ensinamento útil.

Achava-me eu na Espanha e um médico desejava assistir a algumas experiências radiestésicas. Fiz-lhe uma: a do achar sua idade e acertei. Uma superiora de comunidade quis também que lhe dissesse a sua: não o consegui.

Aos quarenta e cinco anos, meu pêndulo girava positivamente, porém tão timidamente que não me inspirava confiança. A cinquenta e quatro anos aconteceu a mesma cousa e não pude fixar minha escolha entre essas duas idades. Confessei-o; a superiora, que mais tarde se tornou uma radiestesista eminente, respondeu: "Enquanto o Snr. procurava, eu pensava: tenho quarenta e cinco anos, tenho cinquenta e quatro anos, e não parei de pensar enquanto o Snr. segurou o pêndulo. Eu queria verificar se me era possível impor-lhe o meu próprio pensamento."

Ela o conseguiu perfeitamente. De onde tiro duas conclusões: a primeira — que é possível captar um pensamento atual e a segunda — que podemos impor nosso pensamento a outrem.

A primeira conclusão não pode sem dúvida ser generalizada. Em ambos os casos citados a captação do pensamento fez-se com a cumplicidade do indivíduo que pensava: um queria que se achasse sua idade; a religiosa queria impor seu pensamento. Será possível a captação de um pensamento íntimo, inteiramente encerrado em nós mesmos? Não o creio.

A segunda conclusão convida os radiestesistas a usarem de maior prudência quando fizerem experiências em público, mesmo diante de uma assistência restrita.

Existindo a seu lado alguém que queira perturbar seu trabalho e estando eles sem desconfiança, podem estar certos de fracassar. Eis os parasitas que devemos temer.

Consideremos a primeira conclusão que constitue o assunto deste capítulo: a possibilidade de captar certos pensamentos humanos. Queiram notar bem que me refiro a pensamentos atuais, do momento presente e que não devem ficar como segredos do coração.

Não falemos de pensamentos futuros; eles não existem, não exercem sobre o cérebro nenhuma ação por onde se possam colher.

Que dizer dos pensamentos que chamarei de coletivos, pensamentos fortemente gravados, já discutidos e que deram lugar a decisões escritas? Tais pensamentos exprimem uma mentalidade, uma maneira de ser do espírito que subsiste. Foram manifestados a diversas pessoas; ficam, pois, senão positivamente atuais, pelo menos de uma certa atualidade. Citarei um exemplo:

Um estado-maior acabava de estabelecer um plano de campanha, plano este adotado após uma discussão cerrada; as ordens são escritas, prontas para serem executadas. Com efeito, muita gente está pensando nisso.

Se nesse momento o estado-maior inimigo tiver feito várias suposições para adivinhar as intenções de seu adversário; se, entre essas suposições, houver uma que se enquadre no plano que vai ser executado, um bom radiestesista deve poder descobri-la e dizer: "E' este o plano e não outro."

Neste caso o radiestesista apanha um conjunto de pensamentos. E' como no rádio quando, em vez de um cantor, se ouve um concerto. Ouve-se tão bem um como o outro.

Um exemplo surpreendente do que precede nos é dado pelos trechos seguintes de cartas do comandante de La Bastide. Escrevia-me ele em 2 de agosto de 1939:

"Há vários anos que só me ocupo de questões militares e, em consequência, da leitura do pensamento.

"Trabalhei nessas questões juntamente com meu amigo, o coronel de France, do Escritório de Informações do Ministério da Guerra; infelizmente ele faleceu repentinamente, há um ano, das consequências de um ferimento de guerra. Dentro de alguns dias vou partir para estudar as questões militares no acampamento de La Courtine, com uma divisão de infantaria, como já tenho feito há alguns anos. Posso mesmo dizer-vos que a iniciativa partia do general G..., excelente radiestesista, mas... que não consegue suplantar o peso morto dos cientistas. Em tempos de paz, nada de radiestesia existe. Talvez fosse diferente em tempo de guerra, apesar da oposição de certas comissões e apesar do desaparecimento do coronel de France.

"Por isso, senti-me particularmente satisfeito ao ler vosso capítulo VI, 2* parte, e vosso capítulo III, da 4ª parte. Vou levar vosso livro para La Courtine e tenciono comunicá-lo aos generais com os quais terei de trabalhar.

"Não é só na França que existe um "bureau" militar. Os tchecoslovacos tinham perfeitamente conhecimento do alemão. Queriam organizar cousa semelhante e eu devia ir a Praga para organizá-lo. Tinha já enviado as instruções básicas dessa organização, mas infelizmente os acontecimentos se precipitaram." Em 26 de agosto de 1939:

"Sim, minhas pesquisas foram coroadas de êxito, mas no limite de meus prováveis enganos — 70 a 80 % de realidade contra 30 a 20 % de erros.

"Não pude ver X..., porém seu braço direito, o general G... Conversei um instante com ele e ao voltar para aqui, a seu convite, enviei-lhe um relatório sobre as operações de La Courtine."

Em 25 de outubro de 1939:

"Tenho o prazer de anunciar-vos o completo sucesso de nossas diligências a fim de obter a adopção da radiestesia militar.

"Em La Courtine, o general comandante da n® D., com quem eu trabalhava, tinha se impressionado com meus resultados. Chamava-me de feiticeiro, mas era obrigado a convencer-se.

"Desde que a guerra foi declarada eu lhe enviava semanalmente um cálculo estimativo sobre os efetivos alemães na frente oeste. Estas informações, enviadas ao G.Q.G., foram sempre achadas exatas.

"Enfim, a 10 de outubro, além do cálculo dos efetivos, pude anunciar para o dia 16 de outubro um ataque ao longo do Moselle, depois mais a leste. Minha informação foi transmitida ao G.Q.G. e, como correspondia aos movimentos que eram observados, confirmou as previsões.

"De um golpe, nossa causa foi ganha. No dia 18 o general B... convidava-me a tomar a direção desse serviço no exército e sei, por outro lado, que estão procurando gente competente no "front", para a organização do serviço.

"Aceitei o convite para pôr-me às ordens do general B... e estou à espera da carta que me chegará por via hierárquica e pela chefatura de polícia, creio, até o fim de semana.

"Só me faltará regularizar minha situação militar em Angoulême e pôr-me a caminho para os exércitos em campanha. Já fiz toda a ultima guerra; vou fazer a nova, mas em outras condições, a idade não me permitindo mais habitar trincheiras. Já tive quanto me basta, de trincheiras, durante quatro anos e meio."

Nota. — O comandante de La Bastide iludiu-se: suas diligências não deram resultado. Por causa da idade avançada ele precisava de uma autorização especial para voltar ao serviço: esta lhe foi recusada.

Lançou-se um apelo no "front", convidando os radiestesistas a se apresentarem. Responderam sobretudo os incapazes e o negócio foi arquivado.

Nem todo radiestesista será capaz de fazer isso — é preciso treino e ser verdadeiramente bem dotado para obter êxito. Vou expor aqui o que me parece estar na ordem das possibilidades.

Resumo o que acabamos de dizer: perguntávamos se nosso cérebro emite radiações suscetíveis de serem registradas pelo pêndulo dos radiestesistas.

Respondi que não é difícil admitir que o pensamento, gravando-se na matéria cerebral, produz nela um choque vibratório.

Quanto à repercussão desse choque no mundo e à possibilidade de o captar radiestesicamente, deixei aos fatos o encargo de responder. Fizeram-no afirmativamente: que raciocínio lhe poderemos opor?

Resta que podemos captar, nas condições especificadas, certos pensamentos individuais muito pronunciados, pensamentos coletivos provavelmente, nunca pensamentos futuros. Nem falemos nas extravagâncias dos que pretendem conhecer se uma alma está ou não em estado de graça; são tão criteriosos e bem informados quanto o pendulista que assegurava (talvez ainda o esteja garantindo) ter achado o ponto de apoio sobre o qual a terra repousa.

Quando digo que é possível descobrir certos pensamentos, falo apenas da teoria, e não para animar alguém a fazê-lo. Há curiosidades que a moral condena e que não nos podemos permitir, da mesma forma que não abrimos gavetas do vizinho para surpreender-lhe os segredos.

Se existem abusos da radiestesia que seja preciso condenar, esse é um deles. Mas os indiscretos não precisam de segurar um pêndulo para sê-lo.

No n° 105, de setembro de 1939, do "Boletim da Sociedade francesa de Eletricistas", havia um artigo interessante sobre o registro da tensão elétrica gerada pelo córtex cerebral.

O modo como se faz esse registro importa pouco ao assunto de que estou tratando aqui, mas a possibilidade de constatar cientificamente e de registrar, logo de medir e diferenciar a tensão elétrica do cérebro segundo o estado da pessoa, não supõe aquele choque que chamo de vibratório? Com efeito, com auxílio de certos instrumentos pode-se obter gráficos diferentes, conforme o paciente tenha os olhos fechados ou abertos, esteja dormindo ou acordado.

Por este processo chega-se a distinguir certos casos de epilepsia. Não há razão para que a aplicação da eletroencefalografia ao diagnóstico médico não seja generalizada. O mais difícil é descobrir o método; seus modos de aplicação vêm em seguida.

Mas o que há de comum entre a encefalografia e a radiestesia? Nada, se quisermos. Não poderemos, no entanto, ver nelas uma semelhança, um mesmo ponto de partida; as ondas emitidas pelo cérebro na encefalografia, emitidas por todos os corpos e por cada uma de suas partes segundo a radiestesia...

Uma vez que já se verificou que a epilepsia tem uma frequência de tensão eletro-cerebral especial, não se poderá achar que seja possível e deva mesmo acontecer cousa semelhante ao menos com as moléstias mais graves, as que apresentam sintomas muito particulares? Então se compreenderia que os radiestesistas possam, em pessoa, com uma sensibilidade análoga ou maior, captar essas ondas de tensão. Eles seriam simplesmente os precursores. As descobertas científicas (e começam a fazê-lo) confirmariam sua teoria.

Não podemos imaginar que um aparelho mais sensível que o eletroencefalógrafo registre, algum dia, as mudanças de tensão cerebral e nervosa geral do radiestesista, enquanto ele faz um exame médico ou uma pesquisa qualquer?

Da mesma forma, poderemos nós supor que esse aparelho, ainda por construir, registre as variações de ondas elétricas segundo os doentes, permitindo assim fazer diagnósticos quase infalíveis? Nota-se, com efeito, algumas vezes no radiestesista certos formigamentos na ponta dos dedos e os fenômenos já assinalados de dor em presença de determinados doentes, como os cancerosos, por exemplo.

Os pacientes também sentem frequentemente uma espécie de choque, uma sensação de calor ao serem examinados.

Tais fenômenos não se explicam sem uma modificação física no examinador e no examinado.

Poder-se-ia achar um aparelho bastante sensível para registrar essa modificação? Os americanos já não o possuem? Lembremo-nos do que foi dito no capítulo II da segunda parte. Seja como for, as descobertas científicas recentes nos encaminham para outras surpresas cuja perspectiva só pode regozijar e encorajar os radiestesistas.

CAPÍTULO VII

AS RADIAÇÕES PODEM SER CAPTADAS A VONTADE?

Uma das pesquisas radiestésicas que mais surpreende é a que se faz sobre fotografias e plantas. Concordo que seja espantosa e julguei-a impossível a primeira vez que dela ouvi falar. Todos nós, em presença de tais fenômenos, experimentamos o mesmo sentimento de surpresa e quase de escândalo. Temos, em seguida, reações diferentes conforme o nosso temperamento.

Rendi-me à evidência: é suficiente uma fotografia, uma planta, para fazer-se um diagnóstico ou uma pesquisa do subsolo. Hão de me dispensar de fornecer aqui exemplos: na continuação desta obra há um grande número. O que no momento nos interessa é saber como isso acontece.

Os capítulos precedentes nos fornecem elementos de apreciação. Com efeito, tentei demonstrar não somente que os corpos irradiam, mas que suas radiações enchem a atmosfera e se espalham por distâncias incomensuráveis. Testemunhas disso são as melhorias ou as curas a distância, pela simples imposição das mãos sobre uma fotografia ou sobre cabelos dos doentes, ou sobre qualquer cousa proveniente deles.

De outro lado, acabamos de concluir, na página precedente, que quando duas pessoas pensam na mesma cor ou na mesma cidade, ou em qualquer outra cousa, ao mesmo tempo — se uma delas segura o pêndulo na mão, este por suas rotações positivas indica o acordo entre os dois pensamentos.

Temos aí os elementos necessários para compreender que um diagnóstico pode ser feito com auxílio de uma fotografia e uma prospecção por meio de uma planta.

A pessoa a examinar, em virtude do primeiro princípio, envia suas radiações ao espaço; ela está, por assim dizer, presente ao operador que faz o diagnóstico.

Em virtude do segundo princípio, o radiestesista não tem mais nada a fazer senão pôr-se pelo pensamento de acordo com a pessoa e proceder ao seu exame como se esta pessoa estivesse no próprio lugar da fotografia.

A planta do terreno oferece as mesmas vantagens ao prospetor que opera de maneira idêntica.

A fotografia e a planta têm apenas uma finalidade, a de permitir a tomada de contato entre o radiestesista e a pessoa ou o terreno a examinar. Uma vez estabelecido esse contato, recaímos no caso das pesquisas no próprio local.

A fotografia e a planta se bem que não irradiem nada da pessoa ou do terreno, são os meios que tornam fácil essa tomada de contato, mas não são absolutamente necessárias. O conhecimento pessoal dos lugares ou pessoas pode dispensá-las.

Os nomes e prenomes, com endereço exato da pessoa, permitem examiná-la por mais longe que esteja, contanto que não haja na mesma casa duas pessoas exatamente com os mesmos nomes. Isto só se deve fazer em casos de extrema necessidade, concordo, mas estou falando aqui apenas do que que é possível e não do que convém fazer.

Pessoalmente, lembro-me de havê-lo feito apenas uma vez.

Um dos nossos missionários de Mato Grosso, Monsenhor Rey, estando para partir novamente, para sua missão, pediu-me que lhe fizesse mais uma demonstração da eficácia do meu método. Tratava-se de dizer o que tinha um de seus amigos, gravemente doente, à distância de mais de cem quilômetros.

Na falta de uma fotografia ou de um manuscrito do doente, tive de contentar-me com tomar seu nome, prenome e endereço. Depois operei como se faz com o doente presente, servindo-me do estojo de testemunhas-remédios.

Examinei diversos sem nada achar, depois o pêndulo deu uma rotação positiva e ligeira na tuberculose pulmonar, na tuberculose generalizada, enfim amplos giros na tuberculose intestinal.

Dei sucessivamente estas diversas indicações a Mons. Rey e, na última, acrescentei:

"E' inútil levar o exame mais a fundo, o doente está perdido."

"E' exatamente isso, respondeu Mons. Rey, com a diferença que o Snr. achou o mal num instante, enquanto que a Faculdade levou seis meses. Tem algum remédio?"

"O Snr. bem sabe que não posso tratar doentes. Aliás, este aqui não vai durar muito."

Poderão objetar-me que talvez o meu exame consistiu simplesmente em captar o pensamento de Mons. Rey que conhecia a enfermidade e, sem dúvida, estava pensando nela nesse momento. A isso, nada teria eu a responder. E' possível que assim tenha sido, mas a tese que sustento, a saber, que captamos as radiações à vontade, não está menos confirmada: eu quis captá-las e captei-as. Pouco importa que fosse de uma ou de outra maneira.

Captar à vontade as radiações alheias equivale a dizer que possuímos a faculdade de abrir ou fechar a nossa sensibilidade à sua influência, da mesma forma que possuímos a de falar, andar, usar nossos membros e os outros sentidos.

A primeira vista, parece impossível.

Primeiramente, de que modo as radiações dos corpos nos afetam? Será preciso recorrer a um novo sentido, ignorado até nossos dias? Não vejo necessidade disso: o sentido do tato, espalhado por todo o nosso corpo, é amplamente suficiente para recebê-las. Nosso corpo é uma antena de primeira ordem.

Faça a experiência tocando com a ponta do dedo o botão de seu aparelho de T.S.F. durante uma emissão. Ficará surpreendido da força que seu dedo comunicará ao aparelho; ao menos com aparelhos dos mais aperfeiçoados tal cousa acontece. Normalmente não percebemos que as ondas sonoras nos impressionam e, no entanto, elas o fazem. O mesmo sucede com as radiações.

Porém, recebendo nós pelo tato as radiações dos corpos, segue-se necessariamente que tenhamos a faculdade de eliminar as que não desejamos perceber e de reter as de nossa preferência? Somente os fatos podem responder a essa pergunta, como a muitas outras.

Respondem afirmativamente. Acabo de citar um exemplo e prometi mencionar ainda muitos outros no curso deste livro. As pesquisas sobre plantas e fotografias são de uso corrente e dão excelentes resultados, tão bons quanto e por vezes melhores do que o trabalho feito sobre o próprio local.

TERCEIRA PARTE

MINHA TÉCNICA OU COMO OPERO

Capítulo primeiro

VARINHA E PÊNDULO

1º Como se percebem as radiações?

Regra geral

As radiações, como dissemos, enchem a atmosfera, à maneira das ondas curtas. Como estas, escapam ordinariamente aos nossos sentidos e precisamos de instrumentos para apanhá-las na passagem. Entretanto, excepcionalmente, algumas pessoas podem percebê-las sem aparelho; citamos numerosos casos.

Exceções

Pessoalmente, já tive ocasião de encontrar indivíduos que possuíam a percepção da presença de água subterrânea a qualquer profundidade. Um deles, camponês robusto e bem equilibrado, reconhece a presença da água usando as mãos como antenas; virando-as em diversos sentidos, ele aprecia a direção da corrente oculta. Várias vezes sua opinião foi verificada por rabdomantes e reconhecida exata.

Um outro, jovem padre, sente no cruzamento de águas subterrâneas uma sensação de frio. No mesmo caso, uma terceira pessoa tem a singular impressão de que seus sapatos se enchem de água e não tarda a sentir calafrios.

Sob a diversidade das sensações reveladoras, o fato evidenciado é o mesmo.

Visão direta das emanações do corpo humano

Nesta ordem de percepções raras pode entrar a da visão direta das radiações periféricas humanas. Uma única vez tive ocasião de ser informado deste caso, em vista de sua raridade. A singularidade desta circunstância merece que me demore a contá-la:

Durante uma palestra sobre as radiações humanas, um radiestesista competente explicou-me no que consistiam essas radiações e de que maneira certos indivíduos, raros, é verdade, as veem naturalmente, mais ou menos nitidamente. Disse-me que este fato não é desconhecido e que recentemente um radiestesista eminente, o Doutor Leprince, em seu livro: "Pêndulo e Médico", página 81, havia citado as experiências do professor Cremonese; este obteve sobre chapas fotográficas, isoladas em papel preto e postas em contato com o corpo, impressões de claridade de uma nitidez que, segundo o experimenta dor, não podem deixar duvidas. Além disso, um outro experimentador, M. Muller, teria igualmente identificado um agente físico-químico, emitido pelo corpo humano, que chamou de "anthropofluxo" e que seria a consequência de uma emissão de elétrons, modificando a condutibilidade dos isolantes. O que há então de extraordinário em que certos indivíduos tenham uma percepção análoga à da chapa fotográfica? Demais, há muito tempo já foi assinalada a existência das emissões luminosas coloridas das extremidades digitais e enfim os "campos elétricos" que constituem as auras, bem descritos pelo mesmo doutor Leprince.

Parece-me que a este conjunto de fatos já constatados é que responde a possibilidade da visão luminosa assinalada pelo meu interlocutor.

Se me demoro um pouco a falar Nestes interessantes detalhes é porque meu interlocutor me contou que ele mesmo há muito tempo cultivava com êxito essa aptidão e conseguira com relativa facilidade obter a visão dessas duplas auras.

Pude inteirar-me em seguida da realidade desse caso e das indicações que, para a apreciação do estado de saúde, podiam fornecer as variações de intensidade luminosa.

Logo após nossa conversa pedi-lhe, com efeito, que me dissesse o que lhe indicava esse gênero de exame, aplicado imediatamente à minha pessoa. Ele de bom grado consentiu e me declarou logo que o estado de difusão de fraca intensidade luminosa que verificava, correspondia, em mim, a um estado de fadiga que exigia um repouso geral prolongado — o que era exato.

Dois meses depois, tendo-o encontrado novamente, perguntei-lhe à queima roupa, o que poderia dizer do meu estado de saúde, usando o mesmo método. Após um rápido golpe de vista, garantiu-me que meu estado de saúde não parecia ter melhorado — o que era verdade. Tornamos a ver-nos pelo fim do dia. Eu havia repousado alguns instantes durante a tarde, tendo podido então recomeçar meu trabalho de escritório. Tinha acabado de sentar-me à mesa, bem disposto, quando meu visitante voltou. A lâmpada, colocada atrás de mim, deixava meu rosto na penumbra enquanto que iluminava meu interlocutor. "O Snr. está bem agora à tarde, disse-me ele, nem tem comparação com esta manhã."

Descreveu-me o estado das radiações e as conclusões que podia tirar sobre meu estado atual. Contou-me como estas radiações variam conforme os indivíduos, o estado de saúde, a hora e também as regiões do corpo. A aptidão para percebê-las não é, na sua opinião, tão rara assim e poderia mesmo ser cultivada pela maioria das pessoas, segundo suas disposições naturais, sem que houvesse nisso nada de extraordinário. Minha convicção foi, aliás, reforçada em consequência de numerosas experiências deste gênero, feitas por ele na minha presença e sempre concordes com os fatos e com os exames pendulares.

Isto nos faz voltar à questão dos meios de percepção dessas radiações e que constitue o assunto deste capítulo: "Varinha e pêndulo."

Com efeito, ao lado e fora dessas possibilidades excepcionais de percepção direta, a regra comum é que um instrumento é necessário para testemunhar, por meio de movimentos visíveis e controláveis, a captação de certo número de radiações de natureza e origem bastante variadas. Dois tipos de instrumentos são geralmente admitidos e correntemente empregados: a varinha e o pêndulo.

2º A varinha

O que é

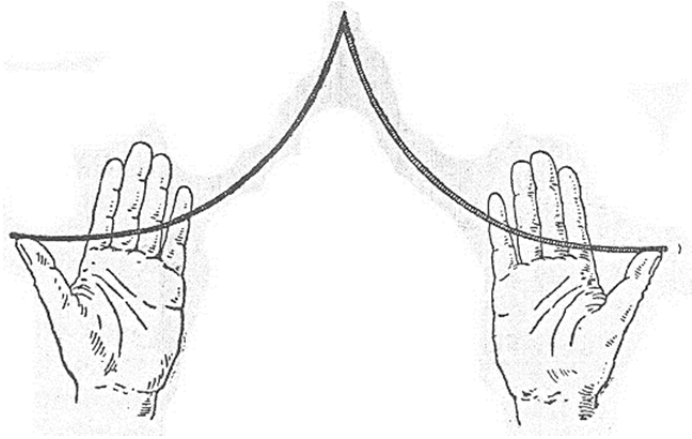


Fig. 1

A varinha, que foi o único instrumento empregado até nossos dias, consiste essencialmente numa haste flexível, dobrada cm ângulo aberto. Os missionários estarão cientes que para confeccionar uma varinha serve qualquer pau flexível, dos comumente usados na Europa e também no Brasil, com exceção talvez de algumas variedades ou espécies mal conhecidas que podem encontrar nas florestas virgens. Pode ser também feita de metal, arame de ferro ou de cobre, até mesmo com uma vareta metálica de guarda-chuva. Não discutirei as qualidades respetivas da madeira e do metal. E' suficiente para o missionário saber que uma forquilha ou dois galhos amarrados juntos pelas suas extremidades podem fornecer uma varinha provisória e assas eficiente, sobretudo em mãos bem adestradas.

Maneira de servir-se da varinha

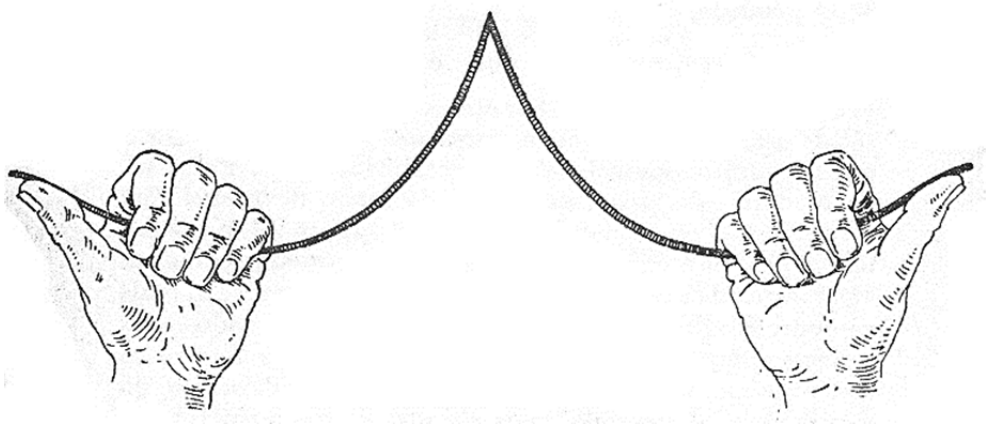


Fig. 2

Segure em cada mão uma das hastes da varinha, pegando-as somente com os dedos, com as palmas das mãos abertas e voltadas para cima, mantendo a varinha horizontal, com a ponta ligeiramente levantada. Feche as mãos de maneira que a varinha

se encontre na posição indicada (ver fig. 1 e 2); aperte-a com força como se quisesse evitar que ela gire: é esta a posição para trabalhar. Pegue nela somente quando estiver pronto para começar as pesquisas, a fim de evitar o cansaço das mãos e as câimbras dos dedos.

Quando se recebe a radiação procurada, a varinha vira apesar de todos os esforços para impedi-lo e, neste caso, se for flexível, torce-se ou quebra. Comumente ela descreve um movimento circular em arco, variável conforme a intensidade das radiações captadas e a sensibilidade do operador, da meia volta até uma volta completa e mesmo várias voltas.

Durante as pesquisas convém evitar de aproximar as mãos uma da outra, pois esse movimento, por ligeiro que seja, pode provocar o giro e induzir em erro.

3° O pêndulo.

O que é

O pêndulo é essencialmente composto de um corpo sólido pesando de cinco a quarenta gramas, suspenso a um fio muito flexível e leve, metálico ou não. Pode ser de madeira, de vidro, de cobre, de ferro, de rocha. Sua forma pode ser redonda, quadrada, pontuda, e parece ter pouca importância. Para certas pesquisas, como as aqui indicadas, a forma em pião alongado parece a mais cômoda. E aliás possível usar modelos aperfeiçoados com a parte interna escavada e permitindo colocar dentro as testemunhas, tal como o do abade Mermet. Para uso do missionário, o pêndulo mais simples é, em princípio, o melhor.

Modo de segurá-lo

Segura-se entre o polegar e o indicador da mão direita para os dextrogiros, da mão esquerda para os sinistrogiros, com o braço meio dobrado e não apoiado.

Quanto ao comprimento do fio, convém antes de cada pesquisa regulá-lo progressivamente até obter o movimento procurado. Pode ser que o comprimento do fio seja variável nas pesquisas de radioteluria, mas para as que se seguem uma primeira regulagem dá geralmente o comprimento adequado a cada operador; é fácil modificá-lo ligeiramente para cada caso. Pessoalmente, não faço caso da regulagem, todos os comprimentos me convém igualmente.

Quanto à cor, parece que em bioradiestesia seja de pouca importância; no entanto, não se pode negar que influi sobre o sistema nervoso do operador, como o demonstrou o Dr. Leprince (I, cap. VI). Uma cor neutra, como a do chumbo ou do bronze bruto, parece ter um mínimo de influência que se pode considerar desprezível. De fato, cada qual se habituará a usar o pêndulo à seu gosto.

4º Movimentos da varinha e do pêndulo.

Estudos profundos têm sido feitos para chegar a explicar as causas dos movimentos da varinha e do pêndulo: não insistirei sobre a exposição das leis físicas do pêndulo; elas se relacionam com fatos físicos e não é necessário relembrá-las. Uma vez que o pêndulo está seguro por um homem, este fato traz um elemento particular, de caráter biológico, do qual é preciso tomar conhecimento. Quanto à síntese dessas leis sob

este ângulo biodinâmico, pertence aos sábios e não ficaria bem ser apresentada e discutida aqui. Já disse, na segunda parte, o que penso a respeito.

Eis o que é preciso saber dos caráteres elementares e essenciais dos movimentos da varinha e do pêndulo.

A varinha tem apenas um movimento bem caraterístico: a rotação. Ela gira em sentido ascendente ou descendente, conforme as disposições do operador.

Que a rotação se faça de uma maneira ou de outra, tem sempre a mesma significação: indica que se achou o que se procurava.

Às vezes, a varinha parece estremecer entre as mãos; dá pequenas sacudidelas. E' indício de que se está na vizinhança do que se procura.

O pêndulo, ao menos para mim, é mais sensível do que a varinha, salvo para a prospecção da água. Seus movimentos são mais variados. Distingue-se a oscilação e uma dupla rotação, uma no sentido dos ponteiros de um relógio e outra em sentido inverso.

Seria talvez temerário atribuir a cada um desses movimentos uma interpretação absoluta, pois eles obedecem a influências delicadas, imponderáveis, como são as radiações dos corpos e sua passagem através do organismo humano, de sensibilidade desigual nos operadores. Estes mesmos são, por vezes, de polaridade diferente. Os movimentos do pêndulo podem não somente assumir uma maior ou menor violência, mas em certos indivíduos, que acreditamos serem raros, a mesma causa pode provocar rotações contrárias. Para estes indivíduos excepcionais, o pêndulo terá sempre movimentos que deverão interpretar num sentido contrário ao que vamos dar.

Devo, em verdade, dizer que até agora tenho encontrado pouquíssimas pessoas cujo pêndulo faça movimentos desse gênero. (Ver fig. 3.)

Vou expor aqui a interpretação que dou aos movimentos do meu próprio pêndulo.

A oscilação, movimento imitando o vai-e-vem do pêndulo de um relógio, começa devagar e ganha rapidamente aceleração: na pesquisa de água, é um sinal afirmativo. Este é o único caso em que lhe dou um sentido preciso. Em todos os outros, espero que se transforme em giros ou rotações.

A rotação ou giro no sentido das agulhas de um relógio é favorável à pessoa de que se trata. Por abreviatura, vamos denominá-lo movimento B, isto é BOM.

A rotação em sentido contrário indica alguma cousa de desfavorável à pessoa que se tem em mente. Vamos chamá-la movimento M, isto é MAU.

Assim, quando mais tarde procurarmos se um doente está tuberculoso, o pêndulo tomará o movimento M, se o estiver de fato.

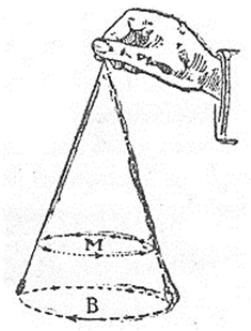


Fig. 3

Quando procurarmos depois se tal remédio lhe convém, o pêndulo girará em B, se o remédio for eficaz; e, se for prejudicial, tomará o movimento M.

Retenha-se bem esta interpretação dada aos movimentos do pêndulo, pois a ela recorreremos com muita frequência.

CAPÍTULO II

QUEM É RADIESTESISTA?
PODE ALGUÉM TORNAR-SE RADIESTESISTA?

A aptidão para a radiestesia é um dom como o de ser poeta, músico, matemático — aptidão que comporta graus diversos e a possibilidade de aperfeiçoamento.

Mas quem afinal não pode absolutamente tornar-se poeta, músico, matemático?

Não sendo anormal, cada um de nós pode, à força de aplicação, conseguir dar-se à versificação, à musica, à matemática. Todos temos uma certa aptidão para fazê-lo. A nós pertence desenvolvê-la com trabalho. Os grandes poetas, músicos, matemáticos são raros, o que não impede aos pequenos existirem.

O mesmo digo dos radiestesistas.

Qualquer indivíduo, até uma criança, está apto a tornar-se radiestesista, com mais ou menos facilidade. Os bons radiestesistas serão raros também, mas a seu lado encontraremos os menos bons e os medíocres. Um será medíocre em tal gênero de pesquisas e poderá tornar-se notável em tal outro ramo. A radiestesia admite especialidades entre seus adeptos.

Eis, ilustrando este assunto, a história interessante da pequena Mônica".

Fui de Bordeaux a Toulouse por estrada de ferro.

Achei, no compartimento onde subi, uma família composta de pai, mãe, um bebê que dormia numa rede presa ao porta-bagagem, e uma menina de seis ou sete anos. Depois veio reunir-se uma senhora grisalha que se acomodou na minha frente, num canto.

O trem partiu e comecei a recitar meu breviário.

A pequena devorava-me com os olhos. Sentada perto da mãe, porém ao meu lado, não podia ficar quieta. Parecia que um ímã a atraia para mim. Aproximava-se, olhava-me. Depois, vendo que eu não fazia caso da sua vizinhança, retirava-se, para voltar ainda e retirar-se novamente.

Evidentemente, ela esperava que eu lhe falasse.

Quando terminei minhas orações, fechei o livro.

Justamente ela se achava bem pertinho de mim. Eu não podia mais guardar silêncio; mas que dizer a uma criança de seis ou sete anos, quando a gente já tem setenta?

"E' bonito o meu livro, não é?" disse à pequena.

"E', sim", respondeu ela sorrindo.

"E' meu livro de orações."

"Sim", disse, aproximando-se mais um pouco.

"Você também reza?"

Ela respondeu com um grande "Oh! sim", acentuado por um sinal de cabeça afirmativo.

"Naturalmente que sabe rezar, disse a mamãe, ela até comungou."

Eu estava em boa companhia.

"Você acha que eu sou um padre?" perguntei à menina.

"Acho", respondeu.

"Um padre como os outros?"

"Sim."

"Pois bem! Não sou um padre como os outros."

A criança perdeu o sorriso e recuou, assustada.

Apressei-me em tranquilizá-la esclarecendo-lhe a minha identidade.

"Sou um padre missionário."

Os olhos da menina brilharam e seu rosto iluminou- se de admiração.

"Você sabe o que é um padre missionário?"

Ela não respondeu, a mãe o fez em seu lugar:

"Com certeza que o sabe. Ela quer ser irmã missionária.

"E' verdade? Você quer mesmo ser irmã missionária?"

Um grande "sim" foi a resposta.

"E o que fará você quando for missionária?"

"Não sei", respondeu timidamente.

"Eu vou lhe contar. Você vai dar lição às meninas, vai ensiná-las a amar o Menino Jesus, vai visitar os doentes e tratar deles. E' isso que você quer fazer?"

Eu desejaria que pudésseis ouvir o seu grande "sim" e ver seu rostinho como que transfigurado.

"Já tenho tratado de muitos doentes, disse eu ainda, talvez você venha a tratá-los como eu. Servia-me de um pequeno instrumento chamado "pêndulo", para conhecer o remédio que precisavam."

"Meu marido também o faz, observou a senhora grisalha, mas serve-se de uma varinha."

"E' a mesma coisa", disse eu.

E a pequena que apertava meu braço direito em suas mãos, de tal modo nos tornáramos amigos a título missionário, pôs-se a dizer olhando-me com firmeza:

"E eu também, quando quero saber se papai, quando viaja, está voltando para casa, pergunto ao pêndulo."

"Você tem um pêndulo?"

"Tenho", respondeu, radiante de alegria.

"E como é que o pêndulo lhe conta que papai está voltando?"

"Faz assim" e, com o dedinho indicador, Mônica fazia rotações no sentido dos ponteiros de um relógio.

"E para dizer que não está voltando?"

"Assim..." e o dedinho virava em sentido contrário.

Se alguém me disser que não pode absolutamente praticar a radiestesia, eu o julgarei um anormal, como é anormal todo aquele que não vê ou não ouve. O que lhe falta? Não sei; quem sabe, apenas o exercício, talvez uma boa disposição de espírito, ou uma propriedade física que lhe afeta o organismo, ou sua saúde que deixa a desejar!

1º O exercício

Muitas vezes a falta de exercício ou de perseverança no exercício é a causa da inaptidão, puramente aparente, para a radiestesia. Não estamos fazendo como os alunos que se acham incapazes de estudar ciências e não fazem nenhum progresso até ao dia em que percebem que precisam delas para abrir sua carreira? Começam a conseguir daí em diante.

Alguns quereriam ter, desde o início, a mesma facilidade no manejo do pêndulo que os melhores radiestesistas. Isso não é possível, nem vantajoso.

E' preferível, nos principiantes, uma sensibilidade média e até medíocre, que se vai desenvolvendo. Indivíduos demasiadamente sensíveis talvez nunca façam nada de bom porque seu pêndulo descreverá movimentos desordenados e incontroláveis.

Conheço, pelo contrário, radiestesistas que trabalham muito bem apesar de seu pêndulo descrever oscilações e giros mínimos. O importante é saber apreciar seus movimentos.

2º A Boa disposição de Espírito

Existe uma disposição de espírito que paralisa completamente a sensibilidade radiestésica; é o receio de imprimirmos, nós mesmos, sem termos disso consciência, o movimento ao pêndulo ou à varinha. Para defender-se contra a autossugestão, retesa-se o braço. E' o defeito sobretudo dos médicos, engenheiros, sábios e outros. São raros os radiestesistas entre eles porque falta-lhes a simplicidade.

Temos dito na segunda parte, capítulo VI, quanto as radiações captadas por nosso organismo e transmitidas ao pêndulo são sutis e tênues. Concebe-se que um nada as desvie ou faça cessar pois que as captamos mentalmente.

Que faz quem entesa o braço? Impede justamente esse braço de se mover sob a influência das radiações, pois estas, frequentemente, antes de chegar ao pêndulo imprimem ao braço um impulso que faz crer sermos nós mesmos que fazemos o pêndulo girar, quando é ele que arrasta nossa mão.

Para se praticar devidamente a radiestesia é absolutamente necessário deixar a maior flexibilidade aos músculos e ao braço.

3º Inaptidão física

Embora em casos raros, não é possível deixar de excluir uma verdadeira inaptidão física. Existem cegos, surdos, aleijados de nascença; porque não haverá também inaptos de nascença para a radiestesia? A que atribuir essa inaptidão? Quem o saberá?

Ouvi dizer que parece que as pessoas nascidas dois meses antes do termo são frequentemente radiestesistas ilustres. Será porque seu organismo, sendo menos forte, fica mais sensível?

Há indivíduos tão bem dotados que se adivinha só de vê-los ou de passar perto deles. A aptidão para a radiestesia é pois uma realidade física; a inaptidão deve também sê-lo.

4º A saúde

A boa saúde não é necessária para ser radiestesista; ajuda bastante, entretanto, sobretudo se se deseja trabalhar muito. Podem existir estados que momentaneamente não permitem exercê-la.

Não me perguntem a proporção que possa haver de radiestesistas e de não-radiestesistas. Para ter uma noção, seria preciso examinar um grande número de pessoas e isso não é fácil.

Se quiserem minha opinião, direi, como se depreende do que precedeu, que a grande maioria dos homens e quase todos, podem praticar a radiestesia. Fico admirado do número considerável de excelentes radiestesistas que encontro no meu caminho.

Querem saber praticamente se são aptos para exercê-la? Leiam o que se segue.

1º Como saber se se possui essa aptidão?

Experimentem. Tomem uma varinha em forquilha e vão passear pelo campo segurando-a conforme dissemos no capítulo precedente; e procurem água, qualquer espécie de água que se possa achar no subsolo. Geralmente não é preciso andar muitos quilômetros para passar por cima de algum filete d'água.

Se andarem muito tempo sem que a varinha lhes dê a satisfação de virar-se, é mau sinal.

Se conhecerem algum rabdomante, passeiem a seu lado, segurando cada qual a sua varinha. Se a do rabdomante for a única a virar, é prova de que seu companheiro não tem disposição notável. Mas não percam o ânimo; recomecem a experiência várias vezes.

E' fácil, com menos incômodo, verificar se podemos manejar o pêndulo.

Tomemos um e seguremo-lo suspenso sobre o braço que ficou livre ou sobre o de um amigo, procurando a direção do sangue nos veias. O pêndulo deve oscilar sem tardar. Por pouco que o faça, é bom sinal. Com tempo e exercício, poderemos tornar-nos bons pendulistas. (Ver fig. 4 e 5).

Se o pêndulo não se mexer, perseveremos ainda. Um esforço é frequentemente necessário no começo como se fosse preciso de certo modo tornar maleável o organismo para este gênero de operação, desembaraçando-o de qualquer obstáculo. Precisamos saber bem aquilo que estamos procurando e querer achá-lo, se existir.

Quando tivermos conseguido sucesso com esta experiência, vamos fazer outra igualmente fácil; suspendamos o pêndulo sobre dois braços cruzados; deve girar. Provavelmente começará por oscilar, mas não demorará a descrever elipses, depois francas rotações.

Se ficar imóvel, reparemos se não usamos no dedo algum anel; ele poderia atrair e reter as radiações.

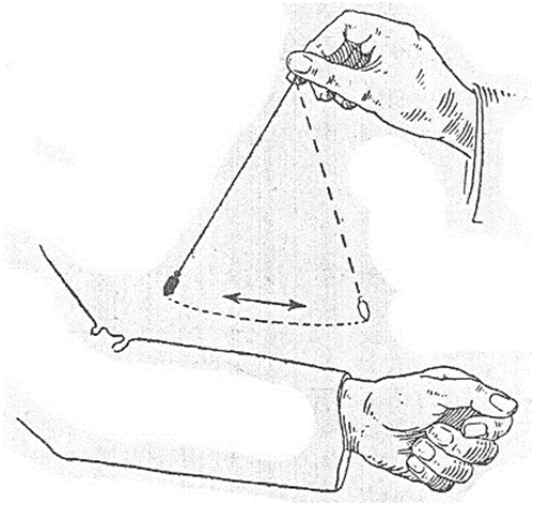


Fig. 4

2º O contado com um pendulista

Eis como verifico rapidamente se alguém está apto para praticar a radiestesia.

Ponho meu pêndulo em movimento, por exemplo sobre meu braço esquerdo, e convido a pessoa cujas disposições examino a tocar-me de leve no ombro. Com este contato diversos fenômenos podem se produzir:

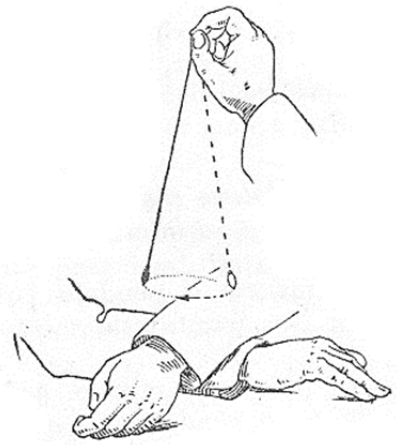


Fig. 5

1º Meu pêndulo continua suas oscilações sem nenhuma alteração. Concluo daí que aquele que me toca tem disposições iguais às minhas.

2º As oscilações do pêndulo aumentam de amplitude; quem me toca tem disposições superiores às minhas.

3º As oscilações diminuem; na medida em que isso acontecer, o indivíduo me é inferior.

4º O pêndulo cessa completamente no primeiro contato: ou quem me toca tem uma polaridade diferente da minha, ou é nulo em radiestesia. Para adquirir certeza deverá recorrer às experiências de que acabamos de falar. Com efeito, encontrei um ótimo radiestesista que faz parar o meu pêndulo, da mesma forma que faço parar o seu, ao menor contato.

A parada do pêndulo não pode pois ser dada como sinal absoluto de inaptidão radiestésica.

Devemos notar que pode sé produzir no estado físico uma modificação que mudará sensivelmente as disposições radiestésicas. Conheço um padre que ficou muito tempo refratário à varinha e que, lá pelos cinquenta anos, sem saber porque, viu-a virar entre suas mãos.

Um médico me fez observar, por exemplo, que na idade crítica profundas modificações se dão no organismo e podem dar lugar a uma mudança como essa.

3º Nem todo pendulista consegue trabalhar com a varinha

Geralmente quem maneja o pêndulo pode também servir-se da varinha. No entanto esta regra tem exceções.

Logo, se a varinha não der resultado, podemos experimentar o pêndulo; se o pêndulo não quiser girar em nossas mãos, passemos à varinha. Resta sempre uma esperança.

4º A aptidão será comunicável?

Não tenho talvez ainda observação suficiente para poder de modo geral garantir que os radiestesistas podem comunicar sua aptidão aos que a não possuem. Os leitores julgarão.

Um médico parisiense, clínico notável, que assistiu a várias experiências pendulares sente vivamente não conseguir reproduzi-las. Ele fez parar imediatamente as oscilações do meu pêndulo ao tocar-me levemente; experimentou o pêndulo com todos os comprimentos de fio e de todas as maneiras. Exercita-se diante de mim e sozinho em seu quarto, sempre em vão. Não possui pois nenhuma disposição para a radiestesia.

Veio-me uma ideia:

"Doutor," disse-lhe eu, "dê-me suas mãos; vamos fazer uma tentativa!"

Tomei suas mãos, uma depois da outra, entre as minhas e esfreguei-as durante um certo tempo.

"Agora, doutor," prossegui, quando terminei, "tome o pêndulo e recomece suas experiências."

O pêndulo começou a oscilar e a girar entre as mãos do médico. Eu tinha comunicado, sem a perder, minha aptidão radiestésica e tão bem o fiz que vários meses depois o médico achava-se feliz em contar o fato seguinte:

Certo doente tinha-o procurado, queixando-se de dor num único rim, suponhamos que fosse o direito.

Pelo exame médico nenhuma indicação podia contradizer a afirmação do doente de que o rim direito estava atacado.

O exame pendular, ao contrário, reconhecia estar o rim direito perfeitamente são, enquanto o esquerdo estava tuberculoso.

Protestos do doente que afirmava que só o direito estava atingido porque era o que lhe doía.

A análise da urina, feita em laboratório, deu inteira razão ao médico contra o doente.

Será possível multiplicar fatos desse gênero?

Uma vez despertada minha atenção, fiz repetidas experiências. Se eu tocar um único dedo que seja de alguém que faz parar o meu pêndulo, esse dedo fica com a propriedade de não o parar mais, por mais forte que seja a pressão sobre o meu ombro. Se eu comunicar o dom a diversos dedos, estes o conservam indefinidamente sem que os outros dedos disso se beneficiem. Tenho assim uma dezena de amigos que têm um ou vários dedos dotados da mesma disposição que os meus. Podem lavá-los à vontade, passam-se meses e a aptidão comunicada permanece.

Todos os radiestesistas podem comunicar sua aptidão aos outros e em que medida?

O futuro o dirá. Deixo estas experiências aos meus colegas radiestesistas para que as repitam por sua própria conta.

Talvez que os menos bem dotados pudessem, recorrendo aos mais favorecidos, obter um acréscimo de sensibilidade. Não é mais fácil do que receber a própria aptidão?

O que estou dizendo desta comunicação não é um convite a meus leitores menos favorecidos para que me peçam. Eles acharão mais perto algum radiestesista que disponha de mais tempo e vagar para satisfazer seu desejo.

CAPÍTULO III

PESQUISA DE AGUA SOBRE O TERRENO

Não pretendemos fazer aqui uma exposição completa de todas as regras da prospecção d'água. Seria preciso um volume inteiro para isso! Daremos no entanto um

resumo porque sabemos por experiência que serviços um missionário pode prestar às populações, frequentemente privadas de água, que lhe são confiadas.

Esta exposição sucinta terá a vantagem de preparar-nos ao que vamos dizer mais tarde e nos ajudará a compreendê-lo.

1º Prospecção com a varinha

Prefiro a varinha ao pêndulo, para a pesquisa de água, porque me permite uma marcha mais, rápida. Sendo seus movimentos menos delicados, não mexe por um nada. Não é precisa tanta atenção com ela.

Queremos procurar água? Tomemos a varinha como indicado (fig. 2), posição de trabalho. Suponhamos estar já sobre o terreno, no ponto A da figura 6.

Andemos direito para a frente, no nosso passo ordinário; bem entendido que procuramos água e não outra cousa.

Eis que, chegados ao ponto B, a varinha vira bruscamente, apesar de nossos esforços para impedi-lo.

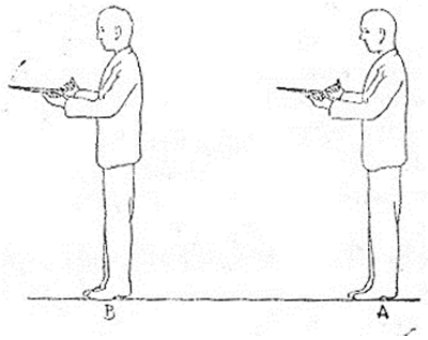


Fig. 6

Porque estará virando? Achamos já a água? Ainda não sabemos.

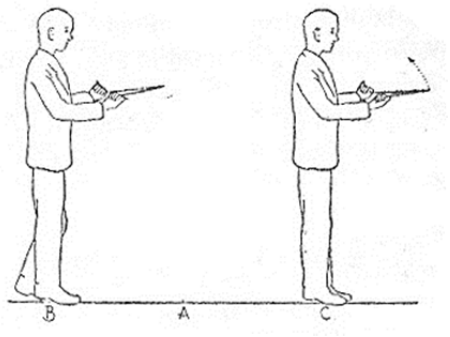


Fig. 7

Coloquemos um sinal, uma pedra ou um galho, no ponto B; façamos meia volta e retrocedamos ao ponto A (fig. 7), ultrapassando-o, andemos enquanto a varinha não se mexer.

Ela vira de novo em C, coloquemos uma marca em C e mantenhamos a varinha em repouso. Meçamos a distância que separa C de B, apenas para descansar os dedos que começam a ficar com câimbras.

Voltemos ao ponto C e, colocando novamente a varinha em posição de trabalho, sigamos para a frente, virando as costas a B, andando uma distância pelo menos igual àquela que separa B de C. Se a varinha não virar, nosso trabalho estará terminado desse lado.

Voltemos a B e sigamos na direção de E (fig. 8). Ora, enquanto caminhamos a varinha se move de novo e vira em D, como havia feito em B e C.

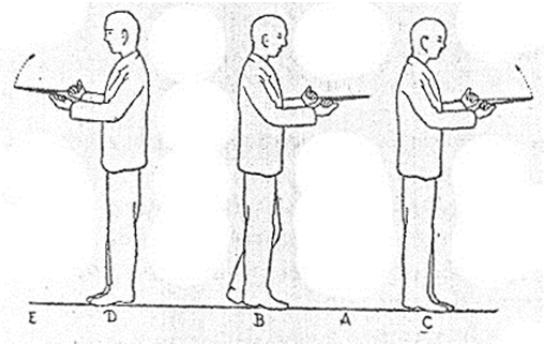


Fig. 8

Temos assim três pontos marcados onde a varinha deu o mesmo sinal e os dois extremos ficam à mesma distância do ponto central.

A fonte que procurávamos fica no meio, no ponto B.

Mas porque estas idas e vindas?

E' porque toda fonte estende, sobre cada uma de suas margens, sua influência sobre um campo tanto mais vasto quanto maior for sua profundidade.

Cada vez que se entra nessa área de influência ou que dela se sai, logo que se transpõe o limite, a varinha vira como se se estivesse sobre a própria fonte.

Assim, quando a varinha girou sobre o ponto B, soubemos que estávamos ou sobre a fonte, ou sobre um dos dois limites, margem direita ou esquerda, de sua zona de influência. Para certificar-nos do que havíamos achado, era preciso determinar três pontos cujos dois extremos ficassem a igual distância do ponto do meio.

Uma vez determinados esses pontos, é sempre o do meio que indica a fonte.

Dei apenas estas explicações a um dos nossos jovens missionários e ele já fez abrir numerosos poços.

Foi convidado a examinar grandes propriedades a fim de achar água e fazer pesquisas de diversas naturezas no subsolo.

2º A profundidade

Voltemos à figura 8. Meçamos a distância que separa D de C, supondo que seja de 20 metros.

Nisto os radiestesistas ainda não estão de acordo e é difícil dizer se, para obter a profundidade de uma fonte, deve-se tomar esses 20 metros ou somente a metade. Alguns dizem de um modo e outros de outro, pretendendo todos ter razão.

O que está fora de dúvida é que sempre tomei a metade da distância, exceto duas vezes, e sempre tive razão exceto essas duas vezes.

O caso merece ser citado para ilustrar minha afirmação.

Estava eu em missão no Brasil e viajando. Um dia, pelo meio-dia, pedi hospedagem, por duas horas, a um habitante que costumava dar-me amavelmente.

Sua casa estava vazia e provisoriamente abandonada. Perto dela dois buracos haviam sido cavados numa profundidade de quinze metros: compreendi que Constantino, o tal habitante, tinha partido por falta de água.

Ao pé da pequena colina onde se erguia a casa estendia-se uma bela campina completamente ressecada, sem um pé de erva verde que pudesse trazer a suspeita de presença d'água.

Cortei uma varinha de um arbusto e pus-me à procura de uma fonte.

Não tinha ainda feito cinquenta passos que a varinha levantou-se de repente e fez uma volta completa. Havia água e era até abundante. Quando quis fixar o limite da zona de influência, isto é marcar os três lugares onde a rotação devia se produzir, tive apenas que fazer um passo para trás e outro para a frente: a fonte estava a 75 centímetros de profundidade. Não era verosímil e pensei estar sendo o joguete de uma ilusão.

Procurei então mais para longe e achei outra fonte que parecia tão abundante quanto a primeira e de melhor qualidade: a profundidade era de um metro e cinquenta centímetros. Era bem pouco; achei que não era possível.

Depois de haver espetado uma estaca no local das duas fontes, fui à casa de um vizinho de Constantino, a um quilômetro dali, e deixei-lhe instruções, dobrando a profundidade de medo de me ter enganado.

Preferia que Constantino tivesse uma agradável surpresa achando água mais depressa do que eu prometera.

Ora, finda a estação da seca, Constantino voltou para casa, cavou nos dois lugares e achou água a três palmos na primeira estaca e a seis na segunda.

Para ele foi a metade da distância D-C que deu a profundidade exata.

Tinha-me enganado quanto à profundidade dobrando-a, não ao procurá-la.

Outros métodos

Notemos, em primeiro lugar, que tudo o que foi dito acima como sendo operado pela varinha, é também da alçada do pêndulo.

Os novos métodos para o cálculo da profundidade só são práticos com o emprego do pêndulo: pelo menos nunca experimentei usá-los com a varinha.

1º Coloco-me no ponto B, sobre a fonte, com o pêndulo na mão. Eis que o instrumento oscila; deixo-o alcançar o máximo de oscilação e então começo a contar de maneira regular: 1, 2, 3, etc... O pêndulo indicará o número de metros de profundidade parando quando eu pronunciar, ou simplesmente pensar, o número correspondente.

Verei o pêndulo diminuir suas oscilações e finalmente parar completamente. O último número que eu tiver pronunciado será o da profundidade da água.

Poderei proceder à contraprova, isto é, colocar o pêndulo imóvel e contar como anteriormente. O pêndulo oscilará quando eu mencionar o número já achado.

2º Ponho o pêndulo em movimento e, para variar a técnica, peço a alguém que deposite na minha mão esquerda pequenas pedras, uma por uma. Momento virá em que o pêndulo para; quantas pedrinhas estiverem na minha mão nesse momento, tantos metros de profundidade terá a fonte.

3º Ponho o pêndulo em movimento e bato no chão em cadência. Tantas batidas, ao parar o pêndulo, tantos metros de profundidade a cavar para encontrar água.

Bem sei que os espíritos céticos vão sorrir e dizer: autossugestão. Os resultados positivos e repetidos com uma constância suficiente aí estão para testemunhar sobre a segurança das indicações recebidas.

Aí estão métodos pouco sábios e mesmo incômodos para aqueles que tudo querem reduzir a fórmulas matemáticas! O fato é que os que os praticam ficam satisfeitos. Experimentei-os todos e deram-me os mesmos resultados positivos regulares.

3º A produção da fonte
Como se calcula?

Ignoro como procedem os outros rabdomantes. Pessoalmente, procedo como para achar a profundidade; emprego o que chamaremos de "cálculo mental". Conto 1, 2, 3, etc..., esperando que o pêndulo, previamente posto em movimento sobre a fonte no ponto B, indique ao parar no momento devido o número de decilitros, litros, hectolitros que a fonte dará por minuto.

Precaução indispensável: antes de contar é preciso fixar a unidade que se emprega. Quando o pêndulo parar, o último número pronunciado será o do fornecimento da fonte.

4º A qualidade da água

Comporto-me da mesma maneira, "mental".

Primeiramente, quando procuro água, fixo bem o objeto das minhas pesquisas: quero achar uma água qualquer, boa ou má?

Se for água para consumo, desejo captar só as radiações da água boa para beber. Tenho possibilidade de apanhar apenas essas.

Isto não impedirá em seguida que, colocando-me sobre o ponto B, eu formule a pergunta: água boa? Ou má?

E o pêndulo girará no sentido B ou no sentido M da figura 3 (página 53). Terei certeza.

Nada impede que, para achar a qualidade da água, a gente se sirva de uma testemunha que se segura na mão enquanto se fazem as pesquisas.

Se segurarmos água potável acharemos apenas água potável.

Se segurarmos água calcária, mineral ou outra, apenas acharemos as da mesma qualidade.

O cálculo da água é aproximado. Os melhores rabdomantes reservam-se uma margem de 20 % de afastamento possível. Se acham água a 10 metros, dirão que fica a 10 ou 12 metros.

As causas de enganos são numerosas; por isso, a fim de evitar a responsabilidade de obrigar os outros a despesas consideráveis, talvez inúteis, nunca aceito de fazer pesquisas deste gênero, nem, aliás, nenhuma do subsolo.

Capítulo IV

PESQUISA DE AGUA LONGE DO PROPRIO LOCAL

1º Sobre a planta

Hoje já ninguém se admira que, sobre o terreno, os rabdomantes descubram águas subterrâneas, sua profundidade e rendimento; já se está tão acostumado a isso!

Mas é bem mais extraordinário que, com a mesma exatidão, um radiestesista possa fazer essas diversas operações a distância, com auxílio de uma planta que nada tem que ver, afinal, com a fonte nem com o terreno. E isso também é feito correntemente.

Eis como operei quando me dediquei a esse gênero de pesquisas.

A primeira vez, um amigo me enviou da Bélgica uma planta de uma pequena propriedade que ele acabara de comprar e que não tinha água.

Não sendo perito nesse gênero de trabalho, receando tomar a responsabilidade de fazer cavar um poço dispendioso, pedi ao meu amigo que se dirigisse a um rabdomante profissional, reservando-me para enviar-lhe o resultado das minhas pesquisas sobre a planta depois que o pesquisador da água tivesse terminado as suas.

Passaram-se vários meses e escrevi para a Bélgica dizendo que através da propriedade, na direção sudoeste-nordeste, um verdadeiro riacho corria a uma profundidade de 15 metros mais ou menos, com um rendimento de 150 litros por minuto e uma água excelente. Cheguei a marcar com uma cruz o lugar que me parecia mais propício para cavar o poço.

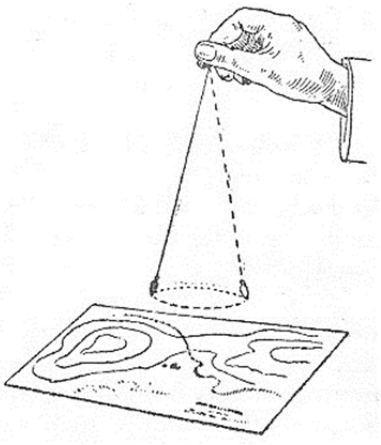


Fig. 9

Pela volta do correio soube que o poço havia já sido cavado no lugar marcado com a cruz e que profundidade, rendimento e qualidade correspondiam aos meus dados.

Minha segunda experiência foi feita em Paris, sobre a planta de uma propriedade situada no Chile. Num instante desenhei o curso de uma água que a atravessava e que era bem conhecido da pessoa que me punha à prova: tratava-se de um ribeirão (V. fig. 9).

Como fizera eu?

Passei o meu pêndulo sobre a planta como se estivesse eu mesmo passeando sobre o terreno. Quando o instrumento oscilou determinou o local onde passava a água. Para conhecer a profundidade, o rendimento e a qualidade da água procedi como foi descrito no parágrafo precedente.

2º Sem Planta

Vamos ainda mais longe, porém mais por curiosidade e a título de experiência teórica. Nunca me permitirei de fazer iniciar trabalhos sobre estudos tão sumários como os que vou mencionar, mas que podem ter, em certos casos, alguma utilidade como indicação.

Eis, por exemplo, um padre que me pede para passar em sua casa para procurar água. Ora, estou com pressa, e para ir até seu presbitério preciso fazer uma longa volta, perder tempo, talvez inutilmente.

"Tem ao menos uma planta do seu jardim?" perguntei-lhe.

"Não, Senhor."

"Conhece sua largura e seu comprimento?"

"Não, nem mesmo aproximadamente."

"E' cercado?"

"Sim, de um lado, por um muro."

"De que lado se acha o presbitério?"

"Do lado do muro."

Pedi ao meu caro colega que me deixasse um pouco tranquilo e, mais tarde, anunciei-lhe que iria à sua casa porque uma fonte bastante abundante atravessava seu jardim e passava pelo meio de sua casa.

O estudo sobre o local confirmou inteiramente o que tinha sido feito a distância e sem planta.

Coimo fizera eu?

Sabendo que o jardim era cercado de um lado, tracei eu mesmo uma linha sobre uma folha de papel em branco, fixando uma escala de 1/100°.

Apliquei meu pêndulo num canto, onde começava o muro que segui com meu instrumento. Desenhou oscilações claras sobre o papel a 20 centímetros, correspondendo a 20 metros sobre o terreno.

A experiência, repetida várias vezes deu sempre o mesmo resultado. Podia pois acreditar que havia encontrado água.

Recomecei a experiência com o presbitério, cujas dimensões eu também ignorava. Tinha ao menos a certeza de que possuía quatro ângulos e que a fachada ficava de frente para o muro. Sobre uma folha de papel fiz um ângulo da casa, o mais próximo da extremidade do muro anteriormente estudado.

Passando meu pêndulo na mesma direção, achava, após 7 ou 8 centímetros, logo a sete ou oito metros sobre o terreno, uma fonte de água que não podia ser senão a mesma indicada pelo pêndulo, ao longo do muro divisório.

Poder-se-ia chegar ao mesmo resultado com menos informações ainda, se possível; é suficiente ter um ponto fixo, por exemplo uma árvore ou um pilar na propriedade.

Se não houver senão uma árvore ou um único pilar não é preciso mais explicação, mas se houver diversos, é preciso determinar exatamente do qual se trata, por exemplo, o carvalho que fica no meio do prado ou do campo.

Poderemos achar as fontes subterrâneas que correm em volta dessa árvore ou desse pilar, à distância que quisermos.

Para isso, façamos um ponto sobre um pedaço de papel, representando a árvore ou o pilar. Marquemos, além disso, os quatro pontos cardiais para guiar nossas pesquisas, e dirigiremos nosso pêndulo para o norte, o sul, leste ou oeste, após ter fixado a escala.

Conseguiremos facilmente saber, por exemplo, que do lado norte existe água a cem metros da árvore, ou que esta se acha a um quilômetro ao sul, etc...

Caberá ao proprietário do terreno verificar, depois, se essas águas correm dentro dos seus domínios ou nos do vizinho, se lhe convém ou não mandar vir um rabdomante.

Disse "pesquisas sem planta". E' um modo de dizer, porque é impossível operar sem ter uma base certa que permita fixar bem o pensamento num lugar preciso. Não nos haviam dado plantas, é verdade, mas fizemos uma, de cabeça.

A pesquisa sobre planta e sem planta mostra-nos que a presença no local não é necessária. Sobre planta e a grandes distâncias, é feita diariamente para achar água e toda espécie de corpos escondidos ou perdidos.

Sem planta, como disse, só se pode fazer para obter uma indicação geral, nunca para executar um trabalho.

Em todo o caso, aqui, para a numeração das unidades de rendimento e de profundidade da água, é indispensável fixar previamente o sistema de unidade representando o sistema métrico ou outro. Esta regra é imprescindível à realização da curiosa variedade de cálculo mental que constitue o ponto essencial deste gênero de trabalhos.

Talvez que os verdadeiros matemáticos sejam os únicos a não se admirarem desta singular ginástica cerebral no eixo das grandezas e dos cálculos.

A pesquisa sobre planta, sem considerar as distâncias, é um dos fatos mais inadmissíveis para a ciência, por isso é oportuno insistir sobre a sua possibilidade. Nenhuma demonstração vale mais que os fatos. Eis dois exemplos que não podem deixar de obrigar a refletir, mesmo os espíritos mais prevenidos.

1° Perguntaram recentemente ao comandante Treillard se um terreno, situado do outro lado do oceano, era aurífero e se o seria o suficiente para justificar sua exploração.

A resposta foi afirmativa e vários pontos foram indicados como particularmente ricos.

Os interessados tomaram um avião e foram fazer sondagens.

Escreveram ao comandante Treillard uma carta que tenho sob os olhos e na qual exprimem sua satisfação. "Os pontos indicados como interessantes o são de fato," dizem eles.

Creio que seria difícil atribuir este sucesso ao acaso ou ao subconsciente. E' tanto mais difícil quanto o comandante Treillard poderia encher um volume com sucessos deste gênero que obteve na sua vida.

2º Este exemplo é conhecido; já foi citado noutro lugar, mas a confirmação que dele tive durante estas últimas férias merece ser relatada.

Num trem de Clermont-Bordeaux, encontro-me perto de um jovem padre cujo sotaque acusa sua origem estrangeira.

Fico sabendo que é canadense francês e que está na França à procura de livros para a Universidade Católica de Ottawa.

"Editei um livro," disse-lhe eu, "que poderia interessar os seus confrades missionários, se é que os tem".

"Sim", respondeu ele, "eu sou religioso e temos missões. De que livro se trata?"

"E' um livro sobre radiestesia, especialmente escrito para os missionários, pura permitir-lhes tratar de muitos doentes com poucas despesas."

"E' muito interessante."

"O Senhor conhece então a radiestesia?"

"Sim, conheço o abade Mermet. Nunca o vi, mas ele indicou sobre a planta de um dos nossos colegas canadenses um ponto d'água. Cavou-se e achou-se a água como havia dito."

"Tinha ele ido ao local antes", perguntei, para maior certeza, embora soubesse muito bem que nunca lá tinha posto os pés.

"Oh! não, fê-lo em sua própria casa."

Eis um testemunho que dispensa comentários.

Capítulo V

DA PESQUISA DAS MOLÉSTIAS

1º Em presença dos doentes

Lembremo-nos aqui de tudo o que foi dito no capítulo II, da primeira parte, sobre a maneira de segurar a varinha e o pêndulo e sobre a interpretação que demos aos seus movimentos, sobretudo aos do pêndulo.

Movimento B no sentido dos ponteiros de um relógio, favorável, índice de saúde.

Movimento M, em sentido contrário, desfavorável, índice de doença (ver fig. 3, pag. 53).

A sede da doença

Podemos servir-nos da varinha ou do pêndulo para pesquisar as doenças, procedendo como segue:

Desejamos encontrar o órgão atingido, a sede do mal. Façamos passar o vértice da varinha ou o pêndulo diante de cada órgão do doente (fig. 10). Comecemos pela cabeça, pelo cérebro, pelo olho direito, pelo olho esquerdo, orelha direita, esquerda, etc..., até que o instrumento dê algum dos sinais de que falamos. Se a varinha girar ou se o pêndulo fizer o movimento M, a sede do mal é justamente em frente do instrumento.

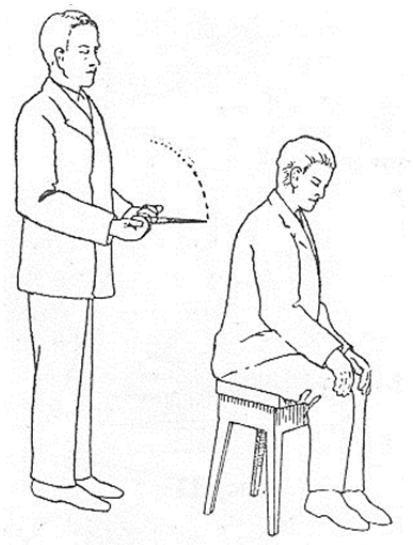


Fig. 10

Poderemos controlar com o pêndulo este primeiro resultado, apresentando-o de novo ao órgão que o fez mover. E perguntaremos: "Está são? Está doente?"

Se a rotação for ainda em M, e será como da primeira vez, teremos a dupla certeza de ter achado bem.

Natureza da doença

Mas eis o que me parece ainda melhor.

Em vez de procurar a sede do mal, não é melhor descobrir-lhe a natureza? Que o doente apresente uma de suas mãos, pouco importa qual, estendida no ar ou pousada sobre uma mesa (ver fig. 11). Suspendamos sobre ela o pêndulo e procedamos como foi dito para a pesquisa da profundidade, quantidade e qualidade da água, mas em vez de contar, perguntemos:

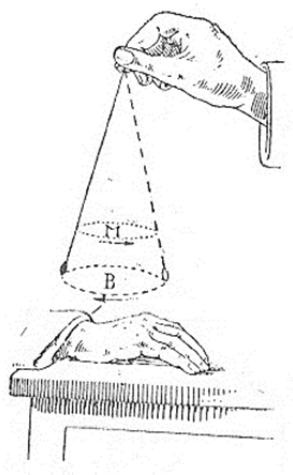


Fig. 11

Tuberculose?
Câncer?
Sífilis?
Moléstia nervosa?
Rins?
Fígado?
Baço?
Pulmões?
Etc.

E' como se disséssemos: quero captar as radiações da tuberculose, da sífilis... Se essas radiações existem, nós as apanharemos. Se não existirem, nosso pêndulo ficará imóvel.

Talvez um momento virá em que o pêndulo tomará o movimento M. A última doença enunciada será a do enfermo.

Se o pêndulo ficar imóvel, é porque não pronunciamos o nome da moléstia. Continuaremos a procurar.

Procedi sempre desta maneira e sempre me dei bem. Não é um diagnóstico já bem simplificado? Simplifiquemos ainda, operando sem a presença do doente.

O modo de proceder por interrogação a um exame é muito simples. Não será até demais, para ser verdadeiro?

E' impossível que muitos não se tenham perguntado isto. Confesso que esperava uma forte reação e que fiquei muito admirado de ter tido conhecimento de tão poucas críticas a tal respeito. Certamente não ouvi nem li tudo o que se disse ou escreveu; teria,

entretanto, sido normal que eu fosse instruído e se meu método tivesse encontrado muita incredulidade eu dificilmente o teria ignorado.

Só tive conhecimento de um artigo que tratava esta página do meu livro de simplista. Não falaria nele se o autor desta crítica não fosse um ilustre radiestesista cuja palavra faz fé no ambiente em que vive, e pode desviar do meu método missionários aos quais teria probabilidade de prestar serviços.

A questão não é de saber se o meu método é simples ou simplista, porém unicamente se é verdadeiro. A resposta é dada pelos fatos, mesmo que estes vão de encontro a outras teorias e as invalidem.

Ora, nenhum missionário se tem queixado que o meu processo o tenha decepcionado. Ao contrário, muitos tem exprimido sua satisfação e me têm dirigido felicitações. Igualmente os médicos têm recorrido a ele. O êxito de pesquisas delicadas que relatarei adiante deve-se quase exclusivamente à interrogação mental, como o confessam formalmente seus autores.

Eis os fatos: falam claramente.

Se eu quisesse abrigar-me debaixo da autoridade de radiestesistas reputados, invocaria o testemunho do mais conceituado de todos, o abade Mermet que me escreveu, após a leitura de meu primeiro manuscrito: "Faço o mesmo há vinte e cinco ou trinta anos, mas não digo nada de medo de passar por uma espécie de vidente. Mas uma vez que é a verdade, fazeis bem de dizê-lo."

2° Sobre retratos ou outros objetos

Perguntaram-me um dia se era possível descobrir as doenças a distância e sobre fotografias.

"Certamente não", respondi, sem hesitar.

Mostraram-me então uma carta, pedindo-me que a lesse. Era assim redigida:

"Senhor abade, poderia dizer-nos o que tem o senhor cuja fotografia no meio de sua família anexamos?"

No verso, li quatro linhas traçadas a lápis:

"A pessoa em apreço precisa de cuidados enérgicos e urgentes; tem duas lesões no pulmão direito, na parte anterior. — Assinado: abade Mermet."

"Qual foi o diagnóstico do médico?" perguntei.

"Exatamente o mesmo", foi-me respondido.

O fato era evidente.

"Se o abade Mermet conseguiu fazê-lo", retorqui, "é possível..."

Interiormente acrescentei: "Tentarei fazer a mesma cousa."

Não contarei aqui as incertezas e apalpadelas por que passei antes de chegar a um método definitivo; isto não teria nenhum interesse para os leitores. Não tendo mestre que me ensinasse, tive que imaginar expedientes de possibilidades diversas.

Eis meu processo:

Coloco a fotografia sobre minha mesa, suspendo o pêndulo por cima e faço como sobre a mão de uma pessoa. Digo devagar, com uma pausa: "Tuberculose? Sífilis? Câncer?..."

O pêndulo oscila e gira como sobre a própria pessoa (ver fig. 12).

Em vez de uma fotografia pode-se tomar um manuscrito do doente, uma mecha de cabelos, etc. e proceder da mesma forma, isto é, colocar o pêndulo por cima, pensando no nome das doenças. E' sempre um trabalho mental.

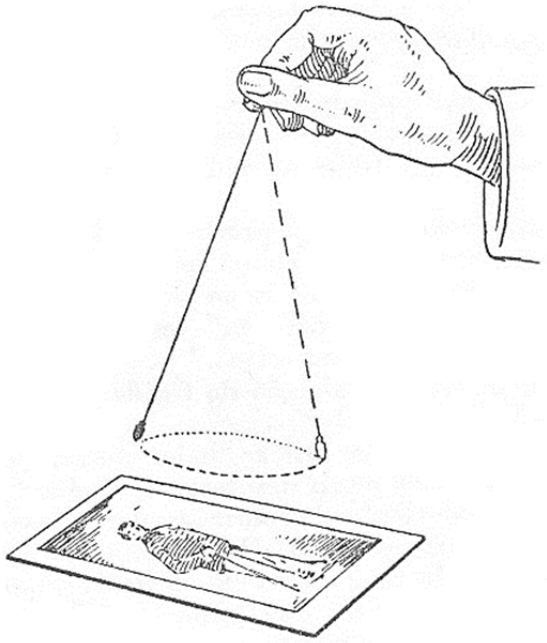


Fig. 12

Acharão ainda este método muito simplista? Para nós, missionários, é qualidade ou defeito o ser simples?

Talvez, dirão, não esteja ao alcance de todos; é possível, sobretudo para os principiantes: no entanto, nunca encontrei um aluno que tivesse tido dificuldade em adotá-lo, unicamente com a condição de possuir disposições normais.

Mas naturalmente quererão provas de sua eficácia? Eu poderia multiplicar os fatos.

Um pai de família apresentou-me uma fotografia de uma criança de quatro anos, falecida com a idade de dezoito anos. A fotografia tinha pois quatorze anos.

"De que moléstia morreu a minha filha?" perguntou o pai.

Após um exame que não durou um minuto, pois o pêndulo oscilou e girou logo à minha primeira pergunta, pude responder que tinha morrido de uma tuberculose óssea.

Um vigário veio pôr-me à prova e, sem me avisar da peça que tencionava pregar-me, apresentou-me a fotografia de um doente que sofria do coração, disse ele.

"Se sofre do coração, não sei," respondi; "mas que tem o fígado doente, estou certo..."

"E', com efeito, uma afecção do fígado que o médico está tratando."

Visto como desejo ser útil ao maior número possível de missionários, não posso desprezar a hipótese de um ou outro não conseguir descobrir as doenças com um método tão simples, de puro cálculo mental.

Aqueles que não o conseguirem devem comportar-se com a fotografia como com uma pessoa viva. Coloquem-na estendida sobre uma mesa e passem por cima o pêndulo lentamente, em todos os sentidos, sobre a cabeça, os olhos, o peito, etc...

Quando o instrumento girar no sentido M, indicará que o órgão ou o membro que está por baixo se acha doente. Convém, para isso, usar um pêndulo pontudo, porque sua extremidade designa melhor o lugar exato onde se acha o mal.

Pode-se também segurar um objeto pontudo, por exemplo um lápis, na mão esquerda e passá-lo sobre a fotografia, tendo o pêndulo na mão direita. Quando o objeto passar sobre um lugar doente, o pêndulo dará sinal imediatamente.

Para dizer verdade a pesquisa da sede da moléstia tem pouca importância para nós, missionários; acabaremos mesmo por abandoná-la como inútil.

Queiram observar com atenção como fazemos nossas perguntas. Em vez de procurar, como se poderia também fazer, o que está doente? O cérebro? Os olhos? O peito? O fígado? Etc., nós queremos apenas saber se o doente é sifilítico, tuberculoso, canceroso, etc.

A sede do mal é, pois, para nós secundária; é sua origem, sua natureza que é indispensável conhecer para podermos atacá-lo diretamente e suprimi-lo se possível, ou ao menos atenuar-lhe os efeitos.

Contentando-nos de colher e destruir, em cada outono, os frutos envenenados, não impedimos que nasçam outros na primavera seguinte; cortando a raiz da árvore, teremos a certeza de nunca mais termos frutos envenenados.

Voltaremos ainda a esta nota muito importante, pois é a base da nossa terapêutica missionária simplificada.

Capítulo VI

TRATAMENTO DAS DOENÇAS

1º O remédio

Descobrir as doenças é grande cousa, mas curá-las é melhor.

Os meios científicos de que dispõe a medicina para revelar a natureza de uma moléstia: auscultação, análises diversas, radiografia, são-lhe preciosos recursos, mas frequentemente não são suficientes. Pareceria audacioso afirmar que a radiestesia pode preencher uma lacuna a esse respeito. No entanto, acharemos provas disso nas páginas seguintes.

Vejamos, por enquanto, como com o auxílio do pêndulo pode-se tratar as diversas afecções.

O bom remédio

E' relativamente fácil para o missionário arranjar amostras de produtos farmacêuticos. Os médicos, que estão abarrotados delas, têm muito prazer em ceder seus proveitos aos pobres e às missões, e é um precioso serviço que lhes prestam.

Infelizmente muitas vezes as leis impedem a entrada de preparados farmacêuticos estrangeiros.

Aceitemos tudo o que nos derem e classifiquemos as amostras por categorias de doenças. Ou então, se tivermos uma coleção de plantas medicinais, guardemo-las sempre em ordem, cada planta com seu número e seu nome escritos bem legivelmente.

Pelo exame dos órgãos descobrimos que o doente sofre, suponhamos, do peito.

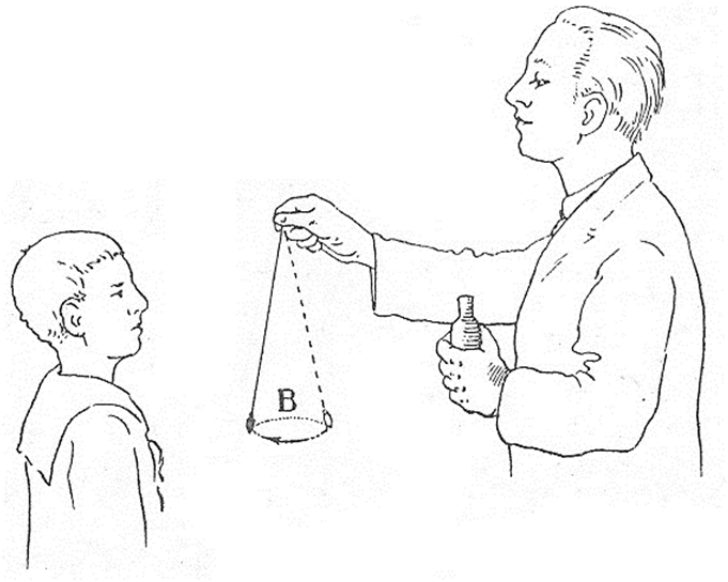


Fig. 13

Convidemo-lo a ficar de pé ou a sentar-se diante de nós.

Tomemos o pêndulo com a mão direita, entre o polegar e o indicador, mantendo-o a 25 ou 30 centímetros do órgão doente. Coloquemos o pêndulo entre esse lugar e a amostra do remédio (fig. 13).

Se o pêndulo não se mexer, é porque o medicamento não fará bem nem mal ao paciente.

Se oscilar, esperemos que ele gire; e se o fizer no sentido B o remédio convém ao doente mais ou menos conforme as rotações forem mais ou menos pronunciadas.

Se girar no sentido M, saberemos que o remédio é mais ou menos contraindicado, segundo a força que tiver o movimento circular.

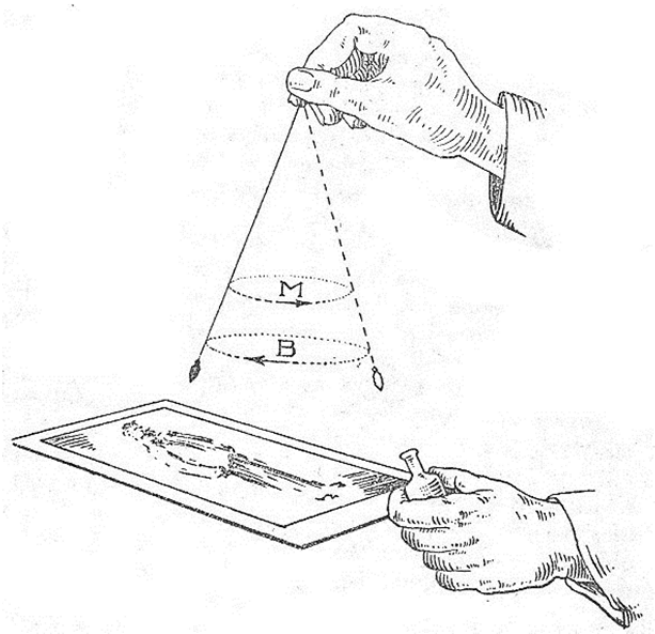


Fig. 14

Talvez seja mais cômodo para nós que o paciente ponha uma das mãos sobre uma mesa, como indicado na figura 11. Suspenderemos por cima o pêndulo, enquanto que com a mão esquerda seguraremos o remédio ou a planta. O pêndulo não tardará a dar as mesmas indicações que anteriormente.

E' um fato estranho do qual cada radiestesista toma facilmente conhecimento. Seja onde for a sede do mal, na cabeça, nos pés, no peito, ou noutro lugar, irradia sobre todas as partes do corpo e exerce sobre o pêndulo a mesma influência. Sobre uma mecha de cabelos um bom pendulista pode descobrir doença e remédio.

O mesmo acontecerá se, em vez do doente ou da mão, se servir de uma fotografia, de um pedaço de pano ou de um manuscrito (ver fig. 14).

Pode-se ainda pôr a mão esquerda sobre a fotografia, o pano ou o manuscrito, ou segurá-los dentro da mão, suspendendo o pêndulo sobre o remédio (fig. 15).

O melhor remédio

Se tivermos achado uma planta que convém ao doente, não interrompamos nossas pesquisas; talvez encontremos melhor ainda.

Que fazer se diversas plantas ou especialidades farmacêuticas parecem convir igualmente? E' preciso escolher a melhor e será fácil descobri-la (ver fig. 16).

Na borda da mesa está colocado um lenço ou qualquer outro objeto do doente; em frente e a igual distância estão três especialidades que parecem convir igualmente ao caso estudado. Entre os quatro objetos, porém mais perto do lenço, faço descer o pêndulo e espero suas reações. Primeiro oscilará ligeiramente, mas logo irá na direção de uma das especialidades. Se for na direção de A, esta é a melhor especialidade para o doente. Uma longa experiência não me permite duvidar.

Se, sem me mover, peço a alguém que coloque A no lugar de C, o pêndulo não tarda a mudar de direção para aproximar-se novamente da especialidade que é preferível.

Retiremos o primeiro remédio designado; o pêndulo irá para o melhor dos dois restantes. Se, em vez de três, tivermos seis especialidades a classificar, teríamos que colocá-las todas por ordem de eficiência, por meio de exames sucessivos desta natureza.

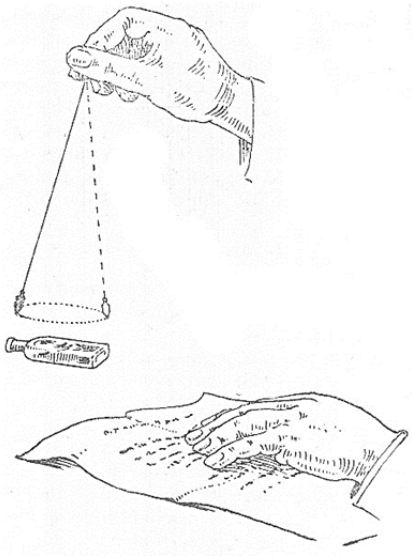


Fig. 15

2º O regime

Ninguém ignora o papel preponderante que representa o regime no tratamento de certas moléstias: diabete, albuminúria, hipertensão, etc.

Nestes casos o regime é o melhor remédio, com a condição de ser criteriosamente aplicado.

Mas como não somos muito competentes, nós os missionários, para a indicação do regime e como, aliás, nossa gente nem sempre possui abundância de alimentos para escolher entre eles, reduzamos à expressão mais simples a escolha que se possa impor. Chegaremos a isso com auxílio do pêndulo, para os outros como para nós mesmos.

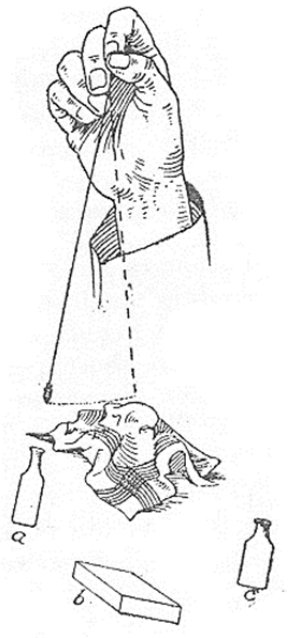


Fig. 16

Para os doentes

Desejamos saber se o doente pode tomar tal bebida ou tal alimento? Ele deve apertar um instante, dois ou três segundos apenas, o nosso pêndulo numa de suas mãos; levaremos em seguida o pêndulo sobre essa bebida ou esse alimento. O sentido das rotações nos indicará, por B ou por M, se convém ou não e em que medida, conforme a violência dos giros.

Poderemos também começar por tomar as radiações da bebida ou do alimento, suspendendo um instante o pêndulo por cima e levando-o em seguida sobre a mão do doente ou sobre um objeto qualquer que o tenha tocado.

Ou ainda, seguremos o alimento ou a bebida na mão esquerda, enquanto a direita suspende o pêndulo sobre o doente ou um objeto proveniente dele.

Em todos os casos o pêndulo dará as mesmas indicações por seus movimentos.

Para si mesmo

Procederemos de maneira análoga.

Apertaremos o pêndulo um instante na mão e o levaremos em seguida sobre a bebida ou o alimento.

Se me acreditarem, não abusem do pêndulo. Se estiverem realmente doentes, sirvam-se dele para estabelecer o regime a seguir. De tempos a tempos, examinem-se de novo a fim de saber se os alimentos proibidos continuam a ser prejudiciais, mas não tomem o hábito de estar sempre com o instrumento na mão. Uma das primeiras condições para se passar bem é de não se preocupar com a saúde.

Capítulo VII

ESTUDO DAS PLANTAS

"Plantas e ervas que germinais na terra, bendizei ao Senhor."

Estudar as plantas, procurar e descobrir suas propriedades maravilhosas, não é entoar um cântico de louvor ao Criador que, em seres tão inferiores, colocou princípios impresumíveis de vida e de regeneração?

A humanidade, para tratar as suas doenças, dispensou durante muito tempo os sábios laboratórios, contentando-se com o da natureza, bem mais rico, pois que saído das mãos de Deus.

Desde que se puseram a dissecar as plantas, a analisa-las, a passa-las por alambiques para extrair-lhes as essências, fez a medicina tão grandes progressos? Concorda-se em reconhecer, mesmo entre doutores, que ela "chove no molhado". E, eis que, para tentar fazê-la ir adiante, voltam simplesmente ao uso das tisanas vegetais. Oh! como têm razão!...

Alguns exemplos serão edificantes a esse respeito. Eu os fui buscar em boa fonte, tomando-os de meus antigos fiéis da missão onde passei dezesseis anos e onde adquiri o gosto pelo tratamento por meio de plantas.

1º Cancro sifilítico

Em uma vila que nunca tinha visto médico, encontrei uma mulher à qual faltavam o nariz e uma parte do lábio superior, que tinham sido corroídos por um cancro. Entretanto, a ferida estava fechada e a cicatriz era perfeita. Tal cura pareceu-me extraordinária e despertou-me vivamente a atenção. "Na Europa", pensei, "não há médico que possa fazer coisa semelhante..."

Comecei um inquérito discreto entre os habitantes da vila. Todos concordavam em afirmar que a doente tinha estado em uma condição horrível, não ousando aparecer em público, de tal modo a ferida tornará seu rosto repelente; mas tinha sido curada rapidamente, tomando um remédio do mato.

Qual poderia ser esse remédio do mato? Eu precisava sabê-lo. Perguntei então ao marido da doente. Ele me deu um nome bárbaro. Tomei nota e perguntei ao bom homem:

"Há quanto tempo sua mulher se curou?"

"Dez anos", respondeu ele.

"E quanto tempo durou o tratamento?"

"Minha senhora tomou o remédio uma vez."

"O Snr. quer dizer — uma vez por dia?"

"Ela não tomou o remédio senão uma vez, um único dia, uma só xícara de tisana."

"E essa única xícara de tisana curou-a?"

"Claro que sim", diz o homem, admirado da minha insistência.

"Alias", ajuntou, "o Snr. pode chamar a minha mulher que confirmará o que estou dizendo".

Sua mulher veio e assegurou que o marido dissera a verdade.

Fiz com que me trouxessem um pé dessa planta preciosa a fim de conhecê-la bem.

2º Cancro na língua

Eu não guardei para mim essa descoberta e gostava de falar sobre ela.

"Que grande coisa!" diz-me um caipira. "Nós temos uma porção dessas plantas que curam."

"Então V. conhece muitas delas?" perguntei.

"Algumas", respondeu ele, "por exemplo, esta" e, ao mesmo tempo, mostrava-me uma espécie de japecanga.

"Que doença ela cura?"

"O cancro da língua. Veja o Snr., com ela curei o meu filho que frequenta o seu colégio; alguma vez o Snr. percebeu que ele teve a língua inchada, tumefeita? Como ele fala bem agora!... Se o Snr. o tivesse visto há alguns anos atrás, o Snr. o julgaria perdido..."

"V. curou só o seu filho?", perguntei ainda.

Ele indicou-me um outro moço, que eu conhecia e que passava maravilhosamente. Mais tarde, perguntei ao pai desse último se o seu filho tinha estado doente. Ele confirmou, em todos os pontos, o que eu já sabia.

Justamente o pai do moço, que morava na vila, era meu amigo e conhecia bem as plantas da terra. Não acabaria mais se quisesse contar aqui todas as curas surpreendentes que ele obtivera com as suas tisanas.

3º Picada de cobra

Sendo meu objetivo convencer que a divina Providência colocou nas plantas o remédio para os nossos males, citarei ainda dois exemplos.

Uma de nossas boas cristãs, uma pobre negra, pretendia conhecer uma planta que curava qualquer picada de cobra, por mais venenosa que fosse. Seria possível? Os sábios dizem, com efeito, que não pode haver um contraveneno vegetal capaz de curar uma dentada de cobra.

Pedi a essa mulher que me trouxesse um pouco da sua planta. Desde o dia seguinte fiquei possuidor de um quilo de pequenos tubérculos. "Eles não se conservam mais do que duas ou três semanas", diz-me ela ao entregar-nos.

Era aborrecido que eles não se conservassem, pois eu fazia questão de tê-los sempre no convento, pois que as cobras nos faziam frequentes visitas, até em nossas celas e, por vezes, subindo nas camas. No nosso cercado, de mais ou menos um hectare de superfície, matávamos cada ano uma média de 60 a 70 serpentes venenosas. Era, pois, prudente estarmos munidos de contraveneno.

Para conservar os tubérculos, imaginei cortá-los em pequenos pedaços e fazê-los macerar em álcool. Fui muito bem sucedido.

Não se tinha escoado um mês, quando um dos nossos pensionistas foi picado por uma cobra que enterrou as duas presas no seu calcanhar. O réptil devia ser de boas dimensões a julgar pela distância e profundidade das duas feridas. Também as suas glândulas deviam estar bem guarnecidas de veneno, pois, a criança começou a dar gritos

de dor. Ela sentia que o mal subia rapidamente do pé à barriga da perna. Que fazer? O perigo era iminente. Fez-se a criança beber a aguardente na qual estavam os tubérculos trazidos pela preta, em colherinhas de café, de meia em meia hora. De cada vez a aguardente fazia parar as dores e os gritos como que por encanto. Depois a criança recomeçava a queixar-se. Uma nova colher de remédio e a calma se restabelecia. Assim foi necessário fazer durante algumas horas até que a criança adormeceu e tudo terminou. A cura foi completa e o garoto só teve que ter paciência para deixar que se fechassem os dois orifícios feitos pela cobra no seu calcanhar.

4º Curativo sumário, mas eficaz

O último exemplo que quero citar não é menos probante.

Um dia, dando uma volta pela vila, avisto um de nossos cristãos ocupado em fazer um curativo num cavalo.

Pobre cavalo... Ao saltar uma cerca ele se empalou e uma estaca da largura de uma mão tinha feito entre suas pernas uma ferida medonha, da qual pendia um mulambo de carne da grossura de um punho.

"Que é que V. está fazendo? digo ao bom homem." "Não seria melhor acabar com o animal com um tiro, do que deixá-lo sofrer tanto? Não há nada que possa curá-lo..." — "Snr. Padre", respondeu ele, "pelo contrário, espero me servir dele ainda, se Deus quiser. Este cavalo ainda não é muito velho e pode trabalhar".

"Faço votos que sim, mas, na minha terra, a gente nem tentaria salvá-lo".

Assisti ao curativo, muito simples. O dono do cavalo contentou-se em encher a ferida com uma casca de árvore finamente esmagada. Ele a empurrava para dentro com os dedos.

"E V. acredita que com isso a ferida vai fechar", perguntei, sempre incrédulo. — "Sim Sr., se Deus quiser. Esta casca faz crescer as carnes".

E Deus o quis, pois, duas semanas mais tarde o animal passeava tranquilamente na praça pública à procura de pasto.

5º Inda mais convincente

Há poucos meses encontrei um antigo missionário que havia passado muitos anos na Colômbia, em meio às tribos indígenas. Falamos, naturalmente, sobre o que mais gostávamos como seja dos índios, de seus costumes, de suas curas estrondosas por meio das plantas.

Narrei-lhe algumas façanhas dos meus antigos paroquianos, acreditando que ninguém podia excedê-los.

O padre, usando da palavra, por sua vez, provou-me o contrário. Escutai, então.

Conhecera um índio que possuía uma das pernas amputadas. Eis como a operação fora praticada.

O seu pé estava gangrenado e, vendo-o, o médico indígena, naturalmente não era diplomado, que denominamos curandeiro, ofereceu-lhe os seus serviços.

"Teu pé, disse-lhe, está perdido: a perna também está afetada. E' necessário amputá-la ou então morrerás. Se tu queres eu ta cortarei".

O oferecimento foi aceito.

Sem mais cerimônias, o médico indígena tira da cintura o seu grande facão, procura algumas folhas de determinada planta na floresta, esfrega-as no instrumento,

coloca a perna do doente sobre um cepo, alevanta o braço e com um golpe violento decepa-lhe a perna abaixo do joelho.

Terminada a operação, o paciente não perdera sangue algum!!!

"E' uma história de louco que me contais, disse-lhe. Acredito-a porque sois sacerdote, porém nunca a escreverei num livro, porque caçoarão de mim".

O missionário replicou-me que a história era conhecida no país. Os seus irmãos sabem-na, o seu Bispo a conhece e todos tem ciência da existência de uma planta que estanca as hemorragias.

O padre retirou-se para o seu quarto ao lado do meu.

Ora, recebera, poucos dias antes, um magnífico livro que tratava das plantas medicinais do México.

Interrompera a leitura para receber o confrade. Tendo-se retirado, retomei a leitura do livro.

Qual não foi a minha surpresa, ao ver atribuída à "Yerba del Pollo", a mesma propriedade hemostática, apoiada em várias observações.

O padre Alzate, os senhores Alfonso Herma e Gumerzindo Mendoza cortaram, a alguns galos, as asas e as pernas, estancando-se o sangue que corria das artérias seccionadas, uma vez que passassem ou esfregassem as feridas com a mencionada planta.

No dia seguinte, as feridas se encontraram curadas.

Corri ao meu confrade para lhe comunicar a minha descoberta. Ficou contentíssimo.

"Vede bem que é verdade, exclamou.

Havíeis dito que era uma história de louco".

Isso é o que mais de um de meus leitores pensarão, ao ler estas linhas: "Historia de Louco".

Pois bem! Isso não é uma história de louco.

E' uma história verdadeira; demonstrei-o, mencionando as provas e dizendo o nome das plantas e a fonte das informações.

6º Na escola dos indígenas

Não seriam necessários tantos exemplos para me convencer da excelência das plantas e de suas propriedades medicinais. Ora, eu percorria anualmente a maioria das vilas da minha imensa paróquia, fazendo três a quatro mil quilômetros, o que me permitia ver um grande número de doentes. Encontrava-me pois, nas melhores condições para me instruir na escola dos indígenas. Comunicando aos meus fiéis os conhecimentos que eu adquiria assim de ano em ano, não poderia eu mesmo prestar-lhes um grande serviço?

Eu não partia em viagens paroquiais sem levar uma caderneta na qual anotava as minhas descobertas e sem voltar cada vez mais rico de documentação. Eu tinha o cuidado de escrever as principais características das plantas e o lugar em que elas se encontravam. Tal planta, não cresce senão ao pé de uma colina, a mais de quatrocentos quilômetros da residência dos missionários, perto dos brejos. Tal outra, encontra-se somente nos altos planaltos, em terrenos secos e áridos e a uma distância ainda mais considerável. Sempre consegui obter pelo menos uma amostra, por vezes à custa de longas voltas e grandes fadigas.

Nem sempre era fácil conseguir as informações.

Os índios são muito ciumentos dos seus segredos. Eles prepararão de muito boa vontade as tisanas de que tiverdes necessidade, mas não pergunteis com o que as fizeram:

eles não sabem. Se insistirdes, estareis sujeitos a não ter mais tisana e isso pode tornar-se grave. E' preciso estar muito bem com eles para que façam uma confidência.

Os nossos cristãos brasileiros são muito mais condescendentes e, depois, um serviço prestado chama outro. Eu começava por ensinar aos meus guias o que sabia. "V. conhece esta planta?" dizia-lhes. "Ela serve para isto e para aquilo..."

O guia não queria ficar atrás em gentileza e quando, por acaso, em nossas cavalgadas, ele percebia uma erva ou um arbusto empregado pelos curandeiros, perguntava-me por sua vez: "Padre, o Snr. conhece essa erva? Ela é boa em tisana. Serve para tal doença."

Se a planta me era desconhecida, eu descia do cavalo para colhê-la e levar uma amostra. Minha coleção enriquecia pouco a pouco, oh! Não depressa, pois guardava somente o que havia de melhor. Consegui assim conhecer umas cinquenta plantas de primeira ordem.

E depois eu não era o único a interessar-me pelas plantas medicinais. Vários dos meus confrades me comunicavam as suas descobertas. Devo uma menção especial aos Reverendos Padres Charles Valette e François-Marie Hérail, os quais com satisfação me traziam amostras novas e informações preciosos. Graças a essa colaboração fraternal é que foram obtidos os resultados que serão expostos no decurso desta obra.

Graças ao que nos foi enviado por missionários de Angola, Senegal, Gabon, Madagascar, Chile, Annam, nossa coleção enriqueceu-se. O número de plantas recebidas e estudadas passa hoje do milheiro. Guardamos só as melhores.

7º Com os livros

Não contentes de aprendermos a ciência médica dos indígenas que a praticavam, nós três entramos em uma competição para procurar nos livros antigos e modernos uma documentação mais completa.

De minha parte, li, com um lápis na mão, todos os livros que pude encontrar, anotando as plantas, de qualquer país que fossem, parecendo ter propriedades notáveis e afastando as tóxicas, por pouco que o fossem.

Desse modo conseguimos reunir mais de duzentas e cinquenta plantas cujas virtudes curativas eram incontestáveis.

Que são duzentas e cinquenta plantas entre milhões que encerra a flora do mundo inteiro? Bem pouca coisa e, entretanto, o que não se pode tirar delas para o bem da humanidade?

Infelizmente, meus colegas, tanto como eu, não fizeram estudos médicos. Para podermos nos servir vantajosamente e sem perigo das nossas plantas, faltava-nos o conhecimento das doenças.

Havíamos feito dois belos repertórios, um classificando as plantas, cada qual com seu número e indicação de todas as doenças que ela pode curar ou aliviar; outro, pelo contrário, relacionando a cada doença as plantas que lhe convém. Médicos que viram esse trabalho manifestaram o seu espanto e disseram ser surpreendente que missionários tivessem podido realizá-lo.

Trabalho especulativo que nós não podíamos levar em prática senão muito imperfeitamente, mas trabalho de que o conhecimento do pêndulo iria logo permitir uma plena utilização.

Foi após ter adquirido esses conhecimentos e feito esse trabalho que ouvi falar na radiestesia e nas suas aplicações à medicina. Eu tinha o que precisava para fazer dela um bom uso.

Capítulo VIII

AS PLANTAS ESTUDADAS COM O PÊNDULO

Acabámos de ver como, primeiro na escola dos indígenas e depois na dos livros, nós, alguns dos meus colegas e eu, tínhamos chegado a lazer uma escolha de primeira ordem entre as melhores plantas medicinais da flora que nos cercava.

Isso já era um recurso precioso para ajudar os nossos fiéis, quase todos muito pobres.

O pêndulo ia nos revelar todas as riquezas da nossa coleção, permitindo-nos conhecer-lhes as propriedades, muito mais poderosas do que podíamos imaginar.

Este capítulo será talvez uma revelação para os farmacêuticos que poderão tirar proveito dele em suas pesquisas pessoais. Os missionários, que não perco de vista, deverão lê-lo com particular atenção pois ele lhes permitirá, se souberem servir-se do pêndulo, lazer descobertas não menos preciosas do que as nossas. Cada região não tem os remédios que melhor convém ás doenças mais frequentes dos seus habitantes?

Foi dito que, com o pêndulo, é possível escolher o remédio que melhor convém a um doente.

Não geria possível, inversamente, distinguir entre as minhas plantas todas as que se relacionavam com um gênero de doença e classificá-las segundo o seu valor respectivo? Tentei fazê-lo e foi um trabalho árduo.

Assim, tendo na mão esquerda uma fotografia de um tuberculoso autêntico, passei o pêndulo em cada planta, notando fielmente as reações.

Certas essências eram muito boas, outras passáveis ou neutras; várias eram francamente contrárias.

Terminada a inspeção eu sabia com as quais podia contar.

Nota curiosíssima, o valor das plantas, no mesmo gênero de doença, variava segundo as fotografias. A que convinha mediocramente para Pedro era a melhor para Paulo. Isto queria dizer que cada doente deveria ter o seu tratamento, a sua fórmula especial. Têm razão os médicos que dizem haver doentes e não doenças.

Aconteceu o mesmo com todas as afecções que tive ocasião de estudar. Percebi o perigo das fórmulas gerais: a que faz bem a um, pode fazer mal (e muito!) a um outro que parece encontrar-se exatamente no mesmo caso.

Felizes, poderíamos dizer, os missionários que, não tendo especialidades farmacêuticas á sua disposição, podem pessoalmente encolher, no meio da abundância das plantas que os cercam, as que melhor convém aos seus doentes, contanto que eles saibam se servir do pêndulo!

Não seria possível, entretanto, encontrar, com o auxílio do pêndulo, fórmulas gerais que atingiriam um número considerável de doentes? Pois desde que o pêndulo dispensa o radiestesista da presença do doente e permite operar sobre uma fotografia ou um manuscrito com a mesma garantia que sobre a própria pessoa, é fácil multiplicar as experiências sem perigo algum para os indivíduos.

Deem-me dez, vinte, trinta fotografias de tuberculosos ou cancerosos ou quaisquer outros doentes atingidos pela mesma afecção. Fazendo desfilar diante dessas fotografias as amostras das plantas que possuo, será possível ver não somente as que melhor convém a cada indivíduo, mas as que podem convir a um número maior de doentes, o que já constitue uma observação importante.

Por exemplo, eis uma planta que convém a vinte e cinco dentre trinta doentes. Só por si ela quase serviria de fórmula geral, sobretudo se o pêndulo não a indica como contrária aos cinco doentes aos quais ela não faz bem.

Outra planta fará bem a quinze dentre os trinta doentes que examino, — não é mal, não! Uma outra fará bem a dez.

Misturando essas três plantas, não terei uma fórmula melhor do que cada uma delas separadamente? Não é garantido. Certas plantas, ao se unirem, fortificam a sua atividade, enquanto que outras enfraquecem ou se neutralizam completamente, podendo mesmo produzir um efeito contrário.

Como saber se elas podem ou não unir-se? O meio mais simples, mas não o mais rápido nem o mais econômico, seria fazer a mistura e estuda-la com o pêndulo, fazendo-a passar diante das trinta fotografias de doentes. Isso leva tempo e se, no fim das contas, a mistura não é feliz, ter-se-á perdido o tempo e as plantas.

Imaginei então estabelecer as relações que as plantas guardam entre si, se elas se atraiam ou se repeliam, ou se eram indiferentes. Recorri ao seguinte processo:

Coloquei duas amostras em um mesmo plano e a pequena distância uma da outra. Fiz descer o meu pêndulo entre as duas. Conforme ele oscilava no sentido B ou no sentido M, eu compreendia que a mistura das plantas era boa ou má (fig. 17).

Ou então, depois de pousar o pêndulo um instante sobre um frasco, eu o colocava sobre o outro (fig. 18).

Quando era possível eu realizava logo a mistura que se tornava uma nova unidade, a qual eu comparava com as outras amostras.

Depois de terminada a inspeção geral, eu me certificava do valor do meu trabalho.

Não me era possível fazer o mesmo estudo para um grande número de fórmulas; seria necessária uma vida inteira.

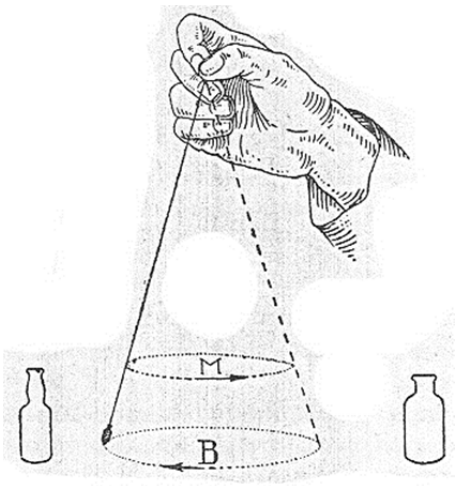


Fig. 17

Lembrando-me que, para a pesquisa da água, o estudo de uma planta do terreno dá os mesmos resultados que o estudo feito "in loco" — quis certificar-me se poderia ser efetuada uma operação análoga para descobrir as relações dos vegetais entre si, sem remexer e misturar tantas amostras.

Organizei a lista das plantas que se relacionavam, cada uma separadamente, com um doente e ia do nome de uma ao de outra, conservando o meu pêndulo na mão direita como pratico habitualmente. O pêndulo oscilou e girou exatamente como se eu o

mantivesse sobre as amostras, indicando se elas podiam ou não ser associadas. Quanto tempo não ganhei fazendo assim...

Mas, perguntar-me-ão, merecem confiança as indicações do pêndulo dadas em tais condições?

Para me assegurar sobre esse ponto, pedi a um amigo e discípulo que fizesse, do seu lado, as mesmas pesquisas. As suas investigações conduziram-no sensivelmente aos mesmos resultados. Podíamos pois confiar no pêndulo. Aliás, restava-nos recorrer às fotografias para julgar, em última análise, do valor das misturas.

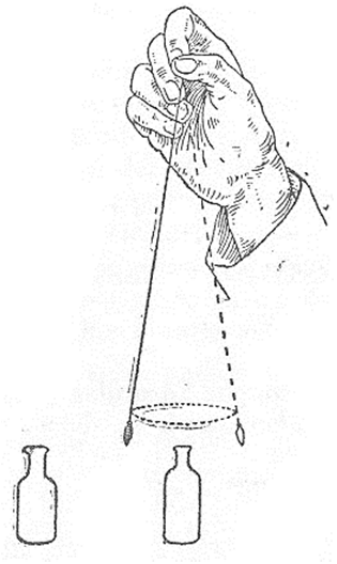


Fig. 18

Assim nasceram as fórmulas Poconeol, cuja eficácia — desigual, sem dúvida, mas notável no conjunto — chamou a atenção dos médicos radiestesistas.

Capítulo IX

NOSSO ESTOJO - TESTEMUNHAS

Não é suficiente compor fórmulas gerais: é preciso, sobretudo, não só saber servir-se delas, como também possuir meios para isso.

Explicamos bem como se encontra o remédio e portanto a fórmula que convém a um doente, mas os missionários são obrigados a deslocamentos contínuos e longínquos. Não podem carregar uma farmácia que os estorve.

Depois de ter composto as fórmulas, era necessário encontrar o meio de pôr à disposição dos missionários uma série portátil de amostras correspondentes á essas fórmulas, de maneira que fosse possível, de passagem, escolher o que conviesse, sem ser preciso fazer vir o remédio do centro da missão.

Metemo-nos nessa nova tarefa e vimos nossos esforços coroados de sucesso, a julgar pelo testemunho dos próprios interessados.

Imaginámos primeiramente uma caixa com vinte e cinco divisões, podendo conter vinte e quatro amostras e um pequeno pêndulo. A apresentação foi muito apreciada, mas o volume era um pouco incômodo. A caixa convinha mais aos médicos, para os quais não havia sido feita, do que aos missionários, a quem fora destinada.

Pois os médicos quiseram possui-la e ninguém a elogiou tanto quanto eles. Foram mesmo os primeiros a insistir para que a coleção de vinte e quatro amostras fosse aumentada. Contém ela, atualmente, cento e duas amostras.

Nós a chamamos de estojo-testemunhas porque os tubinhos que ela contém testemunham o que convém aos doentes.

Como devemos servir-nos dele? A manipulação é das mais fáceis.

Só temos que aplicar os princípios emitidos no capítulo VI.

Como a clareza nunca prejudica, apliquemo-los aqui.

Abram a caixa e deixem-na sobre a escrivaninha, á esquerda. Peguem o pêndulo e suspendam-no sobre a mão do doente, se estiver presente, ou sobre qualquer coisa que dele provenha.

Coloquem a ponta do indicador esquerdo sobre o tubo n° 1 e deixem-na aí um certo tempo, mais ou menos longo, conforme a sensibilidade pessoal. Os muito experimentados terão necessidade de alguns segundos para ver o pêndulo oscilar ou girar; os principiantes ou os que reagem dificilmente necessitarão um pouco mais de tempo. Cada um deve conhecer a si mesmo e agir segundo o seu temperamento.

Ora pois, quando tiverem tocado com a ponta do index o n° 1 durante alguns instantes, se o pêndulo não se mexer, passem ao n° 2, depois ao n° 3 e assim por diante.

Se acontece que o pêndulo começa a oscilar enquanto estiverem tocando um tubo, demorem-se um pouco mais sobre ele, para ver se as oscilações se transformam em movimentos circulares e como o pêndulo gira, se no sentido M ou B, conforme já foi dito.

Se o pêndulo conserva a oscilação, não dou a isso nenhuma importância e continuo o exame dos tubos.

Se ele gira no sentido M, o conteúdo do tubo que provoca esse movimento seria nocivo ao doente. Se ele gira no sentido B, ele lhe é favorável, em grau maior ou menor, segundo a amplitude dos movimentos circulares. Não interrompam ao encontrar um tubo favorável; percorram a série até ao fim. Frequentemente várias fórmulas convém e se completam. Se tal acontecer, resta ver se, realmente, essas fórmulas podem ser combinadas.

Para controlar isso, peguem na mão esquerda o tubo que provocou os mais fortes movimentos circulares e procedam como se fossem recomeçar o exame. O pêndulo retomará seus movimentos circulares e quando eles atingirem toda a sua amplitude, sem se desfazerem do tubo que está na mão esquerda, toquem o segundo tubo que provocou círculos no sentido B.

Nesse momento, olhem o pêndulo.

Se a amplitude dos círculos não diminui, ou, melhor ainda, se aumenta, os dois remédios que correspondem aos tubos podem ser tomados ao mesmo tempo.

Seria o contrário se os círculos diminuíssem e, com mais razão, se o pêndulo parasse nitidamente.

Terão muitas vezes a surpresa de verificar que dois remédios, favoráveis separadamente, tornam-se nocivos quando misturados. Mais comumente, terão a surpresa de ver que dois ou três remédios neutralizam-se para um doente e fortificam-se para outro, se bem que, um e outro, estejam atingidos pelo mesmo mal.

Por quê? Quem nos dirá? Quantos imponderáveis no nosso corpo!

Vê-se por essas precisões dadas pelo pêndulo, o quanto o seu uso é precioso e quase indispensável a um médico. E' isso o que me faz acreditar que chegará o dia no qual veremos o pêndulo nas mãos de todos os médicos. Pois, um deles, não me escreveu, dois anos após sua iniciação á radiestesia, que treme ao pensar na sua audácia em tratar os doentes quando não sabia se servir do pêndulo?

Não vou tão longe, mas estou convencido de que o pêndulo está chamado a um futuro brilhante.

O estojo de testemunhas não permite fazer também o diagnóstico da doença?

Permite, de uma maneira geral, mas não com a mesma certeza que a escolha do remédio. Eu me explico.

O estojo vem acompanhado de uma indicação sumária sobre o uso principal das fórmulas de cada tubo. Em frente dos números vê-se, por exemplo, a indicação: coqueluche, sífilis, câncer, etc.

Essa indicação significa que cada vez que se tratar de um coqueluchoso, de um sifilítico ou de um canceroso, o número ao lado ser-lhe-á aplicável.

Mas, fora dessa aplicação, poderá haver outras, imprevistas.

Assim, o n° 20 é para os coqueluchosos. Ora, acontece que uma das plantas que o compõem é excelente para o fígado. Pelo fato do pêndulo girar no sentido B sobre esse tubo, não vão concluir que o doente tem coqueluche. Poderiam enganar-se. Se fizerem questão de saber o que há realmente, controlem, vendo se o n° 7 — que é para o fígado — imprime movimentos circulares no sentido B ao doente. Se não lhos imprimir têm os Snrs. uma probabilidade a mais, de não se enganarem dizendo que o doente é coqueluchoso, sem entretanto terem a certeza de que o seja.

Mas que necessidade temos nós, missionários, de fazer diagnósticos que não têm outra finalidade senão ajudar pesquisa do remédio? De um lado, nós não temos nenhum ou quase nenhum conhecimento médico e, de outro lado, nós encontramos o remédio sem o diagnóstico. Contentemo-nos com isso. Querendo passar por sábios conseguiremos apenas provocar risotas e desacreditar a nossa arte.

Feita essa reserva, muito importante, devo acrescentar que muitas vezes o diagnóstico pendular, por meio de um estojo-testemunhas como o nosso, será mais seguro do que um diagnóstico científico, mesmo que pareça em contradição com ele. Compreenderemos isso facilmente pelos exemplos seguintes.

Suponhamos que o número da sífilis imprimiu movimentos circulares positivos no sentido B. Concluo daí que o doente sifilítico. Ora, acontece comumente que ele não apresenta nenhum sinal dessa doença. Mesmo a reação de Wassermann será negativa. Se eu faço o diagnóstico na presença de um médico, este é levado a crer que eu estou errado. Ele me dirá: "O doente é diabético, ou reumático, ou neurastênico: o Snr. se enganou."

Eu lhe responderei: "Dr., o seu doente parece ser o que o Snr. diz, ele tem açúcar, sofre como se fosse reumático, tem ideias negras, está bem entendido; mas porque está ele nesse estado? O Snr. não mo poderá dizer! Pois bem! O exame pendular nos revela a causa do seu mal, a sífilis."

Em noventa e nove por cento dos casos semelhantes, o tratamento do doente pelo número indicado pelo pêndulo, trará melhoras ou a cura.

Um médico propõe que eu examine seus doentes. Ele quer certificar-se do valor do meu método.

Apresenta-se uma doente queixando-se do coração. O exame pendular indica insuficiência hepática. Fico desconcertado.

"Pode bem ser que o Snr. tenha razão", diz o médico. "Não é raro que uma doença do fígado provoque distúrbios cardíacos". O n° 7, que diz respeito ao fígado, foi prescrito pelo doutor e a doente curou-se.

Já que, mesmo quando temos razão, corremos o risco de parecer estarmos errados, não percamos o tempo em fazer diagnósticos. Aliás, não se apresentará a oportunidade de fazê-los, se estivermos na Europa, a não ser a pedido de médicos curiosos de saber como operamos.

Neste caso, nunca me recuso á uma demonstração, contanto que o médico me pareça estar de boa fé. Prestando- me porém á estas experiências, sempre faço as minhas reservas quanto ao diagnóstico. Façam o mesmo.

CAPITULO X

A DOSAGEM

Não basta achar o remédio que convém; precisa ainda saber que quantidade o doente pode tomar com proveito e este ponto é de suma importância em certos casos.

Distingamos a dosagem conforme se trata de tisanas ou de gotas em dose infinitesimal.

Digamos logo que não conhecemos nem homeopatia nem alopatia. É-nos totalmente indiferente que a doença seja curada pelo que a causou ou pelo seu contrário. Ministramos o remédio indicado pelo exame pendular sem outra preocupação.

1º Dosagem das tisanas

Os missionários podem usar, à sua escolha, remédios fabricados por eles mesmos, segundo os princípios já enunciados ou tisanas preparadas com plantas de sua Missão.

Estas tisanas não devem ser menosprezadas. Os nossos indígenas obtêm com elas resultados surpreendentes. Não sabem aliás usar de outra maneira as plantas, e foi precisamente, ao observá-los, que me interessei, pouco a pouco, aos doentes.

A dosagem das tisanas é mais necessária que a das gotas porquanto os elementos contidos nos vegetais operam mais brutalmente quando ingeridos em grande quantidade.

Vi alguns dos nossos indígenas envenenarem-se, tomando doses maciças pensando assim sarar mais depressa.

Será prudência para nós missionários excluir da nossa farmácia toda a planta que contém elementos tóxicos. Evitaremos, destarte, acidentes, quiçá mortais.

A dosagem radiestésica das tisanas é difícil; por isso não as uso, a não ser algumas mais eficazes e bem conhecidas.

Uma primeira indicação, que pode servir de base, é a dose ministrada pelos mesmos indígenas. Eu nunca a daria tão forte. Apenas daria a quarta ou a décima parte, podendo sempre aumentá-la se não conseguisse o efeito desejado. Verifiquei que o organismo de um europeu é muito mais sensível aos remédios que o dos indígenas. A comida mais requintada, os cuidados minuciosos dados ao corpo, em vez de aumentar-lhe a força de resistência, parece que a diminuem.

Se quiser operar pelo método radiestésico, o missionário poderá proceder desta maneira.

Com a mão esquerda toca a planta ou a mistura de plantas que quer dar ao doente, com a mão direita, segura o pêndulo sobre a própria mão do doente ou sobre qualquer coisa que dele provém, e conta, como explicámos quando tratámos da maneira de procurar o volume d'água de uma fonte (voltamos sempre ao mesmo princípio), determinando a unidade em gramas ou decigramas. Faz a pergunta: "Este doente deve tomar um decigrama, dois decigramas, etc.?"

E' como se dissesse: "Este doente terá radiações que se harmonizam com as de um decigrama, de dois decigramas deste remédio?"

Quando houver harmonia, o pêndulo o indicará.

Lembram-se do jogo de que falámos? "Pensar numa cor, pensar no nome de uma cidade." E' exatamente a mesma coisa que se faz aqui.

Poder-se-á, aliás, tirar proveito do que vamos dizer a respeito da dosagem das gotas.

2º Dosagem das gotas infinitesimais

Acabam de achar o remédio que convém ao doente pelo exame dos "tubinhos-testemunhas" dos estojo. Suponhamos que um só tubo lhe convém. Seja o n° 5.

Dosagem para um só frasco

Tomem então este número 5 na mão esquerda e, com a direita, segurem o pêndulo sobre a mão do doente ou sobre qualquer coisa que provém dele e contem, como já dissemos: "Uma gota, duas, três, quatro gotas, etc... convém a este doente?"

Pode ser que o pêndulo oscile imediatamente; parem de contar. Se girar no sentido B, já tem o número de gotas que é preciso dar. As vezes, bastam uma, duas, três gotas. Outras vezes, precisa um maior número. Hão de ver.

Talvez tenham algumas surpresas!

Quando examinaram o doente, correndo a ponta do dedo pelos tubinhos do estojo, acharam que o número 5 lhe convinha e eis que, agora, ao procurar o número de gotas que o doente deve tomar, o pêndulo gira em sentido contrário, em M, logo ao enunciar a primeira gota. Será que erraram na procura do remédio?

Façam outro exame; poderiam ter tido algum lapso.

Mas não se enganaram. O número 5 é mesmo o número indicado tanto no segundo como no primeiro exame. Porque então esta contraindicação quando se procura o número de gotas?

E' que o doente não pode tomar nem uma gota sequer; é demais para ele. Que fazer nesse caso? Em vez de calcular, tomando por unidade a gota, tomem a décima parte e vão contando: um décimo, dois décimos, etc..., e hão de achar. Se for preciso, tome-se a centésima parte, mas seria um caso extraordinário.

Como porém dividir uma gota em quatro ou dez partes? Simplesmente pondo esta gota dentro de quatro ou dez colheradas de água, dar uma ou duas colheradas desta água ao doente, pronto!

Há uma outra surpresa, aliás frequente, e o meu desejo é que se realize. Verifica-se que, na medida em que os doentes vão indo melhor, é preciso aumentar o número de gotas.

Creio que esta verificação é uma maravilhosa descoberta.

Com efeito, não lhes pareceria mais lógico que um doente tivesse de tomar menos remédio á proporção que vai se fortalecendo e recuperando a saúde? Ora uma longa experiência prova o contrário e é fato compreensível.

Se se desse á uma criancinha de peito a comida que reclama o estômago de um adulto, seria matá-la, não é? Por quê? Porque a criancinha é fraca demais; não pode ainda digerir o pão e a carne. Somente na medida em que for crescendo e fortalecendo-se, a mãe lhe dará o alimento proporcionado à idade, porém devagar, de pouco a pouco.

O mesmo acontece com os doentes. Não se lhes deve ministrar doses maciças de remédio que não poderiam suportar ou não lhes seria de nenhum proveito. Desse-lhes tão somente o que podem absorver com vantagem. Como o saberemos? Pelo exame radiestésico de que acabamos de falar.

Vê-se pois quão precioso e fundado é este exame!

Permite estabelecer a concordância entre a capacidade do doente e a eficácia do remédio.

Quanto mais fraco estiver o doente, tanto mais fraca deverá ser também a dose do medicamento. O equilíbrio obtém-se seguramente pela comparação das radiações do doente com as radiações do remédio.

Dosagem para vários frascos

Acabo de imaginar o caso mais simples em que um só remédio convém ao doente. Suponhamos agora que vários remédios lhe podem fazer bem: sejam, além do n° 5, o n° 1 e o n° 2.

Certificaram-se de que os três números podem ser tomados no mesmo tempo e misturados num mesmo copo d'água. Agora estudem-nos separadamente como se procurassem a dosagem para um só frasco. O resultado será, suponho, duas gotas do n° 1, três gotas do n° 2 e quatro gotas do n° 5, no total; nove.

Com estes dados, preparem uma fórmula, pondo, num pouco de água duas gotas do n° 1 três gotas do n° 2, quatro gotas do n° 5, e terão assim a dose para um dia.

Achando difícil determinar estas proporções, calculem mais ou menos a olho visto; ainda assim a sua fórmula será mais certa do que qualquer outra da farmacopeia oficial.

3º Plantas e gotas

Havemos de ver quão grande é a eficácia das gotas na dose infinitesimal.

Dizem alguns que os remédios tomados desta maneira não podem fazer mal. Será? Duvido. Estou mesmo convencido do contrário. Porque é que um medicamento que faz bem, quando aplicado acertadamente, não faria também mal, se fosse tomado sem necessidade por um doente, sobretudo no caso de ser contraindicado?

Um remédio tomado na dose infinitesimal é sem dúvida menos perigoso do que uma tisana de maior dosagem, porém não ficamos dispensados de sermos prudentes, principalmente nós sacerdotes e missionários.

Será que os dois tratamentos, o das tisanas e o das gotas, se excluem? Não, na verdade, mas o exame pendular é que indicará se podem ser seguidos com proveito, no mesmo tempo, pelos doentes.

Encontra-se o caso em que o uso das tisanas é preferível ao das gotas e mesmo o completa. Entretanto o inverso é mais comum.

A dose infinitesimal, em si, é menos perigosa do que a dose alopática. Alguns mesmo pretendem, como acabamos de dizer, que não oferece perigo nenhum, no que se enganam.

Eis um caso que terminou sem consequências graves, mas que terá causado bastantes emoções às pessoas que o presenciaram.

Os missionários não têm sempre os doentes ao alcance da mão e não podem dosar-lhes diariamente o remédio. Por isso entregam-lhes uma certa quantidade para ser tomada durante uma semana ou durante um mês, conforme, indicando a dose diária.

Alguns doentes, ansiosos por recuperar a saúde, julgam sarar mais depressa duplicando ou triplicando a dose. E' o que aconteceu com uma leprosa de China. Fez mais do que dobrar e triplicar a dose. Tomou num só dia e provavelmente de um só trago a

quantidade que lhe tinha sido enviada para um mês. Resultado: teve uma síncope... no entanto, recuperou logo os sentidos.

A quantidade que devia servir para um mês, muito longe era de igualar uma dose alopática qualquer; entretanto aí o efeito que produziu.

Portanto muita prudência, e recomendemos aos nossos doentes que sigam á risca as nossas indicações.

Assim mesmo pode ser que a leprosa tenha experimentado melhoras depois da síncope. Quem sabe se a forte reação que o remédio causou no organismo não terá debelado poderosamente o mal. Pedi informações ao missionário que me comunicou o fato. Aguardo a resposta.

4º Dosagem impossível

Disse ao começar este capítulo que a dosagem é de suma importância em certos casos.

Portanto é bom dosar o remédio, enquanto for possível, porém: 1º às vezes não se tem disposições pessoais para fazê-lo; 2º outras vezes não há tempo. Então dispense-se a dosagem e dê-se ao doente, para começar, uma dose mínima, por exemplo, cinco ou seis gotas por dia e vai-se aumentando de uma gota de tempos em tempos.

Assim fazendo, o missionário, que vê muitos doentes, conseguirá adivinhar por assim dizer a dose que é para receitar. Se por princípio deixar de lado, como eu sempre fiz, as plantas tóxicas, usando doses infinitesimais com as gotas, e doses mínimas com as tisanas, não corre risco nenhum grave.

Várias vezes pediram-me, com instância, que escrevesse uma brochura especial destinada aos médicos não radiestesistas para que pudessem receitar os meus remédios aos doentes.

Recusei por dois motivos:

1º Nunca tive a pretensão de ensinar qualquer coisa aos médicos, pois sabem melhor do que eu o que devem fazer. Escrevi o meu livro para os meus confrades missionários. Houve entretanto médicos radiestesistas que resolveram usar as gotas e foi para o maior bem dos seus doentes. Disso me alegro; mas é coisa que vai além das minhas previsões e ambições.

2º Porque as minhas gotas não podem ser usadas com o sucesso que se lhes reconhece, se não forem escolhidas e dosadas da maneira que fica exposta neste livro. Todos os remédios, aliás, deveriam ser aplicados deste mesmo modo; o que redundaria em grande vantagem para os doentes.

Também os meus remédios poderiam ser usados, como os demais, segundo uma dosagem já determinada com antecedência para todos os doentes, conforme a idade: X... gotas, para os adultos, X... gotas para as crianças. Não haveria dano nisso, nem complicações graves que recear, pois que as gotas não contém nenhum tóxico; porém a eficácia do remédio seria de tal modo diminuída que este cairia logo em descrédito.

5º Como tomar as gotas?

A melhor maneira de tomar as gotas é misturá-las com água, em conjunto ou em separado, conforme as indicações pendulares, e beber a água por golezinhos durante o dia, ou em uma, duas ou três vezes, segundo a conveniência de cada um. Não importa a quantidade de água; bebendo a água, seja muita ou pouca, bebem-se as gotas e o que

importa é tomar as gotas. Quanto à quantidade do líquido, cada um calcula segundo as exigências do estômago.

Aliás, não havendo água, pode-se beber as gotas diretamente.

O momento mais próprio para tomar as gotas é de manhã em jejum ou à noite antes de dormir; também entre as refeições. Os que viajam podem preparar seu remédio num vidrinho de água e levá-lo consigo.

As gotas assim tomadas por golezinhos parece que têm mais eficácia.

CAPITULO XI

UMA NOVA TERAPEUTICA BANHOS. LOÇÕES, COMPRESSAS

Antes de entrar no assunto, acho útil contar como é que descobri o tratamento das doenças por meio de banhos e compressas húmidas.

Devo-o primeiro a índole que Nosso Senhor me deu: não tenho medo da verdade. Amo-a e procuro-a por toda a parte onde cuido encontrá-la. Perante um fenômeno extraordinário, não sou capaz de dizer: "Isto é impossível." Mesmo que a coisa tal me pareça, nunca recuso examiná-la, até com o risco de ser alvo das zombarias dos que me rodeiam.

Um jovem médico, a quem manifestava o que acabo de escrever, disse-me que eu tinha uma mentalidade perigosa. A dele, de certo, não o é; tanto pior para ele, pois provavelmente não vai inventar muita coisa e contentar-se-á em seguir, rotineiro, pelos caminhos batidos. Talvez passe ao lado de tesouros preciosos sem conhecê-los ou desprezando-os.

E' o que me teria acontecido, pelo menos duas vezes, se não tivesse, eu, esta mentalidade qualificada de "perigosa", porém simplesmente curiosa e sincera. A primeira vez foi quando me mostraram o diagnóstico feito, à distância, com muito acerto, pelo Abade Mermet: diagnóstico que me revelou o poder da radiestesia e sua utilidade para os missionários.

E eis a segunda ocorrência que passo a narrar.

Foi em 1932. Acabava de fazer vultosas compras de plantas medicinais numa ervanaria de São Paulo e já ia-me embora, quando divisei uma semente esquisita. Chama-se "chapéu de Napoleão" por causa da aparência. A amêndoa que encerra é veneno violento.

"Para que serve?" perguntei.

E' remédio para curar reumatismo, respondeu o ervanário.

Como é que se toma? Em pó, em tisana?

Não é para absorver, explicou-me; leva-se a semente consigo no bolso.

E cura?

Dizem."

Sorri-me. Apanhei uma semente e examinei-a em todas as faces. Era bastante deforme; a amêndoa, se havia, estava envolta em uma casca grossa. Que relação poderia haver entre esta fruta e o reumatismo? Não atinava; "porém, disse comigo mesmo, há tantas coisas extraordinárias que a gente não entende, embora reais e verdadeiras! "

Comprei três ou quatro sementes e logo botei duas no meu bolso.

Justamente, já havia alguns anos, estava com uma dor de cadeiras bastante aguda de lado direito. Ia pois verificar eu mesmo o efeito da semente.

Contei o ocorrido aos Padres da comunidade de São Paulo e naturalmente sorriram-se eles também, como eu, e como vós, sem dúvida, caros leitores, o fareis ao ler estas linhas.

Entretanto, apesar dos sorrisos zombeteiros, dos meus e dos vossos, a dor de cadeiras desapareceu. Apenas se, uma vez ou outra, na mudança do tempo, vem lembrar-me que me foi outrora fiel companheira.

A terapêutica que consistiria em curar o mal por meio de aplicações externas ou simplesmente levando consigo o remédio conveniente, não nos há de reservar bastantes surpresas? E' de crer se nos referimos á algumas experiências, já realizadas com feliz êxito.

Assim é que vi asmáticos rapidamente curados depois de colocar no peito um paninho verde, previamente ensopado num banho especial, paninho do tamanho da mão de um homem. Conheci alguns que, tendo passado durante muitos anos por violentas crises, nunca mais as tiveram, enquanto ficaram com o paninho no peito.

Depois, com o tempo, a cura tornou-se definitiva.

Uma pessoa que anualmente estava de cama, todo o tempo do inverno, e que foi até sacramentada algumas vezes, não teve mais incômodos nos dois invernos rigorosos que se seguiram ao tratamento.

Da mesma forma, guardando um vidrinho de óleo no bolso, outros doentes ficaram radicalmente curados de hemorroidas tenazes e antigas.

Nestes dois casos posso, creio, avaliar as curas de nove por dez.

E' um campo novo aberto às investigações dos médicos e dos farmacêuticos e mais uma esperança proporcionada aos doentes.

Nem o paninho, nem a semente se encontram à venda em casas comerciais. Falo disso apenas para demonstrar que os corpos irradiam: o pano verde e a semente irradiam pois que influem no organismo.

Referindo-se a esses dois fatos que conheceu pela leitura do meu livro em uma das precedentes edições, o Revmo Padre Gimalac, missionário na China, corrobora-lhes a veracidade, trazendo dois casos semelhantes que ele mesmo teve a oportunidade de verificar.

Escreveu-me no dia 31 de julho de 1947: "Há três meses, na minha aldeola de Flaujac, em Aveyron, um vizinho nosso, estando com vivíssima dor de dentes, mandou o garoto á procura de minha mãe que tem um remédio próprio para curar esse mal. E' uma semente envolta num papelzinho e guardada numa carteira. O doente põe a carteira no bolso e acha-se aliviado... Que semente é essa! Não sei. Foi o meu irmão mais novo, que pertence ao Instituto dos Irmãos das Escolas Christãs, quem deu a semente á minha mãe... E é só... Sem dúvida é um caso de radiações medicinais...

Vi ainda, na China, um arco de madeira com um pedacinho de ferro no centro que se põe em torno do braço, a modo de pulseira —: mas para cima do cotovelo — e parece que a gente fica livre de muitas doenças... Mas não pedi então explicações a respeito. Poderei fazê-lo na próxima oportunidade."

Mas como é que tais descobertas poderiam multiplicar-se a não ser pelo meio da radiestesia?

Mais ou menos nessa mesma época, tive ocasião de conhecer, na Espanha, uma religiosa que devia tornar-se exímia radiestesista.

Dei-lhe, para uso da comunidade, uma boa provisão dos meus remédios do Brasil. Regressando ela à França, trouxe os remédios e continuou em usá-los para as religiosas que estavam debaixo de sua autoridade e depois para as meninas órfãs que lhe foram confiadas. Ficava com a mão na engrenagem. Freiras e meninas instaram para que

tratasse os parentes. Com os sucessos alcançados, vieram os doentes cada vez mais numerosos e a Irmã tornou-se célebre na região.

Eu, sentindo-me responsável, embora indiretamente, por esse exercício ilegal da medicina, lembrei-lhe várias vezes que os meus remédios eram somente para uso da comunidade. Qual! Era tarde demais. A máquina estava em marcha. Poderia ser detida tão somente por uma intervenção da Autoridade superior, pois a Irmã, de tão boa não era capaz de recusar o alívio aos pobres infelizes que batiam à porta.

Posso falar dela hoje pois que é falecida, há tempo.

Não havendo mesmo meio de conseguir que deixasse de tratar doentes, disse-lhe um dia:

"Curei-me de uma dor de cadeiras, levando comigo no bolso uma semente. Portanto há plantas sumamente eficazes, até por aplicações externas. Estou persuadido de que a Senhora obteria resultados ainda melhores se mandasse aos seus doentes que tomassem banhos, pondo na água algumas gotas dos meus remédios. Quer experimentar?"

Experimentou, e logo falou-se na região da Irmã "que faz milagres!" Não fazia milagres, mas conseguia curas tão surpreendentes e rápidas que os doentes ficavam maravilhados. E havia de quê. Mais além darei provas.

Uma magnífica descoberta foi pois realizada, que o não fora, se eu tivesse encolhido os ombros quando o ervanário de São Paulo me disse que duas sementes guardadas no bolso curavam o reumatismo.

1º Banhos e loções

Depois de ter escolhido o remédio que convém ao doente tomando-se em gotas, façam outro exame para uso externo.

Se empregarem o meu "estojo-testemunhas", corram de novo a ponta do índex esquerdo pelos tubinhos, um por um, enquanto a mão direita segura o pêndulo por sobre o doente ou qualquer coisa que dele provém.

O pêndulo, pelas suas girações positivas, indicará se os produtos podem entrar na composição do banho. Quase sempre serão os mesmos que os que devem ser tomados em gotas; haverá algumas exceções.

Tudo o que é para beber, pode-se pôr no banho, mas o inverso não é certo. Hão de verificar, por exemplo, que o n° 1 quase sempre é indicado para uso externo, ainda que o não seja para uso interno. Cheguei á esta conclusão: todos, doentes ou sãos, poderíamos sempre com proveito pôr algumas gotas do n° 1 na água do banho, como curativo ou preventivo da doença.

Uma vez que acharam quais os remédios que podem entrar na composição do banho, preparem-no desta maneira:

1º Ponham na banheira a água necessária para mergulhar o corpo todo, água quente ou de temperatura agradável para o doente;

2º Ponham na água o número de gotas indicado pelo pêndulo e mexam para que se faça bem a mistura do remédio com a água;

3º Coloquem o doente na banheira e deixem-no aí uns quinze ou vinte minutos, a não ser que esteja cansado. Neste caso, retire-se logo que sente o cansaço.

Recomendem-lhe que lave o rosto e, se for possível, a cabeça toda com a água da banheira.

Ao sair do banho, o doente deve enxugar bem o corpo com uma toalha seca e tomar muito cuidado para não se resfriar.

O que é que hão de verificar depois do banho?

A maior parte das vezes, desde o primeiro banho, o doente se sente bem melhor, mais aliviado, mais forte.

Talvez experimente uma intensa transpiração; isto acontece uma vez por outra, embora raramente.

Olhem para a água da banheira; ficou alvacenta, azulada, gordurosa, conforme a doença e o doente. Este fica às vezes com a impressão de que é óleo que saiu dos poros e, na verdade, há como uma camada oleosa por cima da água do banho.

E' que se operou, dentro do banho, graças às gotas misturadas com a água, uma desintoxicação geral do organismo.

Perguntam: "Mas o que podem tão poucas gotas em tão grande quantidade de água? O pêndulo indicou apenas 5, 10, 20 gotas."

Experimentem e hão dever.

Também pode-se preparar doses mais fortes, mais complicadas que, evidentemente, terão ação mais enérgica.

Mas cinco, dez, vinte gotas bastam e pode-se ficar nisso, em nossas Missões onde, aliás, será difícil, a não ser nos hospitais, preparar banhos desta maneira.

Neste ultimo caso, os missionários podem aconselhar as loções gerais, isto é, recomendar aos indígenas que misturem as gotas com um pouco de água quente, ou mesmo fria, podendo aguentá-la, e depois que derramem esta água, por si ou com o auxílio de outrem, nos ombros de maneira que se esparja por todo o corpo, esfregando-o como se quisessem lavá-lo deveras.

O efeito da loção não será igual ao do banho; assim mesmo é apreciável.

Será preciso tomar muitos banhos?

Não posso dar resposta certa. Tudo depende da natureza e da gravidade do mal, assim como das disposições do doente.

Quando se trata de um mal grave, como tumores internos, ou quando os números 1 e 2 das gotas são fortemente indicados, é de aconselhar um banho diário, podendo o doente aguentá-lo, senão um banho cada dois ou três dias.

2º Compressas

Estando o mal localizado, é muito útil fazer aplicação de compressas, uma de manhã outra à noite, deixando-as ficar pelo menos uma hora. Nos casos graves pode-se multiplicá-las à vontade.

Para preparar uma compressa, toma-se um bocadinho d'água, não muito mais da que cabe na palma da mão, apenas para humedecer um paninho fino como um lenço. Põe-se nesta água o número de gotas indicado pelo exame pendular de cada um dos remédios já escolhidos, molha-se o pano e aplica-se imediatamente no órgão doente, amarando-o com uma toalha ou uma cinta de flanela; é tudo.

A água pode estar quente ou fria, porém, estando fria, deve-se aquecer a compressa no corpo.

Acontece, às vezes, que o doente não pode suportar a compressa uma hora; tira-se então quando ele pede,

Se o doente não quiser usar compressas, ponha as gotas do remédio na palma da mão, assim, sem água, e esfregue levemente o corpo na parte doente, umectando-a apenas. Como resultado, será o mesmo que usar compressas.

O doente não podendo tratar-se a si mesmo, qualquer outra pessoa poderá fazer-lhe esta loção que é somente uma leve fricção.

3º Em resumo

Tão grande é a eficácia do tratamento, em combinação, pelas gotas ingeridas, pelos banhos e pelas compressas, que um doente, que precisasse, suponho, de três ou quatro meses para seu restabelecimento com o tratamento interno, será curado talvez em menos da metade desse mesmo tempo.

Doentes cujo estado não deixava mais esperanças recuperaram a saúde. Chegou o momento de falarmos disso.

CAPITULO XII

O QUE SE CONSEGUE COM A RADIESTESIA E COM BONS REMÉDIOS

Queiram reparar no título deste capítulo. Não vou demonstrar o que se consegue somente com a radiestesia ou somente com os bons remédios; porém o que se consegue com a radiestesia usando bons remédios, ou com os bons remédios judiciosamente ministrados segundo as indicações pendulares.

Haverá necessidade de notar para os que não conhecem a radiestesia que ela não é remédio, nem cura nada, nem sara ninguém? Permite tão somente, e já é muita coisa, conhecer a doença, escolher o remédio que convém e o melhor remédio.

Pouco me adianta ter cinquenta pêndulos no meu bolso: se não disponho de bons remédios, fico impotente.

Direi quase o mesmo se tenho bons remédios à minha disposição, sem discernir qual devo dar ao doente. É o que acontece mesmo aos médicos mais experientes que terão de escolher entre vinte especialidades suscetíveis de serem prescritas a um doente. Quem lhes dirá qual é a boa e qual a melhor?

Sendo a finalidade deste trabalho mostrar aos missionários o que eles podem obter pelo estudo das plantas e a prática da radiestesia, teria eu podido intitular este capítulo: "o que se obtém com os remédios de um missionário radiestesista". Prefiro o título que escolhi, entretanto, por ser mais impessoal, mas é preciso que se saiba que, no tratamento dos doentes de quem se vai falar, nenhum remédio da farmácia oficial foi prescrito e que somente o meu método foi empregado. De outra forma estaria eu faltando com a lealdade aos meus confrades missionários, convidando-os a uma tarefa que eu mesmo não tenha desempenhado.

Vou aliás recorrer primeiramente ao testemunho de um deles.

1º O que tem obtido o Rev. Padre Laagel

O Rev. P. Laagel foi o primeiro missionário que me deu o prazer de sua visita. Foi em Novembro de 1937. Ele ficou comigo menos de 24 horas e voltou para sua missão em Angola em Março de 1938. Há de me desculpar por citar aqui as cartas que me escreveu e nas quais me conta seus êxitos junto aos doentes.

"Missão do Cuima, 30 de Dezembro de 1938.

"Caríssimo Padre,

"Não acho termos suficientes para exprimir-lhe todo o meu reconhecimento por ter tido a gentileza de iniciar-me nos segredos da radiestesia. Numerosos são os doentes que desejariam juntar-se a mim a fim de lhe agradecer o haverem recuperado a saúde do corpo e alguns, por reconhecimento, a saúde da alma. Tratei de dois paralíticos, uma menina de cerca de cinco anos, completamente paralisada, cujo pai trouxe sobre as costas e depôs diante de mim como um triste fardo, e uma moça de dezoito anos mais ou menos, com o braço direito e as cordas vocais paralisadas.

"Esta última ficou completamente boa, tendo recuperado o uso da palavra; a menorzinha está quase curada. Já anda bem, completamente restabelecida do lado direito e com o esquerdo em vias de sarar.

Eu teria desejado conservar a menina em observação, mas os pais a levaram para casa, seguindo um tratamento de gotas que lhes envio quando mandam me pedir...

"Curei igualmente vários tuberculosos, sifilíticos, um canceroso, outros doentes impaludados, etc., e mesmo dois epilépticos.

"...Os doentes curados granjearam-me uma tal fama que, em certos dias feriados, fico todo aflito vendo diante de minha janela até cem, e mesmo mais, doentes e parentes de enfermos que me trazem cabelos dos mesmos. Nunca lhes pergunto suas doenças e, como desejo provar-me para verificar a realidade de meu diagnóstico, revelo a meus clientes as suas misérias, com grande espanto seu. E posso dizer que muito raramente me engano ou quase nunca. Quando tenho bastante tempo para fazer o diagnóstico com mais calma, acho melhor ainda."

Eis a segunda carta, que recebi em 10 de Maio de 1939:

"Missão de Cuima, Abril de 1939.

"Meu caríssimo Padre,

"Envio-lhe anexa uma fotografia da nossa fundação, começada no mês de Junho p.p. Este documento lhe explicará a raridade da minha correspondência e, no entanto, a sua lembrança é a que me ocorre mais amiúde, recordação de reconhecimento. E' o Senhor, Reverendo, o maior benfeitor da nossa fundação pois, pelo método da radiestesia, no qual me iniciou, poupou-me a despesa de milhares de francos que, aliás, não tenho, e que seria obrigado a gastar para comprar remédios na Europa. Ora, não gastei um vintém com os remédios da farmácia, mas abasteci-me na grande farmácia do Creador que faz brotar em profusão todos os remédios necessários em todos os países para poder curar todos os doentes. Estou convencido que, se me achasse noutro país, encontraria no lugar, como aqui, com o método da radiestesia e com o auxílio de suas preciosas testemunhas e das testemunhas não menos preciosas de M. Lesourd, as plantas necessárias para curar meus caros doentes, membros sofredores de Nosso Senhor.

"Neste momento, sirvo-me igualmente do método das cores do arco-íris e com esses três métodos, que se confirmam um ao outro, consigo fazer diagnósticos certos e seguros e, melhor ainda, achar o remédio específico que cura.

"Graças a este método maravilhoso pude já tratar, desde o mês de Junho de 1938, cerca de cinco mil enfermos. Curei vários paralíticos, sobretudo crianças. Ainda no domingo passado uma pequenita, Madalena — para a qual comecei o tratamento com minhas gotas para paralisia total, há três meses — voltou-me; mas agora anda perfeitamente e remexe os bracinhos como se nunca tivesse estado doente. Esta menina é já a quarta curada e outras se acham em tratamento. Vários epilépticos não tiveram mais

ataques há meses. Uma pobre tuberculosa há anos, chegou-me faz dois meses e voltou curada depois da festa de Páscoa. Um moço com um começo de paralisia devida à sífilis (tabes, creio) em tratamento há seis semanas, acha-se quase curado. A cada momento chegam-me negras doentes e, em uma ou duas semanas, constato seu restabelecimento. E poderíamos ainda alongar a lista das curas.

"Curo unicamente com as plantas de Angola que escolho numa coleção de dois mil exemplares...

"Curei e estou ainda curando, neste momento, alguns doentes atacados de varíola. Uns estão completamente curados e os outros prestes a sarar.

"Vários dos meus colegas das outras missões, que vieram visitar-me a fim de se iniciarem no método da radiestesia, empregam-no com magníficos resultados. Pretendo ainda um dia contar-lhe os seus sucessos. Dei-lhes o seu pequeno livro com alguns conselhos práticos de minha experiência pessoal e algumas plantas já estudadas e experimentadas.

"Assim, meu caro Padre e benfeitor, está o Senhor vendo que grande serviço e que grande apoio nos proporcionou para curar esses pobres doentes, curar-lhes o corpo, para depois atingir-lhes mais facilmente a alma. Quando estiver preparada a segunda edição do seu livro, queira ter a bondade de mo comunicar para que eu possa encomendar alguns exemplares.

"Durante a semana da Páscoa tratei com o método da radiestesia perto de trezentos doentes.

"P. Laagel."

Numa carta precedente, o Rev. Padre Laagel tinha-me contado como fez cavar dois poços para dois de seus confrades que não tinham água.

Pode-se imaginar a influência que adquire sobre os indígenas um missionário que acha água e cura os doentes? Ele será o rei da terra; obterá e fará tudo o que quiser.

O Padre Laagel escreveu-me ainda:

1º A 5 de Novembro de 1939:

"Curei instantaneamente meu gato que parecia querer morrer; depois de um ou dois minutos estava brincando com um lagarto e recomeçou a comer. Ora este gato não podia simular que ia morrer.

"Consegui igualmente curar um boi.

"Como vê, o seu método serve-me até para a criação.

"Um bonito galo de raça, com as duas patas paralisadas ficou bom e canta agora todos os dias em reconhecimento por não ter ido parar às mãos do cozinheiro que o queria matar. Impedi-o de o fazer para tentar uma experiência.

"Meu quarto está cheio de frascos e garrafas..."

2º A 1º de Fevereiro de 1940:

"Envio-lhe a carta de um Europeu, na qual o Senhor poderá verificar o resultado de alguns tratamentos!"

(O autor da carta agradece ao Rev. Padre Laagel por tê-lo curado de uma inflamação do fígado e do baço).

"Ontem um Senhor veio de automóvel, de bem longe, para consultar-me. Eu disse-lhe: "Não me conte nada sobre a sua doença. Deixe-me o prazer de a descobrir." Em menos de três minutos pude dizer-lhe: "Meu caro Senhor, o seu inimigo é o diabete." — "E' verdade," respondeu-me ele.

3º A 28 de Maio de 1940:

"Nestas últimas semanas chegou um moço que não ouvia mais nada e que tinha o braço insensível. Ora, ele agora está falando otimamente e a parte superior do braço começa a aquecer-se e a ter vida! Tenho diversos paralíticos e epilépticos em tratamento, e já com melhoras, mas nem sempre consigo saber o resultado pois os doentes curados não costumam voltar."

O Rev. Padre Laagel não é o único que pratica a radiestesia médica na Missão.

Um de seus confrades nunca parte em excursão sem levar uma provisão de remédios em gotas ou em pó; e já lhe aconteceu, numa só viagem, tratar de trezentos doentes.

Um padre indígena escreveu ao Padre Laagel uma carta, que resumo:

As curas multiplicam-se aqui cada vez mais. E' um apoio formidável para o apostolado. Um menino paralisado que não podia levantar-se nem sentar brinca neste momento com os companheiros. Está curado."

Uma carta recente do R. Padre Laagel confirma sua atividade radiestésica e seus êxitos crescentes.

E' com especial prazer que cito o testemunho que lhe presta a carta abaixo, escrita pelo R. Padre Laurent de Crémeaux, Capuchinho, que, voltando da sua Missão do Ubangui-Charí, viu o R. Padre Laagel em atividade:

"Bayonne, 15 de Fevereiro de 1946.

"Reverendo Padre,

"Durante minha estadia em Angola tive ocasião de encontrar o R. Padre Laagel, dos Padres do Espírito Santo, muito conhecido em todo o país como radiestesista consumado.

"Tive a felicidade de visitar sua missão de Cuima e de passar vários dias em sua companhia. O Padre fez um trabalho notável sobre as plantas medicinais da região, e, com o auxílio de seu pêndulo, conseguiu determinar-lhes os efeitos e calcular as doses infinitesimais. Os resultados são tangíveis, pois vi em oito dias o desfilar de vários milhares de indígenas que vinham procurá-lo para se fazerem tratar. Os próprios europeus vêm a ele, de Loanda, de Wando-Nova-Lisboa, de Banguela, de Lobito, até de Silva Porto e de Mossamedes, regiões muito afastadas. Ele obtém curas maravilhosas e de uma rapidez extraordinária e faz questão de dizer, a quem o quiser ouvir, que é ao Snr. que se deve esse benefício, uma vez que foi quem o iniciou na radiestesia médica. Sua influência espiritual sobre os indígenas aumentou na proporção dos cuidados que distribui. Todo mundo sabe que, em terra de missões, cuidando dos corpos se atinge mais facilmente as almas. Assim, o pobre Padre, apesar de sua idade avançada, vê-se sobrecarregado por um ministério intenso que faz a alegria de seu zelo apostólico. Seria de desejar que muitos missionários fizessem como ele e que este método se propagasse cada vez mais nas missões, particularmente nas regiões infestadas de doenças e onde o missionário se acha sozinho para dar remédio aos corpos como as almas dos nossos pobres negros africanos.

"Creia, Reverendo Padre, nos meus religiosos e fraternais sentimentos em Nosso Senhor.

"P. Laurent de Crémeaux, O.M.C."

2º Testemunho do Dr. Virgílio Grassi

Eu poderia citar o testemunho de Doutores radiestesistas franceses que empregam os Produtos Poconéol, pois para estar de acordo com a lei francesa, que proíbe os remédios secretos e para não parecer estar favorecendo alguém com prejuízo de outros, confiei a fabricação e a venda desses produtos a um farmacêutico que os tem à disposição de todos os médicos e farmacêuticos.

Assim o Dr. Roux os cita várias vezes em sua bela obra (1), quando fala do tratamento do câncer.

(1) "Autour de la Radiesthésie", à venda na "Maison de la Radiesthésie", 16, rue Saint-Roch, Paris.

Creio, no entanto, que nenhum testemunho é tão eloquente quanto o do Dr. Grassi, de Parma, na Itália, testemunha de uma cura de câncer, caso em que não temos dúvida alguma sobre a natureza da moléstia.

O fato passou-se em 1936.

O Doutor havia me convidado a ficar com ele quando tivesse ocasião de ir á Itália. Fi-lo em Setembro desse mesmo ano e fui a Parma para lá fazer algumas experiências sob os olhos do Dr.: ele queria ver para crer aquilo que um comum amigo lhe havia contado sobre as curas obtidas pelo meu método e o emprego dos Poconéols.

Quereis saber onde me conduziu para fazer essas experiências? A um hospital de incuráveis!...

"Mas, Doutor," disse-lhe eu, "não faço milagres."

Ele ficou tão desapontado com a minha hesitação que consenti em fazer algumas experiências com a condição de que a menor melhora seria tida em consideração.

Logo vi que lidava com um homem sincero, unicamente preocupado em instruir-se, o que nem sempre é o caso.

Entre os doentes do hospital achava-se uma mulher atingida de câncer no ânus.

"E' mesmo um câncer?", perguntei.

"Certamente," respondeu-me ele, "tão certo que ela foi evacuada de um outro hospital e colocada neste para aqui acabar seus dias. Já foi operada; seu ânus é flutuante e fazem-lhe injeções a toda hora para acalmá-la."

O caso era muito interessante, mas eu não dispunha senão de quatro dias para passar em Parma. Era bem pouco. Mas como a menor melhora seria tomada em consideração, comecei imediatamente o tratamento. Sob os olhos do Dr. Grassi e do médico-chefe do Hospital, fiz o exame radiestésico num quarto longe da doente e preparei o remédio, gotas para beber, banhos e compressas.

No dia seguinte a doente sofria menos e quase não pedia mais as injeções; no segundo dia, não as pedia mais, no terceiro queria comer e comeu, e no quarto desejava levantar-se.

Não estava certamente em estado de se alimentar muito nem de se levantar, mas ia muito melhor.

O Dr. Grassi continuou a tratá-la como me tinha visto fazer e ultimamente escreveu-me que ela está passando bem. Suas últimas notícias (Janeiro de 1948) são de que estava pesando setenta e cinco quilos. A cura persiste, pois.

O Dr. Grassi nunca mais examinou seus doentes sem o controle radiestésico. Pedi-lhe sua opinião sobre o meu método e a eficácia dos Poconéols. Ele ma deu nos termos seguintes:

Dott. Virgílio Grassi
Médico-cirúrgico

Parma, Via XXII di Luglio, 65.

Parma, 24 de Outubro de 1938.

"Eu, abaixo assinado, Doutor Virgílio Grassi, morador em Parma, declaro que, iniciado na radiestesia pelo R. Padre Jean-Louis Bourdoux, pratico-a há dois anos para o maior bem dos meus clientes. Graças à radiestesia e às gotas Poconéol que o Padre Bourdoux me fez conhecer, uma cancerosa do ânus, mulher de quarenta anos, à qual os médicos davam poucos dias de vida, ficou curada. — Uma outra mulher, cancerosa do útero, inoperável, está maravilhada com suas crescentes melhoras e diz que é um milagre. Eu poderia citar outros doentes, declarados incuráveis ou rebeldes aos inúmeros remédios da medicina oficial (tuberculose, úlcera do estômago, chagas gangrenosas, cálculos do fígado, da bexiga, perturbações dos ovários, da tireoide, da circulação, convulsões, coqueluche, obesidade, etc.); mas o Padre Bourdoux pode testemunhar com uma autoridade mais valiosa do que a minha...

"A radiestesia tem suas leis certas; não é possível que possa prejudicar: sinto apenas tê-la conhecido tão tarde.

"Dou de boa vontade este testemunho ao R. Padre Bourdoux com a expressão do meu justo reconhecimento, para que faça dele o uso que lhe aprouver.

"Feito em Parma, a 24 de Outubro de 1938."

"(Asa.): Grassi Virgílio."

Na data de 20 de Dezembro de 1940, o Snr. Dr. Grassi escreveu-me uma carta da qual traduzo a passagem seguinte-:

"Tenho-vos sempre diante dos olhos, penso sempre no valoroso pioneiro da radiestesia, no autor do livro famoso... Tínheis razão!... A radiestesia há de triunfar. Com efeito, a opinião está acordando, o número de incrédulos diminui lentamente. Nestes meses passados apareceu na Itália uma publicação intitulada: "Elementos de radiestesia", obra de um engenheiro que colheu dados em diversas obras francesas, e sobretudo no vosso livro que é frequentemente citado e vários de vossos casos são mencionados. Creio ser o primeiro livro que aparece em língua italiana. Não seria o primeiro se me houvésseis permitido traduzir o vosso... Meu entusiasmo aumentou ainda!..."

Por minha parte agradeço ao Dr. Grassi seu corajoso testemunho, pois é preciso coragem a um médico para exprimir tão claramente seu pensamento quando se trata de aprovar aquilo que a Faculdade recusa reconhecer. Estou certo de que outros médicos teriam tido a mesma coragem se eu tivesse solicitado seu testemunho.

Eis ainda o de um médico escrevendo ao Dr. Grassi, que teve a gentileza de mo comunicar.

"Prezadíssimo Colega,

"Prestes a seguir para Parma, o Padre Bourdoux pediu-me que expusesse minha maneira de pensar sobre os resultados obtidos com seu método. Há um mês que tenho ocasião de tratar eu mesmo radiestesicamente vários doentes com os remédios do Padre Bourdoux; pude contatar uma melhora notável em vários casos, dos quais alguns gravemente atingidos: câncer, lúpus no rosto, úlcera do estômago, Parkinson, além de alguns casos correntes. O tratamento desses doentes não está ainda terminado, mas deixa prever uma melhoria ou uma cura próxima. Eu me sentiria feliz se pudesse entrar em relações com V.S. a fim de podermos discutir a respeito.

"Queira receber, caro colega, as minhas efusivas saudações,

"(ass.) : Dr. X..."

Se bem que esse Doutor não tenha pedido segredo sobre sua carta, compreendo que não deseje ser nomeado e respeito o seu desejo, mas é pena; pois ele poderia contar-nos o seguimento dos tratamentos aos quais faz alusão e seria muito interessante conhecê-los. Felizmente, conheço-os e posso suprir o seu silencio; fá-lo-ei discretamente.

Se os testemunhos precitados não forem suficientes para provar a eficácia do meu método e encorajar os missionários na prática da radiestesia (mas são suficientes, creio) ao menos ajuntarão algum valor ao que segue. Vou dar, com detalhes, alguns exemplos do que se pôde obter, limitando-me às doenças mais rebeldes: lepra, câncer, sífilis.

CAPÍTULO XIII

A LEPRA

Eis-nos chegados ao assunto que mais me toca o coração. Os leitores me desculparão de me deter aqui mais longamente do que nas edições precedentes. Aliás, quero crer que se interessarão.

O assunto é importante e alguns pormenores que lereis adiante, caros leitores, podem se prestar a controvérsias. Para vos dar os elementos de apreciação, eu vos direi primeiramente os sinais pelos quais os indígenas de todos os países conhecem a lepra.

1º Pela perda da sensibilidade ao toque e ao calor. A insensibilidade não se manifesta uniformemente por todo o corpo. Há primeiramente placas isoladas as quais podem ser picadas com um alfinete ou tocadas com um ferro quente sem que o doente o perceba. Acontece mesmo que os ratos roam-lhes os pés, sem que os leprosos, quando o mal está avançado, se apercebam;

2º Pelas manchas, a princípio espalhadas, isoladas, nos braços e no rosto. Manchas mais ou menos avermelhadas — em pele clara; manchas amareladas — em pele negra;

3º Pelas nodosidades, tumefações, que levantam a pele, intumescem as maçãs do rosto e dão à fisionomia, vista um pouco de longe, o aspecto de uma cabeça de leão. Essas nodosidades multiplicam-se no rosto, nos braços;

4º Pelas costas que aparecem nos braços e pernas, talvez em outros lugares;

5º Pela queda dos pelos, em particular das sobrancelhas, algumas vezes dos cabelos;

6º Pelas feridas purulentas, nas mãos, nas pernas, sob as unhas dos dedos, algumas vezes nas orelhas e na boca;

7º Pela nevrite, muito dolorosa;

8º Por um cheiro fétido, muito característico;

9º Pela garra dos dedos mínimos. A garra é o dedinho repuxado sobre ei mesmo, na direção da palma da mão;

10° Pelas coceiras insuportáveis;

11° Pela diminuição das falanges, na lepra seca ou nervosa. As falanges se encurtam e parecem entrar umas nas outras.

Nem todos os leprosos apresentam todos esses sinais; seriam demasiado infelizes! Eles têm um ou outro no início e os sinais se multiplicam e se acentuam à medida que o mal se agrava. A insensibilidade, as manchas, a queda dos pelos, o cheiro, são comuns a todos.

A eficácia de um remédio se reconhecerá pela desaparição mais ou menos rápida desses sinais.

Quanto mais numerosos os sinais que desaparecerem, quanto mais rapidamente o fizerem, tanto melhor será o remédio aplicado.

Com esses dados gerais, cada qual está na altura de julgar com mais fundamento o que será exposto mais adiante.

Peço, entretanto, aos meus leitores, que não comecem a leitura deste capítulo sem chegar ao fim. A conclusão que o termina ajudá-los-á, com efeito, a não fazer um julgamento demasiado otimista sobre as melhoras obtidas.

1º Um pouco de história:

Desde o início da minha vida missionária, em 1.906, tive o meu primeiro contato com leprosos.

Tinha alguns na minha paróquia, muito poucos; mas o bastante para incitar-me à piedade.

Quem já viu um leproso não se esquece jamais de um espetáculo tão aflitivo: rosto tumefeito, mãos inchadas, pus saindo de debaixo das unhas ou das orelhas.

Mais tarde, tive de me ocupar de uma pobre leprosa, cega, toda em chagas, devorada em vida por vermes, os quais eram retirados, um por um, com espinho de laranjeira, por uma boa cristã.

Lembro-me de um menino de 14 a 15 anos, com lepra seca. As falanges estavam reduzidas a um terço, como se tivessem sido pulverizadas. Quantos anos de sofrimento tinha ainda diante dele? Não se sabe nunca! A lepra mata sua vítima tão lentamente!

A não ser que se tenha um coração de pedra, ou que de todo não se tenha coração, pode-se ficar insensível a tanta dor e deixar de aliviá-la?

Aliviá-la? Gostaria bem. Mas como? Não conhecia medicamentos e não sabia ainda me servir do pêndulo para me auxiliar a procurá-los. Ignorava mesmo a sua existência.

Meu único recurso foi a leitura de livros sobre plantas medicinais — livros aliás bem pobres em indicações. Como foi que tive conhecimento de uma planta chinesa — o hoang-nan — de renome no tratamento da lepra e da epilepsia? Não me recordo. O certo é que me pus à sua procura. Recebi um quilo dessa planta em 1918. A bula que a

acompanhava me desencorajou. Dizia que o hoang-nan provocava crises mais violentas antes de produzir o seu efeito benéfico.

Isso eu tinha que o evitar. Como não me acusariam, os doentes e a família, de fazer mal em vez de bem, se houvesse aparência de agravação?

O precioso pó continuou dentro do frasco.

Resignei-me dificilmente a não o empregar. Muitas vezes quedava-me a contemplá-lo, imaginando que talvez tinha nas minhas mãos, sob os meus olhos, uma coisa que poderia fazer homens felizes e não me servia dela!

Na bula estava escrito que a planta poderia ser empregada em dose homeopática.

Qual era a dose homeopática? Eu o ignorava também. Quis sabê-lo e o consegui. Foi essa a única vantagem que retirei do meu quilo de hoang-nan mas era uma coisa importante. Mais tarde, foi lembrando-me dele que adotei a dose homeopática para todos os meus produtos e estou muito contente com isso. Sem ela, teria ido de encontro a dificuldades intransponíveis e provavelmente nada teria feito.

Minhas pesquisas estavam nisso, isto é, em ponto morto, quando fui chamado à França, em 1.921.

Eu tinha ouvido dizer que tal ou tal planta tinha alguma eficácia no tratamento da lepra, por exemplo o "Pau doce", a " Herva moura", o "Paratudo", o "Timbó-mirim", etc., sem que pudesse controlar o fundamento dessa propriedade.

Entre as outras plantas que conhecera na escola dos índios, não haveria tão boas quanto essas senão melhores?

Foi necessário que esperasse alguns anos para ter bem certeza.

O uso do pêndulo, que eu comecei a praticar em 1.927, permitiu-me estudar as minhas plantas sob esse ponto de vista. Faltavam-me entretanto testemunhas de leprosos — fotografias, cabelos ou outros objetos mas isso era o menos difícil de encontrar.

Recortei fotografias de leprosos, nas revistas; pedi fotografias aos missionários.

Em 1.930 pela primeira vez e em 1.932 uma segunda, tive ocasião de voltar ao Brasil para visitar as nossas Missões. Aproveitei para estudar mais de perto e especialmente sob o ponto de vista da lepra, as plantas medicinais do país. Voltei à França mais bem documentado.

Nesse meio tempo, travei relações com missionários que me enviavam plantas de suas regiões, sem indicar as que convinham ao tratamento da lepra.

O exame pendular que delas fazia logo que as recebia, fez-me descobrir várias que pareciam excelentes, tomadas separadamente, ou várias em conjunto. Não demorei a perceber que estava em bom caminho e próximo do resultado visado.

Mas como ter a certeza sem tratar eu mesmo pelo menos um leproso? E onde achar esse leproso? Há muito poucos em França felizmente. Nem sequer sabia se havia mesmo leprosos.

Assim, à medida que superava uma dificuldade, outra aparecia que eu fazia o possível para vencer.

No decurso dos meus deslocamentos assaz numerosos, pedia aos meus amigos que se informassem e me prevenissem de algum leproso, na sua vizinhança, do qual eu me pudesse aproximar.

2º Primeira experiência

E foi encontrado o leproso, após vários anos de espera. Tratava-se de uma leprosa, doente há cerca de vinte anos, cega, fisionomia leonina, toda inchada; da extremidade dos

seus dedos saía pus; ela era insensível ao calor a ponto de deixar, sem perceber, pedaços de carne agarrados a uma assadeira em brasa.

Nas edições precedentes, contei a inverossímil melhora que obtive. Volto hoje ao assunto apenas para rememorá-lo. Em intenção aos leitores que me leem pela primeira vez, direi somente que em menos de um mês a leprosa recobrou a sensibilidade ao calor, enquanto que seu rosto voltou a ser liso como na sua mocidade. "V. está ficando de novo bonita e moça!" pôde lhe dizer uma sua irmã. Ela sentia-se reviver e não tinha mais, como dantes, o desejo de morrer.

Se, nessa data, eu tivesse encontrado ao meu redor compreensão e desinteresse, milhares de leprosos teriam podido retornar ao lar, enquanto que gemem ainda nos hospitais, se é que não desceram ao túmulo. Estariam curados? Não sei. Mas estariam sensivelmente melhorados.

Continuei como cavaleiro solitário no caminho da caridade e da humildade.

Em fins de 1.939 e começo de 1.940, entrei em relações com uma superiora de leprosário na Síria. Recebi autênticas testemunhas de leprosos: fotografias, cabelos, gotas de sangue, tudo o que havia de melhor para fazer seriamente exames pendulares. Em troca, muni a superiora do leprosário de remédios, indicando-lhe o tratamento para seus doentes.

Não estava eu então no ponto de atingir meus fins? Esperava-o.

Enganadora esperança!

A guerra transtornou tudo. Não tive nunca notícias dos tratamentos indicados. Será que foram aplicados?

Era necessário, antes de empreender outros passos, esperar que a situação mundial permitisse o reatamento das relações internacionais.

3º Voz da China

O Rev. P. Peyrat

Entrementes, tinha tido a boa sorte de encontrar um Padre das Missões Estrangeiras de Paris, o Rv. Peyrat. Sua saúde havia feito com que voltasse da China à França e a guerra impedia-o de voltar à sua Missão. Era muito bom radiestesista há tempo e, como eu, correziano de origem. Não tive nenhum trabalho em conquistá-lo para a causa dos leprosos. Ficou combinado que eu lhe daria uma rica provisão de remédios quando voltasse à China, o que se efetuou em Outubro de 1.946.

Deixo a ele a palavra.

Escreveu-me de sua Missão na China, a 3 de Março de 1.947:

"Reverendo Padre,

"Tenho grande alegria ao vos anunciar um primeiro resultado obtido em um leproso com as vossas gotas. E' um de meus antigos cristãos, de cerca de 25 anos, expulso da sua vila. Sentira os primeiros sinais do mal em 1.942. Caiu-me nas mãos providencialmente, mas tive muito trabalho em guardá-lo comigo durante nove dias, pois todos logo perceberam que ele era leproso. Tive que mandá-lo de volta com os medicamentos. Os braços, até às espáduas, os pés e as pernas tinham se tornado insensíveis; no rosto, a testa e as maçãs do rosto um pouco tumefeitas; a fisionomia — leonina. Tinha o hálito do leproso.

"Ao fim de um tratamento de seis dias, a sensibilidade voltou um pouco; o rosto tornou-se quase normal, salvo coloração (placas avermelhadas) das partes atingidas; o estado geral melhorou. Duas vezes sentiu fortes coceiras pelo corpo.

"E' de tal modo maravilhoso e rápido que eu não ouso acreditar...

"Não faz ainda uma semana que consegui pôr em uso todas as essências... Fui, bem depressa, atropelado. Daí o ter iniciado (no manejo do pêndulo) um cristão convicto e uma religiosa indígena, depois um outro cristão. Amanhã, vou apanhar um antigo catequista."

Carta de 4 de Maio de 1.947.

O Rev. P. Peyrat escreveu:

"Obtêm-se resultados muito interessantes aos olhos de todos, sobre a eficácia da radiestesia e do vosso método em particular. Aliás, o uso do pêndulo parece estar se introduzindo aqui. Cristãos de um outro distrito disseram-me já terem visto um ou outro médico indígena servir-se do pêndulo. Ontem à tarde, um pagão de uma vila, a 5 ou 6 quilômetros daqui, disse ao meu pendulista: "Aqui o povo não conhece esse processo novo; eu já o conhecia. Quando fui soldado em Ho-Tché, vi se servirem dele, do mesmo modo que vocês. Na falta da pessoa, servem os cabelos, justamente como você faz. E' preciso também que os frasquinhos estejam bem limpos. Esses remédios, uma vez tomados, ou curam ou não, mas nunca agravam o mal."

"E' engraçado", continua o P. Peyrat, "não consigo me informar no momento. Quem introduziu o uso do pêndulo? Sem dúvida os refugiados do Norte, durante a ocupação japonesa.

"Volto ao caso do leproso curado pelas vossas gotas. A melhora do estado geral foi muito rápida (alguns dias). A sensibilidade voltou em seis dias, mas, em sua alegria, o doente não se ateve a particularidades. Tomando a pele entre os dedos ele se sentia a si próprio e isso lhe bastava, pois, antes, era insensível às picadas de agulha e mesmo de faca. Restava a coloração da pele do rosto (parte atingida) que, de vermelha, passou a um tom enegrecido, um pouco chocolate. De volta aos seus, diziam- lhe: "V. não está curado, veja o seu rosto." Foi então que ele percebeu que sua sensibilidade ainda estava amortecida aqui ou ali; que o inchaço do pé não tinha desaparecido completamente. Teve medo, com razão aliás, de não estar senão parcialmente curado.

"Depois, vi o seu pai que me disse estar o inchaço do pé curado e a tez bastante melhorada e que ele estava tranquilizado.

"O que causa muita admiração é a cura rápida da sífilis e da tuberculose. Certos doentes estavam tomando medicamento há anos. Parece que quanto mais séria a doença, mais os remédios agem...

"O que acho muito interessante é que a evangelização se torna muito mais fácil. Não posso entrar em pormenores, mas o tratamento dos doentes clareou um pouco a atmosfera de suspeita de que estávamos cercados. Particularmente os empregados oficiais entraram assim em contato conosco..."

O mesmo Padre escrevia-me, em uma carta datada de 22 de Novembro de 1.947, que ele tinha passado uma semana em um leprosário de 150 a 200 leprosos mas que, por falta de um ajudante, teve de retornar após seis dias de estágio. A superiora pensou que não podia dar-lhe uma irmã enfermeira; o pêndulo a assustou.

Entretanto, no pouco tempo que esteve com eles, o Rev. Peyrat iniciara o tratamento de uns cinquenta doentes. O pêndulo lhe indicou uma melhora geral de 20 %.

Não se enganava, sem dúvida, pois os leprosos se sentiam tão bem que quiseram acompanhar o Padre, em um barco, até o ponto mais próximo da estação e, vendo-o se distanciar, gritavam: "Padre, salve-nos! Prometa que voltará! Não nos abandone!" Vários deles queriam mesmo escrever-lhe.

Não somente o Padre não pôde voltar para tratá-los, mas, como sua saúde deixasse muito a desejar, teve que voltar à França em 1948.

Antes de deixar a China encontrou um de seus colegas que ele sabia ser devotado aos leprosos. Participou-lhe os seus sucessos, parciais mas muito rápidos, obtidos com os meus remédios e o emprego do meu método. Deixou o meu endereço com o Rev. Boyer, seu colega, datando daí uma troca de correspondência com ele e envio de medicamentos.

Cartas do R.P. Boyer:

A troca de correspondência com o Rv. P. Boyer não tardou a se tornar frequente e interessante. Esse Padre, estando em uma Missão retirada e pobre, tem toda a liberdade para exercer o seu ministério de caridade. Ele já tratava uma dezena de leprosos com Chaulmogra. Veremos esse número aumentar rapidamente. Foi então que pensei em pedir-lhe que fotografasse os doentes antes e depois do tratamento para poder me dar conta dos progressos. Peço isso a todos os missionários que empregam os meus remédios, mas eles ainda estão começando e é ainda preciso que eles tenham uma máquina fotográfica e saibam se servir dela. E' preciso também que os doentes se deixem fotografar. Alguns consentirão em ser fotografados antes do tratamento, mas se negarão quando se sentirem melhor, ou desaparecerão, crendo-se curados.

Como o nome próprio dos doentes não me interessa, aconselhei aos missionários que numerassem os doentes, o que lhes permita falar a respeito deles e, a mim, reconhecê-los.

Vindas deste ou daquele, espero que terei fotografias. Começam a chegar.

Após esse longo preâmbulo que esclarece o que vem a seguir, eis alguns trechos de cartas do Rev. P. Boyer.

Carta de 29 de Novembro de 1.948:

"Ontem, a irmã do n° 20 veio me dizer que as sobrancelhas do seu irmão estão começando a voltar. Na minha próxima visita verei o que há e, se for verdade, providenciarei a respeito. Anunciam-me leprosos muito mais numerosos do que poderia supor. Se as vossas gotas têm verdadeiramente uma tal eficácia, poderei dar-vos provas irrefutáveis com a ajuda de fotografias. Já me tarda saber que efeito elas produziram no n° 17 (estado muito grave, os pés como uma marmelada)."

Carta de 1º de Janeiro de 1.949

"Tenho agora 40 leprosos e outros anunciados. Atualmente, não utilizo senão os vossos remédios. As melhoras não são as mesmas para todos, mas há casos em que os vossos medicamentos produzem melhoras que ouso qualificar de extraordinárias. Tenho casos em que os supercílios começam a nascer, fininhos e fracos, mas desde que já estão brotando há esperanças de que se tornarão firmes.

"Como reação, há o n° 30, seus dentes ficaram abalados após uma primeira dose, mas isso foi passageiro.

"Acontece frequentemente que os remédios fazem brotar uma porção de pápulas vermelhas no rosto e no corpo.

"E eis o n° 17 (pés como uma marmelada)... ele está entre os que considero com extraordinária melhora. Nunca tomou outras gotas senão as vossas e comecei a tratá-lo a 22 de Novembro. Se bem que a fotografia tirada nesse dia esteja pouco nítida, pode-se entretanto verificar a melhora do pé direito e do estado geral..."

Carta de 10 de Janeiro de 1.949:

"Tenho agora 45 leprosos, com promessas de aumento. A chaulmogra prestou-me serviços quando não tinha outra coisa e com ela obtive resultados apreciáveis, mas longe dos que se obtém com as vossas gotas, únicas que utilizo presentemente.

Carta de 25 de Fevereiro de 1.949:

Apesar de um pouco longa, não resisto á tentação de citá-la quase inteira. Além do que nos documenta sobre a melhora do leproso n° 17, ela nos mostra em que condições desfavoráveis é o tratamento aplicado. A eficácia dos remédios, por isso, ainda aparece maior. Essa carta é uma demonstração eloquente dessa verdade, inconteste aliás, que, cuidando do corpo, atinge-se segura e facilmente a alma.

"Entre duas caminhadas, escreve o Padre, respondo a vossas duas cartas, chegadas ao mesmo tempo. Lamento muito não poder enviar melhores fotografias; sou completamente incompetente, pois as que lhe enviei são as primeiras que tirei. Permiti-me que vos assinale que, olhadas com uma lente, elas revelam muito mais pormenores do que a olho nu.

"Envio os dois negativos do n° 17, do qual tendes as fotografias. Atualmente, o estado geral continua a melhorar e das chagas dos pés não resta senão um pequeno ponto... No primeiro negativo vereis duas chapas tomadas sucessivamente (esqueci-me de virar o botão). Peço que considereis as condições em que trabalho: muitos dos meus leprosos não têm casa; vivem em cavernas, nas montanhas ou em choças minúsculas, constituídas por alguns pedaços de madeira recobertos de um pouco de palha.

"O n° 17 vive em um buraco cavado no rochedo.

"As vestes e o alimento são em proporção e é preciso ver a sua alegria quando posso lhes dar algumas roupas ou de que melhorar um pouco o cardápio.

"Lembro-lhes sempre o dever de orar pelos seus benfeitores da França. Não custa muito — são iletrados e repetem o que lhes ensino: "Jesus, bendizei os meus benfeitores."

"Coloco a imagem do Sagrado Coração nas suas choupanas e deles recebo consolações ou lições notáveis. Eis o que me disse o n° 20 na sua choça: "Vi em sonho uma multidão de búfalos e touros que lutavam ferozmente e tive medo de ser esmagado no tumulto. Ouço então uma voz que me diz: "Reza, reza" e eu não sei rezar! Entretanto, pus-me de joelhos e juntei as mãos com a intenção de rezar e os touros e búfalos logo se dispersaram. Isso quer dizer que, orando-se a ele, (designando a imagem do Sagrado Coração), pode-se obter tudo?"

"Muito comovido, expliquei-lhe o "pede a receberás" e ensinei-lhe o sinal da cruz. Pouco a pouco acabarei por ensinar-lhe o Pater e a Ave-Maria.

"Não sei se já assinalei o bem imenso obtido com vossos remédios. Os doentes vivem ainda em família e o seu mal desaparece muito depressa de modo que nada aparece; os supercílios brotam de novo (eles fazem muita questão disso, pois, aqui, é

sobretudo pelas sobrancelhas que se distingue a lepra) e eles continuam o seu trabalho e o seu modo de vida como se nada houvesse.

Quantas famílias salvas! Muitas são as pessoas que, sem os vossos remédios, pereceriam na miséria...

Carta de 25 de Março de 1.949:

Nessa carta o Rv. P. Boyer assinala dois casos de agravação da doença. Ele acha que a causa está em terem os dois doentes tomado o remédio com água pútrida em lugar de misturá-lo com água muito limpa.

Acrescenta que a melhora do n° 17 continua. Há apenas uma croata acima do pé esquerdo. O estado geral, também, apresenta melhoras. O doente, agora, pode trabalhar, enquanto que na primeira visita só falava em morrer.

O n° 16 está, também, melhorado. Olhai com uma lente; mesmo a sarna desapareceu. Além disso, sabeis que tratando-se de leprosos, não só as feridas contam, existem certas melhorias que a fotografia não pode revelar. A doente pode agora trabalhar e ir ao mercado.

O n° 15 pretende sempre estar na mesma; ora, a fotografia e, sobretudo, a inspeção da cabeça e das pernas revela uma melhora considerável. Ela tem medo, sem dúvida, que eu lhe peça uns níqueis se confessar que está melhor."

Na sua última carta, datada de 5 de Maio, o Padre nos dá interessantes pormenores: "Conta-nos que, recebendo uma nova provisão de remédios para os leprosos e não sabendo onde colocá-los, por falta de frascos, ele derramou em uma mesma garrafa os restos de tudo o que lhe restava dos antigos, para dar lugar aos novos." Essa mistura deu meio litro de um líquido que foi examinado pelo pêndulo. Se ele pudesse servir para alguma coisa!!!

O exame pendular fez-lhe descobrir que a mistura era perigosa para uso interno e excelente para uso externo: loções, compressas, banhos.

A ocasião de fazer a experiência não tardou a se apresentar.

Escreve o Padre: "O leproso n° 1 me fez saber que as aplicações e compressas secavam as feridas dos pés (as quais não melhoravam com coisa alguma) e acalmavam quase instantaneamente as coceiras desde que se manifestavam."

Eis um outro resultado verificado "de visu":

"...O n° 9, com lepra há dez anos, já experimentara altos e baixos, quer com chaulmogra, quer com os vossos remédios. Mas quando fui vê-lo, no dia 22 de Março de 1.949, ele estava um trapo. Não se tinha em pé. Os pés e pernas estavam em um estado lamentável, muito mais grave do que o do n° 17, antes do tratamento e sofria tanto das pernas que se mataria, não tivesse ele receio de me ofender. Acreditava-o perdido e lamento não ter tirado sua fotografia. Por desencargo de consciência preparei-lhe o líquido para compressas nos lugares dolorosos e para banho nos pés. Alguns dias depois, seu filho me anunciava que ele estava melhor. A 16 de Abril de 1.949, fui eu mesmo verificar os bons efeitos. Fiquei muito surpreso."

Com o risco de ser censurado por tão frequentes repetições, posso eu deixar de salientar como essa particularidade põe em relevo os serviços que a radiestesia pode prestar aos missionários, sem dúvida, mas também aos médicos?

Se não soubesse se servir do pêndulo, o Rev. P. Boyer jogaria fora a mistura de todas as fórmulas ou então a ensaiaria em alguns doentes, com o risco de prejudica-los.

Em um instante, ele soube que a mistura não podia ser tomada pela boca mas que é excelente em aplicações externas.

Qual o sábio que poderia fazer essa distinção?

Esperemos provas mais numerosas da eficácia desse novo remédio. Já temos duas muito encorajadoras.

"Chening, 28 de Junho de 1.949.

"Reverendo Padre,

"Começo essa carta para terminá-la não sei quando. Após receber a vossa carta de 3 de Junho de 1.949, tomei a minha lista de leprosos e passei-os em revista. Tenho 90 inscritos. Entre esses 90 há 30 que excluo desta relação (esses 30 representam os que eu vi há muito pouco tempo ou os que, por uma razão ou outra, não seguem o tratamento — alguns acham que a cura não vem suficientemente depressa).

"Dentre os 60 que continuam a se tratar, há 6 melhoras extraordinárias ou notáveis, no gênero das do n° 16 ou 17; 41 melhoras ordinárias; 13 estacionárias ou melhoras pouco consideráveis. Entre esses 13, há duas complicações que não creio sejam devidas às gotas que eu dou, mas a uma outra doença. Se considerarmos minha inexperiência com o pêndulo, as dificuldades que encontro para atender os doentes e as condições de vida de um grande número deles, poderemos facilmente concluir que um bom pendulista que pudesse ver os seus doentes todos os dias (ou pelo menos todas as semanas), p.cx. em um leprosário — obteria resultados bem melhores.

"As 41 melhoras que eu chamo de ordinárias são mesmo assim muito mais consideráveis do que as que obtinha com a chaulmogra."

"18 de Julho de 1.949.

"Após uma nova excursão, creio poder afirmar que os leprosos que não obtêm melhora com as gotas são pequena exceção, pois dentre os 13 encontrei dois que estavam estacionários no mês precedente e que agora vão melhor. Outros para os quais vinham buscar remédios (fazia os exames por uma fotografia) e que pretendiam não ter melhorado, acabavam por confessar que havia melhoras. Para obter essa confissão, eis como procedi: disse-lhes: "Se não há melhoras, é inútil continuar o tratamento, que se dirijam a outrem" ...e a confissão de melhora logo veio."

Que deduções podemos tirar dessas duas cartas do P. Boyer?

(Há duas com efeito, que se completam — a de 28 de Junho e a de 18 de Julho.)

A primeira acusa 13 doentes estacionários. A segunda nos mostra que dois entre eles estão melhores e que vários outros, que se diziam estacionários, confessaram encontrar-se melhor.

Temos pois: 6 melhoras notáveis, ou seja 10 %;

43 melhoras menos sensíveis, mas muito mais consideráveis do que o P. Boyer obtinha quando tratava os leprosos pela chaulmogra, ou seja 71,5 %.

E ainda, entre os 11 que se diziam estacionários, há alguns que vão melhor.

Esta estatística será sem dúvida eloquente para os que têm o hábito de tratar leprosos, sobretudo se se lembrarem das condições de vida lamentáveis em que se encontram os doentes do P. Boyer.

4º Voz da África

Em fins de Agosto de 1.948, um médico de Paris recebia uma carta da qual me comunicava a passagem seguinte:

"O Rev. P. Bourdoux enviou-me remédio para os meus dois leprosos e esse remédio faz maravilhas. Escrever-lhe-ei logo para lhe contar a alegria desses infelizes. Se tiverdes ocasião de escrever ao Padre, podereis dar-lhe parte dos resultados assinalados e da eficácia do seu remédio que poderá ter, no futuro, resultados incalculáveis, pois até hoje nenhum tratamento para a lepra deu resultados satisfatórios."

Que se passara?

No mês de Maio, a Superiora de uma missão me fizera perguntar se eu tinha um remédio para a lepra. Um médico parisiense lhe servira de intermediário e eu enviei logo o necessário para um tratamento.

A 6 de setembro de 1.948, eu recebi a carta seguinte:

"Reverendo Padre,

"Recebi os remédios que tivestes a bondade de me enviar. Comecei logo o tratamento e venho hoje dar-vos as notícias.

"F... está encantado e não se poupa em agradecimentos. Sente-se muito melhor: as grandes placas que tinha no rosto estão agora imperceptíveis.

"Os progressos de V... são mais lentos: notamos que sua pele, que era acobreada, volta a ser preta, cor normal de sua tribo. Essa observação foi feita por todos os que a cercam. Só o rosto, sempre tumefeito, conserva o matiz asqueroso. As crostas dos braços já caíram quase todas.

Uma ferida do pé direito, para nossa grande surpresa, secou. Esta criança também está contente; dorme melhor e sente menos coceiras. Continuamos o tratamento, salvo os banhos quentes, impossíveis, por falta de instalação, de aparelhamento e de tempo."

Carta de 11 de outubro de 1.948

"F... está contente; vai cada vez melhor. As tumefações desapareceram do rosto, os braços estão limpos, não há mais coceiras. Acaba de se formar uma ferida acima do tornozelo, ferida essa comum em tantas pessoas da região...

Para V..., se a melhora é mais lenta, não é menos certa. Seu corpo está curioso; o tom acobreado começou a ser atravessado de faixas pretas (como uma zebra); essas faixas alongam-se e multiplicam-se, de maneira que, atualmente, o corpo está coberto delas. Pelo contrário, os braços e pés estão completamente pretos. As feridas estão fechadas e as crostas acabam de cair. Só o rosto está acobreado e grosseiro. V... está contente e sorri. As pessoas da vila dizem que ela não está mais doente..."

NOTA. — Além da lepra, V... é sifilítica. Ela precisa de tratamento para essa doença. Se pudesse tomar os banhos quentes prescritos ela se curaria mais depressa. Vimos na carta precedente a razão por que ela não os toma.

Carta de 16 Janeiro de 1.949

"As placas esbranquiçadas de F... desapareceram; resta uma grande cicatriz que chama a atenção quando se olha para ele e que se assemelha a uma antiga queimadura. Ele está contente, muito contente, diz ele...

Visito V... de tempos em tempos. Encontro-a cada vez mais mudada e o que me chama a atenção é a sua cor. A pele acobreada está como que estriada de preto em linhas obliquas sobre o corpo; depois as raias alargaram-se até quase se tocar... Agora, isso acabou: tudo está mais ou menos regularmente preto. (Ela ainda tem muito o que fazer para retomar o tom preto como carvão de sua tribo).

Enquanto o corpo se transformou assim, a cabeça conservava-se amarela. Finalmente a cabeça escureceu; os cabelos brotam e têm cerca de um centímetro. A cabeça continua ainda muito grande. Todas as crostas caíram; ela dorme bem; coça-se ainda um pouco, mas não tem mais em torno dela as moscas, que tanto a irritavam. Está contente; corre ao campo e vai retomando a vida dos pequenos indígenas.

"Pobre V..., ela não tem sorte! Quis cuidar do fogo, mas como é desajeitada com as mãos deixou cair sobre si um tição e encontrei-a, há dias atrás, com novas misérias, mas que fazem sobressair a excelência dos vossos remédios. Todo o antebraço esquerdo, face interna, assim como toda a perna direita, estão cobertos de grandes chagas. A camada mais superficial da pele desapareceu completamente, mas as feridas estão nítidas, limpas, secas, sem supuração alguma e, entretanto, ela não tomou nenhuma precaução higiênica, pelo contrário, tenho a certeza. Achei isso maravilhoso e o atribuo aos vossos medicamentos."

"A irmã acrescenta: "De sífilis, trato diversos doentes; feridas datando de vários anos fecham-se devagar, para grande alegria dos infelizes. Todos estão de acordo em que o remédio lhes dá forças. Uma pequena, B..., de 20 anos, afirma: "Quando não tomo (o remédio), meu corpo não fica bom."

5º Com o Rev. Padre Laagel

O Rev. P. Laagel é, para os meus leitores, um conhecido antigo e, para mim, um amigo precioso e colaborador.

Já tive ocasião de dizer que ele foi o primeiro missionário que me procurou e o primeiro a quem confiei o segredo do meu método para estudo das plantas, a maneira de prepará-las (para assegurar-lhes a conservação) e de aplicá-las: informações reservadas aos missionários e comunicadas somente sob promessa de que não serão divulgadas. Elas constituem, com efeito, um capital que pertence às missões e nós não trabalhamos, nós todos, senão para fazer o bem e aliviar os que sofrem.

O padre Laagel compreendeu imediatamente a nobreza do plano que eu traçara e aderiu a ele sem restrições.

Isso foi em 1.937.

Eu estava ainda sob o choque da emoção causada pela melhora obtida pela leprosa de que falei e da mágoa de não poder fazer experiências mais numerosas e controladas, pois tinha consciência de possuir com o que aliviar, senão curar os leprosos.

Pedi ao P. Laagel que procurasse e me enviasse todas as plantas que ele acreditasse susceptíveis de tornar o meu tratamento contra a lepra mais eficaz.

Nesse momento a questão não interessava ainda ao Padre que não tinha meios de se ocupar dela e isso constituía para ele uma grande pena. Voltou contente para a sua Missão, pois dei-lhe uma abundante provisão de todos os meus remédios.

Não tardou ele em responder ao meu pedido. Recebi, pouco a pouco, amostras de plantas de Angola de grande valor, mas poucas se relacionavam com a lepra.

Sobreveio a guerra de 1.939. Nossas relações foram necessariamente suspensas, esperando dias melhores.

Foi então que voltei os olhos para a Síria onde amigos meus que lá estavam abriram-me as portas de um leprosário, tentativa que ficou sem resultado, como já disse.

Com o Rev. P. Peyrat as experiências recomeçaram e dessa vez com o sucesso que sabemos. Depois foi a vez do P. Boyer e de uma Missão africana da qual não dei o nome, pois não pedi para isso autorização aos interessados.

Finalmente o Rev. P. Laagel, com o qual entrei em contato novamente, descobriu leprosos e pôde dar-me notícias do tratamento seguido. As notícias concordam com as que recebi de outros campos de experiência.

Os leitores se alegrarão ao lê-las, como eu próprio quando tomei conhecimento delas.

Digamos primeiro em que condições trabalha o P. Laagel: assemelham-se muito com as em que se debate o Rev. P. Boyer, com uma atenuação, entretanto.

Os doentes não estão ao seu alcance, a menos que lhe sejam trazidos. Eles estão a cerca de 25 quilômetros de sua residência e o Padre não é jovem, só tem as suas pernas para visitá-los; mas ele tem a vantagem de poder enviar-lhes medicamentos, pelo menos uma vez por semana e mesmo duas vezes, e isso é capital para a eficácia do tratamento.

Além disso estão agrupados — podem ser visitados doze ou treze ao mesmo tempo.

Seria entretanto bem melhor que ele os tivesse perto de si. Não sabemos como eles vivem: isolados, se bem que próximos? Bem ou mal instalados? E alimentados de que maneira?

Um pormenor nos informa indiretamente da sua pobreza: eles fugiram, na primeira vez que o Padre os visitou, de medo que ele pedisse alguns tostões — há pois miséria também, entre eles.

E, entretanto, a 3 de outubro de 1.948, ele me escrevia: ..."Para os leprosos, creio que a fórmula é verdadeiramente boa. As duas últimas leprosas que tratei eu mesmo, quiseram voltar a "cultivar", cousa que não faziam há anos. Eu as havia encontrado muito infelizes, desesperadas e estão agora contentes e sorridentes.

"A sensibilidade delas voltou completamente, as chagas estão curadas e daqui há algum tempo irei visitá-las novamente.

Minha primeira doente de lepra, uma pequena que me trouxeram tom o corpo todo cheio de feridas e úlceras, continua passando bem e as manchas brancas, eu o espero, desaparecerão pouco a pouco."

O pai dessa criança confirma a cura por uma carta de 4 de outubro de 1.948:

"Rosa", escreve ele, "leprosa desde março de 1.945, não tinha forças para andar e precisava ser carregada às costas da mãe. O mal começou por botões brancos na boca, botões esses que se espalharam por todo o corpo. Não tinha mais sensibilidade e nada sentia quando picada. A sensibilidade voltou algum tempo depois e até o presente a criança está passando bem."

O P. Laagel fala de uma outra leprosa, Mariana, a respeito da qual diz o seguinte:

"A pequeno leprosa que se encontra na vila está completamente curada, há tempos. Pedi ao seu pai que vos escrevesse um bilhetinho cm português, para juntar a esta carta. Vereis que fala igualmente da sensibilidade recobrada. Verifiquei-o eu mesmo, picando a criança com uma agulha, antes e depois da cura."

O pai de Mariana escreve:

"Atingida pela lepra desde novembro de 1.946, foi apresentada ao P. Laagel para tratamento no mês de junho de 1.947. O Padre picou-a com uma agulha, no primeiro dia e ela não sentiu nada. Estava paralisada da perna direita e insensível. Ficou curada no fim de uma semana e meia.

Quando picada de novo, três semanas depois, sentiu e chorou. A sensibilidade voltou. Desde aí ela pode correr."

Na mesma carta de 3 de outubro, o Padre continua dizendo: v

"Não encontrei outros leprosos (além de Joaquina), até 5 de maio último, dia em que me trouxeram uma pequena leprosa de uma vila bem perto da Missão. Na mesma ocasião disseram-me que havia outros leprosos a 25 quilômetros daqui e eu me pus logo a caminho com o meu bastão de peregrino, para vê-los e levar-lhes alguns remédios. Mas, crendo que eu lhes ia pedir dinheiro, eles fugiram. Não encontrei senão duas criancinhas que comecei a tratar eu mesmo, ensinando o pai de um deles a tratar outros. Ele o fez e na minha segunda visita não mais fugiram; recomendei-lhes que se tratassem com os meus remédios, prometendo enviá-los duas vezes por semana.

Vou tentar enviar vossas fórmulas às Missões de Comatuí, mas receio que o tratamento não seja feito metodicamente, pois os leprosos se encontram longe da Missão..."

Na sua carta mais recente, de 25 de maio de 1.949, o Padre confirma a notícia que já me dera, da cura (do que ele chama a cura) de treze leprosos, de que já se falou anteriormente.

Devemos dizer cura ou grande melhora? O futuro o dirá. O que é certo é que pela inspeção de uma fotografia em grupo desses leprosos eles parecem em bom estado de saúde.

E eis uma novidade

Juntamente com a fotografia do grupo de leprosos o P. Laagel enviou um artigo, recentemente publicado na imprensa de Angola, suponho eu — pois não me foi dada nenhuma indicação da sua origem.

Esse artigo, após aludir às curas obtidas, pelo P. Laagel, convida os médicos, mesmo da metrópole, a entrar em contato com ele, dando-lhe apoio moral e os meios de fazer experiências com a garantia que a ciência pode dar.

O jornal acrescenta que seria uma glória para Angola ser o país cm que está em vias de ser descoberto o remédio da lepra, sobretudo se a descoberta se confirma, no que não deixa de ter razão.

Ele ignora, é verdade, que se o P. Laagel tem os seus remédios pessoais, tem também à sua disposição, há vários anos, as fórmulas de que me servi em 1.936, para tratar a minha leprosa.

Mesmo assim, é um prazer encontrar pessoas que sabem apreciar o devotamento e a ciência, onde quer que se encontrem.

Quanto a honra que pode recair em Angola pela descoberta do remédio da lepra, sempre supondo que ela seja real, é preciso convir que ela está repartida entre vários países e não pode ser atribuída a nenhum deles, com exclusão dos outros.

Foi na França que as pesquisas começaram, não sem sucesso; para prosseguir em seguida em outros lugares, com plantas brasileiras, africanas e francesas, antes de atingir Angola, a qual é, entretanto muito rica em plantas, reconheço-o com prazer.

Essa descoberta não será também com maior razão, o fruto da ciência, da ciência honrada nas academias e laboratórios. Ela será o fruto da radiestesia. Todos nós que

contribuímos para essa descoberta fazemos questão que se saiba: não foi nos livros que aprendemos o que sabemos; foi unicamente pelo exame radiestésico das plantas.

Ela é também uma descoberta missionária, pois que somos todos nós missionários e trabalhamos com uma finalidade missionária.

Objeção possível

O missionário não perderá muito tempo em cuidar dos leprosos e esse tempo não lhe fará falta para as outras funções do seu ministério?

A objeção merece que a tomemos em consideração. Seu fundamento é, entretanto, mais aparente do que sólido.

1º Por missionários não se deve entender somente os padres. As irmãs, os frades, também o são. Pode-se estender esse qualificativo aos catequistas.

Vimos que o Rev. P. Peyrat tinha formado no manejo do pêndulo uma irmã indígena e catequistas e os tinha encarregado de examinar os doentes, justamente para reservar seu tempo ao ministério espiritual. Não há senão imitá-lo.

Vejam o clichê n° 8, fora do texto. Ela nos mostra um catequista em ação, com o pêndulo na mão.

O P. Peyrat, em viagem, encontrou-se com cristãos que lhe pediram para examinar um doente. Ele parou em pleno campo e o seu catequista fez o exame pendular enquanto ele mesmo fotografava essa cena original.

2º O cuidado dos doentes, além de um ato de caridade, em alto grau, não é um excelente instrumento de apostolado? Sirvam de testemunho as cartas dos missionários que já citámos.

Missionários devotados ao tratamento de doentes repugnantes como os leprosos, não ganhariam a simpatia do povo, mesmo pagão? Essa simpatia, porque não se estenderia à religião que inspira um tal devotamento?

Nessas condições a sobrecarga de trabalho é largamente compensada pelo consolo espiritual resultante.

Conclusão

Que conclusão tirareis vós do que precede, caros leitores? Creio ouvir as vossas exclamações: "Descobristes o remédio da lepra! Que descoberta maravilhosa!"

Tal é a impressão que dão as cartas dos missionários e as fotografias por eles enviadas.

Devemos nos guardar de um otimismo precipitado.

Que nós possuímos, não somente um remédio, mas vários, capazes de melhorar o estado dos leprosos, é perfeitamente certo. A prova foi feita, há doze anos atrás e renovada, nesses dois últimos anos, tantas vezes, mais ou menos, quanto foi possível repetir a experiência.

Que tenhamos um remédio que cura a lepra, não o sabemos e devemos conservar-nos modestos, enquanto não for feita a prova. O mais provável é que não o tenhamos. Para expor completamente o meu pensamento, acrescento, com o risco de vos espantar, que duvido de que venhamos a tê-lo algum dia.

Por quê?

Primeiramente, porque o remédio da lepra seria aquele que curasse, senão todos os casos, pelo menos a grande maioria dos casos dessa doença. Ora, a experiência nos

mostra que o tratamento que aplicamos varia segundo os doentes e deve ser modificado mais do que uma vez por mês, se quisermos obter resultados rápidos e sensíveis.

E' raro que a mesma fórmula possa ser aplicada dois ou três meses em seguida.

Assim é com o tratamento pelas plantas.

Existe, existirá, um tratamento químico ou outro que, dirigido diretamente ao micróbio o destrua?

Existem bons remédios, talvez melhores do que os nossos. Com eles se obtêm melhoras notáveis, dizem-me. De que maneira? Ignoramos. Podem ser dados a todos os doentes, indistintamente? Em caso positivo, oferecem uma grande vantagem sobre os nossos. E' permitido duvidar, pois, em segundo lugar, a lepra é muitas vezes acompanhada de sífilis, câncer, tuberculose ou de outras doenças. Seu tratamento é então mais difícil, pois deve ser acompanhado pelo da doença suplementar. E esta, quem a encontrará sem o pêndulo, sobretudo se provier de uma hereditariedade longínqua?

Pode haver aí, para todos, uma causa de insucesso, na qual os missionários devem sempre pensar.

Em terceiro lugar, mesmo que o tratamento pareça ter conseguido a cura, isto é, se desapareceram todos os sintomas da doença, conservemo-nos prudentes e na expectativa do que pode acontecer.

Sabe-se, com efeito, que a doença, tem altos e baixos, que o estado dos doentes podo variar segundo as estações; a passagem da estação seca para a chuvosa provoca muitas vezes um recrudescimento nos sintomas do mal.

Tal missionário que acreditava curado um certo doente, vê-se obrigado depois a prescrever-lhe um tratamento de entretenimento, preventivo de uma recaída.

A cura não era pois real.

Falemos pois de melhora, de grandes melhoras, se quiserdes, mas reservemos "a cura" para mais tarde.

Quando os doentes, cessado todo tratamento, tiverem passado um ou vários anos sem recaída, então falaremos de cura. Ainda não chegámos lá.

Não sejamos menos prudentes do que os que aplicam outros tratamentos.

Antes de terminar este capítulo, tenho de responder a uma outra pergunta. Essa pergunta já me foi feita diversas vezes e não deixa de ser lógica.

Porque, perguntam-me, o Snr. não põe os seus remédios contra a lepra à disposição de todos os que tratam dessa doença?

A razão é muito simples: eles não são utilizáveis pelos que não sabem ou não querem se servir do pêndulo. Confiar-lhes esses remédios, seria caminhar para um insucesso certo.

Não disse eu há pouco que o tratamento deve ser modificado frequentemente? E' necessário prescrever ora uma fórmula, ora outra. A dose muda também e tem um papel importante.

Essas mudanças de fórmulas e de dosagem são uma brincadeira para o radiestesista; seriam um quebra-cabeças para um não-radiestesista. Como saberia este último que tal fórmula, nociva ontem é muito boa hoje ou vice-versa? E quanto mal ele arriscaria de fazer!

Evidentemente, a qualidade do remédio é que seria incriminada e desacreditada, enquanto que toda a responsabilidade caberia a quem não soube escolher o bom remédio.

Mas não seria possível determinar um tratamento que fosse conveniente para a maioria dos casos e pudesse ser prescrito por não-radiestesistas?

Não é possível senão por meio de numerosas experiências: experiências essas que deveriam ser controladas por uma só organização. Por exemplo: todos os missionários

que tratam ou mandam tratar leprosos, deveriam notar as fórmulas prescritas e enviar os dados, anualmente. Se uma ou duas fórmulas emergissem muito em relação às outras, saberíamos que essas seriam as melhores.

Essa experiência está em curso mas ainda no início.

Seria desejável que uma fórmula única, ou quase, pudesse ser empregada por missionários não-radiestesistas. Ela pouparia muito tempo, dispensado o exame radiestésico, mas o acaso seria o maior fator na eficácia do tratamento. Seria pior.

Fiquemos com os nossos métodos radiestésicos, com os quais, somos tão bem sucedidos.

NOTA SOBRE AS FOTOGRAFIAS

Uma surpresa que tivemos será, sem dúvida, partilhada pelos nossos leitores. E' por vezes difícil reconhecer o mesmo doente nas fotografias tiradas antes e depois de 6,5,3 ou mesmo um mês de tratamento, de tal modo eles se modificaram em tão pouco tempo.

Entretanto, são de fato os mesmos, pois as fotografias nos foram enviadas em envelopes separados e numerados, quando não o foram sem envelope e com o nome do doente atrás.

Relativamente a dois doentes, a transformação nos pareceu tão extraordinária que, malgrado as garantias de autenticidade que pensamos ter, preferimos não publicá-las, de medo de nos enganar e enganar os nossos leitores.

(Dísticos sob as gravuras, entre as págs. 234 e 235 do original, segundo numeração a lápis, no livro.)

I — Catequista examinando um testemunho de doente em plena selva (Foto do P. Peyrat).

II e III — N° 17 do P. Boyer. Este doente tinha os pés como marmelada. — De 22 de novembro de 1.948 até fim de dezembro, grande melhora do pé direito. — A 22 de fevereiro 1.949, resta somente um pequeno ponto e uma crosta. — A 25 de março recomeça a trabalhar, enquanto que, antes, só falava em deixar-se morrer. Ele vive num buraco, cavado no rochedo.

IV e V — N° 16 do Padre Boyer. — Leprosa que vive há vários anos nos bosques. A esquerda, seu estado antes do tratamento; à direita, seu estado após três meses de tratamento. Ela já pode trabalhar e ir ao mercado.

VI e VII — N° 19 do Padre Boyer. — Melhoria do estado geral e sobretudo da vista, em cinco meses de tratamento.

VIII e IX — N° 20 do Padre Boyer. — Grande melhoria geral, sobretudo da vista. Pode trabalhar após seis meses de tratamento.

X e XI — N° 69 do Padre Boyer. — Os dedos das mãos e dos pés caíram. Estado geral bem melhorado em três meses de tratamento. Supurações bem diminuídas. — Inchação dos pés e do rosto desaparecida.

XII e XIII — Leprosa de Angola. — Doente tratada pelo R.P. Laagel. Antes e depois de um mês de tratamento.

XIV e XV — Estado de Rosa (tratada pelo Padre Laagel) após seu tratamento. Vista de costas: as manchas brancas são as cicatrizes das chagas que lhe cobriam o corpo. Elas nos fazem compreender seu tamanho e profundidade.

Vista de frente — Ela não andava antes do tratamento. Tem-se bem direita, depois.

CAPÍTULO XIV

CURA DE CANCEROSOS

Se os leprosos são pouco numerosos em nossa terra e na Europa, outro tanto não se pode dizer dos cancerosos.

O câncer é o flagelo dos tempos modernos e o terror de todos os que sofrem de mal-estar indefinível: logo se perguntam, felizmente o mais das vezes sem razão: "Não estarei canceroso?"

E' que se considera o câncer incurável. Ele é tanto mais difícil de curar quanto trabalha em surdina, traiçoeiramente, para aparecer só quando já se acha desenvolvido.

Não faltam tratamentos científicos que retardam ou impedem sua evolução quando aplicados em tempo.

Esses tratamentos custosos e que exigem aparelhos aperfeiçoados não existem nas Missões. Para combater a terrível moléstia, temos pois que procurar ainda na flora de nossas Missões. Não acharemos um remédio para o câncer?

Faz poucas semanas, um missionário do Gabon enviou-me uma planta boa, dizia ele, para combater a lepra. Perante o exame radiestésico achei-lhe uma eficácia medíocre para essa moléstia, mas excelente para o câncer. Assinalei-o ao missionário para que faça tal ensaio na sua Missão.

Eu trouxe da minha Missão algumas plantas que lhe não são inferiores e que permitiram aos médicos que as empregam obter resultados como estes.

1º Câncer do fígado

Achando-me, de passagem, com o Doutor que escreveu ao Dr. Grassi o bilhete antes consignado, consenti, para satisfazê-lo, em realizar uma experiência.

"Tem algum doente interessante?", perguntei-lhe.

"Sim, Senhor", respondeu ele, "um canceroso do fígado".

"Está muito mal? Por exemplo, não se levanta mais? Alimenta-se?"

"Não se levanta, nem come. Está perdido", disse o médico, "pelo menos é a minha opinião e a de um colega com quem fui visitá-lo ultimamente."

"Não lhe posso prometer a cura", observei, "Mas quero de boa vontade experimentar aliviá-lo, prolongar um pouco seus dias e diminuir seus sofrimentos, é tudo. Repito que não prometo a cura, pois é pouco provável, se bem que não seja impossível. Veremos."

"Entendido", respondeu-me o Doutor.

Preparei, debaixo de seus olhos, o remédio para dez dias e parti para a Itália.

Quando voltei, o Doutor tomou-me as duas mãos com emoção: "Sabe? Ele sarou!"

Eu não me lembrava mais do seu canceroso. "Mas quem sarou?" perguntei.

"Ora, ele!"

Lembrei-me logo: "O canceroso sarou?"

"Sim, está bom. Come por quatro e levanta-se durante algumas horas diariamente. E' incrível! É contra todos os dados científicos. Não estou entendendo nada disto. Com certeza é obra do acaso. O Snr. não obterá resultado semelhante com outro doente, não é possível!"

O canceroso não estava ainda curado, mas em bom caminho para o restabelecimento.

Para mostrar ao Doutor que se podia obter o mesmo sucesso com outros doentes, propus-lhe de ficar com um rapaz que conhecia muito bem o meu método e a quem eu podia confiar minhas essências de plantas.

"O Snr. poderá, com o auxílio dele, fazer todas as experiências que quiser durante um mês ou dois, "disse eu," não somente sobre cancerosos, mas sobre toda espécie de moléstias crônicas que o Snr. considere incuráveis."

Assim se fez e, na minha ausência, as experiências continuaram, muito interessantes.

2° *Úlcera cancerosa*

Achei-me novamente de passagem em casa desse Doutor dois meses mais tarde. O canceroso de que acabei de falar estava então, clinicamente falando, completamente restabelecido.

Enquanto falávamos duma e doutra cousa, chamaram o Doutor ao telefone. Voltou transtornado e falando sozinho.

"Não é possível", dizia ele, "isto é uma reviravolta em nossas concepções médicas"...

"O que é, que é impossível?"

"Aí está! Um doente telefonou-me que está melhor... e não faz uma semana que o estamos tratando. Não é possível!"

"E de que está ele sofrendo?"

"De uma úlcera cancerosa no estômago! Não se pode sarar disso numa semana, ora esta!..."

"Se ele está seguindo bem o meu tratamento, é normal. Se não está curado, deve pelo menos sentir-se bem melhor!"

"E o Snr. acha isto normal? Nós achamos impossível."

Soube que, após um mês de tratamento, esse doente havia recuperado cinco quilos e ia muito melhor.

Com um terceiro canceroso, nem o médico, nem o rapaz que tinha ficado com ele, nem minhas plantas puderam alguma coisa. Era muito tarde. Morreu.

3° Câncer no seio

Uma pessoa, com perto de 60 anos, tinha, segundo me asseveraram, dois gânglios cada um do tamanho de um ovo de galinha. Após três meses de tratamento ficou completamente curada.

Para ela as melhoras custaram a se fazer sentir e precisou dê paciência para não desanimar; as dores persistiram durante dois meses, até o dia em que apareceu em cada gânglio um orifíciozinho do tamanho de uma cabeça de alfinete; orifício pelo qual saiu uma enorme quantidade de pus. Quando o orifício fechou, a cura era completa.

Esta pessoa faleceu de uma outra doença após ter gozado boa saúde durante doze anos.

4° Casos diversos de cancerosos curados

A duração do tratamento é muito variável segundo a gravidade da moléstia e também devido a razões imponderáveis que é difícil de chegar a elucidar.

1º Assim, um doente contou-me que fora tratado pela religiosa de quem falei e que foi a primeira a fazer a tentativa da experiência dos banhos e compressas; curou-se em três dias de um câncer na garganta e recobrou a voz. Ele falava alto e claro quando o vi.

Após o primeiro banho e sob o efeito da primeira compressa, sentiu como se uma pele se destacasse da sua garganta e ameaçasse de o sufocar. Conseguiu desembaraçar-se dela e desde esse momento experimentou um grande alívio. Era um alcoólatra e, não podendo resistir a privar-se do álcool teve uma recidiva um ano mais tarde e morreu.

2º Uma vez, estando de passagem junto à mesma religiosa que eu tinha ido ver a fim de a dissuadir de tratar de doentes, com receio de que ela viesse a me comprometer indiretamente por exercer ilegalmente a medicina, achei ali uma Senhora idosa, de cor amarelada e, certamente, muito doente que tinha vindo para implorar a sua caridade.

"Não sei o que fazer por ela," disse-me a Irmã.

"Então não faça nada," respondi.

"Mas ela está sofrendo tanto! Não é caridoso abandoná-la. Ela mesma diz que os médicos não podem fazer nada por ela. Quer fazer o favor de examiná-la, o Senhor mesmo?"

Após um exame sumário pendular, eu disse com convicção à Irmã:

"A Senhora é tão incapaz quanto os médicos. Não se ocupe disto, pois arrisca de comprometer-se."

Três dias mais tarde a doente entrava em plena convalescença.

Que é que se passou? A Irmã havia prescrito o tratamento completo, gotas, banhos e compressas. Na primeira noite a enferma acordou com um choque interno, como se o coração lhe saltasse; pensou que ia morrer.

Era o tumor que tinha "saltado". Saiu pelas vias naturais, primeiro com um cheiro insuportável, no terceiro dia já sem cheiro e tudo acabou. A doente só teve então que recuperar as forças devagar.

Estas curas tão rápidas são exceções. Comumente é preciso semanas e meses.

Quereis saber se, para ter esperança de cura, os doentes devem estar no começo da doença?

Primeiramente, nunca se sabe quando a moléstia está no começo. Quando se torna perceptível já está bastante adiantada.

Um dia um padre veio pedir-me que tratasse de seu pai, atacado por um câncer, inoperável e então abandonado pela ciência oficial.

"É-me proibido tratar de doentes, respondi; não posso absolutamente prestar-lhe o serviço que me pede, mas aqui está o endereço de um médico radiestesista que lho prestará tão bem quanto eu."

"O Snr. poderia ao menos examiná-lo para saber se há alguma esperança de cura. Não havendo, para que ir ao médico?"

"Humanamente falando, não há nenhuma esperança," disse eu depois de o examinar. "Seu pai tem um tumor muito grande no piloro; até o estômago está tomado. Mas que sabe a gente? Aconselho-o a tentar o tratamento que for indicado. Ao menos há de atenuar o sofrimento de seu pai e o Snr. terá a consciência tranquila por haver feito todo o possível para aliviá-lo."

Assim se fez e o doente, que estava deitado, não se alimentado mais, sem força para apertar a pera a fim de acender a luz elétrica, está restabelecido.

A cura foi tão completa que o ex-canceroso, pôde fazer, durante os cinco anos de cativeiro de um filho, o trabalho de dois homens: o seu e o do prisioneiro.

5º O câncer é curável?

O corpo médico apega-se à incurabilidade do câncer a tal ponto que, após os exames de laboratório e a existência reconhecida do mal, se um canceroso recobra a saúde, dirão que o laboratório se enganou em vez de reconhecer a cura.

Não cabe a mim resolver a questão: deixo-a no ponto em que está.

Prevendo esta edição, para torná-la mais interessante por uma documentação mais precisa, fiz o que se poderia chamar uma visão panorâmica, incidindo em um período de vinte anos, pois os primeiros casos assinalados remontam a 1.929.



Catequista examinando um testemunho de doente em plena selva
(Foto de P. Peyrat)



N° 17 do P. Boyer. Este doente tinha os pés como marmelada. — De 22 de novembro de 1.948 até fim de dezembro, grande melhora do pé direito. - A 22 de fevereiro 1.949, resta somente um pequeno ponto e uma crosta, — A 25 de março recomeça a trabalhar, enquanto que, antes, só falava em deixar-se morrer. Ele vive num buraco, cavado no rochedo.





20 do Padre Boyer. — Grande melhoria geral, sobretudo da vista. Pode trabalhar após seis meses de tratamento.



N^{u} 16 do Padre Boyer.
Leprosa que vive há vários anos nos bosques.



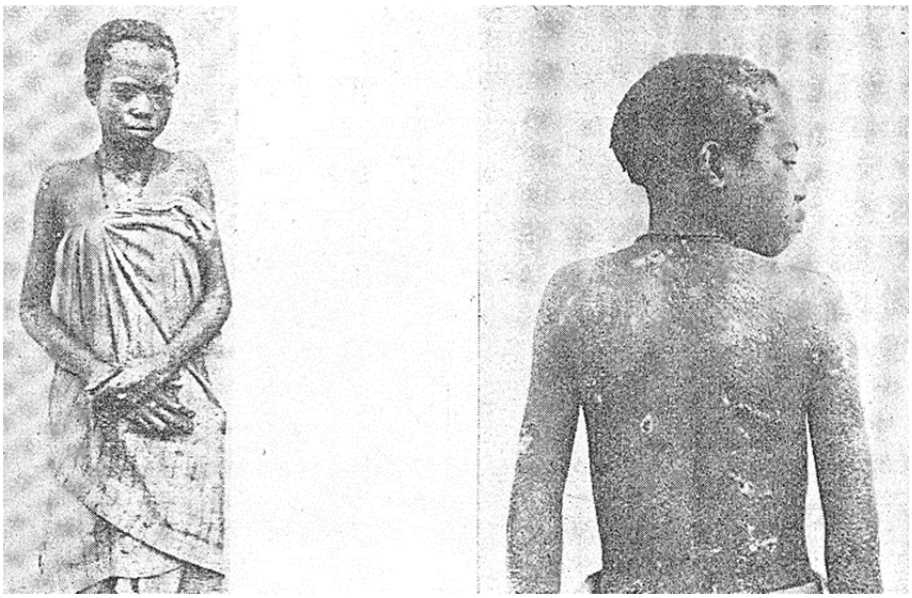
A esquerda, seu estado antes do tratamento; a direita seu estado após três meses de tratamento.
Ela já pode trabalhar e ir ao mercado.



Leprosa de Angola. Doente tratada pelo R.P. Laagel



Antes e depois de um mês de tratamento.



Estado de Rosa (tratada pelo Padre Laagel) após seu tratamento. Vista de costas: as manchas brancas são as cicatrizes das chagas que lhe cobriam o corpo. Elas nos fazem compreender seu tamanho e profundidade.
Vista de frente. – Ela não andava antes do tratamento.
Tem-se bem direita, depois.

Essa visão de conjunto consistiu principalmente em um giro pela França, por vezes ultrapassando as suas fronteiras.

Fui visitar radiestesistas, médicos ou não, e pedi-lhes que me dissessem quais as doenças, entre as mais graves, que eles tratavam mais frequentemente.

Em 722 casos de doenças, havia 119 casos de câncer. Teria querido saber a proporção de insucessos e de curas. Naturalmente, não foram retidas senão as curas: é humano. Temos pois 119 casos, 119 curas.

Não deveis acreditar no 100 %.

Nenhum radiestesista o afirma.

Em uma relação vinda da Itália, o radiestesista, em dois meses, examinou 31 cancerosos. Entre esses, 14 são dados como curados; 4 em tratamento, dos quais 3 já bem melhores; 2 falecidos; os outros, ainda sem notícias, com o tratamento apenas iniciado.

O que parece inverossímil é a rapidez de certas curas: um mês de tratamento, quinze dias, uma semana. Hesitaria em crê-lo se não conhecesse diversos casos assim espantosos.

Mas esses casos têm habitualmente uma explicação que darei quando falar na sífilis.

Podem fazer-me uma objeção: não sou crédulo demais? Será que peço as provas das curas que me contam? Crédulo, no sentido de que me rendo facilmente à evidência? Sim, certamente.

Crédulo, no sentido de que creio de olhos fechados? Não.

O câncer foi sempre considerado como incurável? Creio que não, pois velhos livros de medicina nos dão receitas, tidas como experimentadas; por exemplo, a da utilização do sapo no tratamento do câncer.

Volta-se a esse ponto hoje em dia, mas de maneira menos desagradável. Sabeis, com efeito, que um recente tratamento do câncer consiste em injetar no doente não sei que produto extraído do sapo?

Como pôde um médico ter a ideia de que um animal tão feio e repugnante pudesse prestar serviços à humanidade e tornar-se um remédio?

Não quero diminuir em nada o mérito do inventor que, sem dúvida, muito estudou, pesquisou e trabalhou antes de completar sua descoberta. O que é interessante é que, num velho livrinho datando de 1.678, encontrei que nessa época tratavam do câncer pela aplicação do mesmo animal sobre o tumor canceroso. O método era muito menos asseado do que uma injeção; era mesmo repugnante e, pode-se acreditar, muitos doentes talvez se tenham recusado a sujeitar-se a ele. Eu mesmo nunca falaria nisso, de medo de passar por feiticeiro se, em nossos dias, tal método não se justificasse pela aplicação científica que se está fazendo.

Direi no que consistia o método antigo? Porque não? Certamente na Europa ninguém vai usá-lo. Talvez que algum missionário tire proveito dele para seus clientes menos delicados.

Tomava-se um sapo e amarrava-se-o vivo sobre o tumor canceroso, deixando-o assim 24 horas.

A acreditar no autor do livro, esgotado o prazo, se a parte do sapo que tocara o tumor estivesse atingida pela moléstia, isto é, começasse a corroer-se, o câncer estava curado. Senão, aplicava-se outro sapo, da mesma forma, até que ele pegasse a doença.

Que se curasse ou não o câncer, pouco nos importa aqui. O que nos interessa é saber que trezentos anos antes de nós já era conhecido o princípio do tratamento do câncer pelo sapo.

Esse tratamento ainda está em voga em certas partes do mundo.

O Reverendo Padre Gimalac, na sua carta já citada a propósito das radiações benéficas de certas plantas, acrescenta que um de seus colegas chegou, doente, em sua residência. Tinha o pescoço envolto por uma espessa camada de panos. Como o P.

Gimalac quisesse saber o que estava escondido por esse envoltório desmesurado, o doente, não sem se fazer rogar, consentiu em retirá-lo.

Que é que foi visto?

Um sapo estendido sobre um tumor!

Os indígenas tinham ensinado esse remédio ao missionário. E' pena que não saibamos o seguimento da história. Não é curioso que um tratamento, aplicado em França há trezentos anos, o seja ainda hoje num recanto afastado da China imensa?

Não caçoemos tão facilmente dos remédios chamados "de comadre". Há os excelentes. Seria interessante fazer uma coletânea deles e utilizá-los nas Missões. Graças ao livrinho que data de trezentos anos atrás, certos missionários voltaram recentemente à sua longínqua Missão com segredos que lhes permitirão curar rapidamente doenças que dão preocupação aos médicos quando eles têm de lidar com elas.

Porque insisti sobre a cura possível do câncer, de certos casos de câncer, pelo menos?

Para convidar os missionários:

1º A não hesitar em experimentar os remédios que nós podemos fornecer-lhes, remédios especialmente destinados às Missões;

2° A fazer, eles próprios, pesquisas na flora de sua Missão, eles poderão fazer descobertas interessantes;

3º A não rejeitar a priori as receitas empregadas pelos indígenas. Pode havê-las excelentes, não utilizáveis na Europa porque somos muito requintados, mas que prestariam serviços a populações menos imbuídas de preconceitos científicos.

Sirva de exemplo o tratamento do câncer pela aplicação do sapo. Ele nos inspira repulsa. Muitos doentes, em falta de outro, se submeteriam a ele, levados pelo desejo de acabar com os seus sofrimentos, mesmo na Europa, provavelmente, e na certa em países menos favorecidos, sem socorro médico.

Conversei sobre o assunto com dois missionários vindos do Extremo Oriente. Eles concordaram comigo sobre a possibilidade de fazer uma coleção de receitas indígenas — eu lhes comunicaria as minhas e eles as suas — para o maior bem das nossas Missões.

Convidamos todos os missionários a juntar-se a nós.

Desde que os doentes das Missões estão privados dos recursos da farmacopeia europeia, esforcemo-nos para nos bastarmos a nós mesmos.

Já não o fazemos muito mal.

CAPÍTULO XV

A SIFILIS

Abordo aqui um assunto delicado e de extrema importância: delicado, porque se convencionou representar a sífilis como uma moléstia vergonhosa, proveniente de uma falta moral.

Quando ela é consequência de uma conduta má, é claro que os que a contraíram — enrubescem. Mas é sempre esse o caso? Certamente que não.

Que falta cometeu aquele que se contaminou servindo-se de um recipiente não lavado em que um sifilítico acabou de beber ou aquele que se contaminou de uma outra maneira completamente inocente?

E que mal fez aquele que descende de parentes, eles próprios tornados sifilíticos inocentemente, ou que o fossem de maneira culpável? Deve sentir-se mais envergonhado do que se tivesse nascido vesgo ou manco?

Que se previna a juventude contra a falta que a expõe a contrair uma doença tão temível, até aí muito bem. E' necessário e nunca demais. Mas, há necessidade para isso, de exagerar, de desnaturar a verdade, de perturbar profundamente as consciências? Um médico me assegurou ter conhecido um jovem que se enforcou porque herdou a doença: ele se acreditou desonrado.

E', aliás, a impressão geral.

Quando, em um exame pendular, encontrarmos essa hereditariedade, é preciso não a revelar ao doente; ele enrubesceria, ficaria desencorajado e, também, se creria desonrado.

Corrigir esse julgamento errôneo é restabelecer a verdade e aliviar muitas consciências.

Entretanto, é muito importante fazer todo o possível, na medida conveniente, para que a juventude se preserve de tal doença.

O melhor meio não é mostrar suas consequências desastrosas para a família?

Um jovem que faz pouco caso de sua saúde, encontrará talvez a energia de vencer a sua paixão pensando na devastação que um momento de fraqueza pode causar ao seu lar e à sua descendência.

A estatística seguinte é de natureza a fazer refletir quem quer que tenha esperança de constituir família.

Não é inútil registrar que, nos casos de que vou falar, só se trata de hereditariedade e não de doença adquirida.

Que aquele que arranjou a doença, sofra, é compreensível. Não ê para esse que escrevo, pois que a minha finalidade é mostrar os malefícios que ela causa a inocentes.

Isso dito, aquele que se encontrar dividido entre o dever e a paixão deverá pensar: "Eis o que me arrisco a introduzir na minha família e na minha descendência! Eis as desgraças que eu farei recair sobre inocentes."

Não quero dizer que todas as doenças que vou enumerar se encontrem entre todos os descendentes dos culpados. Não, felizmente! Essas taras se manifestarão em uma ou outra geração, de longe em longe, com maior ou menor frequência e gravidade.

Podemos ter diversas espécies de hereditariedade. Quem não as tem? A reunião de hereditariedades diferentes, a intervenção de outras doenças ou acidentes podem modificar as consequências da especificidade, dirigi-las para este ou aquele órgão. Daí, a grande diversidade de casos provenientes da mesma causa.

Note-se que a porcentagem em que a sífilis intervém, tal como é indicada a seguir, refere-se a um determinado número de doentes e não à população de um país qualquer, o que é muito diferente, tanto mais que a minha perquirição engloba doentes de quatro nações vizinhas e relaciona-se, como já disse, a um período de vinte anos.

Estatística

Dentre 722 casos de doenças, dos quais falei a propósito do câncer, a sífilis intervém 241 vezes, ou seja, exatamente a terça parte.

Já não é impressionante?

Não se trata de 241 casos simples, benignos, semelhantes uns aos outros.

Entre esse número, não há senão 30 que se apresentam sem complicação, isto é, que puderam ser tratados só com o remédio antissifilítico.

Os outros, pelo menos os principais, repartem-se assim, intervindo a sífilis:

35 vezes em 119 casos de câncer;

14 vezes em 45 casos de tuberculose;
6 vezes em 11 casos de neurastenia;
10 vezes em 18 casos de mal de Pott;
4 vezes em 5 casos de nevralgia do trigêmeo.
Encontra-se a sua presença em casos de paralisia, idiotia, epilepsia, etc.
E daí?

Isso quer dizer que, cada vez que se encontra em um doente a herança especifica, qualquer que seja a sua manifestação, qualquer que seja o órgão ou o membro onde o mal elegeu o seu domicílio, o tratamento deve ser dirigido a essa causa específica. Na falta desse tratamento a melhora custará a vir, se vier, ou será apenas momentânea.

Essa experiência repete-se diariamente.

Essa herança se insinua sorrateiramente e escapa, na maioria das vezes, às pesquisas de laboratório.

Sífilis e câncer

Convidado por dois médicos para examinar dois doentes, declarados cancerosos por dois laboratórios diferentes.

"Nada de câncer, declarei; tumor de origem especifica, sim, e nada mais do que isso." — Achei-me em completo desacordo com a ciência oficial.

A aplicação de um tratamento para a sífilis trouxe uma melhora sensível e rápida, momentânea, para um dos doentes, que engordou um quilo em um mês e sucumbiu a uma crise de uremia... Para o outro, melhora de vários meses, enquanto que sua morte era anunciada como iminente.

A demonstração estava feita.

Tenho ainda melhor.

Falei, nas três edições precedentes, de uma cancerosa que examinei e tratei, em 1.936, em um hospital de incuráveis em Parma, a pedido e na presença de dois médicos. Sempre disse: "cancerosa" pois que tal era o diagnóstico oficial — o meu também, aliás, mas com uma particularidade.

O exame pendular me revelava "câncer enxertado em terreno específico" e foi graças a essa união das duas doenças que a doente sarou, pois, observação muito importante feita por numerosos radiestesistas, quando a especificidade intervém o câncer é relativamente fácil de curar. A maioria dos casos inoperáveis curados, o são graças a essa circunstância.

E' o caso de se perguntar se não há um estreito parentesco entre essas duas doenças.

Há micróbio ou não, no câncer? Nada sei e como não tenho pretensões a cientista confesso que a questão de todo não me interessa. Que nos importa, a nós missionários, que tenha ou não? Queremos curar os nossos doentes e, para isso, a questão microbiana resolvida, não nos ajudaria mais do que se não resolvida.

Mas não é uma indicação digna de chamar a atenção dos que se ocupam dessas questões — o saber que as análises feitas em laboratório podem confundir sífilis e câncer?

Será porque o micróbio de uma especificidade hereditária escapa à sua pesquisa? Ou porque o micróbio do câncer, se é que existe, assemelha-se ao da sífilis?

Sífilis e tuberculose

A mesma questão se impõe a propósito da tuberculose. Em 41 casos de tuberculose, a sífilis entra em jogo em 14 e pode se prestar à mesma confusão.

Muitos tuberculosos do pulmão ou dos ossos são primeiramente sifilíticos, mas, tendo tido vida bem regrada, eles não se dão conta da pesada herança que carregam. Como haveriam de pensar nela os próprios médicos, pois que nenhum sinal exterior faz despertar a suspeita?

Eu já havia notado que tuberculosos muito avançados curavam-se bem e bastante depressa. Eu sou um deles, pois que, como já disse, curei-me em 1.918 de uma tísica galopante, reconhecida por dois médicos. Pelo contrário, doentes que mal pareciam atingidos e pareciam curáveis, marchavam para o túmulo de maneira inexorável, seguindo o mesmo tratamento.

Nessa marcha contraditória da doença, havia um dado que me escapava. Qual? Foi preciso que a experiência, um dia, mo revelasse. Essa experiência foi o exame de um caso avançado de tuberculose. O pêndulo revelou nele, em primeiro lugar, a herança específica e, secundariamente, a tuberculose pulmonar.

Pouco importa, parece, ter sido uma ou outra que o levara àquele estado: o doente estava perdido, sem remissão. Por desencargo de consciência, fez-se com que seguisse os dois tratamentos e ele curou-se!!!

A tuberculose acabava de nos confiar um precioso segredo: sozinha ela é mais temível do que associada à sífilis, exatamente como no câncer.

Exemplo, esse jovem médico estrangeiro que, de passagem pela França, pede para me ser apresentado. Ele desejava testemunhar algumas experiências pendulares.

De muito boa vontade cedi ao seu desejo, como sempre faço com os médicos que querem tomar conhecimento do meu método. O padre que me apresentou o Dr. avisou-me, previamente, que ele era tuberculoso.

Após as experiências do pêndulo que oscilou sobre um braço, que girou sobre os braços cruzados, o Dr. pediu-me que o examinasse.

"Estou doente e de quê?" disse.

Enganado pela confidência que me havia sido feita, tomei imediatamente a fórmula correspondente à tuberculose.

Se o movimento do pêndulo fosse provocado por autossugestão, o meu teria girado e mesmo muito pronunciadamente, pois eu estava persuadido que estava tratando com um tuberculoso!

O pêndulo ficou imóvel.

Passei então à testemunha da sífilis e o movimento rotativo no sentido B começou imediatamente. Uma vez que o Doutor precisava desse remédio é porque era sifilítico.

"O Snr. não é tuberculoso", disse eu.

"O Snr. acha?" exclamou ele, admirado.

"Tem uma ligeira tendência para ficar tuberculoso, mas não o é; sua moléstia é bem diversa."

Ele quis saber a natureza de sua doença. Eu não queria dizer-lhe, mas insistiu tanto que acabei confessando a verdade. Ele protestou.

"Isso lhe vem de longe", acrescentei. "Aliás, é fácil convencê-lo. Tome um remédio para essa doença; o Snr. é médico, deve saber o que lhe é preciso. Se quiser servir-se do que os nossos missionários empregam em tais casos, eu lho darei com prazer e os resultados dirão se eu tinha ou não razão."

O Doutor tomou o remédio que lhe ofereci.

Seis dias depois, já estava melhor. Três semanas mais tarde escreveu-me: "Vou às mil maravilhas" e, antes de embarcar para seu país, veio agradecer-me, em Albi. Estava completamente restabelecido.

Ele se acreditava tuberculoso, não o era ainda, mas a pesada herança que carregava criava um terreno favorável ao desenvolvimento do bacilo de Koch.

Em tempo mais ou menos distante, o que ele temia ter-se-ia tornado realidade.

Mal de Pott

Em 18 casos estudados, 10 tinham relação com a sífilis; é a mais forte proporção encontrada dentre as doenças acima assinaladas.

O mal de Pott é a tuberculose dos ossos e ataca de preferência as vértebras.

Ora, segundo a minha estatística, um pouco mais da metade dos casos não seriam senão secundariamente de natureza tuberculosa — algumas vezes mesmo não o seriam de todo — o pêndulo o indica e a eficácia do tratamento o confirma.

Não lembrarei senão um caso, já lido nas edições precedentes.

O doente estava deitado havia nove anos, com várias vértebras afundadas, quando o vi pela primeira vez. Não podendo tratá-lo eu mesmo pois que a lei não o permite, recomendei-o a um médico, o qual, assistido por um excelente radiestesista, encarregou-se do tratamento.

Isso foi em 1.938 ou 1.939.

A 21 de julho de 1.94J, o doente escrevia:

"Caro Senhor",

"O colete me foi retirado no dia 17 do corrente e fui radiografado no mesmo dia. Conforme o vosso desejo, faço-vos saber que os resultados são bastante substanciais. O Snr. acertou. Estou curado, clínica e radiologicamente. Não esperava um resultado tão completo.

"Junto uma cópia do relatório da radiografia:

"17 de julho de 1941. — Radiografia da coluna dorsal. — As chapas de frente e de perfil mostram lesões que parecem atualmente consolidadas: particularmente na chapa de frente os corpos vertebrais retomaram uma opacidade normal; sua estrutura, remodelada, parece homogênea; não se vê zona de erosão em atividade.

"Sob o ponto do vista estático, a deformação não se modificou desde a última chapa: não há aumento da sifose nem do esmagamento vertebral.

"Em suma, os sinais radiológicos são os de uma lesão consolidada que não apresenta nenhum caráter atual evolutivo.

"(a): Dr. II. T."

"As deformações continuam no ponto em que estavam há muito tempo e já me resignei a ter o dorso abaulado e um ombro mais alto do que o outro. O essencial é que possa andar e entregar-me às minhas ocupações.

"Fiz com que a minha radiografia fosse ter às mãos do meu médico, o qual eu não consultava desde o verão de 1.940. Ele me comunicou que eu podia andar sem colete ou

outro qualquer aparelho, de modo a fazer, o esforço necessário para fortificar a musculatura que está completamente atrofiada.

"É evidente que meu tratamento continua e continuará para consolidar definitivamente esses belos resultados.

“Eu vos agradeço pelo tratamento e pela competência com os quais vos ocupais de mim. Estou contente com os bons resultados obtidos e bem pago pela minha paciência e perseverança.

"Querei aceitar, caro Snr., os meus melhores sentimentos.

"(a): R. O."

Em 17 de setembro de 1.944, o doente escrevia:

"Fui radiografado em abril último e o médico me disse que eu não poderia estar mais bem curado. Vivo normalmente, trabalho e levo a vida de todos."

Ele estava tão bem curado que lhe agradava o visitar doentes nos hospitais.

Isso foi em 1.944. Estamos em 1.949.

O que é feito desse doente?

O ano passado, em julho de 1.948, ele me anunciou que viria passar as férias na França e disse o quanto o agradaria apresentar-me a esposa e o lindo filhinho.

Muito admirado de que tivesse se casado e fosse pai de um bebezinho, não pude deixar de comparecer ao encontro que ele sugeria em Toulouse.

Não poderia exprimir minha surpresa e alegria ao encontrar-me na presença de um homem de boa estatura, corpulento, sorridente, tendo nos braços um lindo bebê.

A sua direita, sua esposa, também sorridente. Seus ombros tocavam-se, o que me fez crer que o Snr. O. apoiava-se à esposa, para se manter direito.

Eu o figurava curvado, penso para a direita ou para a esquerda, todo torto, enfim.

Seria possível que uma coluna vertebral afundada como era a sua quando o conheci, se endireitasse e pudesse sustentar um corpo pesado?

Ela estava tão direita, tão forte e tão flexível que, distanciando-se de sua esposa, o Snr. O. fez todos os movimentos para trás, para diante, para a direita e para a esquerda, como se fosse qualquer de nós que nunca esteve doente.

Como ficaria contente de vê-lo o médico que o tratou! Infelizmente ele já havia falecido.

Outras intervenções específicas

Admite-se facilmente a intervenção da especificidade em certas doenças, mas ela não deixa de ser espantosa em outras, nestas por exemplo:

Em cinco casos de nevralgia do trigêmeo, ela intervém quatro vezes e dois desses casos se curaram unicamente com compressas húmidas do remédio antissifilítico.

Dois casos de angina do peito se curaram com o mesmo remédio e radicalmente.

Do mesmo modo um caso de glaucoma.

A especificidade mostrou-se em treze casos de perda da vista, que voltou, sendo que vários doentes estavam quase cegos.

Sete casos de paralisia, dois de epilepsia, três de retardamento mental, curaram-se ou foram grandemente melhorados, etc...

Conclusão

Esses casos tão diversos nos convidam a pensar na especificidade sempre que um doente experimenta incômodos indefiníveis. O melhor é pensar nela em todos os casos.

Para nós, missionários radiestesistas, nada é mais fácil do que o despista mento dessa hereditariedade. O remédio convém a uma pessoa? Façamos com que ela o tome. E tranquilizemos os doentes, se eles chegam a conhecer a natureza do seu mal. Às vezes eles desconfiam e fazem perguntas embaraçosas, às quais é difícil a gente se furtar.

A sua primeira preocupação é o medo de contaminar os seus parentes. E' preciso tranquilizá-los. Quando o mal é virulento, o contágio é de se temer. Quando hereditário, não pode haver perigo... E depois, isso também o pêndulo pode indicar.

Deve-se tranquilizar o doente quanto à possibilidade de cura. Ela é mesmo fácil.

Ousaria mesmo dizer que a especificidade, intervindo cm não importa qual doença, torna a cura, ou pelo menos uma grande melhora, quase certa; a ponto de os médicos radiestesistas se regozijarem quando encontram a sua presença: podem então fazer promessas cheias de esperança para os doentes.

Não é pois o caso de tanto se assustar quando se sabe ser portador de especificidade hereditária: é um mal do qual a gente se cura como dos outros.

E termino este longo capítulo como o comecei: inspirar o mais possível o horror pela falta moral, causa de tantas devastações nas famílias.

Não desesperemos os inocentes, vítimas de uma falta que não cometeram, se é que houve falta na origem.

No capítulo da lepra, o Rev. P. Peyrat nos contou que os chineses ficavam surpresos da facilidade com que ele curava a sífilis e a tuberculose.

Uma carta da África nos mostra que mesmo feridas sifilíticas datando de vários anos estão em vias de cura.

Nesses dois casos, trata-se de sífilis em plena evolução. Se mesmo essa modalidade é curável, quanto mais facilmente não o será a hereditária!

E' o que devemos saber dizer.

Capítulo XVI

O ATAVISMO PERANTE A RADIESTESIA

Reconhece-se que, numa certa medida, os filhos herdam geralmente as qualidades e os defeitos de seus pais. Verifica-se isso facilmente no que diz respeito ao exterior, de onde o adágio: tal pai, tal filho - adágio que a linguagem popular aplica tanto ao moral quanto ao físico.

E' raro que os filhos não tragam no semblante os traços do pai ou da mãe, ou de algum de seus avós. A semelhança vai ao ponto de reproduzir certas pequenas manias que se transmitem de geração em geração, algumas vezes com intermitências. O mesmo acontece aliás com certas doenças.

Eis dois exemplos, dos mais curiosos, no sentido da reprodução das pequenas manias.

Um homem tinha o tique singular de arrastar um pouco o pé direito, cada dez ou quinze passos; era preciso saber disso para reparar. Seu filho apresenta, atualmente, o mesmo tique ou cacoete.

Um avô tinha a mania inexplicável de desarrolhar, para arrolhá-las logo de novo, todas as garrafas sobre a mesa durante as refeições. Seu filho escapou à mania, mas o neto desde a idade de quatro anos começou a desarrolhar as garrafas que conseguia apanhar.

Que utilidade pode ter a pesquisa radiestésica para o conhecimento e a cura de semelhantes manias? Aparentemente nenhuma, Mas passemos à hereditariedade moral. Falei de semelhanças físicas só para mostrar até que grau podem se produzir. O mesmo acontece, às vezes, com as taras morais, menos visíveis, porém mais prejudiciais e, talvez, mais facilmente corrigíveis em certos casos.

Eis um exemplo: numa casa, a criada tinha o costume de roubar, sobretudo alimentos. Fora disso, tinha muito boas qualidades. Um radiestesista achou que minhas gotas para a histeria lhe convinham perfeitamente. Ela tomou-as e curou-se, com geral satisfação, sobretudo dos patrões que desejavam conservá-la.

Quem nos poderá dizer claramente quais as causas físicas ou morais que tornam certos indivíduos, desde a infância, inclinados ao roubo, à mentira, à crueldade, etc...

Os advogados não perdem ocasião de tirar argumentos do atavismo para defender os infelizes diante da justiça e pleitear para eles as circunstâncias atenuantes.

Numa medida muito mais restrita — não podemos nós ter mais dificuldades uns do que outros, para ficarmos bons e virtuosos? Nestas dificuldades mais ou menos grandes, não desempenha o atavismo um papel, diminuindo nossa resistência física ou aumentando a inclinação para o mal? Aliás, o físico está tão ligado ao moral e este tão dependente do físico que não se pode tocar num, sem prejudicar o outro.

Em compensação, melhorar um é levar remédio ao outro.

Sob esse ponto de vista, a intervenção da radiestesia torna-se interessante em toda a parte onde haja obras para a juventude, pois ela pode ajudar a preservar a saúde moral tanto quanto a saúde física das crianças e dos adolescentes. Como? Permitindo descobrir, desde a mais tenra infância, os germens de doenças hereditárias que o organismo contém, antes que esses germens se tenham desenvolvido e tenham exercido suas devastações.

O remédio será então tanto mais eficaz quanto mais sensível o organismo da criança. Não é melhor prevenir o mal?

Assim, aquele que, apesar de uma vida muito regular e irrepreensível, tiver necessidade, aos cinquenta anos, de um tratamento específico, certamente já precisava dele desde a mocidade, a menos que lhe tenha sobrevindo um acidente, caso antes raro.

Se houvesse sido tratado com dez, quinze ou vinte anos, teria gozado de uma excelente saúde física; talvez tivesse precisado lutar menos contra as suas paixões e quem sabe se não teria dado à sua vida uma direção mais nobre, mais elevada?

Mas como suspeitar de germens de doença, numa criança de faces rosadas e frescas? As aparências enganem muito! Quem não conheceu crianças, pálidas, magras, enfezadas e que nunca ficavam doentes, ao passo que outras que pareciam robustas morreram prematuramente?

A ciência médica dispõe de meios eficazes para vigiar a saúde das crianças e, é preciso reconhecê-lo, nunca se tomaram tantas precauções para isso como agora.

Examina-se a criança, pesa-se, toma-se a circunferência do tórax, compara-se seus índices em épocas diferentes e determinadas, o que permite tomar conhecimento da manutenção da saúde, de seus progressos ou diminuições. Está tudo muito bem, mas será o suficiente? Na realidade, o que faz o médico senão esperar a manifestação do mal para combatê-lo ao menor sinal? Muitas vidas são salvas assim, mas vidas que precisarão de precauções, de cuidados, de repouso durante muitos anos porque, quando o sinal precursor da moléstia foi percebido, esta já havia feito sua obra devastadora. Deu-se trato ao pior e foi tudo.

A radiestesia permite fazer muito melhor.

Se num recém-nascido existir um gérmen qualquer de doença, um radiestesista experimentado deve poder descobri-lo. Descobri-lo-á em todas as idades.

Suponhamos que este radiestesista seja o médico da família. Como lhe será fácil controlar a criança e tratá-la desde que sua idade o permita!

Um missionário radiestesista fará a mesma cousa. Deus sabe quanto bem ele poderá fazer nos orfanatos de sua Missão, orfanatos onde entram crianças de toda origem, crianças que sofreram. Estarão doentes ou simplesmente esgotadas pelas privações? Não é indiferente o sabê-lo, a fim de lhes dar os cuidados necessários.

Será então possível, graças ao exame radiestésico, acusar numa criança um mal do qual ela possui apenas o germe?

Certamente não se pode descobrir um mal que ainda não tenha. Assim, nenhum radiestesista vos dirá se esta criança vai ter um defluxo de cabeça ou uma pneumonia daqui a vinte anos. Não se trata disto.

Trata-se de descobrir um mal já existente realmente, um germe, bem entendido, mas que existe. Porque não se há de poder captá-lo no organismo se se possui um instrumento bastante sensível?

Para tomar conhecimento do que o pêndulo é capaz de permitir acusar, fiz esta experiência:

Sobre seus cadernos escolares e sem que o percebessem, fiz, um dia o exame radiestésico de 58 alunos, tendo o cuidado de anotar não as doenças que pudessem ter, mas o remédio suscetível de lhes fazer bem a cada um. E' o meu modo de proceder, pois não faço caso algum do diagnóstico da doença.

Terminado o trabalho, levei os cadernos a um amigo, excelente radiestesista, e pedi-lhe para fazer o exame radiestésico das 58 crianças, da mesma maneira, servindo-se do meu estojo-remédios.

Sobre os 58 exames, achamo-nos completamente de acordo em 54; isto é, para estes 54, achamos que as crianças precisavam dos mesmos remédios ou de nenhum.

Esta experiência tão bem sucedida foi para mim, no momento, um sério encorajamento para praticar a radiestesia e fazê-la conhecer.

Quem não vê as vantagens que um exame tal apresenta para as Missões que se encontram em regiões devastadas pela sífilis e pela lepra?

E' bem mais fácil tratar essas doenças antes que tenham invadido e enfraquecido o organismo do que quando a saúde já está abalada e comprometida.

Há casas de preservação em que se recolhem crianças nascidas de leprosos. E' uma belíssima instituição, ninguém o duvida, mas que se faz aí, senão vigiar as crianças e premuni-las contra o mal por uma higiene perfeita e uma alimentação sadia e abundante? O mal é aí atacado na sua origem? Quais as crianças contaminadas e quais as que não o são? Como distingui-las?

As pessoas que se encarregam dessas crianças estão, evidentemente, de sobreaviso; perceberão, logo que aparecerem, os primeiros indícios do mal. Não valeria mais não dar tempo a que a doença aparecesse e matar o micróbio antes que terminasse a incubação e começasse a invasão?

Ora, só o exame pendular permitirá descobri-lo.

Formulo mesmo uma outra pergunta a qual seria desejável fosse esclarecida.

Onde é a sede primitiva do micróbio de Hansen?

Qual o órgão cuja insuficiência provoca a eclosão do micróbio? Se se pudesse descobri-lo, não seria junto a ele que deveríamos levar o remédio?

Suponhamos, como eu acredito, que seja uma insuficiência hepática, não seria mais simples e eficaz tratar o fígado, vigiá-lo, em todo caso?

Creio, já o disse, que a insuficiência hepática é talvez uma das causas que permitem ao micróbio de Hansen o se instalar no organismo. Porque essa opinião? Porque todos os leprosos que tive ocasião de examinar necessitavam um remédio para o fígado. Não será antes uma consequência da doença? E' possível.

E' nas creches de filhos de leprosos que se poderia descobrir a verdade.

Se, nos primeiros anos, essas crianças necessitarem esse remédio, justificar-se-ia uma forte presunção em favor da opinião que eu me permito expor — e se, tratado o fígado, as crianças não se tornassem leprosas, a presunção passaria a certeza.

Porque, nós, missionários, não nos interessaríamos por esta questão?

Um tal estudo poderia mesmo servir de indicação aos médicos encarregados dos leprosários.

Como eles queiram: nós não estamos encarregados de lhes dar lições.

O que digo da lepra, para as crianças, aplica-se também à sífilis.

Capítulo XVII

O ALTO VISOR PENDULAR

A radiestesia acha-se ainda cercada de incógnitas que lhe dão um carácter misterioso que desconcerta o espírito humano, curioso de saber e aprender.

Este livro, com certeza, já contém matéria para um grande número de problemas cuja solução ainda nos escapa. O presente capítulo traz-nos mais um e não escondo que hesitei longamente antes de falar aqui do "Alto Visor Pendular".

Falei no assunto primeiramente a alguns amigos, muito discretamente, para que fizessem a experiência; depois um dia, um médico, excelente radiestesista, escreveu-me que ele também seguia, com o auxílio de um quadrante, os progressos da doença ou da melhora de seus doentes. A ideia estava em marcha.

Um pouco mais tarde, o Dr. M., de Tolosa, de quem já falei várias vezes nesta obra, veio propor-me, dando-lhe o nome que adoto, um quadrante mais aperfeiçoado do que aquele que eu havia imaginado.

Tomo como exemplo um mais simples, pois a multiplicação das divisões antes atrapalha do que ajuda as pesquisas.

Antes de explicar a maneira de a gente se servir dele, relembro dois princípios já expostos:

1º E' suficiente uma testemunha qualquer, um objeto tendo tocado o doente, para poder conhecer a natureza e a gravidade de sua moléstia, ao mesmo tempo que o remédio.

2° E' pela amplidão dos movimentos giratórios do pêndulo que um radiestesista experimentado mede a gravidade do mal e a eficácia do remédio.

Há muitos outros meios de se fazer este duplo exame; ao falar deste, que se harmoniza com o meu método, não tenho a mínima intenção de pôr em dúvida o valor dos outros, geralmente mais científicos que o meu e correspondendo, em consequência, muito melhor às exigências dos sábios.

O Alto Visor Pendular obriga-me a acrescentar uma terceira verificação aos dois princípios radiestésicos há pouco enunciados.

Não somente a testemunha permite conhecer pelo exame radiestésico o estado de um doente no momento em que essa testemunha o tocou, mas ainda a qualquer momento posterior. Assim se dá pelo menos com radiestesistas bem exercitados.

Sustento que, com uma testemunha recebida hoje, eles poderão saber amanhã ou daqui a quinze dias, ou mais tarde ainda, se o doente está melhor ou pior, e isso em virtude do princípio que a testemunha serve somente para nos pôr em comunicação com a pessoa.

Um tal exame não pode servir de base para um tratamento senão excepcionalmente porque é difícil e sujeito a enganos. Para nós, missionários, que o mais das vezes estamos muito longe de nossos fiéis e podemos também está-lo dos nossos doentes, é interessante conhecê-lo (1).

(1) O estojo-testemunhas encontra-se na "Maison de la Radiesthésie", 16, rue Saint-Roch, Paris.

Este exame, feito pendularmente sobre a testemunha é difícil, disse eu. Talvez fosse mais exato dizer que é apenas aproximativo. Conheço casos em que foi muito exato; por exemplo, o de um religioso que, recebendo a carta de um parente, quis, a fim de se exercitar no manejo do pêndulo, procurar qual o estado de saúde do seu correspondente e achou que tinha morrido, se bem que ignorasse até que ele estivesse doente. Várias vezes repetido, o exame deu a mesma indicação, tanto que o religioso rejeitou o pêndulo que o enganava tão grosseiramente, pensou. No dia seguinte mudou de modo de pensar quando um telegrama lhe trouxe a notícia do súbito falecimento de seu parente.

Pessoalmente, fiz a experiência seguinte:

Eu me interessava pela sorte de uma doente que se considerava moribunda. Quis tomar conhecimento do seu estado com o auxílio de uma testemunha da doente, no caso, uma fotografia datando de vários anos atrás.

Fiz uma circunferência dividida em cem partes iguais, cada divisão significando um passo para o túmulo. Achei que a doente tinha feito oitenta e oito passos para a morte: estava, pois, bem mal.

Cada três ou quatro dias eu refazia seu exame e constatava que, em vez de continuar sua marcha fatal, a doente renascia para a vida, lentamente, é verdade, mas sem interrupção. Ela recuou e se encontrou a oitenta e cinco, depois a oitenta e dois, depois a setenta e cinco passos da morte. Ao fim de um mês atingira cinquenta passos: era a saúde garantida.

Era uma experiência à qual eu não podia dar mais importância senão na medida em que fosse confirmada pelos fatos; ora, as notícias que me traziam de tempos em tempos confirmavam meus diagnósticos.

Foi o que contei a uns poucos amigos, admirado eu mesmo de um resultado que não me era possível explicar.

Maneira de se empregar o alto visor

1º Para pesquisar a vitalidade

Isto é, o grau de saúde ou de doença:

1º Colocai vossa mão esquerda sobre a testemunha do doente, ou tocai o doente, se estivar presente.

2º Suspendei vosso pêndulo no centro do quadrante, imprimindo-lhe um movimento de rotação num sentido qualquer e conservai o braço imóvel, embora sem rigidez. Esperai! Breve os movimentos giratórios diminuem de amplidão e se transformam em oscilações, indo do centro do quadrante para um ponto qualquer da circunferência. Não fazei movimento algum; esperai até que as oscilações se tenham

fixado numa mesma direção, sem ir mais para a direita ou para a esquerda. Podeis ler então o número escrito na extremidade do raio sobre o qual o pêndulo se fixou: este número vos indicará a vitalidade da pessoa e, indiretamente, a gravidade da doença.

Por exemplo, se as oscilações se fixaram sobre o número trinta, sabereis que a pessoa examinada está muito fraca e, em consequência, seu estado é grave. A moléstia será tanto mais grave quanto as oscilações se aproximarem de zero; quanto mais se afastarem, mais benigna será.

2º Para pesquisar a eficácia do remédio:

Nesse momento, isto é, quando tiverdes anotado a vitalidade do doente, continuai a tocá-lo em pessoa ou na sua testemunha e tomai, na mão esquerda, o melhor remédio que tereis previamente procurado; recolocai vosso pêndulo no centro do quadrante e imprimi-lhe novamente um ligeiro movimento rotativo para, em seguida, deixar-lhe liberdade; que verificareis?

Primeiramente oscila na direção do número de vitalidade, já encontrado, e depois inclina-se para a esquerda, mais ou menos rapidamente, e mais ou menos longe, até que as oscilações se fixam sobre uma linha do setor. Lede o número que se acha na extremidade dessa linha. Quanto maior for a distância entre esse número e o da vitalidade, tanto mais o remédio será eficaz.

Se o pêndulo oscilar para a direita, o remédio será prejudicial e tanto mais quanto mais se aproximar do zero.

3º Comparação entre vários remédios:

Da mesma maneira, o Alto Visor vos indicará:

A diferença de eficácia entre os remédios que convém a um doente. Aquele que mais aumentar a vitalidade será o melhor.

Dentre diversos remédios escolhidos separadamente, o Alto Visor vos indicará os que podem se associar utilmente, isto é, aqueles que, em conjunto, aumentarão a vitalidade mais do que cada um, tomado separadamente. Para sabê-lo, tomareis esses medicamentos na mão esquerda e colocareis o pêndulo sobre a testemunha, colocada por sua vez sobre o Alto Visor ou então conservareis a testemunha junto com os remédios, na mesma mão.

4º A escolha do raio

Cabe aqui uma pergunta. Quando o pêndulo se fixa, há dois raios do quadrante que seguem um ao outro; por exemplo, o que vai dar em 90 e o seu oposto que vai ter em 270.

Na direção de qual deles o pêndulo oscila?

Se tendes dúvida, dirigi o pêndulo para o 90 sem suspender o seu movimento oscilatório. Se o pêndulo para por si, estais na má direção.

Fazei a contraprova. Recomeçai a pesquisa, desta vez na direção do 270: a oscilação continuará. Sabereis então que o indicado é o n° 270.

5º Algumas observações

Se vários radiestesistas fizerem a mesma experiência com a mesma testemunha e os mesmos remédios, acharão necessariamente a mesma distância entre os números de vitalidade e de eficiência?

Parece que assim deveria acontecer; felizmente, é diferente. Digo "felizmente" pois, se todos encontrassem a mesma distância poder-se-ia temer que a autossugestão desempenhasse um papel preponderante nessas pesquisas e que alguma influência oculta se viesse juntar ao trabalho do radiestesista.

Multipliquei as experiências deste gênero para minha própria instrução. Verifiquei que o fator pessoal, físico quero dizer, unicamente influi, se bem que eu não possa dizer de que maneira, nos diversos movimentos pendulares que assinalei.

Com efeito, quando fizemos pesquisas a dois, a três ou a quatro radiestesistas sobre a mesma testemunha, quase nunca achamos o mesmo resultado, mas mantivemos sempre entre os nossos diagnósticos uma diferença que correspondia à nossa sensibilidade respectiva.

Nunca um radiestesista menos sensível achará uma distância ou afastamento maior que o achado por outro com melhores disposições. Entre os dois poderá haver uma grande diferença no afastamento obtido, mas este se achará novamente em todos os seus trabalhos deste gênero, com respeito a seres humanos. Não é garantido que o mesmo se dê quando fizerem diagnósticos sobre animais doentes, ou se, em vez de estudar as plantas, quiserem estudar a influência das cores ou de certos minerais sobre o organismo humano ou animal. Com efeito, eu posso ser mais sensível que outro, à influência das plantas e muito menos à das cores ou dos minerais.

Na prática, cada um precisa traçar uma escala para si, a fim de interpretar os movimentos do pêndulo sobre o quadrante e dar-lhes apenas um valor indicativo e não absoluto.

Assim, seja qual for a distância entre a vitalidade de um doente e a eficácia de um remédio, seja ela de cem ou mesmo de duzentos pontos, não devem concluir que o doente vai curar-se com toda a certeza, como certos espíritos absolutos tem tendência a pensar, E' provável, muito provável, que o doente vai sarar ou melhorar; mas não é certo, pois só Deus é o Senhor da vida.

O Alio Visor não serve somente para pesquisar o remédio e o melhor remédio para um doente. Podeis utilizá-lo da mesma maneira, para tratar os vossos galináceos, o vosso cão, para cuidar do vosso campo e também para escolher os adubos de que as vossas terras necessitam e as plantas que se darão melhor nos terrenos de vossa propriedade.

Mas, estou me adiantando sobre o que direi logo mais.

Antes de terminar, ajunto um conselho prático para os missionários sobretudo e para os médicos que se locomoverem frequentemente.

Destacai o Alto Visor do livro.

Cortai-o pelo meio.

Colai as duas metades sobre dois pedaços de cartão separados.

Em seguida, aproximai os dois cartões deixando entre eles 2 ou 3 milímetros de distância após haver feito no centro de um e de outro uma abertura de 1 a 2 centímetros de diâmetro.

Depois reunireis os dois cartões por uma faixa de esparadrapo.

Tereis assim um Alto Visor que podereis abrir e fechar como um livro, e que durará muito tempo, por muitas viagens que façais.

Quando quiserdes examinar um doente, colocareis a testemunha sob o Alto Visor, bem debaixo do orifício mediano. Será muito mais cômodo.

Capítulo XVIII

RADIESTESIA E MEDICINA

Depois de tudo o que ficou dito atrás, haverá necessidade de insistir sobre os serviços que a radiestesia pode prestar à medicina?

A radiestesia não é inimiga da medicina; ela pode e deve ser um seu auxiliar precioso.

Radiestesistas ingênuos ou muito confiantes pensam talvez e algumas vezes dizem mesmo que a radiestesia vai matar a medicina.

Ela a substitui para os missionários, na falta de melhor. Nos, missionários, agradecemos a Deus por nos ter dado no pêndulo um excelente instrumento de pesquisas que, em muitos casos, suprirá a nossa ignorância da medicina. Agradeçamos a Deus e felicitemo-nos por poder descobrir nas plantas, múltiplas propriedades para aliviar nossos doentes tão dignos de piedade, mas não creiamos que, sem o pêndulo, nada mais de bom se fará sobre a terra.

O método que exponho neste livro é excelente e, para nós, suficiente, pois que a nossa finalidade é fazer o bem, curar os nossos doentes. Ele não satisfará espíritos curiosos e cultos, ávidos de pesquisas, que querem atingir às causas e explicar os fenômenos que presenciam.

Os doentes que pertencem a nações mais civilizadas são mais curiosos de saber o que têm, do que saber o que devem tomar para se tratar. A sua primeira pergunta é: "Que é que eu tenho?" Quanto ao remédio, eles se submetem à decisão do médico.

Sei bem que radiestesistas há, que não hesitam em dizer aos doentes o que eles têm, vi também que, muitas vezes, fazem diagnósticos que os tornam ridículos, eles e todos os que fazem radiestesia. Aqueles que não simpatizam conosco encontram, nesses absurdos, motivo para criticar a radiestesia e nos tomam, a todos, por charlatães. E' uma grande pena.

E' pena também, e sobretudo, que haja tão poucos médicos que pratiquem a radiestesia, pena para os doentes e para os próprios médicos.

Pena para os doentes, pois há casos em que os médicos, mesmo os mais sábios e mais conscienciosos, ficam desarmados, ao passo que o pêndulo lhes permitiria — senão fazer o diagnóstico da doença, pelo menos indicar um tratamento eficaz. Quem sabe mesmo se uma vez ou outra, o tratamento indicado não lhes apontaria o caminho para descobertas preciosas?

Tive ocasião, algumas vezes, de examinar, à minha moda, certos doentes a pedido de médicos e à vista deles — e fiquei desconcertado pela associação de remédios que pareciam não ter nenhuma relação entre si. "Pelo contrário", observavam os médicos, "eles podem se harmonizar muito bem". E davam-me razões que eu nunca encontraria.

E' que os médicos conhecem afinidades que existem, ou podem existir, entre os micróbios e as doenças; eles podem fazer aproximações, deduções, susceptíveis de levá-los longe e que escapam aos radiestesistas não médicos.

Aí reside a superioridade do médico-radiestesista sobre o radiestesista não médico, mesmo que este último seja bastante competente.

A superioridade na indicação do tratamento pertence, ao contrário, ao radiestesista, médico ou não.

Prová-lo com exemplos será um precioso encorajamento para o missionário. Se as páginas que vão seguir caírem sob os olhos de algum médico, talvez o incitem a recorrer ao pêndulo nos casos embaraçosos, e será tanto melhor.

Existem desses casos embaraçosos, mesmo para os médicos mais sábios e mais conscienciosos. Não é dizer mal deles, o fato de verificá-lo, e não será inútil mostrar que o pêndulo é um instrumento precioso e quase insubstituível.

Vou citar casos colhidos aqui e acolá, durante minhas viagens e, de preferência, junto a radiestesistas não médicos — casos onde a ciência ficou impotente.

1º Uma mãe de família estava doente havia 20 anos. Ela estava de cama, sem ter nem mesmo forças para fazer tricô a fim de se distrair. E' inútil dizer que fora visitada e tratada por vários médicos. Obteve deles melhoras passageiras, todas de pouca duração. O exame pendular indicou, como único remédio podendo melhorar seu estado, umas gotas empregadas contra a febre puerperal, da qual a doente não apresentava sintoma algum. Ela não tinha nem mesmo temperatura. Mas a tinha tido vinte anos antes, quando nasceu o seu último filho.

Após dois meses de tratamento, ela podia passear de bicicleta.

2º Aqui trata-se de uma menina de 6 anos, epiléptica há três anos, com numerosas crises. Ela curou-se ao fim de dois meses de tratamento, após exame pendular.

O que é que tomou? O mesmo remédio acima citado, o da febre puerperal — eis de que fazer estourar de rir todo o corpo médico.

E, no entanto, foi assim!

3º Uma jovem mãe de família sofria de terríveis dores de cabeça desde muito tempo, "desde sempre", diziam seus pais.

Ela curou-se em 24 horas com o mesmo remédio da febre puerperal, a qual ela nunca tivera, nem pessoa alguma na sua família.

Digo pessoa alguma na sua família! Quem o sabe?

Se o radiestesista tivesse sido mais curioso, poderia, nestes dois últimos casos, ter estabelecido uma árvore genealógica das duas doentes, e, subindo aos ascendentes, talvez tivesse ele descoberto que, na terceira ou quarta ou quinta geração precedente, um caso de febre puerperal se apresentara.

Indiferente para um radiestesista, essa pesquisa não o teria sido para um médico.

Continuemos.

4º Uma moça de quatorze ou quinze anos não pode suportar a mínima contrariedade. Ela cai em crises que parecem de histeria ou de epilepsia. Contrariada, aperta os dentes sem que se consiga abrir-lhe a boca, nem com uma colher de metal. Fica assim três ou quatro dias, sem comer, e quando volta a si é para correr pelos bosques. Não quer ver ninguém.

Duas estadias numa casa de saúde trouxeram-lhe uma melhora passageira.

O exame pendular indica uma insuficiência ovariana como causa de todo o mal. Um remédio próprio para isso trouxe-lhe uma cura total. A menina tornou-se absolutamente normal, amável e sorridente.

5º Um moço fatigado, queixando-se do coração, foi condenado ao repouso absoluto; devia evitar qualquer exercício violento, assim como qualquer esforço.

O exame pendular indicou, — "não riam", — exatamente o mesmo tratamento que para a jovem acima citada. O próprio radiestesista ficou desconcertado. Sim, mas depois de três dias deste tratamento o rapaz sentiu-se melhor e, quinze dias mais tarde, estava jogando futebol.

6º Uma criança de dez a onze anos tinha crises nervosas. Sua mãe estava desolada, pois o médico havia dito que era epiléptica e parecia mesmo sê-lo.

O exame pendular atribuiu as crises à presença de numerosos parasitas intestinais. Ministrou-se um vermífugo à criança durante algum tempo e as crises cessaram.

7º Uma meninasinha de dezoito meses tinha uma febre alta. Sua temperatura manteve-se, durante uma semana, cm volta de 40°, às vezes mais, às vezes menos. O médico de família, assistido por dois especialistas, sucessivamente chamados, não conseguia fazê-la baixar.

Tanto por curiosidade quanto por interesse pela família, um radiestesista que tinha comprado seu primeiro pêndulo havia dois ou três dias apenas, exercitou-se a procurar se existia um remédio para essa pequena. O pêndulo indicou um vermífugo. Depois de se ter assegurado da perfeita inocuidade desse vermífugo, o radiestesista aconselhou à mãe da pequena doente que lho fizesse tomar. No dia seguinte a febre tinha caído e os pais estavam tranquilizados.

8º Na mesma ordem de doença e para distrair-nos um pouco: trata-se de uma senhora cuja indisposição muito a incomodava, se bem que lhe valesse o privilégio de ter um lugar de favor nos transportes públicos. Ela estava tão inchada que toda a gente pensava que se achasse grávida, e cediam-lhe um lugar, sentada, em toda a parte.

O que tinha ela? Foi preciso o exame pendular para fazer-lhe saber. Um bom vermífugo, tomado várias vezes, livrou-a do seu volume fictício.

9º Uma menina de dez anos estava engessada havia um ano por causa de uma osteíte tuberculosa: ao menos assim o pensavam os que a tratavam. Estava esgotada pelos abcessos supurantes. Ia cada vez pior. Preparavam-na para morrer cristãmente. Ela desejou ver o vestido com que a enterrariam e pediu que lho mostrassem.

Um radiestesista chamado como último recurso prescreveu um tratamento para especificidade e a criança voltou pouco a pouco à vida e à alegria. Tornou-se uma moça desenvolvida, cheia de saúde.

10° Um doente apresentou-se em casa de uma senhora radiestesista que procedeu a seu exame. Um tubo-testemunha microbiano imprimiu ao pêndulo um movimento positivo. Ela olhou o que continha o tubo: serum antirrábico! Engano, pensou a Senhora! recomeçou. Mesmo resultado.

"O Snr. tem um cachorro em sua casa?", perguntou ela.

"Sim, Senhora, ele até me mordeu há dias."

"O Snr. deve levar o seu cachorro ao Instituto Pasteur e fazer o que lhe recomendarem."

Passado algum tempo, o doente veio agradecer à sua benfeitora:

"Sem a Senhora eu estaria perdido", disse-lhe ele.

11° Mas eis aqui melhor ainda, se melhor pode haver:

Durante uma viagem recente, soube que duas crianças, cegas e ameaçadas de uma operação delicada, tinham sido curadas por um radiestesista.

Estas curas eram demasiado maravilhosas para que eu não me informasse das circunstâncias em que se haviam produzido.

O radiestesista, que eu conheço, há muito tempo e que goza de geral estima, confirmou-me o fato.

Tratava-se de crianças com a idade, respectivamente, de dez e doze anos. Uma e outra tinham perdido a vista havia várias semanas quando os pais lhas trouxeram, depois de haverem consultado médicos especialistas, é óbvio dizer. Que não fariam os pais para preservar um filho de desgraça tão grande como a cegueira?

Se bem que eu tivesse inteira confiança no radiestesista, manifestei o desejo de ver as crianças. Ele acedeu ao meu desejo de muito boa vontade e comunicou-o aos pais dos meninos.

No mesmo dia, as duas mães trouxeram-me os felizes beneficiários da radiestesia e contaram-me, detalhadamente, como a cegueira os havia atacado progressivamente, se bem que de maneira diferente e como um tinha-se curado em poucos dias e o outro em três meses, mais ou menos.

Observei bem os olhos dos dois pequenos; são magníficos.

O que dizer da alegria das duas mães e do radiestesista?

Eis o que poderão os missionários! Não é animador?

Eis, creio eu, aquilo que não pode obter a ciência oficial porque não tem instrumento que lhe permita perscrutar os segredos ainda ocultos no fundo do organismo humano.

Porque não diria eu a origem do mal que ia fazer destes dois bonitos rapazinhos dois pobres cegos, e, ao mesmo tempo, a desgraça de sua família?

A origem estava, tanto para um como para outro, na insuficiência endocriniana.

Como pôde o radiestesista sabê-lo? Pelo tratamento que o exame pendular permitira indicar; era preciso tratar o sistema glandular, especialmente as glândulas endócrinas. O mal estava pois ali. O diagnóstico havia sido deduzido do tratamento, como acontece frequentemente.

Eu disse que os doentes têm interesse em que os médicos utilizem a radiestesia e que estes não o tem menor em adotar a sua prática.

A primeira afirmação é bastante comprovada por tudo o que tem sido dito neste livro e, particularmente, pelos exemplos que acabo de citar.

A demonstração da segunda não é difícil. Ela me deixaria indiferente se, em algumas Missões ultramarinas, os missionários não tivessem que levar em consideração certas leis que regem o exercício da medicina na metrópole e que estendem até lá longe o monopólio reservado ao corpo médico.

Um acordo entre médico, radiestesista e missionário seria proveitoso para todos, doentes, médicos e radiestesistas. Não saio pois do meu assunto procurando demonstrar que os médicos não têm menos motivos do que os doentes para chegar a um acordo leal que salvaguardasse todos os interesses. Vou tentar fazê-lo com toda a clareza e simplicidade, sem espírito crítico, unicamente guiado pela preocupação do benefício geral.

Digo, pois, que o corpo médico só tem a ganhar, praticando a radiestesia, adotando-a, cada médico desde que tenha as aptidões requisitadas ou fazendo-se assistir por um radiestesista de sua escolha e sob sua responsabilidade pessoal.

1º Nunca presenciastes ainda o embaraço de um médico que se acha à cabeceira de um doente que ele vê extinguir-se sem o poder socorrer?

Poderiam os médicos ficar insensíveis às lágrimas dos pais cujo filho está em perigo de morte! Conheço médicos que perdem o sono, que ficam como obcecados, pensando em seus doentes, quando são impotentes para curá-los; é tudo em seu louvor. Eles têm consciência de sua responsabilidade. Desejariam fazer honra à sua profissão e não faltar à confiança que as famílias depositam no seu saber. Como se sentem felizes, repousados e orgulhosos (e têm o direito de o ser) quando arrancam uma vítima ao túmulo!

Esta felicidade, este repouso e este orgulho que seus estudos nem sempre, nem frequentemente, lhes permitem sentir, a prática da radiestesia pode oferecer-lhes: os exemplos precedentes são disso uma prova.

A prática da radiestesia não suprime a morte. Os médicos que a adotaram não curam todos os doentes. O principal é saber se eles conseguem curar mais do que antes de

se servirem dela. Não acredito que um único dos que tenham seriamente feito esta experiência responda negativamente a esta questão.

Lembro-me de um velho médico chegado à radiestesia já pelo tarde da vida. Ele proclamava abertamente que jamais tivera tantos e tão belos resultados.

Bem recentemente, um outro clínico me dizia: "E' agora que tenho as satisfações da minha profissão."

A percentagem superior das curas obtidas por médicos radiestesistas é tanto mais apreciável quanto se refere a casos graves, frequentemente crônicos e classificados entre os incuráveis.

Uma outra consideração tem aqui seu lugar: e tem grande peso, quer-me parecer.

De tempos em tempos alguns radiestesistas são trazidos perante os tribunais por exercício ilegal da medicina.

Estes processos têm por origem queixas depostas por doentes? E' muito raro, apesar do grande número de processos. E' o corpo médico que os provoca. Não é de admirar que não compareçam à barra numerosos queixosos, doentes acusando o radiestesista de lhes ter feito mal? E' fácil conceber que, se existissem tais queixosos, o corpo médico não perderia a ocasião de os exibir. Não o faz, logo eles não devem existir, ou serão bem poucos.

Numerosos, ao contrário, são os doentes que testemunham a favor do radiestesista. Eles provêm de todas as classes sociais: ricos e pobres, sábios e ignorantes, encontram-se nas antecâmaras. Por ocasião de um processo eles falam em suas aldeias, na rua, nos trens, em favor daquele a quem devem a saúde e contra os que não lhe puderam devolver. Bela propaganda para o curandeiro! Se antes recebia dez doentes por dia, logo terá vinte, trinta ou mais. Certos radiestesistas recebem carros lotados deles, vindos de muito longe.

Eles se declaram curados das afecções mais diversas e mais graves. São por vezes tão numerosos que os juízes recusam ouvi-los.

Por que razão o corpo médico deixa aos radiestesistas a honra e o mérito dessas curas? Porque se priva da alegria que poderia ter fazendo criaturas felizes?

Eis a satisfação moral que a prática da radiestesia promete e garante aos médicos.

E' o motivo mais nobre que os possa convidar a tomar o pêndulo na mão e não é o único.

2º Seu próprio interesse não os convida menos insistentemente. Nós não somos puros espíritos; nem tampouco os médicos. Como todos os homens, é justo que eles vivam do seu trabalho, e, em consequência, que se lhes deixe o seu trabalho... sim... se o quiserem fazer... e se o fizerem melhor que os outros.

O direito à saúde e à vida está escrito no fundo do coração do homem. Que uma lei humana proteja este direito contra os que dele abusam, é perfeito! Que uma lei humana o reserve a especialistas, formados para garantir a saúde dos indivíduos, ainda muito bem, porém na medida em que estes especialistas se mostrem capazes de preencher sua função. No dia em que se verificar que eles a preenchem imperfeitamente — o instinto de conservação, para alguns, a necessidade de trabalhar, para outros, a afeição dedicada a um pai ou a uma mãe por seus filhos, ou dedicada aos filhos por seus pais — farão arrebentar o dique legal. Se o dique que retêm os doentes para o lado dos médicos ainda não se rompeu, é pelo menos incontestável que apresenta muitas fendas.

Não existem médicos que não precisam fazer muitas vezes a volta dos dez dedos, para contar seus doentes, ao fim do dia? Não existem curandeiros que recebem diariamente cinquenta visitas, ou mais?

E' verdade que os tribunais defendem o corpo médico e muito mal, aliás.

A condenação de um radiestesista não engana ninguém. Seria preciso convencer a opinião de que a radiestesia é um embuste. Mas como convencer as dezenas, as centenas de doentes que proclamam seus benefícios e se fazem os seus apóstolos?

O prejuízo causado aos médicos é grande, muito grande mesmo... Mas de quem é a culpa? Dos curandeiros? Não.

A culpa cabe inteiramente ao corpo médico que recusa adotar o grande recurso para reter os doentes: usar o pêndulo.

Seria indiscreto indagar quais as razões porque o corpo médico recusa adotar a radiestesia? Várias se nos apresentam.

Será porque receia, após os longos estudos já feitos, precisar recomeçar outros igualmente demorados e talvez mais difíceis ainda, como, por exemplo, os que os homeopatas são obrigados a fazer se quiserem primar em sua profissão?

Acontece cousa bem diversa com a radiestesia médica. Esta é até demasiadamente fácil. Quereis um exemplo?

Em 1.940 um numeroso contingente de lorenos procurou refúgio no sul da França. Albí recebeu um bom número.

Preveniram-me, um dia, que dois lorenos me chamavam ao locutório.

Fui imediatamente vê-los.

Eram dois jovens, irmão e irmã, contando respectivamente perto de 13 e 15 anos.

"Que querem Vocês, meus filhos?", perguntei.

"Nós queremos pedir-vos conselhos sobre a radiestesia," responderam eles sorridentes.

"Vocês conhecem a radiestesia?"

"Sim, Senhor Padre, e até tratamos dos nossos avós que estão doentes."

"Vocês tratam dos seus avós? E não têm medo de fazer-lhes mal?"

E eles, triunfantes, responderam: "Oh! não, eles até estão melhor!"

Isto que fazem crianças de 13 e 15 anos, não o podem fazer os médicos?

Lembrem-se também da pequena Mônica. Ela não praticava medicina, mas procurar se o papai voltava ou não, não era mais fácil.

Para servir-se do pêndulo o médico não precisa senão de ler um manual muito simples e atirar-se ao trabalho. O essencial é ter as disposições naturais. Raros são os que não as possuem. "

Vários médicos que pensavam não as possuir ficaram admirados de descobri-las em si, e bastante consideráveis.

Os que só as têm medíocres, desenvolvê-las-ão pelo exercício e não farão pior que os mais favorecidos.

Uma outra consideração pode afastar os médicos da prática da radiestesia: é "o que dirão os outros?"

Se existe instrumento pouco representativo, é certamente o pêndulo. "O que pensariam os doentes, se eu me servisse dele?", pode-se objetar.

Há alguns anos, tal objeção teria sido válida. Ainda o será? E' permitido duvidar.

Os espíritos evoluíram rapidamente. Talvez não esteja longe o dia em que os doentes pedirão para ser examinados e tratados radiestesicamente.

O pêndulo acha-se em muitos bolsos nos quais não se esperaria encontrá-lo. Os médicos mais considerados serão aqueles que souberem servir-se dele.

Evitando a radiestesia, o médico não estará perdendo, ao mesmo tempo que sua clientela, a confiança e a consideração do público?

Esta questão é muito delicada para que eu me demore a comentá-la. Contentar-me-ei em responder-lhe com uma outra interrogação.

Que pensaria a gente se, um dia, a radiestesia se tornasse tão espalhada que cada qual pudesse fiscalizar seu regime alimentar, controlar as receitas dos médicos, tomar apenas os remédios que achasse de sua conveniência segundo as indicações pendulares, escolher deles os melhores, perceber a incapacidade dos médicos e, finalmente, passar sem os seus cuidados?

Melhor é não chegar até lá. Ora, uma boa parte desse caminho já foi percorrida.

Resta um único meio para conservar ao corpo médico a consideração da qual precisa para exercer sua nobre profissão! Empunhar o pêndulo, que serve para minar a confiança, quando antes deveria servir para confirmá-la.

A radiestesia não é inimiga da medicina; ela pode ser para ela uma preciosa auxiliar, mas pode também tornar-se uma concorrente perigosa e uma adversária temível.

O que fazer então? Dar-lhe um lugar, autorizando os médicos a fazerem-se assistir, sob sua responsabilidade pessoal, por um radiestesista que julguem competente.

Assim ficariam salvaguardados todos os interesses, os dos médicos que conservariam seus clientes, os dos radiestesistas que encontrariam segurança numa colaboração legal, e, sobretudo os dos doentes que passariam muito melhor e se livrariam da tentação de correr atrás de curandeiros, com perigo de cair entre as mãos de exploradores ou de charlatães.

A união entre médicos e radiestesistas produziria força e proveito. A não ser que a Faculdade prefira voltar a uma prática observada entre certos povos asiáticos, antes que os europeus introduzissem os seus métodos. Os radiestesistas concordariam de boa vontade.

Ei-la aqui, tal como a expôs cerca de 1.640, o Padre Rhodes, missionário na Cochinchina:

"Nestes países, onde se mantém tamanho rigor e se fazem tantas cerimônias para formar os médicos, admira-me que nunca se fale dos doutores em medicina. Vão caçoar destes povos se eu lhes disser que aqui faz-se médico quem quer e vão pensar que não é bom fiar-se em gente que deve zombar dos doentes. E no entanto eu, que estive entre suas mãos, e que sou testemunha do que eles sabem fazer, posso dizer que não são inferiores aos outros médicos e que até, em algumas cousas, os superam.

"E' verdade que entre eles não há Universidade onde se aprende a medicina, mas esta é uma ciência que se ensina de pais a filhos; eles têm livros particulares, que nunca saem das famílias e nos quais estão contidos os segredos da arte que não comunicam a ninguém. Eles primam sobretudo pelo conhecimento do pulso, pelo qual devem aprender todos os acidentes da moléstia. Logo que o médico vai ver um doente, toma-lhe o pulso e fica mais de um quarto d'hora a considerá-lo, depois do que ele é obrigado a dizer ao doente em que lugar lhe dói e todos os acidentes que teve desde que adoeceu.

"E' assim que se julga sobre a capacidade do médico; o doente nunca diz o seu mal, mas é preciso que o médico lho diga, assim como tudo o que sentiu; se não acertar mandam-no embora como um ignorante; se consegue dizer o que o doente experimentou, dá-se-lhe crédito. Eles dividem o pulso em três partes e dizem que a primeira corresponde à cabeça, a outra ao estômago, a terceira ao ventre; por isso sempre o tocam com três dedos e, para dizer verdade, conhecem-no muito bem.

"Todos os médicos nesses países são boticários; nunca vão visitar um doente sem fazer-se acompanhar por um criado que leva um saco cheio de todos os simples de que se servem para seus remédios. Eles os receitam e os fazem preparar pelos próprios doentes, de modo que nunca podem acontecer desses quiproquós de farmacêuticos, dos quais a gente se queixa tão frequentemente na Europa.

"Não sei como eles fazem, mas suas drogas não são nada ruins para tomar, como as nossas, e, além do mais, não são caras, pois a mais preciosa não custa mais do que cinco tostões.

"Eles não dão nunca purgantes nas febres intermitentes, mas dão apenas alguns medicamentos que corrigem o temperamento dos humores, sem purgar. Experimentei eu mesmo que com isso eles eliminam a febre, pelo menos tanto quanto se faz na Europa com tantos purgantes, lavagens e sangrias.

"As ventosas são muito usadas entre eles, e como nunca faz frio, vi muitas vezes aplicá-las no meio das ruas.

"Quando um médico começa a ver um doente, combina-se com ele o preço do salário que lhe será dado; mas ele não recebe nada enquanto o doente não sarar; se morrer, o pobre do médico não recebe pagamento. Eles imaginam e talvez com certa razão, que o receio de perder o seu trabalho torne o médico mais cuidadoso no tratamento do doente. Um dos meus companheiros teve uma doença muito penosa, que era como que uma espécie de cancro; chamei o médico e, à moda da terra, acertei com ele a quantia que pagaria se curasse o doente. Ele me disse que se o enfermo fosse mais moço não o curaria por menos de cem escudos, mas que se contentaria de vinte porque era já velho e que a vida que lhe desse não poderia ser muito longa. De boa vontade prometi os vinte escudos, e em pouco tempo ele curou muito bem o meu doente. Aí está o que sei sobre os médicos daquele país" (1).

Exigir a volta desse costume seria pedir demais: pagar aos médicos após a cura e um preço previamente estipulado — se bem que seja mais conforme à lei natural e à justiça.

Mais dificilmente se admitiria a liberdade de escolha do médico, diplomado ou não.

Não falemos nisso.

(1) En Chersonèse d'Or, Bloud et Gay (1947).

Capítulo XIX

ASSOCIAÇAO DE AUXILIO AOS DOENTES DAS MISSÕES ULTRAMARINAS

O que ela é — Sua finalidade — Aquilo que não fazemos — Como a associação auxilia os missionários — Seus recursos — Sua importância — Duas cartas de missionários mostrando sua utilidade.

Há muito tempo já certos amigos que se interessam pelas Missões inquietavam-se pela sorte que terão meus trabalhos quando eu não for deste mundo. Procurei tranquilizá-los prometendo-lhes tomar as providências necessárias para que seus frutos não se percam.

Esta preocupação, aliás, não me escapava e, tanto quanto dependia de minha vontade, sempre fiz o indispensável afim de não levar para o túmulo o que pudesse ser útil às Missões.

Assim é que coloquei em lugar seguro todas as notas escritas referentes ao estudo das plantas. Mas não era o suficiente, concordo.

Nas edições precedentes do meu livro, eu emiti o voto de que viesse a existir um dia um "Farmácia das Missões", uma farmácia exclusivamente à disposição das Missões

a fim de fornecer os remédios necessários ao tratamento dos missionários e de seus doentes.

A expressão "farmácia" traduzia mal meu pensamento.

Eu desejava que tudo fosse gratuitamente enviado aos missionários. Tendo eu mesmo sofrido por não poder aliviar os doentes de minha Missão, primeiro porque não sabia onde achar os remédios; segundo, porque não tive com que pagá-los, posso medir a extensão do serviço prestado aos meus confrades, tirando-os dessa dupla dificuldade.

"Farmácia" é uma expressão que cheira a mercantilismo — tudo ali se paga.

Na minha, na dos meus sonhos, tudo deveria ser dado.

E' fácil sonhar; muito menos o é, realizar. Como constituir uma farmácia ideal? Com que recursos? Eu não me embaraçava com a resposta a essas perguntas, sabendo que, para quem sabe esperar, tudo chega a seu tempo, sobretudo quando se deixa à Providência o cuidado de fixar esse tempo e de sugerir os meios.

Hoje, já é cousa realizada e feita como eu desejava.

Não há uma "Farmácia das Missões", porém existe uma "Associação de Auxílio aos Doentes das Missões Ultramarinas".

Graças à generosidade e dedicação de alguns amigos, a quem não sei como exprimir minha gratidão, esta associação, sem fins lucrativos, está formada nos moldes da lei civil, sob o nome que acabamos de citar.

Sua sede é na Rua de Bourgogne 54, em Paris (7º), e seus estatutos foram depositados na prefeitura de polícia de Paris.

Sua finalidade

Sua finalidade está claramente definida pelo seu próprio título: é de auxiliar os missionários a tratar dos doentes, não todos os doentes, mas apenas aqueles que se acham em suas Missões. E' isto que significa a adenda "Ultramarinas", embora o termo não seja bastante explícito.

Podem existir Missões em países civilizados onde todos os recursos da ciência estejam ao seu alcance.

Neste caso, a Associação não tem que intervir, a não ser que nesse país o exercício da medicina seja livre, pois, em benefício da obra que fazemos, esta deve se manter na mais estrita legalidade.

Mas como não podemos conhecer a legislação de cada país (o mundo é grande e as leis diversas), somos obrigados a confiar-nos ao critério dos missionários que não têm menos interesse que nós em evitar conflitos. Deixamos-lhes a responsabilidade do emprego dos remédios que lhes enviarmos.

Devemos fiar-nos no seu julgamento tanto mais quanto acontece, mesmo em países onde o tratamento de doentes se acha reservado aos médicos, que os missionários encontrem clínicos de espírito largo, compreensivo e humano, que os deixem exercer seu ministério de caridade, encorajando-os até para isso.

No que se refere aos leprosos, por exemplo, e a muitos outros doentes repugnantes, ninguém faz tanta questão de os manipular que não se sinta feliz quando algum missionário se oferece para se encarregar deles.

Os fins da Associação são tão claros que nós pedimos aos missionários que não usem os conhecimentos que lhes proporcionamos, caso voltem à França.

Aquilo que não fazemos

Uma vez que a Associação existe unicamente para as Missões, seria supérfluo dizer que em sua sede não se recebe doentes, não se dá consultas, não se vende remédio algum; seria de fato supérfluo dizê-lo se não soubéssemos por experiência quanto é difícil impedir os doentes de procurar alívio onde julgam poder encontrá-lo, sobretudo se já foram muitas e muitas vezes desiludidos.

A leitura do meu livro os faz entrever um raio de esperança, talvez não inteiramente quimérica, mas devido a um benefício superior, o das nossas Missões, é-nos impossível responder ao seu apelo.

Eu sinto o que há de duro, de cruel até, em escrever estas linhas; não somos nós os duros e cruéis, são as leis. Prefiro escrevê-lo Neste livro, de preferência a ter que repeti-lo a cada doente. Não se pode imaginar como é penoso ter que resistir a pedidos tão comoventes que só de os Ter sente-se as lágrimas subirem aos olhos.

Como a associação ajuda os missionários

Fornecendo-lhes remédios.

Que remédios?

Quando, após alguns meses de experiência, vi que a Associação achara suficientes simpatias para tornar-se viável, coloquei à sua disposição todas as minhas plantas e todo o fruto dos meus estudos. Notadamente minhas fórmulas sobre o tratamento da lepra, estipulando entretanto que guardo sua propriedade e, consequentemente, o direito de dispor delas de outra maneira se o julgar oportuno.

E' desta reserva de plantas que se abastece a Associação.

Já disse anteriormente que optei pela dose infinitesimal. Os que conhecem a facilidade de multiplicação que tal opção representa, compreenderão como os missionários podem, graças a ela, tratar de muitos doentes; e os que sabem, além disso, da eficácia da dose infinitesimal não terão dificuldade em acreditar nas melhoras e nas curas, por vezes espantosas, que nos são comunicadas.

A associação ajuda ainda os Missionários procurando no arsenal de nossas plantas aquelas que convém a tal moléstia peculiar a uma Missão — e, se os Missionários enviam plantas de sua Missão, procuramos entre elas as que podem prestar serviços e lhas indicamos com o seu modo de emprego.

Além disto, toda planta útil a Missão que a enviou é posta à disposição de todas as outras.

Todas estas pesquisas são feitas radiestesicamente, servindo-nos, quando se trata de moléstia peculiar a uma Missão, de testemunhas de doentes atingidos dessa afecção — ou de estojos microbianos, quando se trata de um estudo geral.

Uma condição absoluta é exigida para que se possa utilizar nossos remédios. Nós apenas os confiamos aos missionários radiestesistas porque, não nos cansamos de repetir, unicamente o exame pendular permite achar o remédio e a dosagem para cada doente. Agir de outra maneira seria jogar fora as nossas plantas.

Até agora temos dado um estojo especial a cada missionário radiestesista.

Só lho entregamos pouco tempo antes de sua partida, para evitar-lhe a tentação de servir-se dele em França.

Continuaremos ainda algum tempo a fazer assim; mas dia virá em que, a fim de evitar desperdícios, uma outra organização deverá ser feita; por exemplo, um único

missionário por distrito ficando encarregado de distribuir os remédios a seus colegas, segundo as necessidades e fiscalizando que sejam criteriosamente ministrados.

Recursos

A associação não possuindo rendas, pois que nada vende, tem apenas despesas. Ela dispõe, para subsistir, unicamente das cotizações de seus membros e de seus amigos.

Não duvido que muitos de meus leitores, depois de terem lido este livro e sobretudo este capítulo e o da lepra, desejem nos auxiliar. Eles só o poderão fazer por sua cotização, uma vez que as associações do gênero da nossa não estão habilitadas a receber donativos. Mas, sob forma de cotização, podeis subscrever até dez mil francos, empregando a conta corrente: "Association d'aide aux Malades des Missions d'outre-mer, 54, rue de Bourgogne, Paris (7º). C.C. 62.04.10, Paris."

Recomenda-se expressamente não endereçar nada em meu nome, pois isto se prestaria a confusões e anularia a remessa. Aliás, logo que a Associação puder passar sem os meus serviços, recuperarei minha liberdade para dedicar-me a estudos pessoais, embora fique nas suas vizinhanças a fim de prestar-lhe alguma assistência, se necessário.

Ela fará assim a experiência da vida.

Sua importância

Se a importância da Associação escapasse a alguém, os excertos seguintes de duas cartas, recentemente recebidas, poderiam revelar-lha. Hão de perdoar-me por não dar nenhuma indicação de lugar nem de pessoa. Trata-se de territórios do Império francês: assinalo-o para que se saiba que a intervenção da Associação pode ser útil mesmo em regiões, em princípio, submetidas à nossa legislação, útil sempre do ponto de vista religioso e, às vezes, nacional. A simpatia ganha por um missionário não se estende ao seu país de origem?

Primeira carta: 5 de maio de 1.949.

"Estou lhe escrevendo dos confins do sertão, num canto, sem estradas nem vias navegáveis e a mais de 250 quilômetros de minha Missão-matriz. Estou sozinho, por enquanto, neste recanto onde fui mandado para fundar. A população é ainda completamente primitiva: todos os anos matam crianças, aspergem as plantações com seu sangue e os velhos comem sua carne. Eis um pequeno sumário dessas almas abandonadas que me foram confiadas.

"Estou sem dinheiro, inteiramente só... Acabo de me sentir muito fatigado, depois de uma longa excursão a pé, por não dispor de recursos pecuniários para pagar carregadores. Tive, em 1.938, uma grave pleurisia. Eu precisaria, com certeza, tirar uma radiografia, mas a viagem custaria pelo menos 50.000 francos, (que não possuo). Envio-lhe alguns cabelos e peço que tenha piedade de mim e desta fundação, fazendo-me economizar esta pequena fortuna e indicando-me o remédio..."

A resposta e os remédios foram remetidos pela volta do correio.

Segunda carta:

"Acabo de saber vosso endereço por intermédio de X... que me contou que tendes um remédio maravilhoso para curar febre, paludismo, lepra, etc.

"Espero que tereis a gentileza de me fornecer alguns detalhes e remédios para que eu os possa experimentar em alguns doentes da minha Missão.

"Curando os corpos acha-se mais facilmente o caminho das almas. Talvez eu consiga assim achar meios para atingir os numerosos pagãos do meu distrito.

"O motim em... transtornou realmente o distrito que assumi depois do assassinato do Rev. Padre X...: igreja destruída, professores massacrados e, o que é mais grave, regresso rápido aos costumes ancestrais e ao paganismo que tinha ainda profundas raízes.

"Trata-se agora de reconquistar a confiança, primeiramente pela caridade — e que meio magnífico é tratar dos doentes para ganhar novamente essa confiança perdida!

"Eu vos ficaria muito grato se me enviásseis uma palavra para pôr-me ao corrente do que tendes conseguido com os vossos remédios."

O Padre terá essa palavra, bem longa, até.

Mas que pensar de sua influência se conseguir curar impaludados e leprosos, e do benefício moral que disso colherão as autoridades civis locais?

E' um favor do céu que estas duas cartas me tenham chegado em tempo de serem reproduzidas neste livro.

Porque um favor do céu?

Porque cada uma delas nos fornece um argumento em favor da Associação de Auxílio aos Doentes das Missões Ultramarinas.

Observai.

A primeira nos mostra em que situação crítica se acha o missionário que a escreveu. Está sozinho, a 250 quilômetros de sua Missão-matriz, logo também de seus colegas num país sem estradas, sem vias navegáveis e, além disso, doente e sem dinheiro, entre uma população primitiva da qual não pode esperar socorro algum.

Qual será a sua reação ao ler a resposta que se lhe enviou e ao receber os remédios remetidos, sem demora e por avião, para que os recebesse o mais breve possível? Não será a de um reconforto moral? De um encorajamento? Ele sentir-se-á apoiado, menos isolado, aliviado do receio de precisar fazer uma longa, dispendiosa e fatigante viagem.

Para compreender o valor de uma tal intervenção é preciso já se ter estado nos confins de algum sertão e ter lá ficado doente, sem nenhuma assistência humana.

A Associação tem o direito de se rejubilar com o socorro prestado ao autor da carta.

Hoje é ele quem tira proveito, amanhã será outro, pois sua história é a de todos os missionários. Atualmente, há centenas em condições ainda mais críticas. Pensemos nos que se acham na China.

A segunda carta mostra-nos, sob outro aspecto, o que se pode esperar de nossa Associação.

Seu autor encontra-se numa cidade que a revolta saqueou. Seu predecessor foi assassinado, os professores massacrados. A população voltou ao paganismo ancestral.

Isto quer dizer que a civilização perdeu o que havia ganhado, ou quase tudo. Há ruptura violenta entre a metrópole e a colônia e perdeu-se a confiança, tanto dos indígenas nos europeus, como a dos europeus nos indígenas. Estará o fogo da revolta latente sob a cinza dos imóveis incendiados? Poder-se-á contar com a força para reprimi-la? A carta não o diz, mas um remédio é indicado que supõe a existência ou o receio do mal.

É preciso restabelecer a confiança. Como se há de fazê-lo?

A doçura, a bondade, a dedicação desinteressada, eis os verdadeiros agentes da paz!

E' preciso convencer os indígenas de que nós não vamos às suas casas para nos enriquecer, para os explorar, mas antes para lhes dar do que possuímos.

O missionário faz suas, aquelas palavras que já temos encontrado várias vezes sob a pena de nossos correspondentes: "Pelo corpo atinge-se a alma, toca-se os corações."

E, para restaurar a confiança perdida que trará consigo a segurança, com a pacificação dos espíritos, ele nos pede remédios para os seus doentes.

A Associação vai lhos enviar, feliz por contribuir para sua obra pacificadora, patriótica ao mesmo tempo que espiritual.

Eis uma cousa que não está prevista nos estatutos da Associação, mas que não pode deixar de atrair para ela as simpatias, até mesmo de ambientes indiferentes à questão religiosa.

Qualquer intervenção desse gênero justifica a existência da Associação e constitue um precioso encorajamento para seus membros.

QUARTE PARTE

DE ALGUMAS OUTRAS APLICAÇÕES DA RADIESTESIA

Capítulo I

RADIESTESIA A SERVIÇO DOS CRIADORES E DOS LAVRADORES

1º A radiestesia a serviço dos criadores

Tratamento dos animais doentes

O estojo-testemunhas Poconéol pode servir para o tratamento de pequenos e grandes animais. Suas moléstias aproximando-se frequentemente das que afligem a humanidade, podem se curar com os mesmos remédios.

Eu poderia citar o nome de certo camponês que faz uso frequente das gotas Poconéol para seu galinheiro, beneficiando sua bolsa tanto quanto seus patos, galinhas, perus e leitões. Até bois de 10 a 12 anos, assegura ele, recobraram com as gotas Poconéol o bom apetite, pelo fino e preço remunerador. Acaba de contar-me que seus peruzinhos (perto de 80) não comiam mais e ameaçavam de morrer. Teria sido um grande prejuízo para ele. Algumas gotas de Poconéol n° 2 lhes restituíram o apetite e a vida.

Eis ainda alguns exemplos para ilustrar este capítulo e animar os camponeses a recorrer à radiestesia para tratar seus animais:

1º Uma coelha estava amamentando seis filhotes. Uma ferida feia, partindo dos beiços, invade a cabeça até aos olhos e às orelhas e iria mais longe se não se conseguisse fazê-la parar.

Matar a coelha foi a primeira ideia que ocorreu à sua proprietária. Mas isso seria condenar a morte os seis coelhinhos, muito novos ainda para poderem passar sem a mãe. Porque não experimentar tratar a mãe? A dona, excelente radiestesista, examinou-a com o pêndulo e achou que o meu remédio para o câncer parecia muito bom para esse caso. Teve bastante paciência para lavar a ferida várias vezes por dia. Em duas semanas, qualquer sinal da doença havia desaparecido e o próprio pelo começava a crescer.

Eu vi essa coelha depois de curada: não apresentava sinal algum da doença.

2º Uma vaca tossia e emagrecia havia vários meses. "Curá-la, dizia o proprietário, seria uma ressurreição!" Pensava que ela estivesse tuberculosa. Ficou curada em duas ou três semanas, com uma tisana que lhe faziam engolir;

3º Um cavalo novo tinha um tumor que parecia canceroso. Após um tratamento com minhas gotas ficou bom e pôde ser vendido por bom preço.

4º Duas grandes mulas, valendo de 150.000 a 200.000 francos cada uma, estavam asmáticas, dizia seu proprietário, atacadas de pulmoeira, sem dúvida. Desde que começavam a trabalhar ficavam tão sufocadas que se ouvia sua respiração a 500 metros de distância, ao que parece. Após um tratamento de duas ou três semanas, elas puxavam a carroça tranquilamente. Não são mais ouvidas respirar, de longe.

Mas como devemos nos servir do estojo para cuidar dos animais? Exatamente como para os homens, percorrendo os frascos, um após outro, com o indicador da mão esquerda, enquanto que a outra segura o pêndulo sobre o animal doente ou alguma cousa proveniente dele: pelo, penas, urina. As reações do pêndulo no sentido B ou M têm a mesma significação. (Ver capítulo IX, parte III).

Quanto às moléstias peculiares a certos animais, os veterinários que quiserem seguir os princípios emitidos no capítulo VIII da parte III deste volume terão muitas probabilidades de achar os remédios específicos. Poderão formar, cada um por sua própria conta, um estojo no gênero do meu que lhes servirá para o exercício de sua profissão e para realizar, talvez, preciosas descobertas.

Neste ponto de vista ainda, os missionários podem prestar grandes serviços às populações que evangelizam, se houver em suas Missões epidemias devastando os animais domésticos. Que reconhecimento não teriam, por exemplo, nossas populações de Mato Grosso para com o missionário que achasse um remédio para a "peste das cadeiras" que destrói periodicamente as manadas de cavalos, ou essa espécie de "raiva" que, em certas zonas, ataca subitamente os bois e provoca-lhes a morte!

Vou ilustrar estas afirmações com um exemplo.

A febre aftosa

Periodicamente os camponeses de quase todos os países da Europa sofrem graves prejuízos cm seus rebanhos por causa da febre aftosa.

A instâncias de um amigo, negociante de gado, pus-me a estudar uma fórmula capaz de cortar o terrível flagelo. Procedi como indicado no capítulo VIII da IIIº parte.

Concluída a fórmula, qual foi sua ação? Perguntemo-lo aos fatos:

1º Num estábulo, um touro, dez vacas e oito novilhas estão doentes; nenhum animal morre, enquanto que num estábulo vizinho foram obrigados a abater nove. Os inspetores estão muito admirados da cura desses animais e o veterinário extrai-lhes 27 litros de sangue sem que se ressintam. As dez vacas, antes da doença, davam 140 litros de leite; após meu tratamento deram 90, ou seja mais do dobro do que costumam dar as melhores vacas que são atingidas pela febre aftosa.

Uma vaca que dava 26 litros antes da doença deu de 21 a 22, quatro semanas depois do tratamento.

2º Apesar da dosagem muito fraca no começo do tratamento, vinte e nove cabeças de gado, das quais dois touros, melhoraram rapidamente. Depois de quinze dias de tratamento as vacas devam 60 % do leite normal.

3º Noutro estábulo, as vacas que davam 100 litros de leite por dia, antes da doença, davam 80 após duas semanas de tratamento.

4º Noutro lugar os animais tiveram uma forte febre, 40°5 e 41°5, o que não impediu que duas vacas parissem durante a moléstia, sem acidente para elas nem para os bezerros.

5º Aqui também, temperatura muito elevada que baixou em vinte e quatro horas. Um bezerro morreu sem que se pudesse atribuir à febre aftosa, declara o proprietário, enquanto um outro, que tinha uma alta temperatura, viveu.

O leite das vacas, examinado por um laboratório, foi achado perfeito após vinte dias.

6º A produção de leite que havia diminuído 50% nos primeiros oito dias aumentou rapidamente para voltar ao normal.

Estas experiências foram feitas e controladas por um veterinário suíço que me enviou os atestados assinados pelos diversos proprietários.

De uma delas, conservei as seguintes precisões:

Num estábulo foram constituídos quatro lotes, de seis vacas cada um, e quatro tratamentos foram aplicados com o consentimento do proprietário.

1º Pelo soro oficial, com cura em 15 dias e perda de leite de 60 %.

2º Pela minha fórmula, porém quatro vezes mais forte que a dose francesa: cura também em quinze dias, pelo menos tão completa quanto a precedente e diminuição de leite somente de 20 %.

Os dois outros tratamentos, minha fórmula com dose francesa e diversos remédios empregados pelos camponeses, não deram resultados apreciáveis.

O veterinário sempre verificou a paridade de eficácia entre o soro e meus remédios, com a mesma diferença na produção do leite: diminuição de 60%, às vezes com o emprego do soro: nunca mais de 30% e quase sempre 20% com a minha fórmula.

Pode-se dizer que a diferença em favor de minha fórmula é de 35% a 40%

Suponhamos um proprietário que tirasse de suas vacas 100 litros de leite por dia, após o tratamento pelo soro tirará 40; enquanto que, se os animais forem tratados com meus remédios, terão 70 e, o mais das vezes, 80.

De outro lado, as experiências foram efetuadas sobre 125 cabeças de gado, com perda de apenas um bezerro e, ainda, não se pode garantir que tenha morrido das consequências da febre aftosa.

Não tenho nenhuma competência para julgar o valor desses sucessos. Os camponeses que sofreram os prejuízos da epidemia podem com estes dados fazer o cálculo do que teriam deixado de perder se tivessem tratado seu gado com meu remédio.

Devo dizer, em honra desse veterinário, que suas experiências me ajudaram a dar os últimos retoques na minha fórmula. No começo era fraca demais. Desde o dia em que foi reforçada ele não registrou mais, como assegura, senão sucessos.

Uma objeção séria sobre a eficácia do meu remédio me foi feita por um professor de escola veterinária e pode me ser repetida.

Os animais, disse ele, são atingidos pela febre aftosa antes que qualquer sinal se manifeste. Para saber se um remédio é eficaz seria preciso aplicá-lo desde o início da incubação da febre; só um veterinário prevenido pode fiscalizar o gado e suspender o mal na sua origem. Logo, somente ele pode assegurar uma aplicação científica e decisiva do remédio.

Suponho que o veterinário suíço assim o fez. Em todo o caso, continua a servir-se da minha fórmula e ganhou celebridade no cantão de Grisons e noutros sem dúvida, com o "seu remédio" para e febre aftosa — afirmou-me recentemente um amigo suíço.

Seja qual for a maneira por que as experiências foram realizadas na Suíça, os resultados obtidos não são menos apreciáveis pois que ultrapassam os dos remédios oficiais, aplicados nas mesmas condições isto é, após a manifestação dos sintomas da moléstia: perda do apetite, baba, ulcerações.

O mesmo professor me perguntou se este remédio é preventivo. Somente experiências muito numerosas poderiam informar-nos.

A febre aftosa é tão esquisita que não ataca, por vezes, senão uma ou duas cabeças, entre um grande número de um mesmo estábulo. Às vezes poupa também uma fazenda rodeada por outras contaminadas. Logo, se o remédio é dado a animais que seriam de fato poupados pelo flagelo, pode-se sempre duvidar se teria sido uma simples coincidência ou o efeito do remédio. Foi justamente o que se deu várias vezes: em tais estábulos a febre pareceu sustada desde que se ministrou o remédio. E' possível que o efeito tenha sido preventivo. Tal foi a convicção do proprietário: nada é menos garantido...

O contrário foi igualmente verificado. Um rico proprietário comprou remédio para tratar preventivamente suas quarenta vacas, das quais apenas algumas estavam contagiadas. Todas ficaram doentes. Parecia, pois, provado que o remédio não era preventivo. Mas eis que o fazendeiro, descontente, devolveu ao vendedor os vidros,

menos dois ou três: por espírito de economia ele tinha dado às quarenta vacas a dose apropriada para duas ou três; era muito pouco, e quão pouco! Para que o remédio pudesse agir. Experiência falhada.

O vírus da febre aftosa, ao que parece, não é sempre igualmente virulento; dizem que existem várias espécies dele. E' provável que um mesmo remédio não seja eficaz em todos os casos; poderá não o ser absolutamente, com um ou outro desses vírus.

Resta a fazer estudos muito interessantes para esclarecer essas dúvidas e aperfeiçoar uma fórmula já boa.

O que foi feito para a febre aftosa pode ser repetido para outras moléstias.

Existem, aliás, veterinários que se servem do pêndulo no exercício de sua profissão.

2º A radiestesia a serviço dos lavradores

Escolha no terreno

Antes de confiar uma semente à terra, assegurai-vos de que a terra lbe convém. Como sabê-lo?

Procedendo da mesma maneira que para a procura dos remédios.

Ponhamos numa mão as sementes, alguns grãos apenas, e seguremos o pêndulo sobre a terra onde as queremos deitar.

As rotações no sentido B e sua amplidão nos dirão até que ponto a terra é conveniente.

Não esqueçamos que a força dos movimentos giratórios varia com cada indivíduo. A cada um pertence conhecer a sua sensibilidade.

Se os movimentos giratórios têm uma grande amplidão, não tenhais receio de confiar a semente a esse campo: se as restantes condições de calor e humidade se realizarem, tereis uma boa colheita.

Se as rotações forem fracas, procurai se não haverá terras mais favoráveis em vossa propriedade. Podereis verificá-lo passeando vosso pêndulo sobre um pouco de terras colhidas nos vossos diversos terrenos: a melhor será aquela que provocar os movimentos giratórios mais amplos.

Adaptação no terreno

Suponhamos que não encontramos um terreno que pareça convir às nossas culturas. Vejamos se podemos melhorá-lo. Como fazer?

Tenhamos sob a mão os diversos adubos utilizados na agricultura, e, em seguida, enquanto sustentamos nosso pêndulo sobre o terreno ou um punhado da terra, toquemos sucessivamente cada testemunha de adubo com a mão livre. Observemos as reações do pêndulo. O adubo que provocar os movimentos giratórios mais amplos será o melhor.

Se um adubo provocar movimentos muito fortes, contentemo-nos com esse.

Se nenhum parecer excelente, experimentemos misturar diversos. Para saber os que se podem misturar com vantagem, toquemos dois, três, quatro ao mesmo tempo. Compele-nos observar os que provocam as mais fortes rotações no sentido B.

Dosagem dos adubos

Resta determinar a dosagem dos adubos.

Pesemos exatamente uma igual quantidade dos adubos que o exame precedente demonstrou serem suscetíveis de aumentar a fertilidade do terreno e de se poderem misturar. Tomemos, por exemplo, dez gramas de cada adubo.

Feito isto, ponhamos os dez gramas do melhor adubo, que chamaremos n° 1, na terra já misturada com alguns grãos da semente. Vejamos qual será a amplidão das rotações de nosso pêndulo. Depois, façamos cair muito devagar um pouco do adubo n° 2, menos bom que o precedente e deixemos que o pêndulo tome o movimento giratório. Quando este chegar ao máximo de intensidade, deixemos de despejar o adubo n° 2. Pesemos quanto sobra. Restaram seis gramas, por exemplo. Consequentemente, empregamos 4 gramas.

Ficamos assim sabendo que para 10 gramas do adubo n° 1, são precisos 4 gramas do adubo n° 2.

Procederemos da mesma forma com os outros adubos, se outros houver suscetíveis de aumentar a fertilidade do terreno.

Plantação de arbustos

Se, em vez de sementes, tivermos que plantar arbustos, façamos da mesma maneira, servindo-nos de um desenho ou de um ramo de arbusto, como testemunha. O método não muda, como se vê.

Se temos uma grande plantação a fazer, contentar-nos-emos com um exame geral. Se temos apenas um pequeno número de árvores a plantar, verifiquemos, no lugar, que indicações nos dará o pêndulo para cada uma. O terreno pode ser bom e o lugar mau, por exemplo, se houver radiações nocivas justamente no local onde queremos plantar o arbusto. Talvez seja suficiente deslocá-lo alguns centímetros para assegurar seu desenvolvimento.

Existem, com efeito, radiações que prejudicam as plantas como às pessoas.

Estando eu um dia em casa de um amigo que possuía uma bela estufa: "Está vendo estes gerânios?" disse-me ele, "Observe como os do meio estão mais atrasados que os das bordas. A razão é que, durante o inverno, um regador de zinco ficou debaixo das prateleiras que os sustentam. Não compreendendo o motivo porque definhavam essas mudas, feitas nas melhores condições, procurei a causa — meu pêndulo descobriu radiações nocivas provenientes do regador. Retirado este, as mudas de gerânio retomaram vigor. Se eu tivesse esperado mais algumas semanas para descobrir a causa do mal, teria conseguido salvar apenas umas poucas plantas que se achavam fora da zona atingida pelas radiações nocivas."

Haveria muita cousa que dizer sobre os múltiplos serviços que a radiestesia pode prestar aos lavradores. Especialistas já escreveram livros sobre o assunto. Eu já disse o suficiente para chamar a atenção dos meus leitores. Com os princípios enunciados neste trabalho e um pouco de imaginação, poderão achar aplicações da radiestesia adequadas às suas diversas necessidades e tirar delas bom proveito.

Um viticultor da França Meridional, querendo renovar um lote do seu vinhedo, perguntou-me se eu poderia, com meu pêndulo, achar o bacelo que conviria melhor para dois campos cujo terreno era diferente.

Pedi-lhe que trouxesse para casa:

1º Uma amostra de terra de cada campo, por exemplo, dois ou três punhados;

2º Um pé de cada espécie de videira que lhe parecesse susceptível de se adaptar ao terreno.

Com esses dois elementos eu esperava poder satisfazê-lo.

No dia combinado a experiência foi realizada e eu designei para cada campo a muda que me pareceu melhor, se bem que não conheça nada, nem teórica, nem praticamente, a respeito da cultura da vinha.

Mas estaria certa a minha escolha? Parece que sim, pois o viticultor me fez observar que os espécimes que eu acabava de designar já lhe haviam sido aconselhados pelos camponeses, guiados por sua experiência.

Esta coincidência permite acreditar que não me enganei.

Um correspondente escreve-me:

"Cada manhã coloco na minha água para a "toilette" algumas gotas Poconéol e, em seguida, despejo essa água nos vasos de flores. Ora, este ano, as plantas brotaram e floresceram bem antes da estação."

Outro me assinala que o n° 1 favorece a postura das galinhas. Aviso às donas de casa!

Capítulo II

A RADIESTESIA E A PROCURA DE PESSOAS OU DE OBJETOS PERDIDOS

Esta pesquisa é um dos aspectos extraordinários da radiestesia. Não é com intuito de recomendá-la que falo aqui, mas simplesmente do ponto de vista técnico. Ela deve ser classificada entre aquelas que o clero deve evitar, pois presta-se facilmente ao erro, a menos que se esteja muito treinado nisso, o que não pode ser o caso dos missionários que tem mais o que fazer. Além disso, um engano, sobretudo na procura de uma pessoa desaparecida, nos faria perder a consideração de que precisamos.

Pode excepcionalmente apresentar-se o caso no qual o pêndulo nos prestará a nós mesmos preciosos serviços. Por exemplo, um missionário que tinha perdido sua mula, seu único meio de transporte, sentiu-se muito feliz quando a achou. Sem o pêndulo, talvez ainda a estivesse procurando!

Esta pesquisa só é extraordinária para aqueles que não acompanham de perto o progresso da radiestesia. Na realidade, de todos os lados são levadas a efeito com sucesso pesquisas semelhantes. Eis alguns exemplos já bastante conhecidos dos meus antigos leitores.

Apresso-me em dizer que nada tenho que ver com os fatos relatados. Não quero tampouco fazer reclame para seu autor, cujo nome silenciarei, se bem que esteja autorizado a citá-lo. Não responderei às pessoas que quiserem obter seu endereço, pensando que o melhor para cada um é esperar as informações oficiais sobre os prisioneiros ou desaparecidos durante a guerra. Sempre me recusei a fornecê-las. Porque então citar esses fatos? Unicamente a fim de mostrar o que se poderá obter da radiestesia em outros domínios interessando o bem publico, quando entre nós, na França, decidirem servir-se dela, como se faz em outros países.

Primeiro caso

Um soldado foi morto perto de Issoudun e enterrado juntamente com 85 outras vítimas de um bombardeio, todos no mesmo local, mas cada um numa sepultura separada, sem nenhuma menção que permita distingui-las: um pouco de terra sobre cada corpo e é tudo.

A família do soldado em questão vai procurar o Comandante X... e suplica-o que a ajude a achar o seu corpo. Como testemunha, traz uma das duas sandálias que ele calçava quando foi morto: tudo o que se pôde achar dele.

O problema era pois este: num cemitério contando 85 túmulos, sem nenhuma inscrição, achar a sepultura de um soldado designado.

O Comandante X... começa as pesquisas em sua própria casa, sobre uma fotografia do soldado e descobre:

1º Que e morto tinha três dentes de ouro;

2º Que o lado esquerdo da cabeça havia sido arrancado por um estilhaço de obus;

3º Que ele tinha um grande ferimento na perna esquerda.

Os parentes reconheceram a exatidão da afirmação quanto aos três dentes de ouro.

O problema se definia desta maneira: entre 85 sepulturas não identificadas, achar aquela que contêm um corpo correspondendo aos dados acima.

O Comandante e a família, isto é, o pai, a mãe, e a noiva do rapaz, foram ao local e, ao fim de alguns instantes, um túmulo foi designado como sendo o do soldado procurado. Com a permissão do Prefeito, teve lugar a exumação do corpo e todos os sinais revelados pelo exame pendular se acharam exatos:

- o corpo tinha os três dentes de ouro;
- o lado esquerdo da cabeça havia sido arrancado;
- a perna esquerda apresentava um grande ferimento.

E, para que nenhuma dúvida subsistisse sobre a identidade do corpo, um de seus pés calçava uma sandália em tudo igual àquela que tinha sido encontrada no lugar do bombardeio.

Segundo caso

Uma mulher desaparecida é procurada em vão pela família. O Comandante, consultado, declara, após estudo radiestésico, que seu corpo se acha na Viena, num lugar determinado que ele designa. Insiste com a família para que avise a polícia e vá o mais breve possível retirar o corpo que está em risco de ser levado para mais longe.

O corpo é encontrado exatamente no ponto indicado.

Terceiro caso

Uma família recebe oficialmente a notícia da morte de um de seus membros, contramestre da marinha, que pereceu na travessia do Mancha. Não ha nenhuma dúvida sobre esta morte, pois que os papeis do soldado foram achados sobre ele. No entanto, a família havia consultado o Comandante e o morto tinha sido declarado vivo por ele. Prevenido de seu engano, o Comandante recomeça suas pesquisas e afirma novamente que o contramestre está vivo e passando bem. Diz que se acha na Inglaterra. Alguns dias mais tarde a família recebe uma carta do pretenso afogado no Mancha: estava na Inglaterra e passando bem.

O que se tinha passado?

No momento em que o navio que o levava fora torpedeado, todos os marinheiros se apressaram em vestir-se. Na pressa, um vizinho do contramestre vestiu sua túnica e, tendo morrido, acharam sobre ele todos os papeis do contramestre. Por causa desses documentos que não deixavam dúvidas sobre a identidade do afogado, a família fora avisada de sua morte.

Quarto caso

Uma família que partia do Norte da França, de Roubaix, pôs três malas na bagagem, contendo uma delas valores. As malas foram registradas para a estação de Couzeix-Chaptelat, perto de Limoges. Duas chegaram ao destino; mas a terceira, justamente a mais preciosa, perdeu-se. Onde teria ido parar? Perguntaram-no ao Comandante X...

Sob os olhos do cunhado e da cunhada dos expedidores, começou ele as pesquisas com auxílio de um mapa do Estado-Maior, e, à guisa de testemunha, as etiquetas que levavam as malas chegadas ao destino. Em menos de cinco minutos o Comandante declarou que as três malas tinham passado na estação de Juvisy e que daí é que a terceira se tinha separado das duas outras para tomar a direção de Châlons, onde ainda se encontrava no momento.

As providencias imediatamente tomadas pelos chefes de estação de Couzeix e de Limoges-Montjovis receberam de Châlons uma resposta negativa.

O Comandante recomeçou as pesquisas e concluiu que, no intervalo escoado entre a primeira diligência e o momento em que a estação de Châlons fora avisada, a mala havia sido expedida para Bordeaux, para a estação de extraviados, onde se achava.

Efetivamente, a mala foi encontrada em Bordeaux, no depósito de objetos perdidos.

Dois fatos originais

Um rapaz, após uma operação sofrida numa clínica, não voltara para casa da família, nem para o colégio onde era interno. Que lhe terá acontecido? O Comandante X... segue o itinerário desde a saída da clínica até Tolosa e sobe na direção de nordeste. Designa uma cidade e uma casa nessa cidade: "Ele está aqui!", disse.

No dia seguinte, era uma moça que tinha desaparecido. Onde estaria ela? O Comandante descobriu-a na mesma cidade e na mesma casa que o rapaz. Encontraram-nos lá no dia seguinte.

2º Uma jovem mãe de família desertou do seu lar. Para onde teria ido? Estava em Tolosa, numa casa de tolerância... A polícia, avisada, ali a achou, com efeito.

Várias semanas se passam. A mãe da desgraçada volta a pedir notícias ao Comandante. Resposta: a fugitiva deixou a supracitada casa e foi para o hospital. Até a moléstia de que se achava atacada foi indicada. Todos os detalhes foram confirmados exatos pela polícia.

Estes exemplos não são suficientes para provar aquilo que, no interesse nacional, se poderia obter da radiestesia em ramos de pesquisas diferentes da medicina?

Quer isto dizer que os radiestesistas são infalíveis? Nenhum o é, nem mesmo o Comandante X..., se bem que para ele a percentagem de enganos seja mínima em comparação com os êxitos. Os ótimos radiestesistas são raros, por isso não convém fiar-se em qualquer um. O melhor é recorrer somente aos que se conhece bem e, ainda, para pesquisas que não sejam de mera curiosidade. Deve-se desconfiar dos que falam de sua habilidade.

No ativo do Comandante X..., acrescento o caso seguinte, muito interessante.

Nesse dia o Comandante X... era hóspede Do Snr. T..., comandante da policia civil de Chasseneuil. Durante o almoço, duas pessoas vieram queixar-se do desaparecimento de duas crianças, da idade de 10 ou 11 anos. Fazia dois dias que não voltavam para casa e debalde tinham sido procuradas.

"Aqui está um negócio para o Snr.", disse o Snr. T... ao seu hóspede.

—"Dê-me um mapa do Estado-Maior a eu lhe direi onde estão as crianças", respondeu o Comandante X..., que nunca hesita.

Ele pediu também alguma cousa das crianças, uma fotografia, por exemplo.

Tirou o pêndulo do bolso, passou-o sobre o mapa e breve afirmou: "Achei-as! estão aqui."

E determinou um ponto situado a 13 quilômetros, em La Rochefoucauld.

"Mas é curioso", disse ele, franzindo as espessas sobrancelhas, "elas parecem não estar sobre a superfície da terra; parecem estar na terra ou debaixo da terra; no entanto estão vivas. E' preciso apressar-se em procurá-las."

O Comandante T... fez diligência; enviou guardas-civis ao lugar indicado, enquanto o Comandante X... retomava o caminho de Limoges.

Um telegrama ali o precedeu: "Crianças achadas lugar indicado, num subterrâneo. Felicitações. Assinado: T..."

As crianças tinham ouvido falar da descoberta de um subterrâneo e tinham tido a curiosidade de ir vê-lo. Para entrar, tinham-se deixado escorregar com dificuldade por uma abertura exatamente das dimensões de seus corpos.

Não puderam encontrá-la para sair e, durante dois dias, tinham esperado que as viessem livrar. Era tempo que as achassem; a fome e as lágrimas as tinham esgotado.

Termino por este caso muito mais recente:

Pediram-me para procurar uma caixinha, escondida na época da invasão alemã, contendo ouro e joias. Como não aceito de fazer este gênero de pesquisas, confiei esse cuidado a um radiestesista. A planta da casa onde se supunha que estivesse a caixinha acompanhava o pedido.

O exame pendular descobriu a caixinha, não na casa, mas um pouco para fora, num terreno vago.

A planta foi devolvida ao autor da carta, com um sinal marcando o lugar preciso onde se achava a caixinha, salvo engano do radiestesista.

Algumas semanas se passaram sem que o proprietário da caixinha desse sinal de vida. Sem dúvida houvera engano.

Pois bem, não!

Uma carta trouxe finalmente a explicação do silêncio prolongado, com os agradecimentos do feliz proprietário.

O ponto indicado pelo radiestesista achava-se num pátio, lugar de passagem... Esse local parecia o menos apropriado para servir de esconderijo; por isso, lendo a carta do radiestesista, não julgaram oportuno de fazer ali as pesquisas.

Tinha havido engano, pensaram, e nada fizeram, até ao dia em que o proprietário, tirando o seu carro, deu com este de encontro a um obstáculo que virou, um tronco de árvore, creio, e a caixinha apareceu debaixo com seu conteúdo.

Aquele que ali a havia escondido era mais esperto do que aquele que a retirou. Os melhores esconderijos nem sempre são os melhor dissimulados.

Mas como se deve fazer para achar pessoas ou objetos perdidos?

E' sempre a mesma técnica; uma planta ou um mapa, para tomar contato com os lugares; e uma testemunha da pessoa que se procura ou da pessoa que faz procurar, ou alguma cousa do objeto perdido.

Opera-se exatamente como sobre uma planta para a pesquisa de água.

Capítulo III

NAO HAVERÁ MAIS MEIO DE VIVER?

Ouvi às vezes esta exclamação: "Se assim for, se com a radiestesia se pode achar tantas cousas, não haverá mais meio de viver!"

Exclamação ingênua!'

Como poderia a radiestesia tornar-nos a vida tão difícil? Somente os que querem fazer o mal devem temer suas possibilidades. Se fizermos só o bem não teremos que receá-la mais que aos guardas-civis.

Que mal haveria se a gente tornasse a vida um pouco mais difícil para os malfeitores? Nenhum, creio eu. E' o que vai acontecer, pois que se poderá muito facilmente descobri-los quando a radiestesia entrar nos costumes da polícia. Possam eles dizer, um dia, em toda verdade: "Não se pode mais viver fazendo o mal, não se pode mais ficar escondido. Tenhamos juízo!"

Um dia em que me achava de passagem em casa do abade Mermet, encontrei-o ocupado a procurar, a pedido da polícia, o autor de cartas ameaçadoras dirigidas a uma pessoa pacífica, da qual queriam extorquir dinheiro. Pesquisa delicada que deve ser deixada àqueles que têm a missão de prover à manutenção da ordem pública — porém, pesquisa possível.

Algumas semanas antes o abade tinha levado a cabo uma exatamente semelhante. Empregando que método? Ele me explicou; é simples, mas era preciso que a ideia ocorresse!

Mesmo que a carta anônima seja escrita à máquina, seu autor não pode evitar de tocá-la, ainda que só para colocar a folha de papel na máquina e dobrá-la. Ora, isto é suficiente para que se possa tomar suas radiações e detectá-las. O abade Mermet tinha um método especial de o fazer.

Eis como eu agiria com o meu estojo-testemunhas para doentes.

Quando digo "eis como eu agiria", é um modo de falar. Eu nunca o farei. E' exatamente e sobretudo essa pesquisa que não convém aos padres fazer.

Segurando meu pêndulo suspenso sobre a carta anônima, tocaria um após outro, na ordem em que se acham no estojo, cada um dos frascos, do primeiro ao último e anotaria as reações do pêndulo.

Suponhamos que o pêndulo tenha oscilado sobre os frascos correspondentes à insuficiência hepática, à tuberculose pulmonar, à asma. Sei que o autor dessa carta tem essas diversas moléstias.

Conhecedor do máximo de amplidão que pode alcançar o meu pêndulo, posso ainda determinar melhor, medindo aproximadamente o grau de gravidade destas três moléstias.

Feito este exame, peço-vos se sois vós que recebestes a carta anônima, que me arranjeis um objeto qualquer, até mesmo uma fotografia das pessoas que suspeitais de a ter escrito.

Sobre cada um desses objetos que me trouxestes, faço o diagnóstico da pessoa a quem pertence.

Se não encontrar nenhuma que tenha as doenças reconhecidas no autor da carta anônima, nenhuma delas é culpada de a ter escrito. Procurai noutro lugar, até que achemos uma pessoa tendo insuficiência hepática, tuberculose pulmonar ou asma, num grau correspondente ao que conhecemos.

E se encontrássemos uma cujos sinais correspondessem bem aos do autor da carta? Então, eu não ousaria dizer que apanhamos seguramente o culpado, pois duas pessoas podem ter o mesmo estado de saúde. Há probabilidades de que o tenhamos descoberto; não digamos nada; continuemos nosso inquérito por esse lado, com prudência e discrição.

Desejo desviar as desconfianças das pessoas inocentes; eu teria remorsos se me expusesse, mesmo que fosse uma vez em cem, a um erro em prejuízo de alguém.

Não é mau, em todo o caso, que se saiba que tais pesquisas podem ser feitas com sucesso, ainda que fosse só para dar medo aos malfeitores.

No caso do abade Mermet, era uma contadora que enviava cartas anônimas ao diretor do estabelecimento onde trabalhava. Depois de ter procedido mais ou menos como acabei de contar, o abade devolveu a carta anônima com uma das testemunhas recebidas do diretor, dizendo-lhe:

"O autor da carta e a proprietária deste objeto têm os mesmos sintomas de doença. E' provável que a carta e o objeto sejam da mesma pessoa."

O diretor pegou a carta anônima e, mostrando-a à contadora, perguntou-lhe:

"Senhorita, conhece o autor desta carta que recebi?"

"Não, Snr.", respondeu ela.

"A Snra. não a conhece? Está bem certa disso?"

A contadora havia baixado os olhos e corado.

"Pois bem, eu conheço o autor desta carta, Senhorita", acrescentou o diretor, acentuando bem suas palavras.

E, de fato, a conhecia.

Este processo pode prestar grandes serviços aos inocentes, injustamente suspeitados, ou acusados, ou presos. E' o lado bom de uma pesquisa que, de outra forma, é delicada.

As impressões digitais que um criminoso deixou e que a polícia levantou, permitem fazer seu diagnóstico médico. Se houvesse um médico radiestesista especializado neste gênero de pesquisas, ele faria esse diagnóstico bem detalhado, equivalendo a uma fotografia sanitária do indivíduo, e permitiria de distingui-lo entre cem ou entre mil.

Quereis ainda um exemplo de diagnóstico perfeito, embora não seja de feição policial?

De Paris, um médico examina sobre testemunha um rapaz que se acha a 1.000 quilômetros. Seu diagnóstico é submetido à apreciação do médico assistente do doente. Tomando conhecimento dele, o clínico abana a cabeça:

"E' perturbador!" repete ele.

"Então o diagnóstico está exato?", perguntam-lhe.

"Sim, tão exato ou mais do que eu mesmo poderia fazê-lo."

Com um diagnóstico feito como este, sobre impressões digitais ou outro objeto de um criminoso, pode-se soltar sem receio de engano qualquer acusado cujo diagnóstico pendular não corresponda ao mesmo.

Muitos inocentes recobrariam a paz, a honra e a liberdade, se esse método fosse empregado com discrição.

CAPÍTULO IV

PROSPEÇAO DO SUBSOLO

A radiestesia pode tornar-se uma fonte de riquezas. Já o foi para vários países e ainda há de sê-lo para outros por causa das múltiplas prospecções que permite fazer com o menor dispêndio possível.

Censura-se os radiestesistas por fazerem executor trabalhos inúteis e, em consequência, fazerem fastar dinheiro à toa. Isso acontece, com efeito, mas terão eles o monopólio das despesas inúteis? Já respondi previamente a essa questão no capítulo VIII da primeira parte, onde indiquei o meio de saber quem se engana mais: as despesas inúteis estão na razão direta dos fracassos sofridos. Desejo apenas indicar aqui o quanto os radiestesistas podem ser uma fonte de rendimento para um país. Ainda Neste ponto de vista os missionários, que nunca se desinteressam do bem-estar material das populações que lhes são confiadas, podem prestar assinalados serviços, pois o mais das vezes se acham em regiões insuficientemente exploradas. E' o caso dos missionários do meu Instituto.

Na minha primeira brochura assinalei a presença de petróleo numa região que acompanha a estrada de ferro de S. Paulo a Mato Grosso. Eu o havia constatado quando da minha última viagem a Mato Grosso. Um estudo feito sobre o mapa tinha-me dado a convicção de que o Brasil é extraordinariamente rico em óleos minerais.

Ora, desde a publicação dessa brochura, recebi um livro (1) que me confirmou nessa opinião.

(1) Escândalo do Petróleo, por Monteiro Lobato.

De acordo com o abade Mermet, tentei completar, sobre uma planta, o estudo que havia começado em S. Paulo, em 1931. Resultou, de nossas pesquisas, que Mato Grosso é de uma riqueza insuspeitada. Pareceu-nos que, só ele, poderia fornecer petróleo ao mundo inteiro durante séculos.

Em frente de Corumbá, nos pântanos que se acham na margem esquerda do Paraguay e a uma profundidade insignificante, existiria petróleo até quase a embocadura do S. Lourenço.

Da mesma maneira, na margem direita do Paraguay, a altura da embocadura do S. Lourenço, num lugar que tem sobre o mapa o nome de Dourado, afirmava o abade Mermet.

Subindo o rio, o petróleo seria mais profundo, porém de melhor qualidade, na direção da lagoa de Uberaba...

Aliás, sabemo-lo por seringueiros e colhedores de ipeca, para Noroeste de S. Luiz de Cáceres, há lugares em que a água dos riachos não é potável nem para os animais, tal o gosto e cheiro de petróleo que tem.

Não pensais que um radiestesista, missionário ou não, que levasse os representantes do governo a esses lugares e determinasse exatamente os pontos onde devem ser feitas as sondagens, prestaria um grande serviço ao país?

Num plano mais modesto, o missionário radiestesista pode proporcionar uma certa abastança ou pelo menos um meio de subsistência aos seus fiéis.

Lembro-me de ter recebido uma carta de um missionário dizendo que os rapazes de uma família sem recursos me ficariam agradecidos se eu lhes pudesse indicar se um terreno que possuíam continha ouro e em que lugar deviam cavar para encontrá-lo.

Sendo o próprio missionário um bom radiestesista, respondi-lhe que pesquisasse no local e expliquei-lhe como devia fazer, exatamente como quando se procura um objeto num quarto.

"Coloque-se sucessivamente em dois pontos diferentes do terreno," disse eu, "segurando um pouco de ouro numa mão, e marque com balizas as duas direções que o pêndulo tomar, se é que tomar alguma. Em seu ponto de interseção, faça cavar e espero que os seus rapazes acharão ouro. Se o pêndulo não oscilar é porque não ha nada a aproveitar no terreno."

O pêndulo oscilou e os moços cavaram no ponto de interseção das duas linhas balizadas, seguindo a direção tomada pelo pêndulo e, durante vários meses, ganharam honestamente sua vida embora trabalhando com instrumentos completamente primitivos.

O que segue não se prende diretamente à prospecção do subsolo, coloco-o aqui por não possuir matéria suficiente para fazer um capítulo especial.

O Snr. Charles Guéquière, respondendo a uma pergunta que eu lhe havia feito, escreveu-me:

"Durante vários anos, quando eu estava ligado ao serviço de compras de uma laminação de metais brancos, utilizei o pêndulo para fazer meus aprovisionamentos de metais de recuperação. Com efeito, essas compras, muito avultadas, faziam-se à vista e nós tínhamos apenas a boa fé dos vendedores, trapeiros e apanhadores... para determinar-lhes o valor segundo a titulação ou a quantidade do metal proposto. Muitas vezes fomos embrulhados, pois a análise química não se poderia fazer imediatamente. Foi então que me veio a ideia de empregar o pêndulo e, graças à utilização das ressonâncias de testemunhas de diferentes títulos, pude fazer, no futuro, uma seleção rigorosa das mercadorias oferecidas."

Mais recentemente, tendo encontrado o Snr. Guéquière, tive a confirmação de que a radiestesia lhe prestava os maiores serviços. Com o meu método adaptado à sua profissão, ele pode, logo ao receber a mercadoria, estabelecer muito rapidamente suas diversas ligas sem receio de errar.

Graças a uma régua graduada de sua fabricação o cálculo é dos mais fáceis, quase automático.

Capítulo V

RADIESTESIA E PRÉ-HISTORIA

Nada melhor que o exemplo seguinte, que tomo do Snr. Merle, poderá mostrar os serviços que a radiestesia está chamada a prestar no estudo da pré-história.

Sob o título dado a este capítulo, foi publicado há alguns anos, um estudo interessantíssimo que nos mostra que a radiestesia, ciência por assim dizer nova, era conhecida em tempos muito remotos (1).

(I) En vente chez 1'auteur, M. Merle Louie, 1, ruè Victor-Hugo, à Capdenao (Lot).

O Snr. Luis Merle, afamado rabdomante, sempre gostou de percorrer os campos, pêndulo em punho, para procurar descobrir os segredos do subsolo: cavidades, grutas, ruinas soterradas de monumentos antigos, jazidas de minério, águas subterrâneas. Achando uma boa pista, ei-lo indo e vindo através de campos e prados, transpondo muros e brenhas.

Uma fonte, que ele seguia assim, levou-o um dia perto de um dólmen. Alguns metros mais longe achou um outro filete subterrâneo que cruzava o primeiro, formando com este um ângulo agudo. O dólmen achava-se no ângulo, a uma certa distância do vértice.

Um espírito menos prevenido não teria prestado nenhuma importância ao caso. Que relação pode existir entre os dois filetes d'água escondidos nas profundezas da terra e um monumento pré-histórico?

Confesso que eu não enxergaria nenhuma e teria continuado tranquilamente o meu caminho. O Snr. Merle, no entanto, deteve-se. Estava fazendo pesquisas para exercitar-se, sem finalidade determinada. Para ele, era a mesma cousa alguns passos a mais ou a menos, seguir a água que corria silenciosamente sob seus pés, ou fazer a volta do dólmen. E ei-lo a medir a distância entre o dólmen e um e outro filete d'água. Grande foi sua surpresa ao verificar que o túmulo sobre o qual ele se elevava, parava exatamente, dos dois lados, sobre aquilo que os rabdomantes chamam zona ou campo de influência.

Para aqueles que não estão iniciados nos segredos da radiestesia, repitamos que todo filete d'água correndo no subsolo, toda falha de terreno, todo veio de minério, fazem sentir sua presença sobre os dois lados, a uma distância igual à sua profundidade. O pêndulo ou a varinha do rabdomante girará vinte metros antes que ele chegue sobre a água, a falha ou o minério, e, de novo, vinte metros depois que os tiver ultrapassado, se a água, a falha ou o minério estiverem a vinte metros de profundidade. Estes vinte metros de um e de outro lado constituem o que se chama zona ou campo de influência.

Logo, o dólmen estudado pelo Snr. Merle respeitava esse campo de influência; tocava-o, sem o invadir. Seria uma simples coincidência? Seria de propósito? Pesquisador que é, o Snr. Merle quis verificá-lo. Era fácil, pois no Quercy não faltam megalitos.

Todos os que encontrou ao seu alcance estão colocados nas mesmas condições. Quer se trate de filetes d'água, de falhas ou de veios de minério, os monumentos pré-históricos nunca penetram no seu campo de influência e estão sempre tão aproximados quanto possível do ângulo formado por seu cruzamento.

O acaso é uma palavra que dispensa do esforço. Tem sido frequentemente empregado para explicar aquilo que se quer evitar de compreender: fica como o refúgio do "parti-pris" e do pouco caso.

O Snr. Merle, cuja descoberta, além do mais, não ameaçava nenhum interesse, encontrou bastantes céticos e zombadores quando começou a falar das leis radiestésicas que presidiram à construção dos dólmens. Poderia lá haver qualquer cousa senão o acaso, nessas pretensas leis que nenhum sábio conhecia!

Prosseguindo em suas pesquisas e bem convencido de ter a última palavra, o Snr. Merle foi à Bretanha. Estudou mais de 150 megalitos, dólmens, menires, túmulos. Não encontrou um único que não obedeça às mesmas leis que o primeiro. Chegam todos perto do campo de influência, alguns o tocam, nenhum o ultrapassa.

Isto é tão verdadeiro que, nos célebres alinhamentos de Carnac, qualquer desvio da influência subterrânea é acompanhado de um desvio semelhante das linhas de menires.

Estará a fé no acaso, tão aparafusada em certos espíritos, que ainda se ache quem diga que, 150 vezes em 150 pesquisas, o acaso se fez cúmplice da radiestesia? Porque não? Há tanta cousa esquisita Neste mundo!

Entretanto, digamo-lo em homenagem à verdade e para que não se acuse o Snr. Merle de mentira, ele reconhece ter achado um dólmen cuja localização não seguia as regras enunciadas. Concluiu ele energicamente que esta localização não devia ser a primitiva e que, certamente, o dólmen devia ter sido mudado de lugar.

O proprietário do terreno felicitou-o calorosamente. Ele mesmo havia, efetivamente, feito transportar o dólmen para seu atual lugar e o acaso se esquecera de ajudá-lo.

Existem ainda muitas outras leis além da do respeito pela zona de influência.

Por exemplo, há menires direitos, outros cuja face polida inclina-se para o solo ou em sentido contrário. Porque esta diferença de posição? Obedece também a certas regras radiestésicas assim definidas pelo Snr. Merle:

Os menires são erigidos no cruzamento de ao menos três influências subterrâneas. Quando a terceira alcança as duas outras, cortando o vértice do seu ângulo, o menir é ereto.

Quando a terceira influência atravessa as duas outras para cá do vértice do ângulo, o menir é inclinado para trás, como para dele se afastar. No caso contrário, é inclinado para a frente, como para aproximar-se.

A face polida do menir é sempre voltada para o lado do vértice do ângulo.

E' impossível que estas regras tenham sido aplicadas sem que minuciosas pesquisas do subsolo tenham precedido à escolha da localização dos menires. Seria realmente muito pouco inteligente duvidar disso. Que poderemos concluir então, senão que os antigos eram bem mais hábeis do que nós em fazer prospecções? Os megalitos remontam, dizem, a 2.200 ou 2.500 anos antes da era cristã.

Temos ainda muito que aprender!

Será que os nossos sábios não passam de pequenos escolares, em comparação com os antigos?

CONCLUSÃO

Meu livro está terminado.

O prólogo desta nova edição falava de alegria e de esperança. Não tinha eu razão?

Bastaria para vos persuadir disso, lembrar-vos dos quatro votos, discretamente formulados no fim da edição precedente, há apenas três anos.

Primeiro voto: "Que um dia exista um centro de pesquisas científicas à disposição dos missionários, para estudar as plantas por eles enviadas, e ensinar-lhes em compensação, a maneira de se servirem delas."

A Associação de Auxílio aos Doentes das Missões Ultramarinas não tem outra razão de ser.

Segundo voto: "Que um dia exista uma farmácia para fornecer aos missionários os remédios que não podem obter onde se encontram."

A Associação tem possibilidade de lhos fazer chegar, estando à sua disposição também todos os resultados dos meus trabalhos.

Terceiro voto: "Que um dia, desembaraçado de qualquer preocupação, eu possa ir experimentar nalgum leprosário, minhas diversas fórmulas para aliviar nossos irmãos os leprosos, cuja lembrança me acompanha sempre."

Este voto não foi até excedido?

Múltiplas experiências são feitas em diversos países com os apreciáveis resultados que se sabe e que confirmam aqueles que eu mesmo obtive em 1.936.

Como não estaria eu com alegria e esperança?

Alegria do viandante que chega ao termo da etapa que ele havia fixado.

Com a graça de Deus, a finalidade que eu me tinha proposto ao escrever as primeiras "Noções práticas de radiestesia" está atingida.

Esperança para as futuras etapas, pois que a continuação do Auxílio aos Missionários está garantida. A Associação toma desenvolvimento. Para se poder duvidar de seu futuro seria preciso duvidar da generosidade de seus contribuintes!

Resta apenas o quarto voto. Que me seja permitido, ao terminar, repetir:

"Que este livro, quando eu não for mais deste mundo, continue sua obra missionária e possa reparar assim as lacunas da minha vida.

"E se os missionários que tiverem adotado o meu método e ficado com ele satisfeitos, quiserem reservar-me uma lembrança em suas preces, desde já lhes exprimo meu fraternal reconhecimento."

Índices

Índice das gravuras

Fig. 1
Fig. 2
Fig. 3
Fig. 4
Fig. 5
Fig. 6
Fig. 7
Fig. 8
Fig. 9
Fig. 10
Fig. 11
Fig. 12
Fig. 13
Fig. 14
Fig. 15
Fig. 16
Fig. 17
Fig. 18
Fora do texto: ver páginas

Índice da matéria

Prefacio. — Sob o signo da alegria e da esperança.

PRIMEIRA PARTE
RESPOSTA AS PRINCIPAIS OBJEÇÕES

Capítulo primeiro. — Proibiu a Igreja a prática de radiestesia?
Sim, para certas práticas. Não, de modo geral. Os Cardiais e Arcebispos da França recomendam ao Clero que não usem dela senão com prudência e lembram a proibição de exercer a medicina, radiestésica ou não.

Capítulo segundo. — A medicina nas Missões
A Igreja anima ao exercício da medicina nas Missões, respeitadas as leis do país. Cursos de medicina são dados aos futuros missionários, em certos países.

Capítulo terceiro. — Há na radiestesia fatos verdadeiros e comprováveis? Certamente. Exemplos ...
Poços perfurados: R.P. de Belinay no Tchad.
Com o R.P. Trémolet: Seria um radar?

Capítulo quarto. — A radiestesia demasiadamente extraordinária para ser verdadeira?
O extraordinário é relativo: o relógio do monge Cerbert, a vacinação antivariólica. A radiestesia é, só ela, extraordinária? E as invenções modernas?

Capítulo quinto. — De alguns fatos não radiestésicos, extraordinários o, no entanto, verdadeiros
Um fenômeno de telegrafia sem fio; o som evocador de cores, das dimensões e da natureza dos corpos; a acupuntura, a iridologia.

Capítulo sexto. — Atingiu a radiestesia completa evolução
Se, estar completa, é não poder mais progredir, ela não o está, assim como nenhuma ciência. Sobre várias questões, a radiestesia ultrapassou a medicina.

Capítulo sétimo. — Tem a radiestesia fundamento científico?
Não é possível exigir de uma ciência em início que formule suas leis. Só a experiência lho permitirá, graças a seus sucessos e a seus erros. Que se deixe os próprios radiestesistas pesquisar e estabelecer as leis que regem o fato radiestésico. Várias delas já conhecidas. E depois, que se pode fazer contra fatos reais, mesmo que se não possam explicar?

Capítulo oitavo. — Erros dos radiestesistas
Os radiestesistas enganam-se, não são os únicos. Resta saber quem se engana mais. Causas de múltiplos erros: remanescência, má fé dos organizadores dos concursos e sua ignorância das condições nas quais se realiza o falo radiestésico.

Capítulo nono. — São os radiestesistas bem sucedidos? São. Mas quem alcança mais: eles ou seus contraditores? Porque não fazer uma tentativa leal entre engenheiro e radiestesista? Alguns sucessos do Snr. Luis Merle.

SEGUNDA PARTE
TENTATIVA DE EXPLICAÇAO DO FATO RADIESTESICO

Capítulo primeiro. — Que é a radiestesia?
Sua antiguidade. Sua definição.

Capítulo segundo. — Os corpos irradiam
A ciência o reconhece e os fatos o provam. Quando se examina um doente sente-se, às vezes, uma dor no braço, um frio na mão. Fotografam-se radiações. Um instrumento americano registra radiações das moléstias e dos remédios.

Capítulo terceiro. — Radiações benfazejas
As de Mme Barret, de Bordeaux, que esterilizavam os frutos e mumificavam os animais. Testemunho de dois padres e de dois médicos.

Capítulo quarto. — Radiações maléficas
Impregnações cancerosas, as espiras, as gotas Poconéol neutralizando as radiações nocivas de um esgoto, uma cama mudada de lugar. As radiações de um prado e os cinco afogados. Um diamante.

Capítulo quinto. — Radiações na atmosfera
Ação à distância. Cura dos doentes afastados. Um exemplo pessoal. Ondas medicinadas, ondas condutoras e ondas conduzidas. Um exemplo antigo.

Capítulo sexto. — Existem irradiações cerebrais?
Sob a ação do pensamento, o cérebro sofre um choque vibratório suscetível, em certas condições, de ser percebido pelo pêndulo: pensar o nome de uma cor de uma cidade. Os 45 e 54 anos de religiosa. Pensamentos atuais ou de atualidade, individuais ou coletivos fortemente exprimidos. A eletroencefalografia. O comandante de La Bastide.

Capítulo sétimo. — As radiações dos corpos são captadas à vontade?
Os fatos respondem: sim. As testemunhas auxiliam a tomada de contato com o objeto ou a pessoa. Ex.: o doente de Monsenhor Rey.

TERCEIRA PARTE
MINHA TÉCNICA OU COMO OPERO

Capítulo primeiro. — Varinha ou pêndulo
Percebem-se raramente as radiações dos corpos por sensação ou visão diretas, habitualmente por meio da Varinha ou do pêndulo.
Maneira de se servir desses instrumentos e interpretação de seus movimentos.

Capítulo segundo. — Quem é radiestesista? Alguém pode consegui-lo?
A aptidão é geral, mas maior ou menor, como para a poesia, a música, etc. Falta por ausência de exercício, de boa disposição, às vezes por falta de saúde e também por incapacidade nativa. Para saber se tendes disposições, experimentai, tocai um pendulizante. Nem lodo o pendulizante é sensível à varinha. A aptidão é comunicável?

Capítulo terceiro. — Pesquisa de água sobre o terreno

Prospecção com a varinha, profundidade da água. Outros métodos. A capacidade de produção de uma fonte. A qualidade da água.

Capítulo quarto. — Pesquisa longe do terreno
Sobre planta, sem planta.

Capítulo quinto. — Pesquisa das moléstias
Em presença do doente, a sede da doença, a causa da moléstia. Será simples demais para ser verdade? Sobre retratos e outros objetos.

Capítulo sexto. — Tratamento das moléstias
O remédio, o bom remédio, o melhor remédio.
O regime para os doentes, para si mesmo.

Capítulo sétimo. — Estudo das plantas na Missão
Exemplos de eficácia das plantas. Cancros curados. Picadas de cobras. Curativo sumário. A Yerba del Pollo. Na escola dos indígenas. Com os livros.

Capítulo oitavo. — As plantas estudadas com o pêndulo
Como se acham as plantas que convém a uma moléstia, as que se podem misturar ou não, como se compõem fórmulas gerais.

Capítulo nono. — Nosso estojo-testemunhas
Para colocar as fórmulas gerais ao alcance dos missionários. Um estojo atualmente de 102 testemunhas, muito portátil. Modo de servir-se dele. Serve para fazer o diagnóstico de moléstia? Sim, indiretamente pelo remédio, mas um erro é possível, embora raro e sem importância com este método que faz encontrar o remédio sem preocupação de natureza da moléstia. O engano será frequentemente aparente e não real, pois com o estojo atinge-se diretamente a causa do mal, de preferência às suas manifestações.

Capítulo décimo. — A dosagem
Dosagem das tisanas e das gotas infinitesimais. Dosagem para diversos frascos. Dosagem impossível. As golas e as tisanas excluem-se? Maneira de tomar as golas.

Capítulo undécimo. — Uma terapêutica nova: banhos, compressas, loções
Um pouco de história: os grãos no bolso. Outros exemplos de tratamentos por aplicações externas. Os banhos: como se preparam, eficiência e número. As compressas: como se preparam.

Capítulo duodécimo. — O que se obtém com a radiestesia e bons remédios
O trabalho de um missionário radiestesista. Duas cartas do Rev. Padre Laagel. O testemunho do Dr. Grassi e de um outro médico.

Capítulo décimo terceiro. — A lepra
Suas características.
Um pouco de história: meus primeiros contatos com os leprosos. Minha primeira experiência. As experiências na China: cartas do R.P. Peyrat, do R.P. Boyer. Uma estatística. Voz de África: o Padre Laagel.

Capítulo décimo quarto. — Cura de cancerosos

Capítulo décimo quinto. — A sífilis
Uma estatística. Sífilis e câncer. Sífilis e tuberculose. Outras intervenções específicas.

Capítulo décimo sexto. — O atavismo perante e radiestesia
Transmissão das taras físicas e morais. O exame radiestésico as descobre na criança e permite tratá-las a tempo. Exemplos de exames de crianças. Dois radiestesistas estão de acordo para 54, sobre 58 casos.

Capítulo décimo sétimo. — O alto-visor pendular
Sua origem. Indica a vitalidade de uma pessoa e, aproximadamente, a eficácia de um remédio. Não lhe atribuir um valor absoluto.

Capítulo décimo oitavo. — Radiestesia e medicina
A radiestesia não é inimiga da medicina; deve ser sua auxiliar.
Um acordo entre médicos e radiestesistas seria vantajoso para todos: doentes, médicos, radiestesistas.

Capítulo décimo nono. — Associação de Auxílio aos Doentes das Missões Ultramarinas
O que ela é. Sua finalidade. Aquilo que não fazemos. Como a Associação auxilia os missionários. Seus recursos. Sua importância. Duas cartas de missionários mostrando sua utilidade.

QUARTE PARTE
DE ALGUMAS OUTRAS APLICAÇÕES DA RADIESTESIA

Capítulo primeiro. — A radiestesia a serviço dos criadores e dos lavradores
Os animais: tratamento de suas moléstias, composição das fórmulas, exemplo: a febre aftosa. Uma objeção. Outros exemplos, seleção dos melhores animais.
As culturas: escolha do terreno, sua adaptação, dosagem dos adubos, plantação de árvores, radiações nocivas para as plantas.

Capítulo segundo. — A radiestesia e a procura de pessoas e de objetos perdidos

Capítulo terceiro. — Não se pode mais viver
Como se descobre o autor de cartas anônimas e de um delito qualquer, servindo-se do estojo-testemunha das Poconéol.

Capítulo quarto. — Prospecção do subsolo
Outros serviços que os missionários podem prestar: pesquisa de água, de minério, de petróleo. Diversos exemplos no Brasil.

Capítulo quinto. – Radiestesia e pré-história
Descobertas do Snr. Luis Merle: os dólmens, menires e túmulos são erigidos segundo regras radiestésicas nunca violadas.

Conclusão

Índice das figuras

Achevé d'imprimer sur les presses de L'Imprimerie d'Arcueil, 12, rue de La Vallée à Arcueil (Seine),

Dépôt Légal Nº 166 4E Trímestre 1952